UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Elis do Nascimento Silva

“As sementes precisam caminhar”: uma etnografia sobre os saberes e fazeres das mulheres guarani no cultivo das roças e das plantas no território *Yvyrupa*

Florianópolis
2025

Elis do Nascimento Silva

“As sementes precisam caminhar”: uma etnografia sobre os saberes e fazeres das mulheres guarani no cultivo das roças e das plantas no território *Yvyrupa*

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientador(a): Prof.(a) Antonella Imperatriz Tassinari, Dr.(a)

Florianópolis
2025

Silva, Elis do Nascimento
"As sementes precisam caminhar" : uma etnografia sobre os saberes e fazeres das mulheres guarani no cultivo das roças e das plantas no território Yvyrupa /Elis do Nascimento Silva ; orientador, Antonella Imperatriz Tassinari, 2025.
215 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. mulheres guarani. 3. sementes. 4. agricultura. 5. biodiversidade. I. Tassinari, Antonella Imperatriz . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Elis do Nascimento Silva

“As sementes precisam caminhar”: uma etnografia sobre os saberes e fazeres das mulheres guarani no cultivo das roças e das plantas no território *Yvyrupa*

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado, em 25 de agosto de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Edviges Marta Ioris, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Sandra Benites, Dr.(a)
Fundação Nacional das Artes

Prof.(a) Juliana Machado Salles Bueno, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

ICP-Edu
Documento assinado digitalmente
Rafael Victorino Devos
Data: 24/11/2025 21:08:50-0300
CPF: ***.965.620-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

_____
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

ICP-Edu
Documento assinado digitalmente
Antonella Maria Imperatriz Tassinari
Data: 24/11/2025 17:35:42-0300
CPF: ***.874.858-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

_____
Profª Antonella Imperatriz Tassinari, Dr.(a)
Orientadora

Florianópolis, 2025.

Às mulheres guarani, guardiãs do *Avaxi Ete'i.*

Ao Daniel Kuaray (*in memorian*), pela amizade e generosidade em partilhar conhecimentos sobre as plantas sagradas de *Yvyrupa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres e lideranças guarani de todos os *Tekoás* que sempre me receberam com bom coração, generosidade e boas palavras antes e durante a realização desta pesquisa. De forma especial, quero agradecer às minhas interlocutoras: Kerexu Yxapyry, Cacica Eliara Antunes, Adriana Keretchu Mirim, *jaryi* Dona Roseli Moreira, Cacica Celita Antunes, Lucia Moreira e Gennis Ara'i. Agradeço também à Marcia Antunes, pela tradução em guarani neste trabalho. Sem vocês, esta pesquisa não seria possível.

Agradeço ao meu amigo, Daniel Kuaray (*in memorian*), hoje na *Yvy Marã e'y* (Terra Sem Males), com quem busquei em muitos momentos aprender e compartilhar sobre minhas percepções relacionadas ao *Nhandereko* e aos saberes sobre as plantas, benzimentos e remédios do mato.

À minha orientadora, professora Antonella Tassinari, por todo incentivo, orientação amorosa e, sobretudo, por sua luz nos trechos mais desafiadores do caminho. Uma honra caminhar ao seu lado, gratidão por tudo ao longo desse percurso!

À minha mãe, Márcia, por todo apoio e parceria nos cuidados com minha filha Serena durante todos esses anos. De igual modo, agradeço às amigas e rede de apoio que pude contar nos cuidados com Serena, de forma especial, Aurora Liuzzi.

À minha filha Serena, pela compreensão com as ausências devido ao tempo dedicado ao doutorado e à escrita da tese.

Às professoras Edviges Marta Ioris, Juliana Salles Machado e Melissa Oliveira por terem participado de minhas bancas de qualificação e pelas contribuições de grande relevância na construção desta tese.

Ao Laboratório de Estudos em Etnologia Indígena, Educação e Sociobiodiversidades - ARANDU/UFSC, antigo NEPI, que durante todos esses anos de minha caminhada acadêmica foi para mim uma morada, lugar de crescimentos e aprendizados, onde aprendi a importância de se realizar uma antropologia comprometida com os povos e territórios que junto trabalhamos. À família ARANDU que se formou, de forma especial à minha amiga Viviane Vasconcelos, com quem adentrei no universo guarani e aprendo muito em nossas trocas sobre a vida e sobre a etnologia guarani. Agradeço também à Dorothea Darella, Fran Rebelo, Alexsander Carvalho, Clarissa Melo, Diógenes Cariaga, Denize Refatti, Edilma Nascimento, Thiago Arruda, Raquel Mombelli, Helder Pires e todas as pessoas deste espaço importante para a UFSC e

para a práxis antropológica no Brasil. Com carinho, agradeço às coordenadoras Profªs Edviges Marta Ioris e Antonella Tassinari, por conduzirem brilhantemente os trabalhos do ARANDU durante todos esses anos e me acompanharem como aluna desde minha chegada no NEPI, em 2008.

À Joziléia Kaingang, amiga, parceira de movimentos e pesquisadora que muito me inspira, grata pelas oportunidades de aprendizado na construção de um mundo melhor para os povos e territórios indígenas.

À minha turma de doutorado PPGAS/UFSC-2019, colegas com quem pude encontrar amparo e acolhimento nos momentos difíceis do trajeto, como o período da pandemia de Covid-19, e que agora fazem parte de minha vida. Desejo vitórias a todos vocês, grata por todas as partilhas!

Ao amigo Jekupe Mawe, pela mão sempre estendida nas minhas procuras por mapas, fotos e informações sobre os projetos na Terra Indígena Morro dos Cavalos.

À Nathalia Camozzato, pela revisão cuidadosa de minha tese nos últimos momentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC e ao seu corpo docente, por sustentarem e conduzirem com excelência a qualidade da ciência antropológica nesta universidade. Grata a todo aprendizado nas disciplinas oferecidas, essenciais à minha formação como antropóloga.

Às/Aos professoras/es que pronta e gentilmente aceitaram participar de minha banca de defesa de doutorado, como titulares e suplentes: Edviges Marta Ioris, Juliana Salles Machado, Sandra Benites, Diógenes Egídio Cariaga e Caetano Kayuna Sordi.

À CAPES, pela bolsa que possibilitou a realização do doutorado e da pesquisa de campo.

Ao povo guarani, por sua sabedoria, resistência e *Pyaguatchu Mbaraete* (coragem) de seguir lutando pela vida.

Aguyjevete!

“Somos deusas filhas de Nhandetchy.
A sagrada mãe e avó de todas as mulheres do universo.
Fez de nós mulheres de muitas gerações em uma só alma.
É a mãe que nos dá o sopro da vida.
Que nos ensina os segredos da cura e da vida.
Nos dá o conhecimento sobre a cosmologia da terra e do céu.
Faz de nós mulheres fortes e guerreiras.
Valentes e destemidas.
Nossos corpos e espíritos pertencem a ela.
Sagrada mãe, sábia e majestosa.
Agradecemos pelo nosso ciclo da vida.
Pela sagrada conexão com a nossa grande mãe Nhandetchy”.
(Gennis Ara'í Martins Timóteo, TI M´Biguaçu-SC).

RESUMO

Esta tese de doutorado trata dos saberes e fazeres das mulheres guarani (*kunhangue arandu*) relacionados ao cultivo das plantas e das roças no território *Yvyrupa* (“plataforma terrestre”, território guarani), considerando seu protagonismo nos cuidados com a vida e manutenção do *Nhandereko* nos *tekoas* (as aldeias, espaço do modo de ser guarani). A partir da pesquisa de campo realizada nas Terras Indígenas Morro dos Cavalos, M’Biguaçu e *Yguá Porã*, no estado de Santa Catarina, junto às mulheres e lideranças femininas guarani, evidenciou-se o papel fundamental que possuem na salvaguarda das sementes tradicionais, de forma especial o *avaxi ete* (milho verdadeiro), sua participação importante no ritual de batismo das sementes, o *Nhemongaraí*, bem como na transmissão de seus conhecimentos relacionados ao cultivo das plantas e ao modo de ser mulher guarani (*kunhangue teko*), contribuindo para a continuidade da tradição guarani do *Nhandereko*. Buscou-se, também, nesta pesquisa, compreender a relação das mulheres guarani com suas plantas companheiras e com seus quintais, identificando as espécies que cultivam e o modo como as plantas, cultivadas e não cultivadas, carregam também suas memórias e histórias de vida. No que se refere ao protagonismo das mulheres guarani no plantio das roças e na agricultura (*Mae'ty Regua*), esta pesquisa demonstrou, por meio de levantamento na literatura etnológica e entrevistas com as mulheres na pesquisa de campo, que elas são responsáveis pela organização e planejamento dos plantios ao guardarem conhecimentos específicos que possuem raízes na ancestralidade e espiritualidade. São também relatados etnograficamente iniciativas importantes idealizadas e coordenadas pelas mulheres guarani voltadas à restauração ecológica, reflorestamento e cura da terra e das águas de seus *tekoas*, a exemplo dos projetos “*Ka'aguy Mirim”* e *“Avaxi Ete”* na TI Morro dos Cavalos, evidenciando seu protagonismo na conservação da biodiversidade do bioma Mata Atlântica e na segurança alimentar de suas comunidades. Por fim, diante das ameaças e violações que vêm sofrendo historicamente sobre seus corpos e território *Yvyrupa*, constata-se a agência fundamental das mulheres guarani na luta por seus direitos originários e no enfrentamento à crise climática, cujos efeitos têm se agravado e impactado suas vidas e de seus *tekoas*.

Palavras-chave: mulheres; guarani; sementes; plantas; agricultura; Mata Atlântica; biodiversidade.

KO, O AYU REVÊ, I

Kovae,e arandu doutorado regua, oikuema Kunhague arandu egui rembiapo egui Kunhague mbya reko. Egui maety há,y,igue,i régua Maety ,aty. Yvyrupa re mbytepy orereko idjavaete,ma, a nhanembaraetema awá. Ore rekoapy egui tekoapy Mbyakuery reko Kovaee arandu aedu adjapytchaka kovaee kuatchapyv amoii Kovaee arandu doutorado py, adjapo,ma a kovae yvyrupa yvy.rapyta arandu marãeey ayu teko kuery Morros dos cavalos py egui M'Biguaçu egui Yguá Porã estados de Santa Catarina ovitcha kuery Kunhague revê, rodjapo Idjavivere mbyterupi adjapo Kunhague Mbyakuery Kovaee hayii guei etei Mbyakuery régua, i Mbaraete Kunhague maety kovae kuatchapy, amoii avatchi etei Marãeey Kunhague,i erai py omeei karai kuery nhemongarai cerimônia py odjapo kovae anhetegua Kunhague reko Mbaraete Kunhague arandu ete Idjaryii kuery tchamôi kuery Omboatcha, ma aekuerype Kunhague,i pé arandu anhetegua marãeey régua maety kovae arandu Mbyakuery Kunhague arandu etei maety régua egui hayii guei nhadereguai Nhadereko ko,o yvyrupa rupi kovae nhane rekoiTchedjaryi tcheramôi kuery omboatcha Ymaguare régua anhetegua orereko pé arandu anhetegua marãeey Kunhague py Kovae arandu djaikuaa Nhaneboatchy i idjavaeti kovae direito py djareko Djakopotai awá, i Yma, nhanderu nhande tchy Oedja vaekuei arandu anhetegua Kunhague Pé, koo,ma Tchandaria,kuery hayiguei Idjakeryi Omae arandu anhetegua marãeey reguai omae..

Palavras-chave: Kunhague mbya kuery; Tchandaria kuery; Tchedjaryi idjakuery; Nhandetchy tenode o edja; arandu anhetegua; marãeey Regua rekoapy; omaëê awá.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to address the knowledge and practices of Guarani women (*kunhangue arandu*) related to the cultivation of plants and crops in the *Yvyrupa* territory, considering their leading role in caring for life and maintaining the *Nhandereko* in the *tekoas.* (the villages). Based on field research conducted in the Morro dos Cavalos, M'Biguaçu, and *Yguá Porã Indigenous Lands* in the state of Santa Catarina, with Guarani women and female leaders, it became clear that they play a fundamental role in safeguarding traditional seeds, especially *avaxi ete* (true seeds corn), their important participation in the seed baptism ritual, the *Nhemongaraí* , and in transmitting their knowledge related to the Guarani way of being a woman (*kunhangue teko*), contributing to the continuity of the Guarani tradition of *Nhandereko* . This research also sought to understand the relationship of Guarani women with their companion plants and their gardens, identifying the species they cultivate and how plants, both cultivated and uncultivated, also carry their memories and life stories. Regarding the leading role of Guarani women in planting crops and in agriculture (*Mae'ty Regua*), this research demonstrated, through a survey of ethnological literature and interviews with women in the field research, that they are responsible for organizing and planning the plantings by safeguarding specific knowledge rooted in ancestral and spirituality. It also ethnographically reports on important initiatives conceived and coordinated by Guarani women aimed at ecological restoration, reforestation, and healing the land and waters of their *tekoas,* such as the "*Ka'aguy Mirim"* and *"Avaxi Ete" projects* in the Morro dos Cavalos Indigenous Territory, highlighting their leading role in conserving the biodiversity of the Atlantic Forest biome and ensuring the food security of their communities. Finally, given the threats and violations they have historically suffered against their bodies and *Yvyrupa territory*, the fundamental agency of Guarani women in the fight for their indigenous rights and in confronting the climate crisis, whose effects have worsened and impacted their lives and those of their *tekoas, is evident* .

Keywords: Guarani women; guardians of seeds; agriculture; Atlantic Forest; *kunhangue arandu*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mulheres indígenas reunidas no I Seminário das Originárias da Terra, realizado em Brasília-DF, em outubro de 2022, após as eleições. 37
Figura 2 – Mulheres guarani na Caravana das Originárias da Terra, TI Morro dos Cavalos (SC). 38
Figura 3 – A liderança e candidata a deputada federal Kerexu Yxapyry.....38
Figura 4 - Mapa das terras indígenas M'Biguaçu, Yguá Porã e Morro dos Cavalos, estado de Santa Catarina, contempladas nesta pesquisa de doutorado. 42
Figura 5 - Com Adriana Keretchu em sua roça de *avaxi ete'i,* na TI *Yguá Porã*.....44
Figura 6 - Mapa do território Guarani Yvyrupa com identificação das Terras e aldeias Indígenas habitadas atualmente e das antigas áreas de uso ou esbulhadas.....64
Figura 7 - Menina guarani contemplando seu território. 75
Figura 8 – Menina guarani na colheita do *avaxi* no *Nhemongaraí.* 76
Figura 9 - Preparo do fogo para assar o *mbodjape.* 78
Figura 10 - Uma das roças da comunidade *Yguá Porã*, em que foram colhidos os *avaxi,* com a *Ka'aguy* (floresta) ao seu redor. 80
Figura 11 - Jovem *kunhã* mostrando algumas variedades de *avaxi* que colheu.....80
Figura 12 - Jovens guarani transportando a colheita de *avaxi*. 81
Figura 13 - Crianças guarani na colheita do *avaxi* e o *avaxi poty* em uma das roças familiares. 81
Figura 14 - Mulheres e meninas em convivência no momento de ralação do milho.82
Figura 15 - *Xejary* Dona Rosa ensinando a jovem guarani. 82
Figura 16 - Menina guarani fumando seu *petynguá* durante os preparativos do ritual do *Nhemongaraí*.....83
Figura 17 - A anciã Dona Rosa concentrada debulhando o *avaxi*. 83
Figura 18 - Convívio das *kunhangue* no *Nhemongaraí.* 84
Figura 19 - *Avaxy Ete.* 84
Figura 20 - Preparativos para o ritual do *Nhemongaraí.*.....85
Figura 21 - Preparativos para pilagem do milho. 86
Figura 22 - Anciã dona Rosa e o pilão. 87
Figura 23 - Pilagem do milho por dona Rosa.....87
Figura 24 - Preparação do *mbodjapé.* 88

Figura 25 - Preparação do *mbodjapé II.* 89
Figura 26 - Preparo do *mbodjapé* antes de assar. 89
Figura 27 - *Mbodjapé* assados. 89
Figura 28 - O *mbytá,* o pão de milho guarani. 90
Figura 29 - *O mbytá*, o pão de milho guarani II. 90
Figura 30 - Participação das crianças no *Nhemongaraí*. 90
Figura 31 - Brincadeiras com a peteca de palha. 91
Figura 32 - Homens e meninos fazem a colheita do mel. 92
Figura 33 - Homens e meninos nos preparativos para o ritual do *Nhemongaraí*. 92
Figura 34 - Jary Dona Roseli fumando seu *petynguá* e mostrando-me suas plantinhas no quintal de sua morada. 94
Figura 35 - Cacica Eliara mostrando a colheita de seus *Avaxi* em sua roça. 96
Figura 36 - Roça de *avaxi* da Cacica Eliara, Tekoa Yakã Porã. 96
Figura 37 - Cesto com *Avaxi ete* de diversas cores e tipos. 99
Figura 38 - *Avaxi ete´i,* presente de uma *kunhã karaí* à Kerexu. 99
Figura 39 - Dona Roseli, da TI M´Biguaçu, mostrando suas sementes guardadas para o próximo plantio. 102
Figura 40 - Sementes de *Avaxi ete* guardadas pela jary Dona Roseli. 102
Figura 41 - Cacica Eliara em sua roça. 106
Figura 42 - *Avaxy pytã* (milho vermelho), colhido por Cacica Eliara. 106
Figura 43 - Cartaz de divulgação do *I Nhemboaty Kunhangue Yvyrupa*. 112
Figura 44 - Programação do *I Nhemboaty Kunhangue Yvyrupa*. 112
Figura 45 - Mulheres guarani interagindo na feira de sementes e mudas durante o encontro. 113
Figura 46 - Mulheres guarani expondo suas mudas de plantas e conversando sobre elas. 113
Figura 47 - As kunhangue que participaram do *I Nhemboaty Kunhangue Yvyrupa*. 114
Figura 48 - Kerexu Yxapyry com os remédios do mato (*Moã Regua*) que usaram durante a pandemia de Covid-19 para fortalecer a saúde da comunidade na TI Morro dos Cavalos. 116
Figura 49 - Kerexu Yxapyry na colheita dos remédios do mato (*Moã Regua*) que usaram durante a pandemia de Covid-19 para fortalecer a saúde da comunidade na TI Morro dos Cavalos. 116

Figura 50 - Lucia *Para Mirim* mostrando-me suas plantas no quintal de sua casa. 121
Figura 51 - *Pipi* (guiné) no quintal de Lucia *Para Mirim*. 122
Figura 52 - *Pé de Narã* (laranja) plantado por Lucia *Para Mirim*. 123
Figura 53 - Pé de *Ka'a* (erva-mate) plantado por Lucia *Para Mirim*, cuja muda foi trazida de outro território. 124
Figura 54 - Folha de *Ka'a* (erva-mate) plantada por Lucia *Para Mirim* no seu quintal. 124
Figura 55 - Lucia *Para Mirim* caminhando por entre suas plantas. 125
Figura 56 - Quintal de Lúcia *Para Mirim* às margens da BR-101, Terra Indígena Morro dos Cavalos. 126
Figura 57 - Plantio de feijão de Lúcia *Para Mirim* próximo à BR 101, na TI Morro dos Cavalos. Ao fundo, o monocultivo de pinus e eucalipto de área invadida pelos não-indígenas, atualmente retomada pelos guarani. 126
Figura 58 - Lucia *Para Mirim* mostrando-me seu cultivo de *komandá'i* (feijão). 127
Figura 59 - Cultivo biodiverso de Lucia Para Mirim consorciando *Avaxi*, arruda, feijão e plantas companheiras espontâneas. 127
Figura 60 - Resistência contracolonial: roça de *Avaxi* no quintal de Lucia às margens da BR-101 e em contraposição ao monocultivo de eucalipto e pinus ao fundo. 128
Figura 61 - Roça de *Avaxi* e cultivo de *paková* (banana) às margens da BR-101. .128
Figura 62 - Uma das orquídeas de Lucia *Para Mirim*, flor muito cultivada, apreciada e, também, comercializada pelas *kunhangue*. 129
Figura 63 - Alfavaca anisada (*Ocimum carnosum*) que Lucia ganhou do *xeramoi* Dário Tupã para usar junto à erva-mate no chimarrão. 130
Figura 64 - Sandra *Yva* com seus filhos no quintal de sua casa. 131
Figura 65 - *Jety* (batata-doce) no quintal de Sandra *Yva*. 131
Figura 66 - *Mandió* (mandioca) no quintal de Sandra *Yva*. 131
Figura 67 - Casa de Sandra *Yva* e de seus filhos no topo da montanha. 131
Figura 68 - Manivas de *mandió* para plantio. 131
Figura 69 - *Ka'apiá*, planta medicinal presente na Mata Atlântica e utilizada tradicionalmente pelos guarani para cura do corpo e do espírito. 133
Figura 70 - Desenho "O ciclo de vida feminino guarani" (caneta e papel A4), feito por Gennis Ara'í em 28 jan. 2020. 135
Figura 71 - Plantas do quintal da Cacica Celita Antunes Djatchuká. 138

Figura 72 - Casa da Cacica Celita Antunes Djatchuká e sua família, com parte de suas plantas companheiras. 139
Figura 73 - Boldo-do-Chile *(Peumus boldus*) do quintal de Cacica Celita Antunes Djatchuká.....139
Figura 74 - *Ka'are* (Mastruço, *Dysphania ambrosioides*) de seu quintal na Mata Atlântica.....139
Figura 75 - Cacica Celita Antunes Djatchuká em seu quintal.....140
Figura 76 - Cacica Celita Djatchuká mostrando uma de suas plantas companheiras. 140
Figura 77 - Pata-de-vaca *(Bauhinia forficata*) do quintal de Celita Djatchuká.....140
Figura 78 - *Pipi* (guiné) do quintal de Celita Djatchuká.....141
Figura 79 - Gengibre azul (*Dichorisandra thyrsiflora*) do quintal de Celita Djatchuká. 141
Figura 80 - Cacica Celita Antunes Djatchuká com sua orquídea amarela "chuva-de-ouro", presente de sua mãe. 141
Figura 81 - Orquídea chuva de ouro (*Oncidium varicosum*), originária do Brasil, Paraguai e norte da Argentina. 142
Figura 82 - Dona Roseli Moreira caminhando entre suas plantas e rocinha de *mandió* (mandioca) de seu quintal. 143
Figura 83 - Canteiro de plantas medicinais e hortaliças do quintal de Dona Roseli. 143
Figura 84 - Plantio de *mandió* (mandioca – *Manihot esculenta*) de Dona Roseli....144
Figura 85 - Dona Roseli em seu quintal. 144
Figura 86 - Plantio de *Jety* (batata-doce) e árvores frutíferas no quintal de Maria Yva, na Terra Indígena Morro dos Cavalos. 145
Figura 87 - Adriana Keretchu Mirim manejando as plantas na área da roça (TI M´Biguaçu). 146
Figura 88 - As *Kunhã Karaí* Dona Roseli, Dona Lurdinha e Dona Fátima, na *Opy* da TI M'Biguaçu. 147
Figura 89 - Roda de Conversa com os alunos da Escola Indígena *Whera Tupã Poty Dja*, na TI M'Biguaçu. 150
Figura 90 - Xejary Dona Roseli, *kunhã karaí*, cuidando do fogo em sua *Opy*.....152
Figura 91 - A *kunhã karaí* Dona Roseli em frente à sua *Opy*, localizada próxima à sua casa. 153

Figura 92 - Cacica Celita *Djatchuká* com seu *petynguá jaxy*, na *Opy* da TI M'Biguaçu. 155
Figura 93 - A *xejaryi Jakuka* Rete com suas filhas Jerá, Cacica Eliara e Kerexu Yxapyry, na III Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília-DF. 158
Figura 94 - Mapa de localização da Terra Indígena Morro dos Cavalos e seus *Tekoas* (aldeias). 158
Figura 95 - Cacica Eliara e demais mulheres guarani no primeiro dia de ocupação e retomada do território do *Tekoa Yakã Porã*, na TI Morro dos Cavalos. 161
Figura 96 - Parte do lixo descartado e encontrado na área do *Tekoa Yakã Porã*, quando retomaram este território. 161
Figura 97 - Menina guarani e o fogo de preparo dos alimentos na retomada do território de Yakã Porã. 162
Figura 98 - Preparo do alimento durante a retomada do território de Yakã Porã. ..162
Figura 99 - Mulheres e meninas guarani na retomada do território do *Tekoa Yakã Porã*. 163
Figura 100 - Batata-doce (*jety*) colhido no Tekoa Yakã Porã pela Cacica Eliara....165
Figura 101 - Amendoim (*manduvi guaxu*) cultivado e colhido por Dona Ivete, mãe da Cacia Eliara, no Tekoa Yakã Porã. 165
Figura 102 - *Opy* (casa de reza) construída no *Tekoa Yakã Porã*. 166
Figura 103 - Casa de bambu construída nos primeiros anos da retomada do *Tekoá Yakã Porã*. 167
Figura 104 - Cachoeira do *Tekoa Yakã Porã*. 169
Figura 105 - Cacica Eliara junto ao rio do *Tekoa Yakã Porã*. 169
Figura 106 - Vista panorâmica da horta comunitária do *Tekoá Yakã Porã*. 171
Figura 107 - Mutirão de preparação de mudas de açaí-juçara (*euterpe edulis*) para o reflorestamento de espécies nativas na aldeia *Yakã Porã*. 171
Figura 108 - Horta da comunidade da aldeia *Yakã Porã*. 171
Figura 109 - Cacica Eliara Antunes em frente à placa de identificação da *Aldeia Yakã Porã*, na TI Morro dos Cavalos. 172
Figura 110 - Mapa do Projeto *Ka'aguy Mirim*, na TI Morro dos Cavalos. 175
Figura 111 - Logo do projeto "*Ka'aguy Mirim*" da TI Morro dos Cavalos. 176
Figura 112 - Mapa da Sobreposição do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro sobre a Terra Indígena Morro dos Cavalos. Fonte: SDS/FUNAI/Centro de Formação Tataendy Rupa. 177

Figura 113 - Área de restauração ecológica da TI Morro dos Cavalos, com a retirada de pinus e plantio de árvores nativas da Mata Atlântica. 180
Figura 114 - Mutirão do projeto *Ka'aguy Mirim*, realizado em dezembro de 2021..181
Figura 115 - Mulheres e crianças guarani durante o mutirão do projeto *Ka'aguy Mirim*, realizado em dezembro de 2021.....181
Figura 116 - Vista aérea e panorâmica da área a ser restaurada e reflorestada na TI Morro dos Cavalos. 182
Figura 117 - Jovens guarani no trabalho de restauração e reflorestamento da TI Morro dos Cavalos.....182
Figura 118 - Comunidade realizando sua refeição após o mutirão do viveiro do projeto *Ka'aguy Mirim.*.....183
Figura 119 - Mulheres guarani no viveiro de mudas do projeto *Ka'aguy Mirim*. 185
Figura 120 - Mulher guarani cuidando das mudas de árvores no viveiro.....186
Figura 121 - Mulher guarani e as plantas do viveiro do projeto *Ka'aguy Mirim*.....186
Figura 122 - *Kunhangue* no manejo das mudas do viveiro do projeto *Ka'aguy Mirim*. 187
Figura 123 - Viveiro de mudas nativas, Centro de Formação *Tataendy Rupa*. 187
Figura 124 - A liderança Kerexu Yxapyry na roça do Centro de Formação *Tataendy Rupá*, TI Morro dos Cavalos. 190
Figura 125 - Momento histórico e emocionante da cerimônia de celebração da homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, em que a liderança Kerexu Yxapyry recebe o registro em cartório da TI pela FUNAI. 192
Figura 126 - Mulheres guarani na IV Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília-DF. 197
Figura 127 - As *xejaryi guarani* liderando a manifestação e resistência das kunhangue na IV Marcha das Mulheres Indígenas, em frente à Esplanada em Brasília-DF. 198
Figura 128 - As *kunhangue* na entrada da IV Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília-DF.....198
Figura 129 - *Kerexu Yxapyry* caminhando junto à delegação das mulheres guarani na IV Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília-DF. 199
Figura 130 - *Avaxi ete'i* (milho verdadeiro), *Tekoa Yguá Porã*. 202

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 20

1.1 PESQUISA DE CAMPO – CONTEXTO PANDÊMICO E DESAFIOS MÚLTIPLOS NO PERCURSO.....24

1.2 A BANCADA DO COCAR E A CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS: NOVOS CAMINHOS NA POLÍTICA INDÍGENA E INDIGENISTA DO PAÍS E OUTROS OLHARES PARA O CAMPO DE PESQUISA.....31

1.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS 41

1.4 SOBRE A ESTRUTURA DA TESE E SEUS CAPÍTULOS 45

2 MULHERES INDÍGENAS E A PROTEÇÃO DA BIODIVERSIDADE: SOBRE (R)EXISTÊNCIAS HISTÓRICAS DE SEUS CORPOS-TERRITÓRIOS.....48

3 MULHERES GUARANI E SEU PROTAGONISMO NA AGRICULTURA (*MA´ETY REGUA*), NO CULTIVO DAS PLANTAS (*MÕA REGUA*) E NO CUIDADO DA FLORESTA (*KA´AGÜY ETE)* EM SEUS TERRITÓRIOS 63

3.1 A ORIGEM DO MUNDO GUARANI E A HISTÓRIA DE *NHANDECY:* RAÍZES PROFUNDAS DO *KUNHANGUE TEKO*.....71

4 “AS SEMENTES PRECISAM CAMINHAR”: SOBRE AS GUARDIÃS DO *AVAXI ETE´I* E DO *TEKO PORÃ* 76

4.1 AS *KUNHANGUE* NO *NHEMONGARAÍ* 76

4.2 O CULTIVO DAS MULHERES-SEMENTES.....93

4.3 CAMINHADAS (*GUATÁ*) POR *YVYRUPA* E A CURA DA TERRA E DO CORPO PELAS SEMENTES 103

5 MULHERES GUARANI, SUAS PLANTAS COMPANHEIRAS E SEUS QUINTAIS: AS GUARDIÃS DA FLORESTA E DE *NHANDECY*.....110

5.1 A PANDEMIA DE COVID-19 E OS REMÉDIOS DO MATO (*MOÃ REGUA*): AS MULHERES GUARANI NOS CUIDADOS COM A SAÚDE DO CORPO E DO TERRITÓRIO 111

5.2 AS *KUNHANGUE* E AS PLANTAS COMPANHEIRAS EM SEUS QUINTAIS 120

5.3 SOBRE SER *KUNHÃ KARAÍ* 146

6 A “REBELDIA” DAS *KUNHANGUE* NA CURA DA TERRA E DO BIOMA MATA ATLÂNTICA.....156

6.1 RETOMADA E OCUPAÇÃO DO *TEKOA YAKÃ PORÃ*, DA TI MORRO DOS CAVALOS 159

6.2 SOBRE OS PROJETOS *KA'AGUY MIRIM*: FRUTOS DA REBELDIA, REFLORESTAMENTO E, SEGURANÇA ALIMENTAR NA TI MORRO DOS CAVALOS 173
6.3 O NASCIMENTO DO PROJETO *AVAXI ETE* PELAS *KUNHANGUE* 183
6.4 AS *KUNHANGUE* NO ENFRENTAMENTO À CRISE CLIMÁTICA 192
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 200
REFERÊNCIAS 203

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta tese originou-se a partir de experiências que tive, nos anos de 2017 e 2018, junto às mulheres guarani da Terra Indígena M'Biguaçu (SC), tradicionalmente denominada como *Tekoa Yynn Moroti Wherá.* Essas experiências se deram durante a realização do projeto coletivo "Cuidado do Corpo e Cuidado da terra: valorização e transmissão de saberes entre mulheres guarani", contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de 2017, da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), na categoria Patrimônio Imaterial - Culturas Indígenas, idealizado por um grupo de mulheres antropólogas do qual participei. Tendo como principal objetivo o reconhecimento e valorização das mulheres guarani que detém notório saber e são guardiãs de conhecimentos tradicionais relacionados aos cuidados com o corpo e com a terra, este projeto realizou-se a partir de oficinas de pesquisa e de produção audiovisual que oferecemos às jovens da aldeia. Nestas ações de pesquisa, as jovens pesquisadoras indígenas puderam realizar um mapeamento das mestras de conhecimento *mbyá* guarani, registrando seus saberes e práticas através do formato audiovisual e de entrevistas[1].

Durante a realização das ações deste projeto junto às jovens e mulheres guarani, pude perceber e sentir a importância fundamental dos trabalhos realizados por elas nas roças e no cultivo das plantas medicinais em seus territórios para o fortalecimento e manutenção do *Nhandereko*[2], traduzido em português como "nosso sistema", que consiste no modo de ser e viver Guarani. Nas rodas de conversa e

[1] No âmbito deste projeto, também auxiliamos as mulheres Guarani do *Tekoa Yynn Moroti Wherá* a produzirem três oficinas voltadas ao público não indígena, sendo elas: a) Vivência com as mulheres Guarani e Oficina de artesanato; b) Roda de Saberes das Mulheres Guarani e c) Ervas Medicinais e a Saúde da Mulher: roda de cura e saberes Guarani. À pedido dos professores da escola da aldeia, fizemos também o registro audiovisual de um momento muito especial, que foi a roda de conversa dos alunos Guarani com a *xejaryi* (anciã, sábia) Dona Rosa Poty Djá, realizada na *Opy* (Casa de Reza), sendo o último registro de vídeo dessa anciã, que faleceu em 2019. A página do projeto pode ser acessada em: https://www.facebook.com/guardiasdesaberes/?epa=SEARCH_BOX (Guardiãs, 2022) e os vídeos produzidos nas oficinas estão disponíveis com acesso público no Youtube, no Canal "Guardiãs de Saberes":https://www.youtube.com/channel/UCTYe3R2pfCgnN9c-MI0SvOw?fbclid=IwAR2jW9RkLPeaeVbTv7IjWWjc2osbN7qiJ6xgUZRI89PdhqjCuVAAHIL9a-U (Guardiãs, 2025).

[2] "A cultura, o sistema, a tradição, o modo de viver Guarani (denominado *Nhande Reko*) extrapola o que entendemos por saber indígena, pois compreende um conjunto de conhecimentos, valores, costumes e condutas que têm continuidade ao longo do tempo porque se acredita neles, porque se acredita que por meio deles se é mais honesto e se é mais útil ao bem viver da comunidade, à harmonia entre o sagrado e o humano, ao respeito pela terra e pelas águas" (Darella *et al*., 2018, p. 15).

caminhadas que realizamos com as mulheres deste *Tekoa*[3] ao longo da realização do projeto, a relação profunda que possuem com as plantas medicinais e com a agricultura foi trazida em diversos momentos de suas falas, sendo enfatizado por elas o quão antigos são estes saberes e práticas que têm sido transmitidos ao longo de gerações por suas mães, avós, bisavós e toda ancestralidade. Neste *Tekoa*, as mulheres desenvolvem trabalhos conjuntos de mutirões nas roças, bem como recentemente construíram um espaço denominado por elas como “casa de ervas”, destinado a ser um lugar para extração de tinturas das plantas medicinais que cultivam e cujo uso é voltado para a produção de remédios para a cura de enfermidades nos corpos físico e espiritual.

Nas oportunidades de convívio com elas durante a realização deste projeto e em outras ocasiões oriundas de meu envolvimento pessoal e profissional de apoio que realizo desde 2008 em algumas aldeias guarani, sempre me chamou atenção e encantou-me o modo com que as mulheres guarani se relacionam com as plantas e sementes em seus territórios. Ao redor de suas casas, as mulheres cultivam uma variedade de plantas importantes para a saúde do corpo, para a cura e proteção espiritual, para a confecção de artesanatos, havendo também a presença de espécies ornamentais e flores (a exemplo das belas orquídeas que por vezes comercializam nas cidades). As plantas denominadas por elas de "remédios do mato" e os *kaavó*[4], plantas secretas de encantamento, também fazem parte do conjunto de espécies vegetais consideradas sagradas na tradição guarani, sendo utilizadas e manipuladas pelas mulheres quando elas ou seus familiares necessitam.

Guardo em minha memória certa vez que recebi a visita de uma amiga guarani em casa e ela, ao olhar e "ler" as plantas de meu terreno, perguntou-me se eu estava com um determinado sentimento devido à predominância de uma espécie no meu quintal – a qual, aos meus olhos naquele momento, era erva daninha. Ela explicou-me que essa planta tende a nascer perto de quem está com um sentimento que fora apontado por ela, o que surpreendeu-me muito pois a leitura foi assertiva em relação ao que sentia na época. Em outros momentos, ao visitar algumas mulheres e amigas

[3] Os Guarani denominam de *Tekoa* a terra e a paisagem que compõem seu território tradicional, “[...] caracterizado por ecossistemas de notável equilíbrio, com terras aptas para os cultivos agrícolas, base de sua alimentação. Os indígenas Guarani habitam, desde há mais de dois mil anos, estes vastos territórios, sem nunca terem provocado a exaustão de seus recursos.” (EMGC, 2016, p. 6).

[4] Em seu TCC intitulado "*Moã Ka Aguy Regua* - Tekoa Mbiguaçu: as memórias das plantas medicinais", o pesquisador guarani Daniel Timóteo Martins aborda sobre os *kaavó*, as plantas de encantamento. Para maiores detalhes, veja-se Martins (2020).

guarani com as quais possuo proximidade, marcaram-me também os momentos em que me apresentaram com muita satisfação as plantas que cultivam ao redor de suas casas, num sentimento de parentalidade, rendendo boas conversas e silêncios amistosos a respeito das mesmas. Pelo interesse pessoal que possuo em estudar plantas medicinais e pelo envolvimento mais intenso que tenho tido com o plantio em sistema agroflorestal há alguns anos, meu olhar se direcionou para esses saberes e práticas de modo também afetivo, sendo para mim sempre muito ricas as oportunidades de diálogos e aprendizado com as mulheres guarani a respeito desses assuntos.

Ao participar do projeto das Comunidades Agroecológicas do Bem Viver, que no estado de Santa Catarina tem sua realização na Terra Indígena Morro dos Cavalos (Palhoça - SC), no Centro de Formação Tataendy Rupa (Tekoa Tataendy Rupa), acompanhei também o trabalho de plantio nas roças tradicionais e de produção de cestas agroecológicas pelas famílias agricultoras *Mbyá* Guarani, coordenado pela então cacica do *Tekoa Tatanedy Rupa*, Kerexu Yxapyry[5]. Com início em 2019, este projeto esteve voltado para a soberania alimentar das famílias agricultoras e a sustentabilidade ambiental dos territórios envolvidos através da produção de cestas de alimentos orgânicos e agroecológicos oriundos da agricultura tradicional guarani[6].

Além dos conhecimentos e das práticas de cuidado relacionados ao cultivo e manejo das plantas medicinais (*Mõa Regua*) e das roças tradicionais (*Mae'ty Regua*) nos *Tekoas*, foi possível identificar a grande contribuição e o protagonismo das mulheres guarani na formação da paisagem e reflorestamento de espécies nativas do bioma Mata Atlântica nos territórios localizados no litoral Atlântico, de forma especial em Santa Catarina. Como exemplo deste protagonismo das mulheres Guarani, cito brevemente o projeto "Recuperação de áreas degradadas e reflorestamento", em

[5] Atualmente, este projeto está se expandindo e já participam oito famílias agricultoras das TIs Morro dos Cavalos, Morro da Palha e M'Biguaçu, todas localizadas na Grande Florianópolis (SC), sendo expressiva a participação das mulheres no plantio dos alimentos nesses territórios. Maiores informações sobre este projeto desenvolvido na TI Morro dos Cavalos podem ser conferidas na página do Centro de Formação Tataendy Rupa, disponível em: http://cftataendyrupa.com.br/comunidades-agroecologicas-do-bem-viver-territorio-indigena-morro-dos-cavalos-palhoca-sc/ . Também é possível assistir a apresentação do projeto pela liderança Kerexu Yxapyry no vídeo "Comunidades Agroecológicas do Bem Viver - Terra Indígena Morro dos Cavalos", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l5NfvaG5lXg (Comunidades, 2020).

[6] Estas cestas são distribuídas semanalmente na região da Grande Florianópolis para as pessoas parceiras que participam do projeto (identificados na categoria "coagricultores") e contribuem mensalmente com valores que são destinados às famílias guarani agricultoras, beneficiando assim toda a rede que compõe a Comunidade Agroecológica do Bem Viver em Santa Catarina.

andamento na TI Morro dos Cavalos, o qual iniciou-se a partir da iniciativa autônoma de um grupo de mulheres que coletam e guardam sementes de espécies nativas da Mata Atlântica, posteriormente se ampliando aos demais membros das comunidades dos *Tekoas* desta Terra Indígena (TI). Após alguns diálogos para viabilizar a autorização e acompanhamento dos órgãos oficiais responsáveis[7], o projeto se estruturou tendo como objetivos a retirada do monocultivo de *Pinus* - que foi implantado pelos não indígenas em parte da área do território tradicional da TI Morro dos Cavalos (correspondendo a 30% do território e aproximadamente 596,4 hectares) -, a recuperação de toda área degradada com o plantio de espécies nativas e a construção de casas com os *Pinus* retirados para as famílias que não possuem casas[8]. Cabe ressaltar que, além desta, existem outras iniciativas de reflorestamento de áreas que foram degradadas pelos não indígenas antes da demarcação e/ou retomada de seus territórios tradicionais que têm sido realizadas pelas mulheres Guarani, ainda não abordadas em estudos e pesquisas etnográficas.

A importância dos conhecimentos e práticas das mulheres guarani relacionados ao plantio nos *Tekoas* têm se evidenciado de modo expressivo, também, nas ocupações e retomadas de terras pertencentes ao território tradicional guarani *Yvyrupa*. Destaco aqui os movimentos de retomada de algumas áreas do território tradicional guarani realizados por mulheres das TIs Tenondé Porã e Jaraguá, situadas no município de São Paulo (SP), gerando a fundação de nove aldeias nestas TIs nas quais foram expressivos os trabalho das mulheres na abertura e plantio de roças e o reflorestamento das áreas degradadas logo após a reocupação territorial[9]. Outros exemplos recentes de retomada liderada pelas mulheres Guarani e que foram acompanhadas de abertura e plantio de roças são os casos do Tekoa Para Roke, no município de Rio Grande (RS), liderada pela cacica Dona Talcira, e do Tekoa Yakã Porã (TI Morro dos Cavalos), no município de Palhoça (SC), liderada pela cacica Eliara Antunes. Essas retomadas foram realizadas majoritariamente pelas mulheres que, de forma autônoma e organizada, ocuparam essas terras e iniciaram nelas um trabalho

[7] Como os órgãos Fundação Nacional do Índio - FUNAI, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, Instituto do Meio Ambiente de SC - IMA e Ministério Público Federal - MPF.

[8] Para mais informações acerca do desenvolvimento deste projeto, consultar a página específica do sítio eletrônico do Centro de Formação *Tataendy Rupa*. Disponível em: http://cftataendyrupa.com.br/projeto-retirada-de-pinus-recuperacao-de-areas-degradadas-e-reflorestamento/ Acesso em: 5 jan. 2021.

[9] Essas informações foram repassadas a mim pela liderança Kerexu Yxapyry, em conversa que tivemos no Centro de Formação Tataendy Rupa (TI Morro dos Cavalos), em dezembro de 2020.

intenso de plantio de roças tradicionais, organização dos espaços e reflorestamento dos locais antes caracterizados pelo predomínio da monocultura de espécies exóticas e acúmulo de resíduos sólidos e dejetos das cidades que avançam sobre seus territórios.

A abertura de roças e plantio de seus alimentos verdadeiros (*tembi'u ete'i),* a semeadura de espécies nativas, o cultivo de plantas medicinais e a circulação de sementes tradicionais são práticas que compõem e integram, também, os modos específicos de fazer política das mulheres guarani, as quais têm realizado com seus próprios corpos estas demarcações físicas e a (re)organização espacial de seus territórios, descolonizando as paisagens por onde caminham.

As experiências e percepções que apresento nesta tese conduziram-me a pensar e propor esta pesquisa de doutorado no PPGAS/UFSC, tendo como foco, de modo geral, compreender os modos de conhecimento, a circulação de saberes e os fazeres das mulheres guarani relacionados à agricultura, ao manejo das plantas e salvaguarda das sementes nos territórios em que vivem.

1.1 PESQUISA DE CAMPO – CONTEXTO PANDÊMICO E DESAFIOS MÚLTIPLOS NO PERCURSO

Iniciei o curso de doutorado em 2019, ano em que minha turma conseguiu realizar de modo presencial as disciplinas obrigatórias do programa, antes da eclosão da pandemia de Covid-19. Para uma retrospectiva deste momento crítico e doloroso que vivenciamos, em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde – OMS declarou a infecção humana pelo novo Coronavírus como uma Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional, o mais alto nível de alerta previsto no Regulamento Sanitário Internacional (RSI-2005), que é adotado por todos os Estados-membros para orientar as ações frente a emergências sanitárias. Quatro dias depois, em 3 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde (MS) identificou os primeiros casos no Brasil e publicou a Portaria Nº 188, declarando uma Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Em 11 de março do mesmo ano, a OMS declarou que estava em curso uma pandemia, situação não prevista no RSI2005. Segundo os dados do balanço de dois anos divulgados no Boletim do Observatório de Covid-19 da Fiocruz, publicado em 2022:

> Dois anos depois, em 3 de fevereiro, os números de casos e óbitos no mundo e no Brasil oferecem uma dimensão deste desastre. Para os casos, totalizava 388 milhões no mundo e 26 milhões no Brasil, correspondendo a 6,7% do total. Para os óbitos foram registrados 5,71 milhões no mundo e mais de 630 mil no Brasil, correspondendo a 11% do total. Enquanto no mundo a mortalidade por milhão de habitantes foi de 720, no Brasil ela alcançou 2.932, ou seja, 4 vezes maior, resultando em uma calamidade que afetou diretamente a saúde e as condições de vida de milhões de brasileiros. (FIOCRUZ, 2022, p. 1)

Neste contexto emergencial, agravado intensamente pela gestão negacionista e genocida do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) no enfrentamento à pandemia de Covid-19 no Brasil[10], nós pesquisadores pós-graduandos deparamo-nos com este outro cenário nunca imaginado onde a sobrevivência e a busca pela proteção da saúde, em todos os sentidos, passaram a ser a principal prioridade para todos, sendo impossível prever o desfecho e saída daquela crise sanitária e humanitária que vivíamos mundialmente. Após a primeira onda, vieram as tentativas das universidades e escolas de se adaptarem, se reorganizarem e retomarem as aulas e atividades de modo remoto, criando-se o conceito do "novo normal", experiência que foi vivenciada de diversas formas pelas pessoas, a depender do gênero, raça/etnia, classe econômica e social, expondo e potencializando, assim, as desigualdades ainda existentes na estrutura de nossa sociedade.

Enquanto mulher e mãe solo, com uma filha em idade escolar (na época, Serena tinha 8 anos) e condição financeira limitada, a pandemia foi sentida por mim de forma muito intensa e desafiadora, acentuando a sobrecarga de trabalho e as vulnerabilidades de ser, ao mesmo tempo, mãe solo, mulher não-branca, pesquisadora/cientista e doutoranda.

Pude relatar, naquele momento, minha experiência como mãe e doutoranda durante a pandemia no capítulo "*Maternidade como política de vida: sobre sentidos, raízes e (r)existências a partir do contexto da pandemia da Covid-19*" (Silva, 2021), publicado no livro coletivo "O pessoal é político: relatos de mães acadêmicas no contexto da pandemia" (Caramuru; Rebelo, 2021)[11]. Neste texto, abordo como a

---

[10] De acordo com o estudo minucioso da Associação Brasileira de Saúde Coletiva – ABRASCO (2022), consolidado no extenso documento intitulado "Dossiê Abrasco - Pandemia de Covid-19", publicado em novembro de 2022, o enfrentamento da pandemia pelo governo de Jair Bolsonaro está entre os piores do mundo e permitiu 75% (517 mil) das quase 690 mil mortes pela covid no Brasil.

[11] Disponível em: https://loja.editoradialetica.com/humanidades/o-pessoal-e-politico-relatos-de-maes-academicas-no-contexto-da-pandemia e https://www.amazon.com.br/pessoal-pol%C3%ADtico-acad%C3%AAmicas-contexto-pandemia-ebook/dp/B08TCKGDQX . Acesso em: 20 jul. 2025.

maternidade deve, também, ser compreendida como política de (r)existência, sobretudo durante a pandemia, relatando como foi a experiência de conciliar a maternidade com a produção científica e acadêmica naquele momento:

> Assim que se iniciaram as discussões para a realização de atividades remotas, aulas *online* e síncronas nas pós-graduações, foi perceptível a desconsideração das realidades vivenciadas pelas mães pesquisadoras que, se antes já não podiam contar com a suposta divisão dos espaços em "público" e "privado", agora muito menos. Com o acúmulo de tarefas diárias que envolvem a manutenção da vida das crianças (incluso, atividades escolares remotas) e do ambiente doméstico que agora passaram a fundir-se no mesmo espaço-tempo que as atividades acadêmico-profissionais, outras dinâmicas mais severas têm se tornado realidade da grande maioria de mulheres-mães que agora esforçam-se para criarem momentos de "embarcarem" na plataforma da produção científica em suas casas. [...] A situação seria até pontual caso desconsiderássemos os dados que apontam para a desigualdade de gênero e étnico-racial na ciência, refletidos no decrescimento das produções científicas das mulheres (com e sem filhos) neste contexto da pandemia. Na pesquisa via questionário realizada pelo projeto de um coletivo de cientistas brasileiras intitulado *Parent in Science*, que visa identificar os impactos sociais da pandemia e desigualdades de condições de produtividade científica entre docentes, pesquisadores, discentes pós-doutorandas/os, doutorandas/os e mestrandas/os no país, constatou-se, em relação à conclusão de artigos científicos durante o isolamento social, que 52% das mulheres com filhas/os não concluíram seus artigos, contra 38% de homens. [...] Sentir-pensar a respeito da maternidade durante a pandemia é olhar para um modo de vida que tende a nos colocar em situação desigual nos mais diversos espaços, evidenciando a necessidade de transformarmos o modo como percebemos a maternidade e os cuidados com a vida.

No período que antecedeu a pandemia, especificamente no mês de janeiro de 2020, fui convidada para participar de algumas bancas de defesa dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultura Indígena da UFSC, alguns dos quais também estive como co-orientadora, momento histórico de boas colheitas e alegrias para as/os estudantes indígenas, seus povos e professoras/es envolvidas/os. Entre esses TCCs, alguns trouxeram-me aproximações e conhecimentos importantes para minha pesquisa por acompanhar de perto o processo de escrita das pesquisadoras, sendo eles: "*Kunhangue Arandua Rekó, Ta' Angá Re A'Egui Nhembopara:* sabedoria do modo de vidas das mulheres Guarani em pinturas e palavras", de Gennis Ara'í (Timóteo, 2020); "*Ma'Ety Reguá:* Agricultura e Sabedoria Mbya Guarani" (Oliveira, 2020), de Mariza de Oliveira e "Educação tradicional e o uso

da tecnologia na infância Guarani / *Kyringue Onheovanga Ha'E Jurua M'bae Oiporu Onhembo' ea Py*" (Veríssimo, 2020), de Silvana Minduá. Estes TCCs e os diálogos próximos com os estudantes indígenas da Licenciatura trouxeram-me, também, conhecimentos importantes para minha pesquisa.

Com a declaração do estado de pandemia pela OMS, em 11 de março de 2020, as comunidades indígenas passaram a ficar em isolamento social e a pedir para que pessoas não-indígenas, entre eles pesquisadores/as, evitassem o contato e visitas aos territórios, visto o aumento gradativo dos casos de Covid-19 nas aldeias e a disseminação rápida do vírus devido aos costumes sociais comunitários.

Com o crescimento dos casos de Covid-19 nas aldeias, monitorado pelos profissionais de saúde e assistência social através dos atendimentos e testagens pelos Distritos Sanitários Especiais Indígenas – DSEIs, da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), foi criada a *Frente Indígena e Indigenista de Prevenção e Combate ao Coronavírus (Covid-19) em Terras Indígenas da Região Sul do País,* à qual fui convidada a integrar e passei a colaborar ativamente. Esta frente de trabalho filantrópico, criada em 2020 por lideranças indígenas e indigenistas, visou enfrentar a situação de vulnerabilidade social e segurança alimentar dos povos indígenas Guarani, Kaingang, Laklãnõ-Xokleng, Xetá e Charrua que vivem na região Sul do país, amparando esses povos, de forma articulada, por meio de estratégias de prevenção e combate à Covid-19 e do fortalecimento do isolamento social, garantindo condições para a qualidade de vida das famílias indígenas em seus territórios. Cabe destacar que, para além das ações de entregas de cestas básicas que foram distribuídas nos territórios, houve também um fortalecimento dos plantios e dos roçados nas aldeias, sendo observado nos grupos de *whatsapp* desta frente alguns pedidos e circulações de sementes e mudas entre os povos e comunidades, como estratégia de segurança alimentar e nutricional.

Enquanto antropóloga indigenista, foi doloroso ver que em meio à pandemia acirraram-se os ataques e violações aos direitos, vidas e corpos-territórios dos povos indígenas pelo governo Bolsonaro, através dos poderes executivo, legislativo e judiciário, bem como pela política indigenista que estava aparelhada. Cabe rememorar que no dia 22 de abril de 2020, o então presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), Marcelo Augusto Xavier da Silva, emitiu no Diário Oficial da União a Instrução Normativa nº 9, de 16 de abril de 2020, cujos interesses articulavam-se à Medida Provisória 910 / 2019 – conhecida como a “MP da Grilagem”, que visava

oficializar e legitimar a invasão, exploração, loteamento, desmembramento e comercialização das Terras Indígenas (TIs) ainda não homologadas pelo Estado no território brasileiro. Sobre esta tentativa de ataque aos direitos dos povos indígenas, escrevi a nota "*Em meio à pandemia, Instrução Normativa n. 09 da FUNAI legitima a invasão de Terras Indígenas*", publicada no site do ARANDU – Laboratório de Estudos em Etnologia, Educação e Sociobiodiversidades, anteriormente denominado Núcleo de Estudos de Povos Indígenas (NEPI), da UFSC[12].

No ano seguinte, nos meses de agosto e setembro de 2021, houve também o julgamento do Recurso Extraordinário 1017365, de repercussão geral, pelo Supremo Tribunal Federal - STF, da tese inconstitucional do Marco Temporal[13], a qual pretende afirmar que só teriam às suas terras ancestrais os povos que as estivessem ocupando no dia da promulgação da Constituição Federal Brasileira, dia 05 de outubro de 1988, mesmo que delas tenham sido afastados e expulsos violentamente[14].

Somente no dia 28 de agosto de 2021, consegui visitar a aldeia M'Biguaçu para participar de uma atividade tradicional específica das mulheres, a convite delas, relacionada à espiritualidade guarani. Por ter recebido apenas uma dose da vacina da Covid-19 naquele momento, optei por não ficar mais dias na aldeia por precaução.

---

[12] Disponível em: https://nepi.ufsc.br/2020/04/29/em-meio-a-pandemia-instrucao-normativa-n-09-da-funai-legitima-a-invasao-de-terras-indigenas/ Acesso em: 20 jul. 2024.

[13] A tese anti-indígena do marco temporal tem sido proposta no Projeto de Lei (PL) 490/2007 e, neste momento, tramita no Senado pela Proposta de Emenda à Constituição nº 48/2023 (PEC 48), a qual consiste no maior retrocesso dos direitos indígenas do Brasil, promulgados no Capítulo VIII - Dos Índios da Constituição Federal (CF) de 1988. Este PL 490, concebido em 2007, e a PEC 48, conhecida pelos povos indígenas como PEC da Morte, têm como objetivo a paralisação de demarcação das Terras Indígenas no país (direito garantido pela CF de 1988); a legalização de garimpo, agronegócio, hidrelétricas, grilagem e outros grandes empreendimentos de exploração das florestas nos territórios indígenas; estabelecer a "tese do marco temporal" nos processos demarcatórios, que prevê que só poderão ser consideradas terras indígenas aquelas que já estavam em posse desses povos na data da promulgação da Constituição, 5 de outubro de 1988 (ignorando que foram violentamente assassinados e expulsos de suas terras pelas frentes coloniais de expansão conduzidas pelos setores historicamente dominantes da sociedade não indígena). Mais uma proposta deste PL 490, é a flexibilização e autorização do acesso de empresas privadas, igrejas e outras frentes colonizadoras aos povos isolados, que voluntariamente vivem afastados da sociedade não indígena pelo histórico violento de contatos, podendo também anular demarcações de Terras Indígenas já realizadas e acirrando as violências contra os povos indígenas nas diversas regiões do país.

[14] Sobre este julgamento histórico, a professora Edviges Marta Ioris e as doutorandas e pesquisadoras do PPGAS Viviane Vasconcelos e eu, Elis Nascimento, representando o ARANDU, concedemos entrevista à Revista Modefica sobre o histórico de resistência do povo Laklãnõ-Xokleng e seu protagonismo no julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF), relacionado à tese inconstitucional do marco temporal. Esta reportagem, intitulada "Protagonistas do Marco Temporal, Etnia Indígena Xokleng Tem Longo Histórico de Resistência", foi publicada no site da mesma em 10/09/2021, e está disponível em: https://www.modefica.com.br/xokleng-marco-temporal-historico-resistencia/ Acesso em: 20 jul. 2024.

Recebi a segunda dose da vacina de Covid-19 apenas no final do mês de novembro e, devido aos altos números de casos de contaminação de Covid-19 em todo ano de 2021 nas aldeias em que pretendia realizar minha pesquisa de campo, precisei aguardar e avaliar a melhor hora para entrada e retorno nos territórios visando resguardar minha saúde e das comunidades.

No dia 13 de dezembro de 2021, pude então realizar uma visita ao *Tekoa Yguá Porã*, também conhecido como Amâncio, localizado em Biguaçu-SC, para consultar e conversar com as lideranças e oficializar minha pesquisa de campo neste território, sendo aceita por unanimidade meu pedido.

Deste modo, nos anos 2020 e 2021, com a impossibilidade de realizar minha pesquisa de campo de modo presencial conforme o cronograma anteriormente planejado por conta da pandemia, dediquei-me às seguintes atividades: pesquisa bibliográfica, publicações e revisão de literatura; qualifiquei meu projeto de tese; realizei disciplinas optativas no formato remoto; apresentei trabalhos em eventos; conclui um importante estudo antropológico que estava coordenando antes do início da pandemia[15]; atuei junto às frentes e movimentos indígenas e indigenistas no enfrentamento à Covid-19 e fortalecimento político das mulheres indígenas; contribui para a realização e/ou participei de seminários, mostras audiovisuais e aulas abertas online[16]; como também mantive diálogos com as mulheres e interlocutoras guarani

[15] Ao final do mês de julho de 2021, conclui o estudo socioantropológico do "Diagnóstico Socioambiental para Criação de Unidade de Conservação no Distrito do Saí, município de São Francisco do Sul/SC", celebrado por meio de contrato firmado entre a Universidade Federal de Santa Catarina e Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul, em 2018. Realizado a partir do projeto de extensão "Nascentes do Saí", este diagnóstico socioambiental teve como objetivo a elaboração de um estudo técnico multidisciplinar para caracterização do ambiente físico, biótico e socioantropológico do Distrito do Saí, no município de São Francisco do Sul (SC), comprovadamente território tradicional guarani, para a criação de uma Unidade de Conservação nesta região. Ao coordenar este estudo socioantropológico estive representando o PPGAS, compondo a equipe multidisciplinar como antropóloga e doutoranda deste programa. Devido à esta atuação, fui convidada no final do mês de agosto pela equipe de jornalismo da Agecom/UFSC para dar uma entrevista sobre este estudo socioantropológico, matéria que foi publicada na página da agência sob o título "UFSC e comunidade de São Francisco do Sul sugerem criação de Refúgio de Vida Silvestre no Distrito do Saí", em 27/09/2021, disponível em: https://noticias.ufsc.br/2021/09/ufsc-e-comunidade-de-sao-francisco-do-sul-sugerem-criacao-de-refugio-de-vida-silvestre-no-distrito-do-sai/ Acesso em: 20 jul. 2024.
De igual modo, por ser pesquisadora vinculada ao INCT Brasil Plural, no dia 10/08/2021 o Instituto publicou também em seu site a notícia "Estudo socioambiental no Distrito do Saí", referente a este trabalho, matéria que pode ser acessada em: https://brasilplural.paginas.ufsc.br/2021/08/10/estudo-socioambiental-no-distrito-do-sai/ Acesso em: 20 jul. 2024.

[16] No dia 21/06/2021, a convite da Profa. Suzana Cavalheiro de Jesus, a cacica Eliara Antunes (aldeia Yakã Porã - TI Morro dos Cavalos) e eu ministramos uma aula aberta no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), com o tema "Mulheres Guarani e Agroecologia".

que tenho proximidade e laços de amizade, acompanhando-as atentamente em suas publicações nas redes sociais e em suas movimentações junto à articulação nacional das mulheres indígenas – tema que abordarei também posteriormente nesta tese.

Apenas em janeiro de 2022, com a segunda dose da vacina e convite das lideranças, consegui finalmente iniciar meu trabalho de campo no *Tekoá Yguá Porã*, participando da cerimônia tradicional guarani do *Nhemongaraí* e acompanhando as atividades das mulheres guarani relacionadas à colheita do milho, preparo dos alimentos tradicionais por elas e batismo de toda colheita. Fiquei em trabalho de campo alguns dias de janeiro, tendo que voltar para casa antes do tempo previsto por sentir sintomas fortes no corpo e testar positivo para a Covid-19, tendo conhecimento somente dias depois que a maioria das pessoas da comunidade também testaram positivo para a Covid-19. Foi necessário aguardar minha recuperação e a melhora da condição de saúde da comunidade para avaliar possibilidades de retorno. Enquanto isso, monitorava também a situação das demais aldeias que escolhi para realização de meu trabalho de campo em meu projeto de pesquisa e, nos meses de fevereiro, março e abril, a situação ainda estava crítica no que se refere aos casos de Covid-19.

Neste outro tempo que se fez com a pandemia, segui realizando as atividades já mencionadas e priorizando os cuidados com minha saúde e de minha filha, fortalecendo-me para o retorno ao campo - tanto física quanto psicologicamente. Os sintomas que senti enquanto estive com Covid-19 foram fortes em vários aspectos e abalou-me vivenciar a possibilidade de perder a vida e/ou minha filha ficar órfã de mãe.

Só me foi possível retornar para minha pesquisa de campo em meados do mês de junho de 2022, quando consegui realizar visitas um pouco mais prolongadas à Terra Indígena Morro dos Cavalos e participar de alguns mutirões e diálogos com as mulheres guarani, embora com todos os cuidados e restrições sanitárias que o momento ainda exigia.

Assim, entre os meses de junho a outubro de 2022, bem como nos meses de janeiro a março de 2023, realizei trabalhos de campo nas TIs Morro dos Cavalos, *Yguá Porã*, e M'Biguaçu para o levantamento de dados, acompanhamento de atividades relacionadas à pesquisa, entrevistas e diálogos com as mulheres guarani, como também entregas de doações de alimentos e roupas que se fizeram necessários por conta da pandemia, momentos oportunos que aproveitei ao máximo devido às limitações impostas à pesquisa neste contexto.

1.2 A BANCADA DO COCAR E A CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS: NOVOS CAMINHOS NA POLÍTICA INDÍGENA E INDIGENISTA DO PAÍS E OUTROS OLHARES PARA O CAMPO DE PESQUISA

Nesse momento introdutório da tese, considero relevante abordar sobre a virada potencial que ocorreu nos rumos da política indígena e indigenista no país a partir de 2019 e, sobretudo, durante o período da pandemia de Covid-19. Isto porque, devido ao meu envolvimento e participação – não só como observadora - em alguns acontecimentos relacionados a esta nova conjuntura, meu olhar sobre o campo de pesquisa também sofreu reflexões e foi afetado, no sentido do afeto proposto por Favret-Saada (2005) quando diz que “Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer” (p. 160). E, complemento, ao se desfazer, também se refaz e se reconstrói a partir de outros elementos e olhares.

No Brasil, entre os dias 9 e 13 de agosto de 2019, cerca de 3 mil mulheres de mais de 130 diferentes povos indígenas reuniram-se e realizaram, em Brasília-DF, o 1º Fórum e a I Marcha das Mulheres Indígenas, cujo tema definido por elas foi “*Território: nosso corpo, nosso espírito*”. Esse momento histórico de visibilidade das mulheres indígenas não só no Brasil mas internacionalmente, foi um grito de luta em defesa de seus territórios e pelo direito à vida diante do projeto de genocídio e ecocídio, em curso, pelo governo brasileiro e demais países na América Latina naquele momento. Neste evento, as mulheres indígenas uniram-se à Marcha das Margaridas, somando-se às mais de 30 mil mulheres quilombolas, ribeirinhas e de outras comunidades tradicionais que marcharam juntas na capital do país ecoando juntas suas vozes pela garantia de seus direitos e reivindicações. As mulheres foram recebidas pela Ministra do STF Carmen Lúcia, para qual foi entregue o manifesto das mulheres indígenas redigido por elas durante o evento.

No importante documento final elaborado por elas, um dos frutos deste primeiro grande encontro nacional das mulheres indígenas no Brasil, elas ressaltaram que:

> Enquanto mulheres, lideranças e guerreiras, geradoras e protetoras da vida, iremos nos posicionar e lutar contra as questões e as violações que afrontam nossos corpos, nossos espíritos, nossos territórios. Difundindo nossas sementes, nossos rituais, nossa língua,

> nós iremos garantir a nossa existência. (...) Lutar pelos direitos de nossos territórios é lutar pelo nosso direito à vida. A vida e o território são a mesma coisa, pois a terra nos dá nosso alimento, nossa medicina tradicional, nossa saúde e nossa dignidade. Perder o território é perder nossa mãe. Quem tem território, tem mãe, tem colo. E quem tem colo tem cura (Documento Final da I Marcha das Mulheres Indígenas, 2019).

Em 2020, com o agravamento das violências contra os povos indígenas promovidas pela política anti-indígena do governo Bolsonaro e com as situações alarmantes que sofreram com a pandemia da Covid-19, as mulheres indígenas reafirmaram sua luta permanente em defesa de seus territórios, de seus povos, de seus corpos e do direito à vida, promovendo um grande encontro virtual. Tendo em vista a impossibilidade de realizar essa manifestação de forma presencial pelo agravamento da pandemia, as mulheres indígenas decidiram demarcar as telas com suas vozes e corpos para realizar a maior mobilização das mulheres indígenas nas redes. Realizaram, então, nos dias 7 e 8 de agosto, a grande assembleia online com o tema "*Mulheres Indígenas: o sagrado da existência e a cura da terra*".

Nesse encontro, a liderança indígena Sônia Guajajara, à época coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB, enfatizou o papel fundamental das mulheres indígenas na proteção da biodiversidade no planeta, na saúde de seus povos e na pressão efetiva aos governos para que adotem políticas públicas que protejam seus povos e o meio ambiente. Em seu discurso, trouxe as seguintes palavras:

> Nós temos esse papel fundamental de continuar essa luta, de sensibilizar as pessoas, de conscientizar a sociedade como um todo de que nós precisamos cuidar do meio ambiente para garantir a continuidade da nossa existência e a continuidade da vida no planeta. Como a gente sempre fez isso, esse cuidado natural do meio ambiente que é o que garante a vida no planeta, nós estamos nos dispondo a passar esse ensinamento, a passar essa sabedoria pra toda sociedade, pra todos aqueles que não têm essa conexão com a Mãe Terra (Discurso de Sônia Guajajara no encontro "*Mulheres Indígenas: o sagrado da existência e a cura da terra*", no dia 7 de agosto 2020. Transcrição da autora).

No ano de 2021, em meio à pandemia e ao julgamento histórico da tese do marco temporal pelo Supremo Tribunal Federal (STF), as mulheres indígenas do Brasil realizaram a II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, com o tema "*Mulheres originárias: Reflorestando*

mentes para a cura da Terra", organizada pela ANMIGA[17], criando espaços de resistência para discutir suas principais pautas com a profundidade necessária, inclusive em suas línguas originárias. Nesta segunda marcha, realizada entre os dias 7 e 11 de setembro, reuniram-se no espaço da Fundação Nacional das Artes - FUNARTE, em Brasília (DF), cerca de 5 mil mulheres indígenas, pertencentes a 172 povos indígenas e representando os sete biomas e regiões do território brasileiro, ocupando a capital do país com seus maracás, rezas, lutas e curas. Segundo a Nota emitida pela ANMIGA durante esta II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas e em meio a este contexto político, elas declararam:

> Viemos de todo o país realizar nosso encontro de mulheres, em um diálogo sobre as nossas pautas e acompanhar o que pode ser o julgamento mais importante para os direitos indígenas no país em décadas. O Marco temporal é uma aberração jurídica, elaborada por aqueles que financiam essas manifestações antidemocráticas, e que a todo custo, historicamente, tentam calar nossa voz, subjugar nossos corpos, assim como já fizeram no passado. (ANMIGA - Nota da II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, 2021)[18].

Concomitantemente, a partir do mês de junho de 2021, a APIB e as organizações indígenas de base realizaram também, em Brasília, os acampamentos "Levante pela Terra" e "Luta pela Vida", importantes mobilizações indígenas pelo direito à vida e aos seus territórios.

---

[17] É de grande importância mencionar a (r)existência e o protagonismo da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade - ANMIGA, a qual é "[...] uma grande articulação de Mulheres Indígenas de todos biomas do Brasil, com saberes, com tradições, com lutas que se somam e convergem", em prol da garantia dos direitos indígenas e da vida dos povos indígenas. Nascida no seio das mobilizações das mulheres indígenas do Brasil realizadas desde 2015 e batizada em março de 2021, a ANMIGA tem se articulado "*em rama*", como elas definem, atuando pela defesa da vida e pela cura da Terra em seus territórios e nos demais espaços por onde se movimentam constantemente, sendo elas "mulheres terra, mulheres água, mulheres biomas, mulheres espiritualidade, mulheres árvores, mulheres raízes, mulheres sementes e não somente mulheres, guerreiras da ancestralidade". Em seu belo manifesto, a ANMIGA declara:
"Nós, Mulheres Indígenas, estamos em muitas lutas em âmbito nacional e internacional. Somos sementes plantadas através de nossos cantos por justiça social, por demarcação de território, pela floresta em pé, pela saúde, pela educação, para conter as mudanças climáticas e pela 'Cura da Terra'. Nossas vozes já romperam silêncios imputados a nós desde a invasão do nosso território. [...] *Somos muitas, somos múltiplas, somos mil-lheres, cacicas, parteiras, benzedeiras, pajés, agricultoras, professoras, advogadas, enfermeiras e médicas nas múltiplas ciências do Território e da universidade. Somos antropólogas, deputadas e psicólogas. Somos muitas transitando do chão da aldeia para o chão do mundo"* (ANMIGA - MANIFESTO, 2021, destaques no original).
Para maiores informações sobre a ANMIGA e sobre a articulação das mulheres indígenas no Brasil, indica-se a tese de doutorado de Jozileia Kaingang (Schild, 2023), bem como o sítio eletrônico da ANMIGA: https://anmiga.org/ . Acesso em: 22 jul. 2024.

[18] Disponível em: https://anmiga.org/pela-vida-das-mulheres-nos-por-nos-pelas-criancas-e-ancias-seguimos-em-marcha/ Acesso em: 22 jul. 2024.

Muitas foram as ameaças, ofensas e ataques feitos por grupos anti-indígenas contra os corpos indígenas presentes nestas mobilizações.

Importante ressaltar que, neste mesmo ano de 2021, as mulheres da ANMIGA também compuseram a delegação indígena na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 26), realizada em Glasgow, na Escócia, entre os dias 31 de outubro a 12 de novembro. A presença e participação das mulheres e lideranças indígenas foi um grande destaque no maior e mais importante conferência do clima no planeta, onde realizaram o Encontro Global de Mulheres Indígenas pela Cura da Terra, tendo como questão temática: "como curar o território, corpo e espírito em tempos de crise climática".

É neste contexto que a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade - ANMIGA e a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB, iniciam o movimento de retomada política dos povos indígenas através da *Bancada do Cocar* e do projeto de *Aldear a Política no Brasil*, compreendendo que a conquista da autonomia perpassa a ocupação das mulheres indígenas nos espaços institucionais de tomadas de decisão pois, segundo avaliaram:

> No Brasil, estava ruim antes do golpe de 2016. Desastroso depois dele. Catastrófico com a chegada de um fascista, genocida e ecocida à Presidência da República. Após cinco séculos de exploração histórica, opressão, etnocídio, colonização, racismo, negação de direitos dos nossos povos originários e de origem africana, encontramo-nos num quadro de total emergência: climática, ecológica, sanitária, social, econômica, civilizatória. (*Chamado pela Terra* - ANMIGA, 2022).

Diante deste cenário e da urgência de fortalecer a participação política e avanço da agenda dos povos indígenas, pela primeira vez na história do pleito eleitoral no Brasil uma Bancada Indígena disputou as eleições gerais de forma coordenada a partir das indicações das organizações indígenas de base.

No dia 29 de agosto de 2022, a APIB lançou oficialmente a Campanha Indígena ao apresentar à sociedade brasileira 30 candidaturas de todas as regiões do país e de 31 povos, com o slogan “*Vamos aldear a política*” e com o mote "*Demarcando as Urnas*”. Dessas 30 candidaturas indígenas apoiadas pela APIB e organizações indígenas de base, 12 concorreram a vagas de deputado/a federal e 18 a cadeiras em Assembleias de 20 estados diferentes.

Segundo dados publicados pela APIB (2022a), o número de candidaturas indígenas femininas quase triplicou em duas eleições, passando de 29 em 2014 para 85 em 2022, de acordo com o registro do sistema do TSE. Naquele ano, elas representavam 0,36% do total de 8.123 candidaturas femininas. No ano de 2022, elas somaram 0,88% do total de 9.597 mulheres candidatas e o aumento entre as indígenas foi de 193%. Das 30 candidaturas que compuseram a Bancada Indígena nas eleições de 2022, a maioria foi de mulheres, com 16 candidaturas[19].

É nesta conjuntura que o movimento de mulheres indígenas passou a se organizar de forma estratégica para o enfrentamento da situação política do país, agravada durante a pandemia. Através da ANMIGA, em parceria com o Instituto Update[20], se propôs a transformar o cenário de subrepresentatividade indígena nos espaços da política institucional e de tomada de decisões, considerando como fundamental o apoio e o fortalecimento das candidaturas indígenas nos pleitos eleitorais para o aumento da representatividade política no país e avanço nas pautas voltadas à garantia de seus direitos constitucionais.

Assim, em junho de 2022, fui chamada pela Mulher-Terra da ANMIGA e liderança indígena, Joziléia Kaingang, para assessorar a realização do *Projeto Formação Indígena*, do Programa +Representatividade[21] do Instituto Update, voltado para o apoio e fortalecimento este movimento de luta pela participação das pessoas e coletividades indígenas na política partidária e pela maior diversidade e representatividade nas instâncias do poder executivo e legislativo municipal, estadual

---

[19] Cabe destacar que, embora sejam a maioria da população brasileira e do eleitorado (52,5%), as mulheres ocupam apenas 15% das vagas no Congresso Nacional. Desses 15%, 64% das eleitas deputadas federais em 2022 são brancas. Ainda assim, podemos dizer que houve um pequeno crescimento muito importante no que diz respeito à questão étnico-racial: as pardas, pretas e indígenas chegaram a, respectivamente, 17,6%, 14,2% e 4,4% do total.

[20] O Instituto Update é uma organização da sociedade civil que pesquisa e fomenta a inovação política na América Latina - novas práticas políticas que aproximam cidadãs e cidadãos da política, combatem desigualdades e fortalecem a democracia - com foco principal na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru e Uruguai. Parte do princípio de que os países da região, pelas suas semelhanças culturais e políticas, podem compartilhar práticas e experimentos políticos inovadores que são mais aplicáveis às suas realidades e contextos. Os projetos são desenvolvidos por quatro estratégias: Estudos e Pesquisas; Formação e Treinamento; Contação de Histórias e Tecnologia. Para maiores informações sobre o Instituto Update, ver: https://www.institutoupdate.org.br/ . Acesso em: 22 jul. 2024.

[21] O Programa +Representatividade do Instituto Update consiste num programa de intercâmbio, formação e mentoria para iniciativas que atuam pela ampliação da diversidade na política, que teve como foco em 2022 atuar com iniciativas que apoiam a participação política de mulheres negras e indígenas a partir da agenda anti-racista e indígena e em prol de candidaturas de pessoas negras e indígenas. Veja-se: https://www.institutoupdate.org.br/maisrepresentatividade/ Acesso em: 22 jul. 2024.

e federal do país. Compreendendo a importância histórica deste momento para as mulheres indígenas e para o avanço da política indígena e indigenista do país, motivada também pelo sentimento de compromisso com as mulheres indígenas enquanto antropóloga, aceitei este convite, mesmo em meio aos diversos desafios anteriormente relatados, sentindo-me honrada em poder contribuir de alguma forma com esse novo projeto do movimento indígena brasileiro.

A partir deste momento, trabalhei ativamente como assessora na organização de atividades e encontros de formação voltados para o fortalecimento de candidaturas indígenas da Bancada do Cocar nas eleições brasileiras de 2022, prioritariamente de mulheres indígenas. De forma específica, este projeto de formação se propôs a realizar um mapeamento de iniciativas indígenas que estivessem atuando com participação política, a apoiar as estratégias de fortalecimento político das mulheres indígenas e as *Caravanas das Originárias da Terra* da ANMIGA[22] e a realizar formações com as mulheres indígenas candidatas e suas equipes, a partir de indicações de ANMIGA sobre conteúdo, linguagem, prioridades no processo formativo com iniciativas indígenas. Este trabalho contemplou também a articulação com as organizações, movimentos e lideranças indígenas (ANMIGA, APIB, Mídia Índia e organizações indígenas regionais) e um apoio nas consultorias jurídica e psicológica oferecidas pelo projeto para as candidatas indígenas e suas equipes[23].

---

[22] No ano de 2022, as indígenas mulheres da ANMIGA realizaram pelo Brasil a Jornada denominada *Caravana das Originárias da Terra*, proposta que foi concebida por elas durante a primeira Marcha das Mulheres Indígenas (realizada em agosto de 2019, em Brasília) e teve como objetivo geral:
"Fortalecer acesso aos direitos e participação qualificada das Indígenas Mulheres como protagonistas e multiplicadoras nos espaços de falas e tomadas de decisão política, com o propósito de enfrentamento a violência e as crescentes violações de direitos praticadas diariamente contra os povos indígenas do Brasil, proteger nossa cultura e identidade milenar, e sob a perspectiva feminina indígena, reconhecer, valorizar e fortalecer os modos de vida dos diversos povos indígenas, realizando práticas de partilha e escuta, por meio de reuniões e rodas de conversa, nos seis biomas brasileiros*"* (ANMIGA, 2022).

[23] Sobre este contexto histórico e político de candidaturas das mulheres indígenas no pleito eleitoral de 2022 e a realização do I Seminário das Originárias da Terra, realizado em Brasília-DF, nos dias 14 a 15 de outubro de 2022, que reuniu dezenas de mulheres indígenas do Brasil que se candidataram e mulheres indígenas parlamentares do México e Chile, escrevi um breve artigo quando estive como assessora do Instituto Update participando dessa atividade, o qual pode ser lido em: https://pt.linkedin.com/pulse/ser-ind%C3%ADgena-e-mulher-na-pol%C3%ADtica-%C3%A9-ter-coragem-instituto-update . A versão do documento final do I Seminário das Originárias da Terra foi publicado por meio da "Carta Manifesto do I Seminário Internacional das Originárias da Terra" e pode ser lido em: https://anmiga.org/carta-manifesto-do-i-seminario-das-originarias/
Acesso em: 26 jul. 2024.

Figura 1 - Mulheres indígenas reunidas no I Seminário das Originárias da Terra, realizado em Brasília-DF, em outubro de 2022, após as eleições.



Fonte: Acervo do Instituto Update (2022).

Cabe destacar que entre essas candidaturas de mulheres indígenas apoiadas pelo projeto que pude acompanhar de perto, esteve a candidatura da liderança Kerexu Yxapyry, sendo construída conjuntamente com ela e equipe uma mentoria com metodologia específica, realizada de forma presencial na cidade de Florianópolis (SC), durante os dias 9 e 10 de julho de 2022, visando a qualificação e o acompanhamento individualizado de sua candidatura nos períodos de pré-campanha e campanha. Nos dias 21 e 22 de agosto, realizou-se a *Caravana das Originárias da Terra em Santa Catarina - Etapa Sul* (bioma Mata Atlântica), no Centro de Formação Tataendy Rupa, da TI Morro dos Cavalos, em Palhoça – SC. O encontro reuniu cerca de 200 mulheres indígenas dos três povos do estado de Santa Catarina - Kaingang, Xokleng e Guarani -, sendo um dos propósitos dessa edição da Caravana das Originárias fortalecer o apoio à candidatura de Kerexu Yxapyry para deputada federal de Santa Catarina. Embora não tendo sido eleita, Kerexu Yxapyry obteve os expressivos 35.215 votos, tornando-se a mais votada da Federação Psol-Rede.

Figura 2 – Mulheres guarani na Caravana das Originárias da Terra, TI Morro dos Cavalos (SC).



Foto: Acervo do Projeto Formação Indígena, Instituto Update (2022).

Figura 3 – A liderança e candidata a deputada federal Kerexu Yxapyry.



Foto: Acervo do Projeto Formação Indígena, Instituto Update (2022).

Sobre este momento histórico de realização da Caravanas das Originárias nos territórios e biomas e o apoio às candidaturas indígenas da Bancada do Cocar, principalmente às das mulheres indígenas, bem como os desdobramentos dessa mobilização política do movimento indígena no país[24], a antropóloga Jozileia Kaingang Schild (2023) relata que:

> Durante a Caravana, já mobilizando as mulheres, lançamos e fortalecemos a Bancada do Cocar, compondo um quadro com os seguintes nomes de mulheres indígenas candidatas aos pleitos estaduais: Simone Karipuna (AP), Vanda Witoto (AM), Leonice Tupari (RO), Cacique Ire (Juliana Jenipapo Kanindé) (CE), Eliane Xunakalo (MT), Val Eloy (MS), Chirley Pankará (SP); e Federais: Sonia Guajajara (SP), Celia Xakriabá (MG), Kerexu (SC), Vanessa Xerente

[24] A respeito deste momento da política indígena nacional e do resultado das candidaturas indígenas no pleito eleitoral de 2022, que somou mais de 446 mil votos em todo país, em meio à pandemia de Covid-19 e governo Bolsonaro, a APIB considerou que:
"A eleição de duas candidatas da Bancada Indígena à Câmara Federal marca um novo momento da política nacional com maior representatividade de povos tradicionais e possibilidade de estabelecimento de novos marcos para a cultura de formulação das políticas que ditam os rumos do País. Célia Xakriabá foi eleita por Minas Gerais com 101.154 votos e Sônia Guajajara por São Paulo, com 156.966 votos. Ambas são as primeiras indígenas a representar os respectivos estados em Brasília. O número de mulheres candidatas indígenas nas Eleições 2022 foi o responsável pelo crescimento de parentes postulantes a um cargo eletivo desde 2014: a participação delas registrou um aumento de 189%, passando de 29 para 84 candidaturas. O crescimento dos candidatos homens nesse período foi de 78,5%" (APIB, 2022b).
Para conferir o balanço das candidaturas indígenas nas eleições de 2022 pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB, veja-se a matéria "Com quase 500 mil votos, candidatos da Bancada Indígena reforçam luta pela demarcação de territórios", disponível em: https://apiboficial.org/2022/10/03/com-quase-500-mil-votos-candidatos-da-bancada-indigena-reforcam-luta-pela-demarcacao-de-territorios/ Acesso em: 22 jul. 2024.

> (TO), Mayal Kayapó (PA), Joênia Wapichana (RR). Desta bancada elegemos Sonia Guajajara, em São Paulo, e Celia Xakriabá, em Minas Gerais. A eleição das nossas duas Mulheres-Terra da ANMIGA nos colocaram em um lugar que nos foi negado durante muito tempo, porque precisamos superar o racismo contido em nossa ausência nos espaços de tomada de poder (poder, inclusive, sobre nossa existência). Nesta direção, a deputada Celia tem reforçado em seus discursos que precisamos mulherizar o Congresso Nacional e Indigenizar a política brasileira. Com a eleição de Sonia e Celia, nos participamos da transição do governo pelo movimento indígena. Articuladas, conseguimos reunir em Brasília neste período várias mulheres da ANMIGA, Sonia e Celia, deputadas eleitas, Kerexu, Val Eloy, Jaqueline Aranduha, Braulina Baniwa, que nos representaram e "brigaram" pela nossa participação nos espaços que seriam criados com a nova gestão do Governo Lula. Durante a transição, formamos e formulamos a estruturação do primeiro Ministério dos Povos Indígenas – MPI. O Presidente Lula convidou a nossa Deputada Sonia Guajajara para assumir o cargo de Ministra no MPI em decisão anunciada em 29 de dezembro de 2022, quando ela passou a convidar as primeiras pessoas para formar o núcleo duro da pasta, anunciando Eloy Terena na Secretaria Executiva, Kerexu M´bya Guarani, Ceiça Pitaguary e Juma Xipaia para as 3 Secretarias Nacionais e me convidou para a Chefia de gabinete do MPI. Pela primeira vez na história desse país acessamos este espaço que, logo descobrimos, e também de muitas construções e desafios, sendo uma pasta recém-criada onde se tem grandes expectativas. (Schild, 2023, p. 182-183)

A partir deste projeto de aldeamento da política nacional e visibilidade da incidência do movimento indígena do país no pleito eleitoral de 2022, foi possível a criação do primeiro Ministério dos Povos Indígenas da história do Brasil pelo governo do Presidente Lula (2023-2026), oficialmente instituído pelo Decreto 11.355[25], de 1º de janeiro de 2023, sendo Sonia Guajajara nomeada como a primeira ministra de Estado dos povos indígenas. No Ministério dos Povos Indígenas (MPI), como relatado por Schild (2023), foram também nomeados os indígenas Eloy Terena, como Secretário-Executivo; Ceiça Pitaguary, Kerexu Yxapyry e Juma Xipaia como Secretarias Nacionais, além de Jozileia Kaingang como Chefe de Gabinete da Ministra Sonia Guajajara.

Também, de forma inédita, nomeou-se a primeira mulher e pessoa indígena a ocupar a presidência da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), Joênia Wapichana, e Ricardo Weibe Tapeba como primeiro indígena a comandar a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Outro importante avanço político em curso tem sido a criação de Secretarias e Superientendências Estaduais dos Povos

[25] Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11355.htm Acesso em: 23 jul. 2024.

Indígenas nos estados brasileiros, sendo algumas delas lideradas por mulheres indígenas, a exemplo do Ceará, Pará, Acre e Tocantins.

Nesse contexto, por conta do trabalho que realizei no projeto formação indígena, anteriormente mencionado, junto às candidaturas das mulheres indígenas da Bancada do Cocar e nas Caravanas das Originárias da ANMIGA, fui convidada, no início de 2023, para trabalhar como Assessora do Gabinete da Ministra Sonia Guajajara, no Ministério dos Povos Indígenas, cargo que ocupei de abril de 2023 a janeiro de 2024. A partir de fevereiro de 2024, passei a ocupar o cargo de Assessora do Gabinete da Secretaria Nacional de Gestão Ambiental Indígena, pasta comandada pela liderança indígena e mulher-terra do bioma Caatinga da ANMIGA, Ceiça Pitaguary, pertencente ao povo Pitaguary (CE), com a qual trabalho atualmente no processo de retomada e implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Indígena – a PNGATI e na concepção de políticas públicas voltadas à justiça climática nos territórios indígenas. A partir de março deste ano, passei a ocupar o cargo de Diretora do Departamento de Justiça Climática na mesma Secretaria, sendo uma oportunidade muito rica poder formular e promover políticas públicas voltadas à justiça climática aos povos e territórios indígenas em um momento de crise climática global.

Essa experiência de estar dentro do Ministério dos Povos Indígena nesse momento histórico, acompanhando e participando ativamente da construção de políticas públicas voltadas aos povos indígenas no âmbito do poder executivo e de um ministério inédito fruto da luta do movimento indígena, cuja estrutura que vem sendo construída por lideranças indígenas que hoje ocupam esses lugares estratégicos no Estado brasileiro, tem sido, para mim, transformadora em muitos aspectos, seja enquanto antropóloga indigenista, pesquisadora e aliada dos povos indígenas, seja como pessoa e mulher não branca.

Poder acompanhar e assessorar as lideranças indígenas nesses espaços de construção, de tomada de decisões e diálogos relacionados ao bem viver dos povos indígenas nas dimensões internacional, nacional, regionais e locais tem sido terreno fértil para refletir sobre o papel da antropologia neste tempo-espaço, para olhar meu campo de pesquisa identificando e incorporando elementos anteriormente ignorados, como também para ressignificar objetivos e direções, considerando esse presente da política indígena e indigenista do país e o contexto global de emergência climática que a humanidade hoje vivencia. De forma especial, compreender o protagonismo das

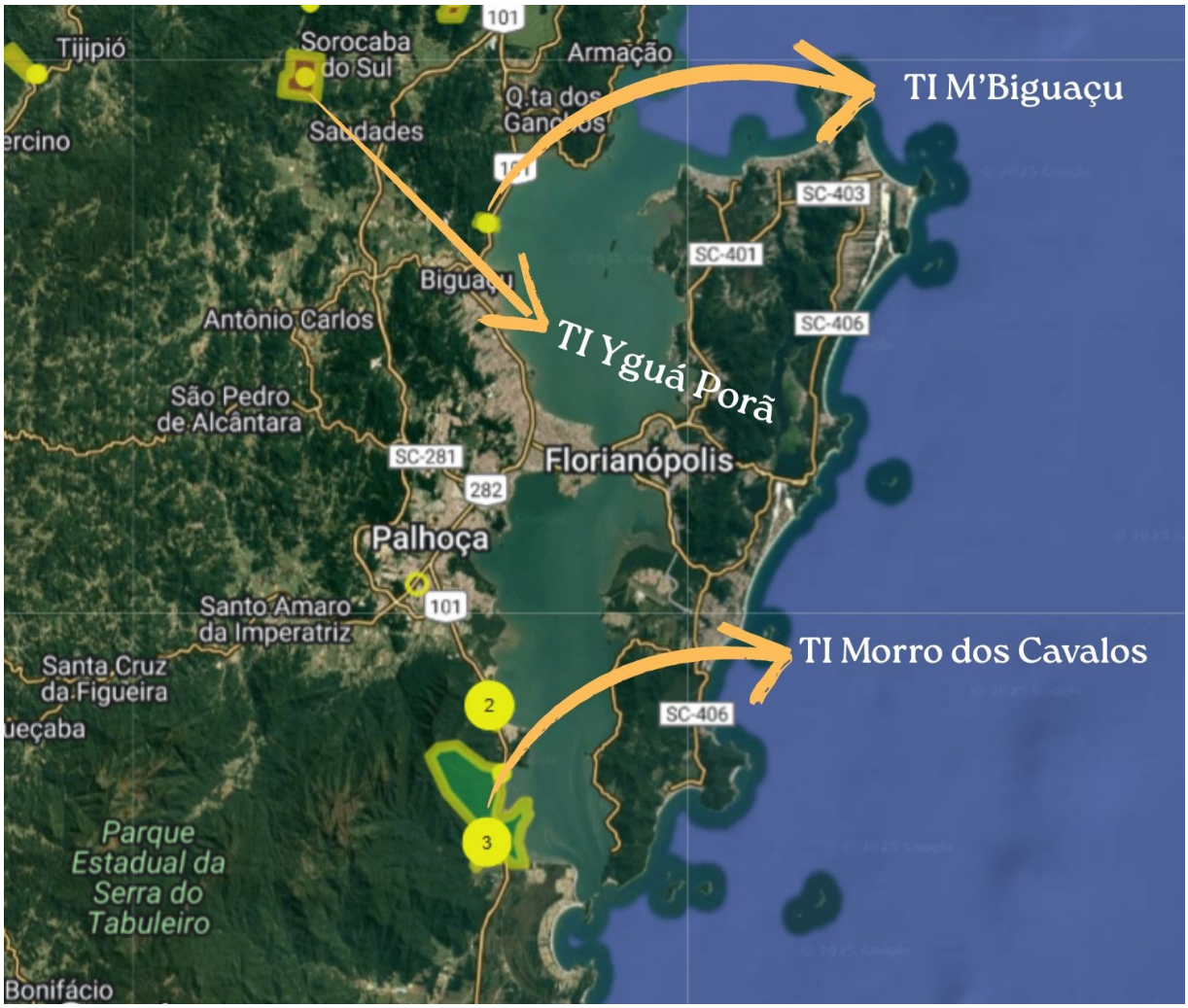
mulheres guarani e a contribuição de seus saberes e fazeres para a proteção da biodiversidade e manutenção do *nhandereko* no território *Yvyrupa* nesses tempos de “fim de mundo” (Krenak, 2019), revelou-se a mim como um campo de pesquisa frutífero e necessário.

Assim, nesta tese buscou-se compreender o protagonismo das mulheres guarani na proteção da biodiversidade do bioma Mata Atlântica a partir de seus saberes e fazeres (*kunhangue arandu*) relacionados aos cuidados das roças e das plantas no território *Yvyrupa*.

1.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Pela abrangência geográfica do território guarani *Yvyrupa*, foi necessário a seleção de algumas terras indígenas, que passarei a chamar de *Tekoá*, respeitando o modo como o povo guarani denomina seu território, para realização dos trabalhos de campo desta pesquisa. Devido às ações, contatos e boa interlocução que já possuía com as mulheres guarani das aldeias situadas na região litorânea meridional do estado de Santa Catarina, sobretudo na Grande Florianópolis, escolhi os seguintes territórios para o trabalho de campo: *Tekoa Yynn Moroti Wherá* (TI M´Biguaçu - Biguaçu/SC), *Tekoas Tataendy Rupa e Yakã Porã* (TI Morro dos Cavalos - Palhoça/SC), *Tekoa Yguá Porã* (TI Amâncio - Tijucas-Biguaçu/SC).

Figura 4 - Mapa das terras indígenas M'Biguaçu, Yguá Porã e Morro dos Cavalos, estado de Santa Catarina, contempladas nesta pesquisa de doutorado.



Fonte: Mapa Guarani Digital/CTI (2025), adaptado pela autora.

Entende-se que estes territórios são interconectados por uma rede de parentalidade e caracterizam-se por seu caráter contínuo e circular que constitui *Yvyrupa*, embora haja fronteiras impostas pelos não-indígenas que intentem se sobrepor e/ou invisibilizar esta continuidade. Deste modo, a escolha de realizar esta pesquisa nos referidos *Tekoas* deve-se à intenção de se utilizar uma metodologia comparativa e dialógica, que possibilite analisar e fazer dialogar os modos de conhecimento e práticas relacionados à agricultura e manejo das plantas pelas mulheres Guarani em cada um desses territórios, mapeando possíveis redes de trocas e circulação de saberes, plantas e sementes entre elas visto as mobilidades que realizam entre essas aldeias e os vínculos de parentesco que possuem.

Num primeiro momento, foi realizado um aprofundamento bibliográfico e documental referente à literatura etnológica e uma aproximação com os estudos da arqueologia relacionados à ocupação Guarani no bioma Mata Atlântica, dando especial atenção às produções acadêmicas e publicações realizadas pelas/os pesquisadoras/es guarani, visando mapear e identificar as informações específicas sobre as relações históricas estabelecidas entre as mulheres Guarani, a agricultura e as plantas em seus territórios tradicionais.

O método etnográfico (Cardoso de Oliveira, 2000) foi adotado nas ações do trabalho de campo junto às mulheres Guarani, nos quais a observação participante e o convívio com as mulheres nas atividades de manejo nas roças, de cuidados com as plantas e sementes, nas caminhadas pelos territórios, nos eventos presencial e online que promoveram, nas conversas informais e no ritual do *Nhemongaraí* construíram o caminho metodológico utilizado nesta pesquisa para o alcance dos objetivos propostos. Neste sentido, adotei também como perspectiva metodológica a proposta de Ingold (2015) de se fazer antropologia “com” e não “sobre” pessoas, concebendo que as vidas humanas e não humanas no ambiente vivido constituem-se conjunta e constantemente num campo relacional.

Sobre o aspecto metodológico da representação e representatividade, a socióloga indígena Maori, Linda Tuhiwai Smith, em sua obra “Decolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas” (Smith, 2018), concebe-a como um dos projetos da agenda de pesquisa dos povos indígenas na atualidade, explicando que a noção de representação deve ser entendida “como um conceito político e como uma forma de voz e expressão” (p. 175). Segundo a autora, as representações “tratam também de propor soluções aos dilemas da vida real com que as comunidades indígenas se confrontam e tentam captar as complexidades de ser indígena” (p. 175).

Ao reconhecer minha condição de antropóloga e mulher *juruá* (não indígena) em campo, considerou-se fundamental que a (auto)representação das mulheres guarani relacionada aos assuntos abordados nesta pesquisa fosse construída com elas, à medida que seus conceitos, noções, categorias são tomadas como norteadoras na busca pela “interlocução autêntica” proposta pelo antropólogo sul-africano Mafeje (1991).

Figura 5 - Com Adriana Keretchu em sua roça de *avaxi ete'i,* na TI *Yguá Porã*.



Fonte: fotografia de Viviane Vasconcelos (2021).

Nos diálogos e convivências que pude ter nas atividades de campo com as mulheres nos *Tekoas* mencionados, realizei entrevistas semiestruturadas e gravadas no formato audiovisual com algumas de minhas interlocutoras, entre elas uma das reconhecidas *xejariy* da TI M'Biguaçu, Dona Roseli; com as cacicas Eliara Antunes (TI *Yakã Porã*) e Celita Djatchuka (TI M'Biguaçu); Lucia Moreira (Tekoa Itaty, TI Morro dos Cavalos) e diálogos com demais mulheres guarani consideradas lideranças femininas e guardiãs de conhecimentos relacionados à terra, ao cultivo das plantas e salvaguarda de sementes tradicionais, como Kerexu Yxapyry (*Tekoa* Centro de Formação *Tataendy Rupa* / TI Morro dos Cavalos) e Adriana Keretchu (Tekoa Yguá Porã / TI Amâncio).

Por conseguinte, ao analisar os modos específicos de saber e fazer das mulheres Guarani relacionados com as roças tradicionais (*Ma´ety Regua*), plantas (cultivadas e não cultivadas) e matas (*Ka´agüy ete*) do bioma Mata Atlântica de seus *Tekoas*, tomei como horizonte nesta pesquisa algumas perguntas norteadoras, as quais apresento a seguir:

Qual as contribuições específicas das mulheres na gestão do território guarani *Yvyrupá* e na proteção da biodiversidade do bioma Mata Atlântica no que se refere à garantia das condições ambientais necessárias para que o povo Guarani vivencie o *nhandereko*/*teko porã*, mesmo diante das violências históricas que têm sofrido nos ciclos de colonização? De que modo se constitui efetivamente o envolvimento e

participação das mulheres nas práticas agrícolas, no cultivo e usos das plantas (cultivadas e não cultivadas) e plantio/reflorestamento das matas nos *Tekoas*? Como se realizam, atualmente, a circulação e a transmissão dos conhecimentos e técnicas relacionados às práticas de cuidado com as roças, com as plantas e sementes no/do território pelas mulheres Guarani? Existem redes de trocas e reciprocidade específica entre as mulheres Guarani no que se refere à circulação e distribuição de sementes, mudas e plantas? Como se dá a resistência política das mulheres guarani na garantia da segurança e soberania alimentar em suas comunidades e nas retomadas/ocupações territoriais? No caso das retomadas de terras lideradas pelas mulheres guarani, qual a importância que elas atribuem à agricultura e aos plantios de espécies tradicionais e nativas nestes movimentos políticos e territoriais? Qual a contribuição específica das mulheres guarani no enfrentamento à crise climática em seus territórios neste presente? Na tese, enquanto caminho metodológico, buscou-se responder e cuidar dessas questões relacionando com os dados etnográficos oriundos de meu trabalho de campo e pesquisa bibliográfica.

1.4 SOBRE A ESTRUTURA DA TESE E SEUS CAPÍTULOS

Esta tese está organizada e estruturada a partir de seis capítulos, sendo o primeiro deles a presente introdução. O Capítulo 2, intitulado “Mulheres indígenas e a proteção da biodiversidade: sobre (r)existências históricas de seus corpos-territórios”, visa realizar uma revisão da literatura antropológica e etnográfica sobre as relações entre mulheres indígenas, roças, sementes e plantas, com enfoque especial voltado ao protagonismo das mulheres indígenas na conservação e proteção da biodiversidade em seus territórios e nas diversas regiões do planeta. Neste capítulo, serão apresentados conceitos-chave e perspectivas teóricas que guiaram o olhar desta pesquisa, abordando aspectos relacionados aos estudos de gênero e da etnologia indígena, sobretudo na América Latina; à agricultura indígena e interações entre plantas, humanos e não-humanos; bem como identificando o que os estudos têm apontado sobre as contribuições das mulheres indígenas na formação das paisagens e florestas e domesticação das plantas, principalmente no bioma Mata Atlântica, priorizado nesta tese.

No Capítulo 3, “Mulheres guarani e seu protagonismo na agricultura (*Ma´ety Regua*) e no cuidado com as plantas (*Mõa Regua*) e florestas (*Ka´agüy ete*) em seus

territórios", são apresentados dados sobre a população guarani e, também, sobre a prática da agricultura abordada pela literatura etnológica guarani. De forma especial, pretende-se compreender os modos como os estudos etnológicos guarani tratam sobre a relação das mulheres guarani com as roças, sementes e floresta em seus territórios, buscando identificar sua agência, seu protagonismo e sua sabedoria (*kunhangue arandu*), bem como as lacunas nestes estudos no que tange à perspectiva de gênero e escuta das mulheres guarani neste tema. Também será abordada a dimensão cosmológica e mítica desta relação das mulheres com as sementes e no gestar da vida, a partir da história de origem do universo guarani e de Nhandecy.

Por sua vez, o Capítulo 4, intitulado "'As sementes precisam caminhar': sobre as guardiãs do *Avaxi Ete´i* e do *Teko Porã"*, visa realizar uma etnografia a partir dos dados primários levantados nos trabalhos de campo durante o ritual de batismo das sementes, o *Nhemongaraí*, com enfoque no protagonismo feminino das mulheres guarani neste importante evento de continuidade do *Nhandereko*. É também abordado neste capítulo da tese a relação das mulheres guarani com as sementes tradicionais, de forma especial com as sementes de *avaxi ete* (milho verdadeiro).

No Capítulo 5, "Mulheres guarani, suas plantas companheiras e seus quintais: as guardiãs da floresta e de *Nhandecy*", realizo um relato etnográfico de minha pesquisa de campo voltado à relação das mulheres guarani com seus quintais, com suas plantas medicinais e companheiras, bem como com a Floresta Atlântica dos *tekoás* (aldeias) em que vivem. Em decorrência do período da pandemia de COVID-19, período de realização desta pesquisa de doutorado, são também abordados os cuidados de saúde das mulheres guarani com seus corpos, territórios e comunidade, com ênfase nos remédios do mato (*Mõa Regua*) que fazem parte da tradição guarani.

Por fim, no Capítulo 6, intitulado "A 'rebeldia' das Kunhangue para a cura da terra e do bioma Mata Atlântica", buscou apresentar e relatar inciativas importantes lideradas pelas mulheres guarani (*kunhangue*) da Terra Indígena Morro dos Cavalos (Palhoça-SC), relacionadas à retomada territorial do *Tekoa Yakã Porã*, restauração ecológica, reflorestamento e cultivo da biodiversidade no bioma Mata Atlântica. O projeto "*Ka'aguy Mirim*", voltado ao reflorestamento e restauração ecológica da TI Morro dos Cavalos, e o projeto "*Avaxi Ete*", de salvaguarda das sementes tradicionais pelas mulheres guarani, são também abordados a partir das narrativas de campo. Evidenciou-se, neste último capítulo, a importância e o protagonismo das mulheres guarani na garantia da soberania e segurança alimentar de seus *Tekoas*, bem como

para a continuidade da tradição guarani, o *Nhandereko*. De forma especial, foi também abordada a contribuição das mulheres guarani para o enfrentamento à crise climática.

2 MULHERES INDÍGENAS E A PROTEÇÃO DA BIODIVERSIDADE: SOBRE (R)EXISTÊNCIAS HISTÓRICAS DE SEUS CORPOS-TERRITÓRIOS

Os crescentes desmatamentos das florestas, explorações minerárias, contaminações das águas e do ar, implantação de projetos hidrelétricos, modificações genéticas das sementes, mudanças climáticas, entre outras formas de exploração e desequilíbrios de tudo que constitui o que chamamos de ambiente natural, têm impactado diretamente nos modos de vidas dos povos indígenas e tradicionais que há milhares de anos vêm resistindo aos avanços e violências da colonização sobre seus territórios, seus corpos e seus modos de vida.

Somado à essa resistência histórica que realizam pela sobrevivência em seus territórios tradicionais desde o início da colonização/invasão européia no continente até os dias atuais, estes povos originários têm sido os principais responsáveis pela proteção da biodiversidade existente e pela formação de paisagens nas diversas regiões do planeta. Pesquisas recentes demonstraram que 370 milhões de pessoas indígenas no planeta, que representam 5% da população mundial, protegem aproximadamente 80% da biodiversidade global, evidenciando a contribuição fundamental dos povos indígenas para o equilíbrio da vida na Terra (Garnett; Burgess; Fa, 2018).

Diversas pesquisas etnográficas[26] têm demonstrado o quanto as mulheres indígenas são as principais detentoras de conhecimentos especializados e técnicas relacionados à agricultura, à domesticação das plantas cultivadas e não cultivadas - sobretudo no que se refere ao cultivo e uso das plantas medicinais -, à salvaguarda e circulação das sementes tradicionais, aos cuidados com a alimentação e fertilidade da terra, entre outras práticas específicas voltadas ao gestar dos territórios, sendo também responsáveis pela transmissão desses saberes e fazeres às novas gerações. De acordo com Shiva (1999):

> En la mayoría de las culturas, las mujeres han sido las guardianas de la biodiversidad. Ellas producen, reproducen, consumen y conservan la biodiversidad en la práctica de la agricultura. Sin embargo, al igual que todos los demás aspectos de su trabajo y de su saber, la contribución de las mujeres al desarrollo y la conservación de la biodiversidad se ha presentado como un no-trabajo y un no-conocimiento. Su trabajo y sus conocimientos expertos se han definido

[26] A exemplo dos estudos de Belaunde (2001); De Oliveira (2012); Morim de Lima (2017); Fernández (2019), entre outras.

> como parte de la naturaleza, a pesar de que están basados en prácticas culturales y científicas complejas (Shiva, 1999, p. 94-95).

De forma especial, as mulheres indígenas têm desempenhado um protagonismo fundamental como guardiãs de conhecimentos ecológicos e saberes tradicionais relacionados à proteção da biodiversidade em seus territórios. As práticas de cuidado que realizam cotidianamente para o equilíbrio e a manutenção da vida de seus núcleos familiares e comunidades envolvem relações profundas e complexas, baseadas, em sua maioria, em vínculos de reciprocidade e socialidade que estabelecem com o ambiente compreendido ocidentalmente como “natural”, bem como com as espécies e demais existências que compõem e coabitam seus territórios, contribuindo significativamente, também, para o cultivo e manejo da agrobiodiversidade.

Entende-se, aqui, a agrobiodiversidade[27] a partir da noção de Santilli (2009), que a define como:

> [...] uma parte importante da biodiversidade e engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola: os espaços cultivados ou utilizados para a criação de animais domésticos, as espécies direta ou indiretamente manejadas, como as cultivadas e seus parentes silvestres, as ervas daninhas, os parasitas, as pestes, os polinizadores, os predadores, os simbiontes, e a diversidade genética a eles associada (...) As práticas de manejo, cultivo e seleção de espécies, desenvolvidas pelos agricultores ao longo dos últimos 10.000 a 12.000 anos, foram responsáveis, em grande parte, pela enorme diversidade de plantas cultivadas e de agroecossistemas e, portanto, não se pode tratar a agrobiodiversidade dissociada dos contextos, processos e práticas culturais e socioeconômicas que a determinam e a condicionam. (Santilli, 2009, p. 67-69)

Estudos desenvolvidos na perspectiva da Ecologia Histórica têm revelado os processos histórico-culturais que envolvem a conservação e domesticação das plantas e a formação de paisagens pelos povos indígenas desde o período pré-colonial até os ciclos de colonização pela sociedade ocidental. Conforme estes estudos, que em sua maioria concentram-se na Amazônia e região andina (Clement, 1999; Heckenberger *et al.*, 2003; Balée; Erickson, 2006, entre outros), os povos

[27] O termo agrobiodiversidade foi elaborado pela primeira vez na Decisão V/5 da 5a. Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), realizada em Nairóbi, no ano 2000. Para maiores detalhes sobre esta Convenção e questões conceituais e jurídicas relacionadas à agrobiodiversidade, veja-se Machado e Santilli (2008).

indígenas não só têm protegido a biodiversidade como também são responsáveis pela formação histórico-cultural das paisagens e biomas.

Pesquisas interdisciplinares desenvolvidas há algumas décadas na Amazônia têm demonstrado o processo refinado de domesticação das plantas e/ou familiarização (Fausto; Neves, 2018) entre humanos-plantas-animais, evidenciando as estratégias acumuladas de manejo e experimentações desenvolvidas por estes povos ao longo de milhares de anos e, por conseguinte, constatando que a Floresta Amazônica consiste no maior centro de experimentação e domesticação de plantas no mundo (Balée, 2008; Clement *et al.*, 2015; Teixeira; Kern *et al*., 2009)[28].

Nesse sentido, destaco a proposta analítica de Mendes dos Santos (2021) para pensar a transformação das plantas e o cultivo do corpo nos sistemas de produção alimentares indígenas. Ao evidenciar a complexidade da prática de coleta, cujo senso comum frequentemente concebe-a apenas como uma "[...] simples subtração de frutos sazonalmente disponíveis, uma prática incipiente e menos elaborada que o cultivo e a agricultura" (p. 147), o autor explicita o refinamento das técnicas e conhecimentos relacionados ao processamento de alimentos pelos povos indígenas amazônicos, contrapondo-se à lógica evolucionista e progressista da trajetória das sociedades humanas.

A problematização de noções já concebidas e colocadas em oposição pelo pensamento ocidental (como floresta x roça, coleta x agricultura, silvestre x doméstico, plantas exóticas x plantas nativas etc.), apontam para um caminho de pesquisa com mais pé no chão e disposto a uma contracolonização dos estudos voltados à compreensão dessas interações humano-plantas, que consiga considerar as noções, categorias e/ou teorias nativas sobre essas práticas, saberes e classificações próprias do espaço-tempo nas relações que estabelecem com seus territórios, paisagens e com os seres que convivem de múltiplas formas (vegetais, animais, minerais, donos dos lugares, encantados, entre outros). Assim, Mendes dos Santos (2021) considera: "Tudo leva a crer, no entanto, que os sistemas tradicionais indígenas operam com uma lógica de continuum entre a floresta e a roça" (p. 148).

[28] Dentre os estudos da ecologia histórica, faço referência, também, às contribuições teóricas de Descola (1988), Ingold (2000), Gow (1995), Posey (2008), Rival (1998), Cardoso (2010), Machado (2012), De Oliveira (2012), Mendes dos Santos (2016) e Shepard Jr. *et a*l. (2020) para o aprofundamento analítico acerca da relação dos povos indígenas e tradicionais com as plantas, roças e florestas em seus territórios.

No que se refere à "transformação das plantas e cultivo do corpo" pelas sociedades ameríndias aludidos pelo autor para abordar essa associação entre humanos e plantas/espécies vegetais, relaciono essa noção à origem do milho *avatchi/avathin/avaxi* (em português, "homem branco") em uma das histórias de origem guarani, o qual surgiu em um período da Terra, após o primeiro dilúvio, em que o povo Guarani atravessou um tempo de fome no qual *Karai*, um senhor sábio e albino, ia para mata rezar e cantar para sanar a fome de sua comunidade. Daniel Kuaray, professor guarani e conhecedor das plantas medicinais de seu povo, nos conta que:

> Um dia Karaí teve um sonho que precisaria rezar mais, então, com seu corpo fraco mas seu espírito forte ele falece. Toda a comunidade vai ver onde ele está, no meio da mata. Era uma mata que brotava da água, estava lá o seu corpo, então eles o enterram e depois de um tempo começa a sair uma planta estranha e que dá umas sementes, eles batizam de avatchin, o milho avatchi. Então o pegam e rezam, passando a fumaça no avatchi, pois lembrariam sempre daquele sacrifício. (apud Martins, 2020, p. 41)

Percebe-se, assim, que a concepção guarani de origem e existência do milho (como em relação à outras espécies vegetais e alimentos) está intimamente associada ao cultivo do corpo, sendo através do ato de alimentar-se dos *tembi´u ete´i* (alimentos verdadeiros) que se faz possível a produção de corpos saudáveis para tornar-se pessoa Guarani na Terra. Esta noção guarani nos convida, assim como outras teorias nativas, a ampliarmos nossos olhares e entendimentos acerca das noções de agricultura, de coleta, de cultivo/manejo, de domesticação e familiarização nestas complexas interações entre humanos, plantas, florestas e seres outros que humanos.

De forma especial, no que tange à ciência, aos modos de conhecimento, práticas e circulação de saberes das mulheres guarani (*kunhangue arandu*) relacionados às *mae'ty régua* (roças, plantações) e ao cultivo e manejo das plantas em seus territórios, vejo importantes correlações entre as plantas e as concepções, práticas e rituais femininos de produção de corpos saudáveis, corpos que comungam a existência da vida com outros corpos vegetais com origem humana, transformando-se e perpetuando-se mutuamente. Assim como os dados arqueológicos e etnográficos na Amazônia apontam para a dificuldade de determinar o que é doméstico e o que não é nos cultivos e manejo das plantas nesta região (Neves; Fausto, 2018, p. 1064), percebo similaridades nos contextos em que pude observar e dialogar com as

mulheres Guarani acerca de seus cultivos e manejos nos *Tekoas* na Mata Atlântica, sobretudo pela tradição guarani em realizar mobilidades ao longo do território *Yvyrupa* e utilizarem as plantas como importantes aliadas na indicação de caminhos, aldeias e roças.

Ao refletir sobre as práticas de cultivo e manejo das espécies vegetais e formação de florestas pelo povo guarani no território tradicional *Yvyrupa* à luz desses estudos, é possível também constatar que seus conhecimentos, técnicas, estratégias e experiências têm sido acumulados há milhares de anos e transmitidos há gerações até os dias atuais. De forma especial, no que se refere à contribuição do povo guarani para a formação histórico-cultural do bioma Mata Atlântica, paisagem que constitui grande parte do território tradicional *Yvyrupa*, nota-se o quanto esta população é responsável por parte considerável da composição de sua vegetação florestal e, consequentemente, de toda biodiversidade que ainda encontra-se preservada em seus *Tekoas* e em locais por onde caminhavam e caminham em seu extenso território.

Segundo Noelli *et al.* (2019): "Os *tekohás* eram entrecortados e conectados por trilhas que somariam centenas de quilômetros de caminhos na mata" (p. 21). No estudo etnoarqueológico acerca da Ecologia Histórica Guarani, Noelli *et al.* (2016) constataram que o sistema de manejo agroflorestal de policultura dos Guarani tem sido intensamente praticado por esta população desde o período pré-colonial, evidenciando a forte interação entre os Guarani e a Mata Atlântica há mais de cinco séculos[29]. Estes autores identificaram que:

> [...] o litoral atlântico era uma das áreas de domínio Guarani na Região Sul do Brasil e partes de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraguai, Argentina e Uruguai, onde foram registrados mais de quatro mil sítios arqueológicos (BROCHADO, 1984; NOELLI, 2004; CORRÊA, 2014). Neste domínio existiu: 1) vasta rede de aldeias autônomas, eventualmente agrupadas em unidades políticas sob uma liderança político-religiosa; 2) as aldeias compartilhavam um modelo cultural e econômico de origem amazônica que estruturava todos seus saberes, transmitidos/reproduzidos a cada geração; 3) as aldeias sempre estavam no interior da mata ou onde havia extrato arbóreo suficiente para abrigar as residências, diversas áreas de atividade e roças no sistema de derrubada e queima. (p. 199).

[29] Os resultados preliminares deste estudo, cujo levantamento baseou-se em fontes históricas e etnográficas ao identificar as plantas utilizadas pelo povo Guarani na Mata Atlântica, registrou até o momento 639 espécies botânicas de 109 famílias, indicando seus usos alimentares, medicinais e como matéria-prima (Noelli *et al*., 2016). Importante, também, destacar as considerações da pesquisa de Bertho (2005), que em sua tese demonstra a grande contribuição dos *Mbya* Guarani para a conservação da Mata Atlântica situada no Parque da Serra do Tabuleiro (SC).

Entretanto, percebe-se nestas pesquisas uma ausência e/ou menção mínima à especificidade de gênero para a compreensão destes processos histórico-culturais de formação das paisagens, proteção da biodiversidade, domesticação e cultivo de plantas em seus territórios tradicionais. Timidamente citados nos estudos da perspectiva da ecologia histórica[30], os conhecimentos e contribuição das mulheres indígenas relacionados ao cultivo e manejo da agrobiodiversidade e à formação e manejo das paisagens em seus territórios ainda permanecem dentro de um pensamento que situa e restringe o lugar de atuação das mulheres ao domínio doméstico, ao passo que aos homens lhes são atribuídas as atividades do “mundo exterior”, numa lógica que reforça, sem problematizações, a noção de complementaridade na divisão sexual do trabalho - tão rebatida em estudos da antropologia, a exemplo de Rosaldo e Lamphere (1974) e Ortner (1979). Os diálogos e articulações teóricas entre a etnologia indígena e os estudos de gênero – tais como realizados por Strathern (1988), Hugh-Jones (1979), Ortner (1996), Lasmar (1999), Belaunde (2005), Rebelo (2015), entre outras pesquisadoras – são norteadores para compreender como e quais são as questões de gênero específicas das mulheres indígenas nos contextos etnográficos evidenciados nesta literatura podem subsidiar possíveis reflexões e olhares sobre os modos de fazer, saber e poder das mulheres Guarani relacionados ao tema desta tese.

Nesta direção, cabe destacar que o reconhecimento do protagonismo e agência das mulheres indígenas no manejo e domesticação das plantas cultivadas e não cultivadas, transmitidos por elas ao longo de gerações em seus territórios, tem sido realizado em etnografias contemporâneas como as de Morim de Lima (2016) e Maizza (2014), assim como nos estudos da arqueologia na perspectiva crítica feminista de Hastorf (1991), que constatou a contribuição decisiva das mulheres na política de produção de variedade e domesticação das plantas cultivadas do Lago

[30] Como exemplo, cito o recente estudo de Neves e Fausto (2018) que, ao proporem o conceito de "familiarização" e a noção de "predação familiarizante" para compreender o cultivo e manejo de plantas na Amazônia desde o período pré-colonial, citam pontualmente os estudos de De Oliveira (2006), que aborda a responsabilidade das mulheres Waiãpi nos cuidados dos cultivos enquanto donas dos jardins (-jarã), e de Morim de Lima (2016) acerca do domínio e relação específica de co-parentalidade das mulheres Khraô no cultivo de batata-doce. Embora os autores façam referência a estes exemplos baseados em etnografias que constatam o conhecimento e contribuição fundamentais das mulheres nesta familiarização entre humanos e plantas em seus territórios tradicionais, tais menções não possuem a intencionalidade de reconhecer a especificidade de gênero nestes processos e na proposta analítica que apresentam.

Titicaca (Bolívia) e litoral do Peru, e Hastorf (1998) que enfatizou a participação significativa das mulheres indígenas na América do Sul no processo de domesticação das plantas em diversos contextos.

Igualmente, considero importante mobilizar estas discussões teóricas e conceitos até aqui apresentados para a refletir sobre os modos específicos que as mulheres guarani e seus conhecimentos têm contribuído para a resistência e sobrevivência do povo guarani a partir dos processos históricos de domesticação das plantas, da organização e cuidados nos ciclos de cultivo das roças, bem como nos plantios e reflorestamentos das matas que elas têm realizado nos *Tekoas,* apesar dos avanços e invasões das cidades e sociedade não indígena sobre seus territórios tradicionais. Conforme ressaltam Antunes e Melo (2016, p. 154), as mulheres guarani:

> [...] comandam a parte social da comunidade, desde o passado são responsáveis pela agricultura, pelo plantio, por semear na terra, cuidar das plantas; são responsáveis ainda pela produção de alimento na comunidade. Possuíam o olhar da quantidade, da qualidade, sempre tiveram essa visão. Elas chegavam ao homem e falavam como eles deveriam fazer as coisas, onde a terra produzia melhor, tinham a função de dar as coordenadas e o homem executá-las.

Neste sentido, evidencia-se a relevância da produção etnológica que contemple as narrativas e memórias das mulheres guarani acerca dos processos históricos e políticos que envolvem a inter-relação entre humanos, plantas e paisagens/ambientes em seus territórios. Ao mobilizar, junto com as mulheres guarani, essas narrativas e memórias, faz-se possível apontar caminhos para um comprometimento analítico e descolonização do olhar das disciplinas de arqueologia e antropologia[31] no que se refere à especificidade e questões de gênero nos modos indígenas de saber e fazer relacionados à agricultura, à domesticação e cultivo das plantas, à proteção da (agro)biodiversidade e à formação de paisagens. Tendo em vista a diferenciação existente entre as noções de domesticação e de cultivo, ressaltam-se as definições de Emperaire (2005, p. 42) quando considera que:

> É importante diferenciar os termos domesticação e cultivo, muitas vezes utilizados como sinônimos. O cultivo refere-se ao conjunto das

[31] Neubauer e Schaefer (2017) chamam atenção para a necessidade de "[...] *to make progress towards the scientific decolonization of the disciplines of archaeology and anthropology, in terms of their political practice and engagement (e.g., see volume organized by SACCHI & GRAMKOW, 2012). By calling upon the theoretical traditions of feminist and other critical theories, archaeologists can potentially include the viewpoints of the 'silent other', 'Those of Little Note', as they have been relegated in the historical literature*" (p. 157).

> práticas agrícolas que fazem com que uma dada planta vá se desenvolver em condições determinadas pelo agricultor. Insere-se, portanto, num espaço e num tempo relativamente limitados. A domesticação, por sua vez, refere-se a um processo evolutivo que se dá numa escala de tempo longa e que acarreta diferenciação genética do ancestral silvestre em função de pressões seletivas tanto humanas quanto ambientais.

Ao olhar para estes saberes e fazeres, especificamente no que se refere às de cultivo, esta pesquisa toma como ponto de partida a concepção crítica de Carneiro da Cunha (2009) e Saéz (2003) acerca da hegemônica polarização e suposta oposição entre "Ciência" *versus* "conhecimento tradicional"[32]. Carneiro da Cunha (2014) convida-nos a compreender a pluralidade de conhecimentos tradicionais como "[...] conjuntos duradouros de formas particulares de gerar conhecimento" (p. 365). Assim como o sistema agrícola do Rio Negro foi reconhecido, no ano de 2010, como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo IPHAN[33] (Emperaire, 2010, p. 19), considera-se, também, de suma importância o reconhecimento do sistema agrícola Guarani, bem como de outros povos indígenas e tradicionais, como conjuntos de sofisticados conhecimentos, baseados em vivências e experimentações acumuladas por milhares de anos, sobre manejo de espaços de cultivo, de alimentação, técnicas de processamento e armazenamento dos alimentos e redes de trocas de sementes e plantas entre aldeias do território *Yvyrupa*. Segundo Morim de Lima *et al.* (2018),

> Conhecimentos esses que emergem da experiência e do engajamento com uma série de organismos com os quais se compartilha um espaço comum de existência. Nestes contextos, os humanos não são os únicos responsáveis pela construção das paisagens, das plantações vigorosas, de castanhais produtivos, de mandiocas e milhos belos e saborosos, mas são um entre outros agentes de uma densa rede de relações cosmopolíticas (STENGERS, 2005) que inclui animais, plantas, componentes abióticos (solo, água, relevo…), espíritos, donos-mestres, bem como mães e avós de espécies cultivadas. (Morim de Lima *et al*., 2018, p. 25)

Ao analisar os modos de transmissão dos conhecimentos em muitas sociedades indígenas, Carneiro da Cunha (2014) chama a atenção para o "mal-

[32] Cabe lembrar que essa discussão tem sido abordada desde o início da história da antropologia, a exemplo de Evans-Pritchard (2005) e Lévi-Strauss (1962) que evidenciaram em suas etnografias a complexidade conceitual e consistência lógica dos conhecimentos tradicionais dos povos nativos.

[33] Para maiores informações acerca deste processo de reconhecimento do sistema agrícola do Rio Negro pelo IPHAN, veja-se: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/75 . Acesso em: 22 jan 2021.

entendido" ocidental que tende a separar os conhecimentos e seus "detentores". A partir da compreensão de que "o conhecimento reside no corpo", a autora nos auxilia a pensar o quanto os conhecimentos indígenas são fundamentados na experiência corporal e nas percepções captadas pelos sentidos, envolvendo, sobretudo, um laço entre as pessoas, "[...] seja pacífico de mestre à discípulo, de pai para filho, de espírito à pajé, mas também pelo roubo, pelo saque, pela sedução, pela guerra, de vencedor à vencido…" (Carneiro da Cunha, 2014, p. 15). Nesta direção, podemos compreender os conhecimentos específicos das mulheres guarani relacionados ao cultivo, manejo e uso das plantas e à proteção da biodiversidade no território *Yvyrupa* à luz de seu caráter corpóreo, na medida que há uma ligação intrínseca entre os saberes femininos (*kunhangue arandu*) e suas conhecedoras (principalmente as anciãs detentoras de sabedoria, chamadas de *xejariy*), assim como destes com o território.

Indo ao encontro dessa noção, a concepção teórica de Barth (2000) voltada ao entendimento das dinâmicas e formas de gerenciamento das tradições de conhecimento, a partir dos contextos pesquisados e de uma metodologia comparativa, apresenta-nos um enfoque analítico profícuo para compreender os modos de gestão e transmissão dos saberes e práticas das mulheres Guarani relacionados à agricultura, ao cultivo das plantas, à proteção da biodiversidade de *Yvyrupa* e aos rituais tradicionais, como o *Nhemongarai*[34], nos diferentes *Tekoas* em que esta pesquisa foi realizada.

A profunda correspondência entre o corpo e a terra/território tem sido cada vez mais enfatizada pelas mulheres indígenas em suas lutas pela demarcação e retomadas de seus territórios tradicionais, pela segurança e soberania alimentar e

[34] A pesquisadora guarani Mariza Oliveira, em seu TCC intitulado "*Ma' ety Reguá* - Agricultura e Sabedoria Guarani", explica que o *Nhemongarai* é um dos rituais mais importantes para o povo Mbya Guarani, o qual acontece todos os anos em todo território *Yvy rupa*. Esta cerimônia consiste no batismo das sementes e alimentos que foram colhidos, como o *avaxi ete* (milho verdadeiro), momento em que as crianças também são batizadas pelos Karai (liderança espiritual) e recebem seus nomes (Oliveira, 2020, p. 49).

nutricional de seus povos[35], pela proteção da biodiversidade[36], entre outras pautas importantes levantadas pelos movimentos das mulheres indígenas em diversas regiões do país e do mundo.

Em suas lutas pela garantia dos direitos constitucionais e originários de existir, as mulheres indígenas têm reforçado o quanto seus corpos são também seus territórios, à medida em que neles carregam suas ancestralidades, histórias, valores e modos plurais de ser. Deste modo, as mulheres indígenas têm realizado com seus próprios corpos um enfrentamento contra-hegemônico e cosmopolítico de (r)existências em defesa do bem viver de todas as formas de vida. A categoria corpo-território ou *territorio cuerpo* tem sido proposta pelas intelectuais indígenas e feministas comunitárias na América Latina para pensar as relações específicas de pertencimento e identificação das mulheres indígenas e seus corpos com seus territórios, tendo sempre como referência os conhecimento e as cosmovisões dos povos aos quais pertencem[37]. Sobre o conceito corpo-território, a antropóloga indígena Jozileia Kaingang (Schild, 2023) explica que:

---

[35] Durante o 1º Seminário de Mulheres Indígenas e Segurança Alimentar e Nutricional, realizado nos dias 12 e 13 de novembro de 2013, em Brasília (DF), mulheres indígenas de quarenta povos das diversas regiões do país elaboraram um documento intitulado “Carta das Mulheres Indígenas ao Estado Brasileiro”. Dentre as diversas questões, pautas e reivindicações emergenciais que compõem esta carta, as mulheres indígenas destacaram que: “A mulher indígena possui papel fundamental dentro do território, seja como educadora, como multiplicadora do saber milenar ou como mediadora dos conflitos de um povo, sobretudo as mulheres mais velhas. Somos nós que preservamos a medicina e a agricultura tradicionais. E também as que mais guardam, testam e multiplicam as sementes tradicionais. Diante disso, é fundamental desenvolver políticas que preservem e estimulem os saberes milenares, voltadas para o etnodesenvolvimento, e que fortaleçam a liderança das mulheres” (CONSEA, 2013, p. 90-91).

[36] As etnografias e relatos reunidos na recente publicação de Silva Santisteban (2019) expõe a problemática situação que as mulheres indígenas vêm enfrentando especificamente com os efeitos dos desmatamentos das florestas, das mudanças climáticas e invasão dos colonos não indígenas em seus territórios, deixando-as vulneráveis à uma série de violências que expõem a desigualdade de gênero, conforme o depoimento da liderança asháninka Kety Marcelo López: “*Las mujeres que venimos de las comunidades conocemos las problemáticas de nuestro territorio y comunidades. Cuando hay deforestación los ríos se secan, los animales ya no están cerca. Todo lo que crece en el bosque, los que nos alimenta, lo que nos cura, las yerbas tradicionales, hay que ir más lejos para conseguir. Las medicinas, las semillas para hacer las artesanías, hay que caminar más lejos y, a veces, ya no hay. También cuando deforestan los ojos de agua se secan y hay que buscar otros lugares. Es doble trabajo para las mujeres y, además, que el calor aumenta, porque ya no hay árboles. Eso es bastante preocupante para nosotras*” (Belaunde, 2019, p. 116).

[37] Revelam-se importantes, também, a reflexão acerca dos emergentes feminismos indígenas e ecofeminismo, os quais têm sido adotados pelos movimentos de mulheres indígenas na América Latina por evidenciar em seus discursos a inter-relação entre as mulheres indígenas e seus territórios. Destacam-se as produções de Gargallo Celentani (2014), Cabnal (2010), Rodríguez (1997), Shiva (2016), Mies e Shiva (2013), entre outras. Lorena Cabnal (2018), intelectual e feminista comunitária Xinca-Maya da Guatemala, chama-nos a atenção para um importante aspecto político que deve ser incorporado nas lutas e movimentos pela emancipação do que ela denomina "território-terra" e "território-corpo", lugares de denúncia das mulheres indígenas: “Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. Se você se indigna contra

> Quando pensamos no nosso corpo-território indígena, é necessária uma reflexão para além do que entendemos comumente sobre um corpo. Nós, indígenas mulheres, nascemos em um lugar que se constrói a partir de um ambiente, de um bioma. Então quando a gente fala de corpo-território, estamos falando que nós carregamos heranças ancestrais, que carregamos heranças espirituais nos nossos corpos e, além das heranças, carregamos a sabedoria coletiva dos nossos povos, das indígenas mulheres. Quando falamos de corpo-território, dizemos que, embora possamos estar em um outro lugar que não é mais o nosso território dito tradicional, nosso bioma ou as nossas aldeias, carregamos no nosso corpo a marca da coletividade dos nossos povos, a sabedoria das nossas anciãs, a nossa ancestralidade e espiritualidade. Quando nascemos já fazemos parte de um coletivo, nascemos numa comunidade e a partir dali que vamos nos formando. Com a sabedoria e o ensinamento dos mais velhos e das mais velhas e fortalecendo a aprendizagem com as crianças, que também ensinam. (Schild, 2023, p. 117)

Ao encontro dessa concepção, as mulheres indígenas do Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo (2017, p. 7) afirmam que:

> Pensamos el cuerpo como nuestro primer territorio y al territorio lo reconocemos en nuestros cuerpos: cuando se violentan los lugares que habitamos se afectan nuestros cuerpos, cuando se afectan nuestros cuerpos se violentan los lugares que habitamos.

Com o intuito de compreender os sentidos e experiências particulares das mulheres guarani nesta relação entre seus corpos e seus territórios, considerou-se extremamente relevante adotar esta noção de *corpo-território* como ponto de partida para apreender sua própria epistemologia acerca dessa interdependência entre corpo e território *Yvyrupa,* sobretudo quando queremos aprender como elas entendem e protegem a biodiversidade em seus territórios.

À medida que o povo guarani tem, historicamente, vivenciado severos esbulhos e reduções territoriais, conflitos fundiários e supressão das florestas desde a invasão europeia - influenciando diretamente o modo de ser guarani, o *Nhandereko*, e suas atividades tradicionais (entre elas, a agricultura) -, considera-se profícua a noção de

---

agrotóxicos, contra os transgênicos, contra a mineração etc. e não se indigna quando uma mulher é violentada, rompe-se a rede de construção de um novo mundo, rompe-se a rede da vida" (p. 27).

territorialização (Oliveira, 1999, 2010)[38] para analisar os modos de resistência das mulheres em seus territórios e *Tekoas*. Isto porque a noção de territorialização proposta por Oliveira (1999) nos auxilia a pensar sobre os conflitos interétnicos e as reorganizações social e territorial que o povo Guarani tem vivenciado diante de situações históricas como a colonização/invasão imigrante europeia, a expansão da frente agropecuária, a implantação de projetos de desenvolvimento e construção de rodovias em seus territórios, entre outras. Para analisar estes processos históricos de territorialização e conflitos intersocietários, Oliveira (1999, p. 55) define a noção de *territorialização* "[...] como um *processo de reorganização social* que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado".

As mulheres guarani são compreendidas aqui como sujeitos históricos fundamentais na tomada de decisões e concepção de estratégias para a sobrevivência física e manutenção do *Nhandereko* diante das dinâmicas sociais e territoriais[39] que têm atravessado, sobretudo no que se refere às ações de retomada de seus territórios tradicionais e mobilidades/caminhadas (*guatá*) que são, por vezes, lideradas por elas. Tendo em vista a existência de aspectos importantes que constituem a territorialidade guarani, como a mobilidade territorial e a noção de *Tekoa,* os conceitos de territorialidade e cosmografia propostos por Little (2001, 2004) revelam-se pertinentes, a priori, para refletir acerca dos modos específicos com que as mulheres Guarani vivenciam essa territorialidade, buscando compreender os vínculos afetivos, espirituais e cosmológicos que possuem com seus territórios[40].

---

[38] Revelam-se pertinentes as contribuições de Bertho (2005) sobre as dinâmicas sociais e reordenamentos territoriais que os Guarani vivenciaram desde a invasão européia até a sobreposição do Parque da Serra do Tabuleiro (SC) sobre seus *tekoas.*

[39] De acordo com Ladeira e Matta (2004, p. 4): "Falar do meio ambiente das Terras Indígenas Guarani é falar da crítica situação fundiária que as envolve. Para o povo indígena Guarani a escassez de terras e os inumeráveis conflitos fundiários que vivem suas comunidades são os dilemas mais proeminentes na conservação de seus ambientes".

[40] Little (2004) define o conceito de territorialidade como "[o] esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu 'território' ou homeland (...) Para analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trate do contexto específico em que surgiu e dos contextos em que foi defendido e/ou reafirmado" (p. 253 - 254). De forma especial, o conceito de cosmografia é definido por Little (2001) como o conjunto de conhecimentos, pautado na experiência coletiva, relações simbólicas e afetivas, que um grupo étnico ou uma coletividade desenvolve para se estabelecer e se manter em seu território.

Em resposta à relação intrínseca entre o crescente fenômeno do ecocídio e os processos de genocídio e etnocídio que vêm sofrendo os povos indígenas, frutos da colonialidade do poder (Quijano, 2009) dos Estados Nacionais e do domínio do capitalismo global, mulheres indígenas de diversos povos e etnias tem assumido o protagonismo nesta disputa cosmopolítica e contracolonial frente ao modelo de desenvolvimento econômico capitalista predatório, que gera práticas homogeneizantes de *plantation*, subalternizam povos, transformam a natureza em mercadoria e a explora como "recursos naturais", à medida que:

> A concepção das plantas, e mais amplamente da “natureza” como “recurso” a ser explorado ou protegido, está profundamente ligado à catástrofe ecológica promovida pelas atividades humanas baseadas no modo de vida capitalista. [...] Deparamo-nos com uma diversidade de práticas e conhecimentos enraizados nos territórios, inseparáveis de cosmologias e modos de vida, que encarnam e se entrelaçam com histórias e trajetórias de vida particulares. Em circulação ao longo de gerações, tais saberes não são estáticos – estão em constante experimentação, transformação e invenção. (Oliveira *et al.*, 2020, p. 13-14).

Destaco, aqui, a noção de contracolonialismo, proposta pelo pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), como semente acolhida nesta tese enquanto perspectiva teórica e estratégia de enfraquecimento do colonialismo e suas práticas de dominação e exploração da diversidade da vida. Segundo o autor:

> Os indígenas viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonialismo. O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo [...] Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio. (Bispo dos Santos, 2023, p. 36-37).

A partir de suas cosmovisões e saberes ancestrais e deste paradigma do *envolvimento* em contraposição ao do “desenvolvimento”, as mulheres indígenas vêm semeando estratégias contracoloniais de enfrentamento às investidas locais e global do domínio colonial, capitalista e eurocristã cuja lógica estrutural está ancorada em

tentativas de homogeneização e esterilização da vida em seus corpos, em suas coletividades e em seus territórios.

Nas lutas pela demarcação e retomadas de seus territórios originários, pela segurança e soberania alimentar de seus povos, pelo equilíbrio climático e proteção dos sistemas biodiversos, as mulheres indígenas têm demonstrado de forma autônoma a interdependência e correspondência entre seus corpos, suas espiritualidades e seus territórios como uma proposta contra-hegemônica e cosmopolítica de resistência em defesa do *bem viver*, do *teko porã*, de todas as formas de vida.

Importante lembrar que, muito longe ainda de ser compreendida pela epistemologia ocidental, as noções plurais de *Bem Viver*, *Buen Vivir*, *Vivir Bien*, *Sumak Kawsay* (em kíchwa), *Suma Qamaña* (em aymara), *Nhandereko* ou *Teko Porã* (em guarani), entre outros conceitos originários, pertencentes às cosmovisões e epistemologias da grande sociodiversidade de povos indígenas ao redor do mundo para expressar seus sistemas de vida, consistem em (r)existências ancestrais de autogoverno e de matriz comunitária - inclusiva e harmônica - entre todos os seres que compõem a natureza. São concepções de vida que têm como base pensamentos e sentidos originários cujos saberes e relações estão pautados em princípios coletivos e espirituais de pluralidade, diversidade, equilíbrio, complementaridade e reciprocidade (Acosta, 2016). Ao demonstrarem que o bem viver não é possível sem a igualdade e equidade de gênero, considerando a multiplicidade desta noção de gênero para os povos originários, as mulheres indígenas nos sinalizam para a relação intrínseca entre o bem viver e o que Ulloa (2016) denomina de "feminismos territoriales", à medida que:

> [...] comparten anhelos importantes como la descolonización del conocimiento así como el énfasis en los afectos y el sentir como formas propias para ir más allá del materialismo, forma dominante de la ontología moderna. En efecto, los afectos y el sentir hacen parte de las epistemologías del Sur, y conforman un intento por crear formas de conocimiento más allá del pensar y de los dogmas sustanciales a las filosofías occidentales. (Zaragozin, 2017, p. 18)

Desse modo, a defesa de seus territórios e de seus corpos está ancorada em uma outra base conceitual e (cosmo)visão que não separa e/ou hierarquiza o ser humano numa condição superior de existência tal como presente na noção ocidental e antropocêntrica de natureza mas, sim, que compreende a vida como uma dimensão

sagrada de relações e conexões entre todos os seres viventes e agentes (incluindo montanhas, rios, lagos, árvores, entre muitos outros seres).

Portanto, para o entendimento dos modos de saber e fazer específicos das mulheres Guarani relacionados ao manejo das roças tradicionais, aos cuidados e cultivo das plantas e sementes, à proteção da biodiversidade no bioma Mata Atlântica, bem como ao que se refere à salvaguarda e circulação de plantas e sementes, a noção guarani relacionada ao bioma Mata Atlântica, denominada tradicionalmente por alguns anciãos como *Nhe'ery*, consistiu num ponto de partida e reflexão epistêmica importante para guiar minha percepção durante esta pesquisa. Segundo Carlos Papá, uma das lideranças espirituais do povo Guarani, morador da Aldeia Rio Silveira (SP):

> Nós sabemos que NHE'ERY não é a Mata Atlântica em si. Mas como nossos anciãos falavam, NHE'ERY é onde os espíritos se banham. Por isso, nós devemos respeitá-la e sempre estar em diálogo com ela. E com isso, NHE'ERY pode nos mostrar como viver melhor, trazer uma luz no caminhar em direção ao Bem Viver (Teko Porã) (Carlos Papá Mirim Poty *apud* NHE'ERY, 2022)

3 MULHERES GUARANI E SEU PROTAGONISMO NA AGRICULTURA (*MA´ETY REGUA*), NO CULTIVO DAS PLANTAS (*MÕA REGUA*) E NO CUIDADO DA FLORESTA (*KA´AGÜY ETE)* EM SEUS TERRITÓRIOS

Pertencente ao tronco linguístico Tupi e à família Tupi-Guarani, a população guarani é composta por, aproximadamente, 280.000 pessoas, distribuídas desde o litoral do Atlântico até a região pré-andina (EMGC, 2016, p. 6). Constitui-se por alguns principais grupos étnicos, sendo eles: Chiriguanos ou Chahuancos (Bolívia e Argentina); Kaiowá (Brasil) ou Pãi-Tavyterã (Paraguai); Mbya (Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai); Avá Guarani ou Xiripá (Brasil, Argentina e Paraguai); Guarani Ñandeva ou Tapieté (Bolívia, Argentina e Paraguai); Aché e Guajaki (Paraguai); Isoseño (Bolívia e Argentina); Gwarayú, Sirionó, Mbía, Guarasug'we e Yuki (Bolívia) (EMGC, 2016, p. 10; Brighenti, 2012; Moreira, 2015).

A partir do século XVII, estudos etnográficos e linguísticos, como os de Montoya (1876 [1639]), Nimuendaju (1954) e Schaden (1974), identificaram no território brasileiro a presença de três grandes grupos e parcialidades Guarani - os *Mbya*, os *Kaiowa* e os *Nhandeva/Xiripá* -, cujas variações remontam desde o período pré-colonial até o colonial. Segundo Darella (2004, p. 1):

> A diversidade está baseada em aspectos como língua, mitologia, cosmologia, organização social e política, vivência territorial, normas e comportamentos, conhecimentos, interpretações, práticas xamanísticas, relações inter-grupais e inter-societárias.

Os dados do censo demográfico realizado no Brasil em 2010[41] apontam que o povo Guarani é uma das maiores populações indígenas do país, com 67.523 indivíduos distribuídos nas regiões Sul (nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), Sudeste (nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo) e Centro-Oeste (no estado de Mato Grosso do Sul). No território Guarani ao longo do

[41] Embora já tenha sido realizado e publicado o Censo Demográfico de 2022, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ainda não foram sistematizados os dados específicos relacionados aos povos e etnias até este momento. O relatório com os primeiros resultados do Censo Indígena de 2022 identificou que a população indígena atual é de 1.693.535 pessoas, correspondendo a 0,83% da população total. Este e demais dados do relatório do Censo Indígena 2022 podem ser acessados em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102018 Acesso em: 26 jul. 2024.

litoral brasileiro vivem, principalmente, os Mbya e os Nhandeva/Xiripá (Darella, 2001; Ladeira; Matta, 2004, p. 6).

De modo específico, os *Mbya* ocupam a maior extensão territorial dentre os três grupos (Felipim, 2004, p. 304), vivendo em aldeias e terras indígenas situadas no interior e litoral do bioma Mata Atlântica na região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e na região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo). Por vezes, devido aos esbulhos territoriais promovidos pelos não indígenas e imposições de uma base territorial fixa a que foram submetidos pelas políticas indigenistas do SPI e FUNAI, compartilham terras com outros povos indígenas, como os Kaingang, Laklãnõ/Xokleng e Karajá. Há mais de cem anos, famílias *Mbya* vivem também nos estados do Pará (municípios de Jacundá e Itupiranga), do Tocantins (Xambioá) e na região Centro Oeste (Ladeira; Matta, 2004, p. 6).

Figura 6 - Mapa do território Guarani Yvyrupa com identificação das Terras e aldeias Indígenas habitadas atualmente e das antigas áreas de uso ou esbulhadas.



Fonte: Mapa Guarani Digital (2020)[42].

[42] Disponível em: https://guarani.map.as/#!/ . Acesso em: 20 jan de 2020. Numeração das TIs própria do sistema classificatório da plataforma.

A ampla literatura etnológica Guarani traz, em sua maioria, aspectos relacionados à mobilidade tradicional do povo Guarani pelo complexo territorial denominado pelos *Mbya* como *Ore Yvy Rupa* ("nossa terra estendida")[43]. Para os *Mbya*, *Yvyrupa*[44] consiste na morada terrena onde se realiza e se atualiza continuamente a noção cosmológica do Ser *Mbya* a partir do movimento que denominam como *Guatá*/*Oguatá porã* (belo caminhar, caminhada sagrada). Essa caminhada histórica e ancestral que realizam pelo território Yvy*rupa*, motivada pelas profundas inter-relações entre parentalidade, cosmovisão e espiritualidade, reafirma a identidade dos *Mbya*, a qual é ancorada no *Nhandereko* ("nosso sistema de vida"), ensinado desde o início da criação do mundo por *Nhanderu Tenonde* ("nosso Pai Primeiro"). Darella (2004) define *Yvy rupa* como: "Território aberto que substantiva o movimento guarani e é por ele substantivado". Nesse sentido, o *xeramõi* (ancião, sábio) João Silva, do Tekoa Xapukai/Brakui (RJ), relata a partir de sua memória que:

> Nossos avós antigos, nossos parentes antigos, não viviam como agora. Naquela época, era tudo mato. Desde o começo eles já começaram a caminhar. Mas não era como agora. Nossos avôs antigos rezavam muito e, então, Nhanderu já mostrava o caminho para o filho. Dizia: "agora vai". Kuaray, no nascer do Sol, sempre iluminava para ele. Várias pessoas, antigamente, vieram, mas não era pra ficar por aqui. Vieram para atravessar, atravessar o mar, chegar em Yvy Marã e'y. Sempre vinham. Muitos. Vinham, vinham, vinham. Mas, depois que começaram as cidades e os países - Paraguai, Argentina, Brasil -, aí já não conseguiam mais, pois já não era mais como antigamente. As cidades com suas cercas impediam a caminhada deles. (CTI, 2014, p. 46)

Após a invasão europeia no Brasil, no século XV, a territorialidade do povo guarani, assim como a de outros povos indígenas, passou a ser gradativamente comprometida diante da célere expansão das frentes pioneiras da sociedade ibero-americana, sobretudo as portuguesas e espanholas. Os territórios hoje definidos geograficamente como São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tornaram-se espaços de incursões dos colonizadores europeus, que escravizaram e dispersaram grande quantidade de famílias e grupos indígenas que tradicionalmente ocupavam essas regiões (Silva, 2016, p. 177). Desde os primeiros contatos com os colonizadores, os grupos e núcleos familiares Guarani têm sofrido intensos esbulhos

[43] Veja-se Meliá (2008), Ladeira (2001), Darella (2004), Litaiff (1996), Brighenti (2004), Ladeira e Tupã (2004), Mello (2001), Pissolato (2007), Ciccarone (2001; 2004), entre outros autores(as).

[44] Salles, Pierri, Castilla e Ladeira (2015, p. 5) elucidam que *Yvy rupa* "[...] designa o mundo terrestre habitado, e é o termo que melhor expressa a noção guarani de território. Numa tradução literal, pode ser entendido como suporte ou plataforma terrestre: *Yvy* (Terra) *rupa* (leito, esteio, base)".

de seus territórios tradicionais e violências das mais diversas por parte da sociedade não indígena e do Estado, a exemplo dos trabalhos compulsórios e escravo aos quais foram e ainda são submetidos, assassinatos, epidemias, expansão da frente agropecuária, entre outras ações que se configuram como genocídio e etnocídio desta população[45].

Diante os intensos processos de territorialização (Oliveira, 1999) aos quais foram submetidos e que se sucederam desde o período colonial, sobretudo a partir dos tempos das Reduções Jesuíticas e bandeirantes, os guarani vêm criando estratégias de resistência e sobrevivência face às situações de violência que têm sofrido nos ciclos da colonização até os dias atuais – seja através de esbulhos e grilagens de suas terras, seja por meio de projetos de desenvolvimento fomentados pelo Estado e iniciativas privadas em seus territórios. Entre as estratégias históricas de resistência do povo Guarani, estão, principalmente, a prática da agricultura e a salvaguarda das sementes tradicionais, visto que:

> Arrasados por epidemias, continuamente expulsos de suas áreas, pequenos grupos guarani seguiam levando consigo suas sementes tradicionais em busca de refúgios em zonas menos devastadas de seu vasto território tradicional, as terras úmidas ao longo da porção meridional da Mata Atlântica. (Keese dos Santos; Oliveira, 2020, p. 16)

A prática da agricultura e salvaguarda das sementes tradicionais, principalmente do *avaxi ete´i* (milho verdadeiro), para o povo guarani possuem importância central para a experiência e vivência do *nhandereko*, pois é a partir do cultivo e do ato de alimentar-se dos *tembi´u ete´i* (alimentos verdadeiros) que se faz possível a produção de corpos saudáveis para tornar-se pessoa guarani na Terra, cumprindo os preceitos cosmológicos e espirituais que foram repassados pelas narrativas míticas desde os tempos primordiais pelas divindades. Os alimentos verdadeiros nutrem, para os guarani, não somente o corpo, mas também o espírito, sendo que os ciclos dos cultivos consistem na própria experiência de vivenciar os ensinamentos dos antigos e o tempo da vida, que é ao mesmo tempo terreno e espiritual. Segundo as palavras dos anciãos do *Tekoa Marangatu* (Imaruí-SC), registradas pelos professores Guarani no projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE), em Santa Catarina:

---

[45] Veja-se Brighenti (2010).

> É da agricultura que vem o sustento para toda a vida terrestre e espiritual, a qual se encontra ligada ao tempo e os ciclos de todos os seres vivos da Terra. Para saber como produzir o alimento precisamos, primeiramente, entender toda essa interligação do sistema Guarani. Devemos nos preparar para seguir regras, praticar os rituais e nos comportar como seres humanos Guarani. Só assim aprenderemos a importância dos significados de cada tempo, só então saberemos preparar a terra, manipular as sementes e plantar. (Darella *et al*., 2018, p.114)

Cadogan (1997 [1959]), Schaden (1974) e Chase-Sardi (1992) destacam que mesmo diante das dificuldades históricas que vem enfrentando desde o período colonial, os guarani seguem preservando os mesmos alimentos e plantas que cultivavam e prezavam seus ancestrais, a exemplo do *avaxi eteˊi* (milho verdadeiro) e da *jety* (batata-doce), ainda que em espaços territoriais cada vez mais reduzidos. Nesse sentido, a importante relação intrínseca entre a agricultura e o *nhandereko* se evidencia à medida que:

> O *nhandereko*, modo de viver guarani, constitui o conjunto de práticas e saberes que os Guarani guardam como um tesouro, assim como as sementes de seus cultivos. É por meio desses ensinamentos, protegidos e reproduzidos entre as gerações, que se encontra novamente a potência de sua agricultura que, tão resiliente quanto seu povo, insiste em continuar florescendo. Assim, é possível identificar em diversas expressões de seu modo de vida tradicional, elementos que demonstram o profundo enraizamento da prática do plantio na cultura guarani. (Keese dos Santos; Oliveira, 2020, p. 17)

Ao refletir sobre a especificidade dos vínculos das mulheres Guarani Mbya com seus territórios, principalmente na região Litorânea Atlântica[46], se faz possível perceber o protagonismo das mulheres na proteção e transmissão de saberes e fazeres relacionados à agricultura e ao cultivo das plantas. O manejo das roças, a conservação e distribuição das sementes de milho e outras espécies alimentares entre os *Tekoas*, o cultivo e uso medicinal das plantas, bem como outras atividades tradicionais ligadas à manutenção da vida que são praticadas especialmente pelas

[46] Segundo Freitas *et al.* (2006, p. 22): “Na etno-geografia Guarani, a região Litorânea Atlântica - *yvy rembe* - se destaca como espaço privilegiado à constituição dos tekoas (aldeias) assim como também o são as margens dos grandes rios da Bacia do Prata”.

mulheres, consistem num conjunto de conhecimentos fundamentais para a experiência e continuidade do *nhandereko*[47].

Schaden (1974), em sua obra de referência nos estudos etnohistóricos relacionados ao povo Guarani, relata que os Mbya consideram "[...] todo plantio tarefa de mulher, 'por ordem divina', admitindo a colaboração de homens somente no caso de haver poucas mulheres" (p. 57). Em outro momento deste estudo, afirma que: "A derrubada, a roçada, a preparação do terreno em geral cabem ao homem; o plantio, à mulher" (p. 76). Tal constatação confirma-se, também, na pesquisa etnográfica realizada por Ciccarone (2001, 2004) que, ao privilegiar a interlocução com a liderança espiritual e mulher guarani Tatati Yva Re ete, enfatiza que:

> A mulher veste os espaços», dizem os Mbya na metáfora da linguagem sagrada, para se referirem à renovação dos plantios; ela adorna a terra com flores, no tempo do amadurecimento dos frutos, confecciona os adornos sagrados com as sementes que ela cultiva. A relação entre a terra e a mulher atravessava fatos e feitos da xamã e da vida das outras mulheres que gerem o ciclo da fertilidade da terra e da sociedade, sua produção e reprodução material e simbólica. São elas as responsáveis pelo cuidado com o milho indígena, avati ete, o alimento principal dos Mbya, com seu plantio nas suas múltiplas combinações, com a colheita, com a troca das variedades, quando transitam entre aldeias. [...] A mulher produz e reproduz a sociedade e seu alimento, criando e nutrindo os seres vivos, as plantas e os homens, articula as diferenças na busca da união do corpo social, cuida da ordem social e da relação entre mundos. (Ciccarone, 2004, p. 91-92)

As dissertações de Rebelo (2015) e Oliveira (2011) evidenciam essa responsabilidade das mulheres Guarani Mbya nos trabalhos de plantio (plantas cultivadas e não-cultivadas), nos cuidados com a terra e sementes, sendo elas detentoras importantes de técnicas e conhecimentos especializados que garantem a alimentação[48] e saúde em seus núcleos familiares e *Tekoas*, bem como nas definições e modos de ocupação dos espaços em seus territórios.

Nos diálogos que realizei com a liderança Kerexu Yxapyry na pesquisa de campo a respeito da participação das mulheres guarani nos plantios e manejos das roças tradicionais, ela compartilhou que as mulheres são as principais responsáveis pela agricultura nas aldeias e por guardarem os conhecimentos relacionados à

[47] Vide Fotos do Anexo 2.

[48] Silveira (2011), em sua tese, evidencia a relação intrínseca entre as práticas alimentares e o xamanismo *mbya*, mostrando o quanto a alimentação guarani deve ser compreendida como um modo de conhecimento e comunicação.

organização e aos cuidados específicos nos ciclos do cultivo de cada alimento. De acordo com suas palavras, as mulheres guarani têm a função de planejar a vida de toda comunidade e das famílias, sendo atribuído aos homens o auxílio na execução e realização do que elas planejam. Essa afirmação vai ao encontro das palavras do *xeramõi* Alcindo Wherá Tupã, ancião de grande reconhecimento e liderança espiritual do povo Guarani, a respeito da importância de sua esposa, Dona Rosa Poty Djá, trazida no relato etnográfico de Oliveira (2011):

> Quem orienta a distribuição dos plantios nos terrenos é a *tchedjary"ĩ*, - "Meu agrônomo é a velha, a Rosa." - disse-nos certa vez o senhor Alcindo em um mutirão masculino para a limpeza da roça principal. De fato é a senhora Rosa a grande orientadora dos plantios, daquilo que será plantado em cada lugar, sendo que sua participação efetiva na roça se dá somente na época de plantio, o trabalho pesado é feito pelos homens, enquanto ao longo do processo ela articula particularmente com senhor Alcindo as atividades que devem ser realizadas em cada área, sendo ele quem as organiza junto aos demais. Aqui existe uma manifestação importante do *kunhangue arandu*, o conhecimento e a sabedoria das mulheres, que assim como na construção cosmológica e na prática cerimonial ocupa uma função que precisa ser destacada. (Oliveira, 2011, p. 190)

Entretanto, após um levantamento bibliográfico minucioso, foi possível identificar que ainda são poucos os estudos e pesquisas da literatura etnológica Guarani que contemplam e/ou privilegiam essa interlocução com/sobre as mulheres para a compreensão dos processos históricos, socioculturais e territoriais vivenciados pelo povo *mbya* guarani, a partir de uma perspectiva feminina de gênero[49]. A maioria destes trabalhos versam sobre as mulheres guarani do grupo étnico *Kaiowa*, no Mato Grosso do Sul, como a importante tese de Souza (2023), e/ou sobre temas como liderança política e espiritual, gestação e parto, existindo ainda poucas pesquisas etnográficas que abordem especificamente sobre os saberes e práticas tradicionais das mulheres *Mbya* e/ou *Xiripá* relacionadas à agricultura, ao cultivo e manejo das plantas, bem como ao reflorestamento e formação de paisagens no território *Yvyrupa*.

[49] Cabe destacar os poucos trabalhos acadêmicos sobre e/ou com interlocução junto às mulheres Guarani: as teses de Ciccarone (2001) e Montardo (2009); as dissertações de Menezes (2012), Souza (2013), Rebelo (2015), Lewkowicz (2016) e a dissertação da pesquisadora Guarani Kaiowa, Verón (2018); os TCCs de Moreira (2015a) e Castanhel (2016) e os artigos de Montardo (2008) e Brighenti (2011). Hirsch (2008), por sua vez, também aponta para a ausência de um corpo teórico que assuma uma problematização sistematizada sobre as questões de gênero nas populações indígenas na Argentina (p. 15).

Jesus (2015) aponta para a lacuna da produção etnológica Guarani no que se refere às questões de gênero e geracionais, evidenciando o quanto a etnologia ainda é um campo de estudos sobre sociedades indígenas “sem mulheres e sem crianças”. Para a autora,

> [...] a compreensão do universo feminino e das relações de gênero ainda é pouco privilegiada na etnologia guarani. É possível que tal desenho advenha principalmente de três aspectos principais: 1) Da ênfase dada ao campo religioso, tal como trabalhada por Ciccarone (2004); 2) Da dificuldade de diálogo com mulheres e crianças, especialmente por parte de pesquisadores homens; 3) Do escasso diálogo entre etnologia guarani e a área dos estudos de gênero. (Jesus, 2015, p. 32-33).

Apesar da importância histórica fundamental das mulheres Guarani nos plantios das roças e nas mobilidades e retomadas territoriais[50], essa lacuna se evidencia de forma expressiva nas produções acadêmicas e pesquisas que abordam especificamente sobre a agricultura Guarani e modos de usos e cultivo de plantas medicinais realizados nas aldeias. Predominantemente, a interlocução dos/as pesquisadores/as têm se realizado com os homens Guarani, não sendo ainda possível compreender como se dão os modos de saber, de fazer, de transmissão de conhecimentos e percepções das mulheres guarani a respeito das roças, cultivo de plantas e reflorestamento e, por conseguinte, se estes se diferenciam das experiências dos homens nestes trabalhos. Ressalto, como exemplo, a pesquisa de referência realizada por Felipim (2001) sobre o sistema agrícola *mbya* e os cultivares de milho na Ilha do Cardoso (SP), na qual a autora alega que, devido à sua dificuldade na fluência na língua Guarani, não conseguiu investigar a fundo “[o] real papel das mulheres na agricultura Guarani praticada na Ilha do Cardoso” à medida em que “estas pouco ou nada se comunicavam em português” (p. 28).

No estudo qualitativo recentemente publicado por Keese dos Santos e Oliveira (2020)[51], intitulado “Os agricultores Guarani e a atual produção agrícola na Terra

[50] A liderança feminina na mobilidade e retomada territoriais realizadas pelo povo Mbya Guarani pode ser observada, de forma especial, nos registros de Nimuendajú (1914) e, também, nas pesquisas etnográficas de de Mello (2006), que relata uma *oguatá* (caminhada) liderada pela *kunhã karaí* (xamã) Luíza da Silva, de Rebelo (2015), que relata a trajetória da liderança e cacica Arminda Ribeiro na fundação da Aldeia Conquista (*Jatay'ty* / TI Pindoty - SC) e Garlet (1997). Ladeira (2007, p. 116) afirma que: “Quase todas as aldeias do litoral foram fundadas tendo à frente uma mulher”.

[51] Elaborado por pesquisadores Guarani e técnicos do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e publicado no mês de dezembro de 2020, este estudo e mapeamento está disponível em: https://trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/2020/12/AgriculturaGuarani_14mb.pdf Acesso em: 21 jan 2021.

Indígena Tenondé Porã - município de São Paulo", demonstrou-se o envolvimento e protagonismo das mulheres guarani no plantio de seis das quatorze aldeias das Terras Indígenas *Jaraguá* e *Tendondé Porã*, o qual informou que no *Tekoa Tenondé Porã* 60% dos adultos que plantam são mulheres[52].

3.1 A ORIGEM DO MUNDO GUARANI E A HISTÓRIA DE *NHANDECY:* RAÍZES PROFUNDAS DO *KUNHANGUE TEKO*

Compreender o protagonismo das mulheres guarani na agricultura (*Ma´ety Regua*), no cultivo das plantas (*Mõa Regua*), salvaguarda das sementes e no cuidado da floresta (*Ka´agüy ete)* em seus territórios exige-nos um mergulho na história de origem do mundo guarani e na história de *Nhandecy Ete*, à medida que através dela compreende-se o modo de ser mulher guarani (*kunhangue teko*) e o aspecto feminino da pessoa guarani, com suas responsabilidades cosmológicas e relações com a floresta, com as sementes e com os plantios.

A história de *Nhanderu Ete* (nosso pai verdadeiro) e *Nhandecy Ete* (nossa mãe verdadeira), também denominada de *Ore Ypy Rã*, que narra o nascimento dos gêmeos Kuaray e Jacy e o princípio do mundo guarani, é a origem do *Teko/Nhandereko* guarani a partir da qual se estrutura toda tradição guarani. Geralmente, de forma especial, é contada durante os momentos de ensinamento na *Opy* pelos *karaí* (lideranças espirituais). Essa história é essencial para compreendermos o *kunhangue reko*, o modo de vida da mulher guarani, e as relações intrínsecas que possuem com seus territórios, com seus corpos, com seus ciclos, com os plantios e sementes à medida que, conforme ressalta Benites (2018):

> Dentro da organização social guarani há outras organizações específicas. Uma delas é a organização das mulheres seguindo os preceitos do *kunhangue reko*, o modo de vida da mulher guarani. As condições de vida guarani, o "bem viver", estão relacionadas a normas ou regras dadas pela história de *Nhandesy*. Na ordem social Guarani, o corpo é a relação com o outro e é fundamental para a construção da sabedoria. Por isso, as mulheres guarani devem ser consideradas

[52] Neste levantamento acerca da produção agrícola das 80 roças Guarani nessas TIs, que situam-se dentro do que é definido como município de São Paulo, foi identificada a existência expressiva de 190 variedades agrícolas cultivadas. Vide Keese Dos Santos e Oliveira (2020, p. 102, quadro 3).

> como diferentes em seu próprio contexto. Elas são protagonistas pela própria história de *Nhandesy*. No entanto, *Nhandesy*, muitas vezes, apenas é citada nas narrativas da caminhada dos Guarani de modo geral. (BENITES, 2028, p. 64).

Existem diversas versões da história de *Nhandecy*, cujas variações se diferenciam nos detalhes de quem narra, mas a essência e estrutura da história geralmente são as mesmas. Antunes (2020), em seu trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, cujo tema foi a história de criação do universo guarani, traz de forma detalhada essa origem através da narrativa de sua avó Irma de Souza, da Terra Indígena Morro dos Cavalos, em 2019:

"*No princípio não havia nada.*
Nem passado nem futuro, apenas escuridão eterna.
Nhanderu Papa Tenondé (nosso último pai primeiro) gerou seu próprio corpo, se criando sobre as trevas primitivas.
Com as solas dos pés divinas, saiu do apyka (lugar de descanso e transporte de Nhanderu Papa) e pisou no meio das trevas primitivas, onde começou a evolução.
Da coroa divina se destaca as flores do enfeite com penas. São gotas de orvalho.
No meio das flores do ornamento divino de pena, o pássaro primitivo, o Beija-Flor, voava tremulando, enquanto Nhanderu Papa criou, no curso da evolução, seu corpo divino, no meio dos ventos primitivos.
Antes de conceber sua morada terrestre, antes de conceber o firmamento dessa nossa terra, que depois ele fez.
Depois que Nhanderu Papa criou essa nossa Terra, ele criou Nhanderu e Nhandexy, os primeiros humanos a viver nessa Terra.
Eles habitaram para cuidar da Terra. Nhanderu e Nhandexy viveram aqui. Fizeram roças, plantaram muitas sementes e plantas diferentes.
Então Nhanderu vuxu resolver ir aonde seu pai (Nhanderu Papa) estava. Antes de ir, Nhanderu entregou a semente do milho para Nhandecy guardar. Então Nhandexy fala que estava grávida. Nhanderu fala que o filho que está na barriga o guiará até ele.
E como um raio subiu para o céu, onde seu pai estava.
Então ela descobriu que estava grávida de gêmeos, Kuaray e Jaxy.
Kuaray de dentro da barriga de sua mãe já falava com ela. Então pediu pra ela que queria ir aonde seu pai estava.
A mãe respondeu que não sabia aonde seu pai havia ido e Kuaray falou que guiaria ela pelo caminho certo. Então começaram a jornada para encontrar Nhanderu vuxu. No caminho encontraram uma encruzilhada. Então ela pergunta para o Kuaray qual é o caminho certo, e o Kuaray pede pra sua mãe pegar e guardar as flores lindas que via na estrada no cesto que ela levava. Seguiram andando e Kuaray pede de novo uma flor para ela. Quando ela foi tirar, uma vespa mamangava picou sua mão. Ela ficou brava e falou: "Vocês ainda nem nasceram e querem me dar ordem". Ela falou que não queria mais ouvi-los.

Eles continuaram sua jornada caminhando quando chegaram em uma encruzilhada novamente. Então a mãe perguntou a seu filho qual era o caminho certo. Kuaray não quis responder e ficou em silêncio. Então ela decidiu tomar sua própria decisão, escolheu um caminho e foi. Andou mais um pouco e chegou em uma casinha onde os Anha (O mal) moravam. Na casa tinha uma velhinha que era mãe dos demônios. A velha viu a mulher grávida e falou: "O que você veio fazer aqui? Sabe que somos demônios, meus filhos já estão chegando e vão devorar você". Ela se apavorou, mas já era tarde demais. Então a velha disse que não iria comer eles, pois já estava velha, mas seus filhos e netos que tinham saído iriam chegar a qualquer momento pois estavam famintos. Então resolveu esconder ela debaixo de uma panela grande. Quando os filhos e netos da velhinha chegaram já sentiram o cheiro e começaram a procurar. O mais novo falou:

— Vovó, você caçou e não quer repartir com nós, mas eu estou sentindo o cheiro e vou achar. Então ele foi e ergueu a panela e achou a mulher embaixo. Então ele descobriu que ela estava grávida de gêmeos, Kuaray e Jaxy. Ele chamou todos os seus irmãos e tios e mataram a mulher. Já cortaram e colocaram em uma panela para cozinha só deixaram o útero da mulher que tinha dois bebês. A velha falou aos seus filhos e netos:

— Deixem o feto das crianças para eu comer, pois já não tenho mais dente e esses fetos são bem molinho. Então eles deixaram.

A velhinha tirou e cozinhou um dos bebês e comeu. Jaxy ela assou, comeu e guardou seus ossos. Mas Kuaray ela não conseguiu matar. Quando ela iria cozinhar o outro não conseguiu pois o feto pulava fora da panela e ela não conseguia cozinhar. Então ela decidiu socar no pilão para depois cozinhar, mas também não conseguiu pois o feto escorregava de um lado para outro e não era esmagado. Ela decidiu jogar no fogo para assar, mesmo assim o feto saltava e não focava no fogo. Então ela decidiu a criar aquele bebê.

Kuaray estava grande quando encontrou os ossos de seu irmão. Pegou e levou para o mato. Lá ele tirou a casca de uma árvore e gerou Jaxy de novo. Agora Kuaray já tinha um amigo pra sair com ele. Um certo dia eles foram em um lugar bem distante e encontraram um papagaio e começaram a atirar com flecha. Então o papagaio contou a eles que eles estavam morando com demônios que tinham matado sua mãe.

Kuaray ficou muito bravo e falou a Jaxy para se vingarem. Então começaram a fazer estratégias para matar os demônios. Eles foram matando um a um até sobrar só uma mulher demônia. Depois de exterminar os demônios, Kuaray e Jaxy foram e chegaram aonde seu pai estava. Nhanderu deu essa Terra pra eles". (Antunes, 2020, p. 17)[53].

Benites (2018) enfatiza que a história de *Nhandesy* é, geralmente, contada a partir da perspectiva dos homens, havendo uma experiência diferenciada quando contada a partir do olhar de uma mulher, sobretudo por sua identificação com *Nhandesy*:

[53] Versão adaptada do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Antunes (2020) e da narração da história da criação do universo guarani do filme "Mbya reko ypykue (Kuaray e Jaxy)", fruto deste TCC, disponíveis em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/204951 e https://www.youtube.com/watch?v=xzR-NRUB5GE . Acesso em: 8 jun. 2025.

> Quando uma mulher fala da história de *Nhandesy*, ela geralmente chora, se emociona, como se estivesse vivendo aquilo naquele momento. Por isso, quando uma mulher xamã canta, se emociona e diz: "*Neike! Nhandesy tenonde gua, neike nhande py'a guasu ke!*". Até eu me emociono quando ouço essas palavras que não posso traduzir. O drama que *Nhandesy* viveu ainda está carregado nos sentimentos das mulheres, principalmente nas xamãs. A força das mulheres está no canto, no encontro entre a mulheres e no carinho que elas recebem no lugar do convívio entre elas. Afinal, não foi um homem que sangrou para salvar as mulheres, foi o contrário, uma mulher sangrou para salvar três homens: minha mãe dizia que não haveria fome nem mortes, mas *py'a kangy* (sentimento de fraqueza), que levou à morte de *Nhandesy Ete*. Na verdade, temos muito respeito por *Nhanderu 'Ete* (nosso pai verdadeiro), mas entendemos que não existe um ser impecável, portanto Nhanderu se equivocou quando deixou Nhandesy e por isso os homens guarani se esforçam para não cometer os mesmos equívocos que Nhanderu cometeu. *Kuarahy* (Sol) e *Jasy* (Lua) para os Guarani são figuras masculinas. Eles são de cima, **mas *Nhandesy* é da terra. O território dos Guarani se constrói a partir dessa história. Por isso, continuamos caminhando naquele caminho que *Nhandesy'Ete* percorreu durante a sua caminhada.** Ela procurava o esposo, na tentativa de encontrá-lo. Ela andou muito por vários lugares, por um caminho longo que é o "*Tapé Puku*". Morreu no caminho devorada pelas onças; já estava muito cansada, *py'a tarowa* (desesperada), se sentindo sozinha e abalada, já estava *py'a kangy* (sentimento de fraqueza) e assustada, no caminho que ela sabia que não conseguiria concluir, pois ela se entregou (*onheme'*) vencida pela tristeza e pelo cansaço. Não chegou até o esposo. (Benites, 2028, p. 80, destaques da autora)

De acordo com a história de origem, *Nhanderu* "entregou a semente do milho para *Nhandecy* guardar", havendo aí a referência primeira à relação da mulher com a semente de *avaxi ete´i*. Logo após, neste diálogo, *Nhandecy* avisa *Nhanderu vuxu* que estava grávida, anunciando a primeira gestação da vida na Terra através do corpo de uma mulher.

Esta importante história de origem do mundo guarani e de *Nhandecy* são raízes profundas que sustentam o modo de ser e a caminhada das mulheres guarani (as *kunhangue*) em *Yvyrupá*, revelando a missão originária e ancestral que possuem em gerar e cuidar da vida, em sua mais diversa expressão, e do território onde estão e carregam consigo em seus corpos.

Nos próximos capítulos, poderemos aprofundar a compreensão dessa relação cosmológica, espiritual e terrena das *kunhangue* com suas plantas, roças, sementes e *Tekoas*, a qual tem nessa origem mítica seu fundamento, conforme será abordado nos diálogos e experiências de campo trazidas nesta tese.

Figura 7 - Menina guarani contemplando seu território.



Fonte: acervo da autora, *Tekoá Yguá Porã*, jan. 2022.

4 “AS SEMENTES PRECISAM CAMINHAR”: SOBRE AS GUARDIÃS DO *AVAXI ETE´I* E DO *TEKO PORÃ*

Figura 8 – Menina guarani na colheita do *avaxi* no *Nhemongaraí.*



Fonte: fotografia da autora (2022), *TI Yguá Porã*.

> *“A cada uma de nós cabe a pergunta: quem sou eu e onde estou na Terra? Sou uma mulher guarani do bioma Mata Atlântica, a grande casa de meu povo, que possibilita mantermos o Nhandereko vivo. Na nossa cultura, as mulheres são as guardiãs de sementes que tornam possível a alimentação, o cuidado e a manutenção da vida. Somos nós que realizamos o plantio de diversas espécies de árvores: as que regeneram nascentes, as que mantém os rios vivos, as que curam doenças, as que nos conectam a nossas divindades espirituais e as que geram alimentos nutritivos para nós e também para outros animais.”* (Kerexu Yxapyry, 2023).

4.1 AS *KUNHANGUE* NO *NHEMONGARAÍ*

> *“Kaaguy porã yakã porã*
> *Oreru tenonde Ore tchy tenonde*
> *Oedja wa,e kue yvy rupa re*
> *Nhambovya avy oedja wa,e kue ko yvyrupa re*
> *Nhanderu vitcha tenonde gua,i*

Nharomba raete nhambovya,i djaro djery,i djaro pora,i nhanderu etepe. Nhande tchy etepe
Djaropora,i nhanderu etepe nhande tchy etepe"_
(Canto "Floresta", de autoria da cantora e compositora guarani Tainara Takua, do Tekoa Mymba Roka – SC).[54]*.*

As sementes marcam o início, o (re)começo da vida. E é por elas e por este *mborai* (canto sagrado guarani) que escolho iniciar este capítulo, trazendo minha experiência no *Nhemongaraí*, o ritual sagrado do povo guarani de consagração dos alimentos e batismo das sementes de *avaxi ete'í*, o milho verdadeiro, e outras sementes, momento especial em que se reza e agradece a colheita das roças do ano todo. Não por acaso, é no *Nhemongaraí* que as crianças são batizadas e recebem também seus nomes pelos *Karaí* (lideranças espirituais), sendo elas as sementes das futuras gerações do povo guarani. Iniciar minha pesquisa de campo no *Nhemongaraí* foi, para mim, simbólico e uma aproximação sensível, necessária e profunda com as mulheres guarani, permitindo-me observar, refletir e sentir alguns aspectos que envolve os modos de "ser mulher guarani", *kunhangue reko*, em seus territórios.

Numa manhã nublada, cheguei no *Tekoá Yguá Porã* (que, em guarani significa águas belas), situada no alto de uma montanha linda e permeada por rios, nascentes e cachoeiras. Toda comunidade estava dedicada aos preparativos do *Nhemongaraí*. Assim que cheguei e fui recebida por Adriana Keretchu Mirim, subimos para o *roka*, espaço coletivo externo da *Opy* (casa de reza) em que se concentram todos para as atividades de preparo dos alimentos para o *Nhemongaraí*. Neste *roka*, onde situa-se a casa da matriarca e *jary* Para Yva (Dona Rosa) e do *xamoi* Seu Carlito Kuaray, já estavam alguns adultos e crianças preparando o fogo para assar o *mbodjape*, comida tradicional feita de milho feita especialmente para o ritual do *Nhemongaraí*. Verônica Yry, mãe do cacique Kuaray Xondaro, direcionava os trabalhos do preparo do fogo em uma estrutura coberta, o que envolvia cavar um espaço circular, colocar algumas pedras e, em seguida, lançar terra por cima. Em seguida, os homens trouxeram lenhas e as ajeitaram sobre essa camada de terra feita

[54] Tradução: "Mata sagrada, cabeceira da água sagrada, /Nosso Deus, o primeiro nosso Pai /E nossa Mãe verdadeira/Que nos deixou/Essa natureza, território sagrado/Nosso líder verdadeiro, nosso dono/Vamos alegrar, vamos reverenciar, vamos dançar/E vamos cantar para nosso Deus verdadeiro e para nossa Mãe verdadeira/Vamos cantar e se fortalecer/E nos alegrar para nosso Deus verdadeiro"

sobre as pedras. A fogueira foi acesa e, em minha percepção, o fogo aceso oficializava o início dos preparativos do *Nhemongaraí*. Em seguida, acompanhei um grupo que se formou com adultos e crianças para a colheita do *avaxi* nas roças do território. A colheita do *avaxi* durante o *Nhemongaraí* pode ser realizada tanto por mulheres quanto por homens, jovens e crianças.

Figura 9 - Preparo do fogo para assar o *mbodjape.*



Fonte: acervo da autora, TI *Yguá Porã*, jan. 2022.

Ao chegarmos em uma das roças familiares, avistei uma jovem guarani que estava com sua cabeça coberta por um pano, me aproximei dela e, ao cumprimentá-la e iniciar uma conversa, ela me explicou que não colheria o *avaxi* desta vez por estar no *jacy* (Lua), em seu período menstrual. Durante a menstruação (*oguapyare)*, as *kunhangue* se recolhem e não tocam nas plantas, não manejam as roças, não cozinham e nem realizam algumas das atividades cotidianas pois, segundo a cosmovisão e espiritualidade guarani, este é um momento de resguardo e de cuidados femininos. O período menstrual, denominado pelas mulheres como estar no "*Jaxy*"/

"*Jacy*" / "*Djatchy*", em referência ao Lua (um dos gêmeos da história de origem do mundo guarani, que será trazida mais adiante), já fora abordado em alguns trabalhos da literatura etnológica guarani, como Vasconcelos (2021), Seraguza (2017) e Affonso (2014), entre outros, como também pelas pesquisadoras guarani Benites (2023), Martins Timóteo (2020) e Oliveira (2020)[55]. Segundo Oliveira (2020):

> No costume mbyá guarani, quando a moça fica na lua, não pode plantar nenhum tipo de sementes, nem até mesmo pegar na mão, ou andar na plantação. Também é proibido circular na aldeia, tem que ficar no resguardo durante a menstruação, não poderá comer nenhum alimento com o sal, ou doce, só poderá sair de casa quando parar de menstruar. (Oliveira, 2020, p. 36)

Colhemos alguns quilos de milho nas roças do *Tekoah*, tendo uma rica variedade de *avaxi xii* (milho branco), *avaxi pytã* (milho vermelho), *avaxi ju* (milho amarelo), *avaxi ovy* (milho azul), *avaxi huu* (milho preto), *avaxi para'i* (milho mesclado), sendo o momento da colheita de muita alegria e interações entre todos, onde as crianças brincam e ajudam nas tarefas, um momento rico de aprendizados para todos em meio às roças e matas. Durante a colheita, chamou-me a atenção o pendão na parte superior do pé de avaxi e perguntei à Karai Mirim, que estava guiando esta colheita, como que eles chamavam aquela parte do milho, e ele me respondeu: "Essa é a flor do *avaxi*, chama *avaxi poty* (flor do milho)". Em outro momento, o cacique Kuaray Xondaro me explicou que os cabelos de *Nhandecy Tenonde* (a divindade considerada como a Mãe Terra para os guarani) são feitos de avaxy *poty*. Receber esse conhecimento naquele momento foi de grande beleza e sensibilidade para mim, o que me fez lembrar da indicação do chá dessa flor pelas mulheres guarani no período menstrual.

[55] Recomenda-se ouvir a professora e liderança guarani, Jerá Guarani, da Terra Indígena Tenondé Porã, em seu depoimento sobre "*A menstruação dentro da cultura guarani*", disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/professora-e-lideranca-na-aldeia-guarani-tenonde-pora-jera-fala-sobre-menstruacao Acesso em: 30 jun. 2025.

Figura 10 - Uma das roças da comunidade *Yguá Porã*, em que foram colhidos os *avaxi,* com a *Ka'aguy* (floresta) ao seu redor.



Foto: acervo da autora. Jan., 2022.

Figura 11 - Jovem *kunhã* mostrando algumas variedades de *avaxi* que colheu.



Fonte: Acervo da autora. TI *Yguá Porã*, Jan., 2022.

Figura 12 - Jovens guarani transportando a colheita de *avaxi*.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 13 - Crianças guarani na colheita do *avaxi* e o *avaxi poty* em uma das roças familiares.



Foto: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Após a colheita, seguimos para levar os *avaxi* colhidos para as mulheres mais velhas que já nos esperavam no *roká*, as quais receberam os milhos e deram início

aos trabalhos de tirar a palha, ralar e debulhar o *avaxi*. As crianças e meninas jovens acompanhavam e participavam a todo momento essa atividade, sendo um momento de aprendizado e transmissão de conhecimento para elas junto às mulheres mais velhas.

Figura 14 - Mulheres e meninas em convivência no momento de ralação do milho.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 15 - *Xejary* Dona Rosa ensinando a jovem guarani.



Foto: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 16 - Menina guarani fumando seu *petynguá* durante os preparativos do ritual do *Nhemongaraí*.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 17 - A anciã Dona Rosa concentrada debulhando o *avaxi*.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 18 - Convívio das *kunhangue* no *Nhemongaraí.*



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 19 - *Avaxy Ete.*



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 20 - Preparativos para o ritual do *Nhemongaraí.*



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

A *jary* Dona Rosa, anciã de mais de 80 anos e fundadora do *Tekoa Yakã Porã*, a todo momento orientava as mulheres e coordenava os trabalhos de preparo do *mbojape* e do *mbytá*, o pão de milho tradicional guarani. Com muito vigor e sabedoria, a *jary* recolhia os grãos de milho debulhados pelas mulheres e pilava no *angu'a*, pilão guarani, feito de tronco de árvore. Foi surpreendente ver a habilidade e resistência física desta anciã, sobretudo quando as demais mulheres, inclusive eu, fomos fazer este trabalho e testar nossa capacidade de permanecer num tempo prolongado pilando como ela: nos cansamos mais rápido que a *jary* Dona Rosa e o milho pilado saia fora do pilão na maioria das vezes, o que foi motivo de risada entre todas nós, ficando evidente a habilidade técnica e corporal da matriarca.

No que se refere a importância do *angu'a* (pilão) para as mulheres guarani e seu uso por elas, Darella *et al.* (2018) contam-nos que:

> Quando *Nhanderu* nos criou, ele fez junto o pilão que seria usado pelas mulheres. Com ele, elas poderiam fazer vários tipos de alimentos: *mbojape*, *avaxi kui*, *rora rã*, *mbyta rã*. Dois ou três meses depois de ter tido o primeiro bebê, a mulher pode trabalhar no pilão. Quando a mulher recém ganhou um bebê, no primeiro mês após o parto, ela não pode fazer almoço para seu marido. Se o marido comer o alimento que a sua mulher, nesse estado, preparar, ele vai ficar com preguiça e isso não pode acontecer. Comer o alimento preparado pela mulher que recém ganhou um filho causa fortes dores abdominais e

faz muito mal ao marido. O pilão serve para se fortalecer fisicamente, por isso que é importante para a mulher nesse momento. As meninas, quando trabalham no pilão, ficam saudáveis e com os braços fortes. Antigamente, quando as mulheres ficavam trabalhando no pilão, os homens iam ao mato. Quando eles voltavam, traziam a carne de caça e todos se reuniam e começavam a brincar, bem alegres. Quando tiravam as tripas, as meninas levavam para limpar. Enquanto isso, alguém já estava dividindo a carne que iria ser distribuída. Alguns homens iam à mata, ao rio e, enquanto isso, as meninas ficavam na aldeia fazendo *mbeju*. Eles pegavam os peixes com o timbó, esse era o alimento deles. Assim que eles faziam o trabalho antigamente, todos juntos. Para isso que serve o *angu'a*. (Darella *et al*., 2018, p.54).

Figura 21 - Preparativos para pilagem do milho.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 22 - Anciã dona Rosa e o pilão.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 23 - Pilagem do milho por dona Rosa.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Enquanto parte do milho era pilado, outra parte do milho ralado era misturado com água virando uma massa, a qual era delicadamente colocada em folhas de caeté por Dona Rosa, que as dobrava de forma habilidosa envolvendo a massa que depois de assada viraria o *mbodjapé*, amarrando cada “pacotinho” com lacinhos da palha do avaxi. Os *mbodjapés* foram, então, colocados para assar na fogueira e cobertos por cinzas quentes. Depois de algum tempo assando, foram retirados da fogueira, sendo alguns compartilhados para experimentarmos e nos alimentarmos na hora do preparo.

Figura 24 - Preparação do *mbodjapé.*



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 25 - Preparação do *mbodjapé II.*



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 26 - Preparo do *mbodjapé* antes de assar.



Figura 27 - *Mbodjapé* assados.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Outro alimento sagrado preparado para o Nhemongaraí foi o *mbytá*, o pão de milho guarani, o qual também é envolvido com as folhas de caeté e assado na fogueira com as cinzas quentes que cozinham a massa transformando-a em pão.

Figura 28 - O *mbytá,* o pão de milho guarani.



Figura 29 - *O mbytá*, o pão de milho guarani II.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Durante todo esse processo, desde a colheita até a preparação dos alimentos sagrados do *Nhemongaraí*, as crianças participaram dos trabalhos e brincavam entre si e com os adultos. Uma das brincadeiras que me chamaram a atenção foi a de peteca com a palha do milho enquanto chovia, sendo um momento de descontração que tornou a convivência ainda mais alegre e especial.

Figura 30 - Participação das crianças no *Nhemongaraí*.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Figura 31 - Brincadeiras com a peteca de palha.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Importante também dizer que aos homens e meninos coube a tarefa de colheita do mel das abelhas nativas sem ferrão das espécies jataí, mandaçaia e mirinzinha, assim como a cera foi também guardada neste momento da colheita do mel para uso no ritual do Nhemongaraí. Os homens também realizaram o corte das taquaras onde é guardado o mel colhido, posteriormente pendurado no *amba'í* da *Opy* (altar da casa de reza).

Figura 32 - Homens e meninos fazem a colheita do mel.



Figura 33 - Homens e meninos nos preparativos para o ritual do *Nhemongaraí*.



Fonte: acervo da autora. TI *Yguá Porã,* Jan., 2022.

Após os *mbodjapé*, *mbytá* e as taquaras com mel estarem prontas ao final da tarde, deu-se início à cerimônia do Nhemongaraí na *Opy* com o pôr-do-sol. Cada mulher recebeu um *mbodjapé* e entramos na Opy, colocando-os no *amba'í*. Os homens também colocaram suas taquaras com mel no *amba'í*. Toda comunidade entrou na Opy com o chegar da noite e a melodia dos *mborai* começaram a ser tocada no violão e com o *mbaraká* (chocalho/maracá guarani), até que o cacique e liderança espiritual, Kuaray Xondaro, começou a entoar os cantos sagrados fumando seu *petyngua* (cachimbo sagrado guarani). Durante toda a noite, a cerimônia do *Nhemongaraí* se realizou a partir de rezos, cantos e danças ao redor do fogo sagrado (*tata)*, sendo que mulheres e homens se movimentavam de modo harmônico cumprindo funções específicas e complementares do feminino e do masculino ao longo do ritual. O dia amanheceu e um dos guardiões da cerimônia realizou o rezo da água[56], falando palavras de agradecimentos, honrando a água e sua natureza sagrada, e em seguida servindo água para cada pessoa dentro da *Opy*, após as longas horas do ritual em que não bebemos água nem nos alimentamos. A cerimônia foi concluída com o nascer do sol, ficando alguns de nós ainda dentro da *Opy* ao redor do fogo e nos alimentamos de frutas.

[56] De acordo com as palavras proferidas neste momento do ritual, a água é uma divindade e também uma medicina que tem o poder de limpar o corpo e o espírito. Segundo Adriana Kerecthu, liderança feminina do Tekoa Yguá Porã, o rezo da água é o momento de se rezar por Tupã, Deus do Trovão e pai do ser água que existe em todo universo.

4.2 O CULTIVO DAS MULHERES-SEMENTES

Participar do *Nhemongaraí* com os olhos e sentidos voltados a compreender a importância e o protagonismo das *kunhangue* em sua realização, bem como para a continuidade da tradição guarani, direcionou meus passos na pesquisa para um caminho de volta neste conhecimento circular do *Nhandereko*. Quando entrevistei a *jary* Dona Roseli, senhora *kunhã karaí* (liderança espiritual feminina) atualmente moradora do *Tekoa Ynn Moroti Werá* (TI M´Biguaçu) e filha de Seu Alcindo Werá Tupã, grande liderança espiritual do povo guarani que faleceu em 14 de setembro de 2024, ao conversarmos sobre as mulheres guarani e sobre sua importância para a continuidade do *Nhandereko*, ela logo se referiu à *Nhandecy ete* como a primeira mulher, trazendo um pouco da história de criação do mundo guarani para me explicar sobre a origem do universo feminino:

> Nhandecy ete na verdade andava aqui nessa Terra também, igual nós. Nossa Mãe, nosso Pai Celestial né. *Nhanderu vuxu*, *Nhandecy ete*, ela andava igual nós. Beijuzinho de farinha, ela não come carne. Nossa família que come carne. Esse Sol também andava pra cá.
> A primeira mulher. Depois que surgia tudo essa mulherada né. Essa história é comprida e tem que ser como nasceu nosso Pai, *Nhanderu vuxu*, a nossa Mãe, tem que ser na raizinho, tem que contar certo. É longo pra contar a história. Até que ele ia passar nesse mundo, agora ele tá olhando, tá olhando de lá, tá no trono dele. A barba dele é assim ó, a barba dele nóis tamo fumando. E o cabelinho da mãe. E você vê a palha, a palha é uma saia de nossa Mãe. Por isso que não pode jogar a palha assim.... E esse pety, esse fumo, é a raiz do cabelo, da barba do pai e da mãe. Por isso que a gente não pode estragar esse fumo. *Nhandecy* é a nossa mãe, é a terra. Esse lua, ele é homem. É gêmeo né. Esse Sol diz que ele nasceu, diz que fez uma coisinha e já nasceu. Botaram o paninho e disse que ele já andava já. E esse *Jacy*, diz que ele fazia pra engatinhar as crianças; ele andava engatinhando tudo aí. Por que esse *Jacy* é outra família. O pai do *Jacy* é outro, e pra ser mulher também ele que faz tudo pra nóis, pra crescer uma mocinha, uma guria menina, pra ele é um prato cheio! E pra fazer mocinha, é ele de novo. É pra ele. Depois de 40, 50 anos, que ele não quer mais. Isso aí já é fora, agora é novo. É assim que o *Jacy* tá fazendo. Ele anda tudo na mulherada (risos).
> (Dona Roseli Moreira, entrevista realizada em 24/03/2023, na TI M´Biguaçu).

Figura 34 - Jary Dona Roseli fumando seu *petynguá* e mostrando-me suas plantinhas no quintal de sua morada.



Fonte: fotografia da autora, em 24 mar. 2023, TI M´Biguaçu.

Na entrevista com Cacica Eliara, na *Tekoá Yakã Porã* (TI Morro dos Cavalos), ao dialogarmos sobre a conexão das *kunhangue* com as roças e seu protagonismo na salvaguarda das sementes para manutenção do *Nhandereko* e para o *Teko Porã* (bem viver), ela chamou-me atenção para esta origem e para sua percepção sobre os papéis da mulher e do homem guarani no *tekoa*:

> Então, quando a gente fala sobre roça, sobre plantio, pra gente chegar a entender toda essa construção né, a gente tem que entender tudo quando começou, porque que começou… E hoje assim, a mulher indígena guarani ela sempre foi a que cultiva as sementes, quem cultiva a roça. Porque a mulher guarani, nós sempre fomos as líderes das nossas comunidades. E aí claro que com o passar do tempo, como essa colonização do homem branco veio o machismo né. Diz assim: "*Ai, a mulher não pode fazer isso!*". E isso se infiltrou dentro das comunidades indígenas não só do povo guarani mas como em outros povos assim, onde infelizmente a gente vive muito ainda esse machismo dentro das comunidades indígenas. E aí onde começaram a tirar as mulheres das suas atividades, mas que no povo guarani é uma coisa que não deu certo porque o povo guarani é um povo muito resistente. Teve pessoas, já vi assim - isso já agora nos nossos tempos - do cacique falar "*eu vou fazer isso, vou fazer aquilo*" e deixar praticamente a semente morrer, não fazer a semente caminhar… **As**

sementes precisam caminhar. Por causa que não é da cultura ele fazer isso né, é a mulher, é o nosso papel de cultivar as sementes**. E aí antigamente as mulheres eram as líderes, elas iam, olhavam o solo, viam onde era pra plantar, onde não era pra plantar**, e os homens estavam ali como mão-de-obra. "*Aí você vai fazer isso, vai fazer aquilo…*" O homem ia lá roçava, limpava tudo, e a mulher conduzindo sempre. E na hora do plantio era a mulher que ia pôr a semente no solo, na hora da limpeza, é a mulher que vai lá, porque tem todo aquele carinho, não é simplesmente você chegar com a enxada e capinar. Todo aquele carinho de mãe sabe, tudo que é novo merece carinho já dizia o meu pai. Uma planta pequenininha é um bebê, você tem que cuidar né, pegar com as mãos lá, jogar terra, ela está precisando de terra, pé por pé de milho, pé por pé de melancia, sabe…

E aí às vezes mandava um homem lá, pegava a enxada pra capinar: "*Ah, não vi cortei uma, não vi cortei outra..!*" Então não tem esse cuidado. Então, a mulher guarani foi a que sempre conduziu o plantio, ela que preservou a semente, preservamos até hoje. É difícil você ver num encontro de sementes você ver muito os homens. Se você quer encontrar sementes tradicionais você tem que procurar uma mulher. Até um xeramoi, se você for ele vai dizer assim: "*ah, pede lá pra minha esposa!*" Por causa que **é a mulher que cultiva as sementes. Ela que planta, ela que faz nascer…** é isso assim. Então assim, a gente carrega assim muito forte essa questão do movimento das sementes, que a gente fala que é nossas irmãs. Daí é onde vem aquela questão da espiritualidade, que a Terra é nossa Mãe, é um feminino… **E a responsabilidade da gente colocar a semente na terra é nossa, porque nós que vamos fazer ela germinar, nós somos mulheres**.
(Cacica Eliara, entrevista realizada pela autora em 17/01/2023, na *Tekoá Yakã Porã* - TI Morro dos Cavalos, destaques da autora)

Figura 35 - Cacica Eliara mostrando a colheita de seus *Avaxi* em sua roça.



Fonte: foto da autora, Tekoa Yakã Porã, 17 jan. 2023.

Figura 36 - Roça de *avaxi* da Cacica Eliara, Tekoa Yakã Porã.



Fonte: fotografia da autora, 17 jan. 2023.

A profundidade do vínculo das mulheres guarani com as sementes e seu papel sagrado de cuidar da vida tem sua raiz, como já mencionado, na história de origem guarani, na qual é atribuída à *Nhandecy* a missão de guardar as sementes e de gestar seus filhos. Após sua morte, *Nhandecy* transmuta-se na própria terra, solo fértil, sendo seu corpo a fonte da vida à medida que: "O corpo de *Nhandesy* é concreto, é chão onde se pisa. O que dá a vida, dá alimentos é o corpo da *Nhandesy"* (Benites, 2018, p.90).

Nesse sentido, a relação corporal e espiritual das mulheres guarani com a terra e com as sementes, principalmente com as de *avaxi ete* (milho verdadeiro guarani), tem como fundamento a comunhão originária das mulheres com *Nhandecy*, a qual se confirma, se atualiza e se renova no ritual do *Nhemongaraí*, expressão concreta e simbólica do *Nhandereko* para o povo guarani. Uma das entrevistadas, Kerexu Yxapyry, grande liderança feminina da Terra Indígena Morro dos Cavalos, compartilhou, num de nossos diálogos, sua percepção e sentimentos sobre esta relação profunda e espiritual das mulheres guarani com as sementes, principalmente no que se refere ao *avaxi ete* e à manutenção do *Nhandereko*:

> O *Avati Ete* ele é uma semente considerada pelo povo guarani que é o mestre de todas as sementes, onde a gente consagra ele pra plantar na terra. **Quando a gente planta, a gente coloca o nosso espírito. Então quando eu vou levar pra fazer a consagração das sementes, são os homens que consagram, mas quem apresenta as sementes é a mulher. Então quando eu chego com as minhas sementes eu ofereço o espírito Kerexu pra ser abençoado, benzido e consagrado.** A partir desse consagrar a semente, que eu planto essa semente na terra, **que ela cresce com meu espírito**, quando eu colho e vou fazer o alimento tem essa consagração do alimento, e é nessa consagração que vem o nome das crianças. Que recebe o espírito do Karaí, do Verá, da Djatchuká, de todos os espíritos guarani que vem pra Terra. Então assim, **como é que eu não vou ser importante nesse cuidar e levar pra frente e proteger a cultura de um povo?** Então assim, não é só o meu nome do milho *avaxi*, **eu tô falando da cultura de um povo, que é o espírito de um povo né, que eu tô levando adiante né. E como é que eu vou levar a cultura desse povo adiante se eu não tiver meu território produtivo e não tiver minhas sementes pra consagrar?** Não tem. E eu falo muito pros parentes assim: "*Não adianta, na hora de você fazer o Nhemongaraí, você ir lá no mercado e comprar o milho e fazer todo o alimento, que é o nosso alimento. Não é a mesma coisa*". **Porque não tem o meu espírito ali dentro. Não tem o espírito guarani. Então ele só vai dar seguimento se a gente conseguir de fato fazer a**

> **consagração dessas sementes com o espírito da mulher guarani que tá ali e o preparo do alimento ser com aquele espírito que ela recebeu e dos outros espíritos.** Porque, fora disso, não é verdade, é a mera invenção. E aí a gente se perde nesse lugar né, então muito perigo também pra nós. (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 07/06/2025, na aldeia Tataendy, TI Morro dos Cavalos, destaques da autora).

Ou seja, ao plantarem suas sementes, as *kunhangue* também plantam seu espírito no corpo de *Nhandecy*, a divindade mãe terra, renovando ao longo das gerações esta profunda ligação das mulheres com *Nhandecy Ete* e possibilitando a continuidade física e cultural do povo guarani. Pode-se compreender, assim, que as mulheres guarani guardam em seus corpos os saberes (*kunhangue arandu*) e são as responsáveis pela transmissão do espírito guarani para as sementes que são cultivadas no corpo de *Nhandecy*, constituindo-se o ato de plantar uma comunhão entre corpo e espírito. A indissociabilidade das mulheres guarani e suas sementes constitui, deste modo, uma unidade cosmológica, espiritual e parental que movimenta e garante a continuidade da vida e do *Nhandereko* nos *tekoas*, podendo ser consideradas mulheres-sementes que trazem em si a ancestralidade de gerações, o presente e, ao mesmo tempo, guardam o futuro.

Figura 37 - Cesto com *Avaxi ete* de diversas cores e tipos.



Fonte: acervo da autora. TI Morro dos Cavalos, 07 Jun., 2025.

Figura 38 - *Avaxi ete´i,* presente de uma *kunhã karaí* à Kerexu.



Fonte: acervo da autora. TI Morro dos Cavalos, 07 Jun., 2025.

Ao dialogar sobre os cultivos específicos das mulheres guarani, uma de minhas interlocutoras, Lucia Moreira, cujo nome em guarani é *Para Mirim*, da TI Morro dos Cavalos, reforçou em nossa conversa que:

"A planta de mulher é *Avaxi* mesmo. *Avaxi* e *xanjau* (melancia). E amendoim quem planta mais é a mulher mesmo. O principal é milho de guarani, de mulher. Os homens é daquele de *juruá* mesmo" (Entrevista realizada em 20/01/2023, em sua casa na aldeia Itaty, TI Morro dos Cavalos).

Essa diferenciação do milho cultivado pelas mulheres e o cultivado pelos homens foi também trazida por Celita Antunes, cacica da Terra Indígena M´Biguaçu, quando conversávamos sobre o plantio das roças pelas mulheres e sua memória em relação aos diferentes tempos que pôde vivenciar:

> Pelo que eu me lembro assim do plantio, naquela época é totalmente diferente do que agora. **Pelo que eu vi, era plantado pelas mulheres**. Os homens tinham as roças mais longe, mais pra longe né. Iam plantar o milho deles, o feijão. Mas **as mulheres tinham o milho delas, o feijão delas, a batata, o aipim... Era a roça mais perto de casa, isso a gente convivia com isso né. Primeiro porque era plantado perto de casa pelas mulher porque era colhido por elas, pelas meninas... Isso eu lembro bem assim desse jeito de fazer as plantações.** (Celita Antunes Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M´Biguaçu, destaque da autora).

As relações das mulheres guarani com suas roças e com as sementes são, portanto, estruturantes nos ciclos da vida dos *Tekoas* e na manutenção do *Teko* guarani, o *Nhandereko*, sendo enraizadas na espiritualidade e permeadas por vínculos afetivos de responsabilidade com o que se cultiva através de seus corpos para fazer a vida germinar e, de forma especial, se reproduzir. Nesse sentido, a importância da reprodução e da coleção das sementes pelas *kunhangue* foi enfatizada pela Cacica Eliara em nosso diálogo, a partir da memória dos ensinamentos de sua avó:

> E aí nós mulheres, claro que a gente tem toda aquela reverência mas somos mulheres, nós produzimos também, nós também demos fruto, nós também parimos, **nós também fazemos nascer algo da gente**, sabe. E homem não, então ela sempre falava assim "*quando os homens forem plantar pelo menos fechem as pernas*", pra terra não ver aquilo, como que um homem vai reproduzir, como que um homem vai fazer nascer algo. Ofende! (risos)
> E aí onde eu aprendi muito isso sabe, hoje eu carrego isso comigo assim, que **a semente é nossa responsabilidade**. Por isso que até

hoje assim, eu tenho dois filhos homens e não tenho nenhuma menina, aí eu digo assim: "*vocês vão ter que fazer umas netas pra mim! Pra mim passar, e como que vocês vão continuar? Faz umas netas pra mim pra eu poder continuar*". Aí eu falo isso… **Daí é onde tem essa questão da espiritualidade, da construção, do manejo, da colheita, tem todo esse processo do batismo da semente na hora de colecionar**. Então tem todo esse, a mulher tem que estar fazendo essas coisas.

O homem, não vamo dizer que ele não pode fazer essas coisas, ele pode, pode sim fazer. Mas ele sempre tem que tá junto com uma mulher. Tem um tio meu que ele planta bastante, mas ele planta assim mas ele sempre chama uma mulher. Ele vai colher daí, chega ali ó: "*tô precisando ali colecionar sementes*", aquelas de carreirinha, tem uns milhos que nasce assim tudo… **pra você colecionar as sementes.**

Então, eu vejo assim nesse lado, mais ou menos nesse sentido que eu tô trabalhando hoje né, comecei a adubar, época de colher, época de produzir... **O plantio do milho a gente planta pra colher sim mas você sempre tem que manter as sementes.** Você não vai colher e comer tudo porque depois você vai pegar do outro e não vai mais dar, você não olha pra esse lado de você estar sempre retribuindo o que você colheu. Se eu for lá e plantei um pé de milho, que é bonito, uma espiga de milho, eu vou debulhar e **vou reproduzir**, e vai nascer dez pé de milho. Eu vou comer um pouco mas eu vou guardar uma quantia pra eu sempre estar plantando... E homem não, homem chega lá e não tem esse cuidado e ele não pensa também porque não é do raciocínio dele, **não é do papel dele reproduzir, homem não reproduz, é a mulher**. Por mais que ele tenha a participação dele lá mas ele sozinho ele não vai reproduzir. Então é mais ou menos isso assim… (Cacica Eliara, entrevista realizada pela autora em 17/01/2023, na *Tekoá Yakã Porã* - TI Morro dos Cavalos, destaques da autora).

Figura 39 - Dona Roseli, da TI M´Biguaçu, mostrando suas sementes guardadas para o próximo plantio.



Fonte: fotografia da autora, 24 mar. 2023.

Figura 40 - Sementes de *Avaxi ete* guardadas pela jary Dona Roseli.



. **Fonte:** fotografia da autora, TI M´Biguaçu, 24 mar. 2023.

Em sua fala citada anteriormente, Kerexu ressalta a importância do *território produtivo* como condição para o cultivo do *avaxi ete* pelas mulheres guarani e,

consequentemente, para a manutenção do *Nhandereko* do povo guarani a partir do plantio e colheita das “sementes-espírito”, assim denominadas por mim pelo fato de conter o espírito da mulhere, que serão ofertadas e consagradas no *Nhemongaraí*. Nesse sentido, cabe aqui destacar a importância fundamental da garantia do território/*tekohá* para a existência e manutenção do *tekó* guarani, reforçando-se a expressão “*sem tekohá não há tekó*” trazida em Noelli (1993)[57]. Segundo Benites (2018, p. 65-66): “Nosso saber está relacionado à terra, às plantas, na nossa história isso tem que ser respeitado, assim podemos continuar fortemente no nosso sistema Guarani. [...] Se não tiver bichos para caçar, se não tiver rios para pescar, se não há terra para plantar, não há *arandu*, conhecimento”.

4.3 CAMINHADAS (*GUATÁ*) POR *YVYRUPA* E A CURA DA TERRA E DO CORPO PELAS SEMENTES

> “*[...] ao caminhar, os Guarani constroem seu próprio território e a si mesmo, vivenciando na realidade a sua história, a narrativa da caminhada de Nhandesy e Nhanderu ‘Ete, o princípio do mundo. Assim, conectam a vida aqui no yvy rupa ao universo cosmológico, vivendo o mito na terra, o “bem-viver” para alcançar o lugar perfeito – sem dor, sem maldades, sem tristezas – que é o Nhanderowai, o “futuro” no pós-morte. Nessas caminhadas se constroem tekoha (aldeias)*” (Benites, 2018, p. 83).

As caminhadas (*Guatá*) no território *Yvyrupá* fazem parte das memórias e da tradição do povo guarani e consistem numa dimensão fundamental do *Nhandereko*, à medida que, conforme me explicou uma das interlocutoras, o *guatá* é o caminhar de *Nhandecy Ete´i*, havendo uma forte referência à história de *Nhandecy* e origem do mundo relatada anteriormente. Conforme afirmou Benites (2028, p. 80): “O território dos Guarani se constrói a partir dessa história. Por isso, continuamos caminhando naquele caminho que *Nhandesy‘Ete* percorreu durante a sua caminhada”.

---

[57] Reforça-se, aqui, a necessidade de efetivação do direito à demarcação de suas terras tradicionalmente ocupadas, o qual é originário e constitucionalmente assegurado no Art. 231, do Capítulo VIII - Dos Índios, da Constituição Federal de 1988, sendo elas as “[...] utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições” (§1º).

A liderança feminina na mobilidade e retomada territoriais realizadas pelo povo Mbya Guarani pode ser observada, de forma especial, nos registros de Nimuendajú (1914) e, também, nas pesquisas etnográficas de Mello (2006), que relata uma *oguatá* liderada pela *kunhã karaí* Luíza da Silva, de Rebelo (2015), que relata a trajetória da liderança e cacica Arminda Ribeiro na fundação da Aldeia Conquista (*Jatay'ty* / TI Pindoty - SC) e Garlet (1997). Ladeira (2007) também afirma que: "Quase todas as aldeias do litoral foram fundadas tendo à frente uma mulher" (Ladeira, 2007, p. 116).

Nos diálogos que realizei com as mulheres guarani durante a pesquisa de campo, uma das questões centrais abordadas consistiu na memória das caminhadas e o protagonismo das mulheres nestas mobilidades, tratando também sobre a salvaguarda e transporte das sementes pelas kunhangue no *guatá*. Uma das interlocutoras, Kerexu Yxapyry, relatou com profundidade a relação das sementes com a cura da terra e dos *Tekohás* a partir desse "fazer caminhar as sementes" no *guatá*, conforme explicou a seguir:

> Então, as mulheres carregam né… Até hoje assim se carrega semente, e eu acho muito lindo isso, sabe. De carregar, e eu acho que é bem importante assim trazer isso. Que antes a mobilidade ela acontecia num evento, um ritual, e assim, a gente não tinha outras preocupações a não ser se concentrar nesse espaço de carregar as sementes. E esse carregar as sementes ele tem assim hoje, eu entendo muito a importância disso, de isso ter essa continuidade, que é muito pra cura. Pra cura da terra, pra cura da espiritualidade daquele povo, pra cura do povo, pra cura do nosso corpo físico, essa questão do processo da alimentação, e tudo mais. Então quando a semente ela é trocada… Por exemplo, eu planto a semente aqui e ela não deu muito bem, eu não consegui colher pra fazer o alimento né. Ou é a semente que não tá boa, ou é a semente que não tá bem. Então o que que eu vou fazer? **Eu preciso fortalecer essa semente pra não perder ela. Lembrando que essa semente que tá ali sendo plantada é o meu espírito junto com ela. Então essa semente eu vou levar e trocar ela pra um espaço em um outro território que vai ser plantada lá e a terra daquele lugar vai curar e fortalecer ela. E ela vai conseguir fortalecer de novo a partir dali. E se eu pegar a semente dessa terra, uma semente boa, bonita, forte, *ete'i*, e eu trago pra cá e a terra estiver doente aqui, eu planto aquela semente aqui e ela vai curar aquele espaço da terra, ela faz a cura do espaço assim, e a gente planta.** Então ela tem essa função mesmo de cuidar mesmo, de fazer essa cura, e de manter o espírito guarani, que é o nome das crianças, a identidade de cada um de nós enquanto povo, que se mantém se seguir né. Então, assim, é muito bonito isso assim, pra nós muito forte, e a gente continua né. (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 07/06/2025, na aldeia Tataendy, TI Morro dos Cavalos, destaques da autora).

Desse modo, compreende-se que através das sementes as *kunhangue* curam a terra e, ao mesmo tempo, se plantam em *Yvyrupa*, que é a terra, o corpo de *Nhandecy Ete*. A circularidade das sementes, este ato de fazê-las caminhar em *Yvyrupa*, é, assim, uma função originária atribuída às *kunhangue* pela história de origem guarani, as quais, através de seu corpo e de seu espírito, semeiam os espaços, promovem a continuidade da vida e a manutenção da tradição ancestral do *Tekó/Nhandereko*. Ao sentirem-se responsáveis pelo bem viver de seus filhos, de sua família e de sua comunidade, carregam as sementes como forma de sustentação da vida e dos territórios, conforme explica Cacica Eliara:

> A mulher guarani ela sempre tem a preocupação do bem-estar, do bem-viver familiar e dos filhos. Então sempre ela não pensa só no agora. Ela tá sentada aqui e já tá pensando no próximo *Ara Pyau*, planejando, buscando estratégia. Então cada caminhada, por mais que ela fosse, a primeira coisa que ela bota na bolsa dela quando ela vai fazer uma mudança são as sementes. Tipo assim, “o resto fique”, mas a minha semente tem que tá dentro da minha bolsa. **Porque ela sabe, quando ela vai conhecer um espaço, um território novo, uma aldeia nova, ela vai chegar e olhar primeiro aonde que ela vai pôr as sementes.** Então isso assim você pode perguntar pra quem você quiser que esse é o nosso jeito de cultivo das sementes. (Cacica Eliara, entrevista realizada pela autora em 17/01/2023, na *Tekoá Yakã Porã* - TI Morro dos Cavalos, destaques da autora).

Figura 41 - Cacica Eliara em sua roça.



Fonte: acervo da autora (2023), Tekoa Yakã Porã.

Figura 42 - *Avaxy pytã* (milho vermelho), colhido por Cacica Eliara.



Fonte: acervo da autora (2023), Tekoa Yakã Porã.

Um outro aspecto importante refere-se à correspondência e similaridade da natureza e dos alimentos com o corpo da mulher, com destaque para as sementes. Cacica Eliara explicou-me, através do exemplo da melancia sem sementes produzida em laboratório e é evitada pelas mulheres, a correspondência e similaridade entre seu

corpo e o alimento que é ingerido, o que ela se referiu como "*espelhamento da natureza*", conforme conta a seguir:

> Uma mulher guarani quando ela vai comer um pedaço de melancia que ela ganha de alguém, se ela vê a semente ela já vai dizer assim: "*tem semente!*". Hoje tem até pedaço de melancia cortado sem semente pra vender, aí uma vez a gente comprou uma melancia assim né e a minha tia tava assim, ela feliz com a melancia. E quando ela cortou a melancia não tinha semente. Aí eu olhei e falei assim: "*tão bonita mas sem semente! Será que é boa essa coisa?*". Eu falei assim: "*Óh tia, tem gosto de melancia, aparência de melancia… Fiz igual aquele meme!*". Daí ela falou: "*Tá, mas qual o objetivo da gente tá comendo essa… Como que vai…?*". A preocupação dela, ela não soube explicar… E ela disse: "*Eu nem vou comer essa coisa!*". **Porque nós temos isso, da gente se espelhar muito na natureza né…** Hoje, se você chegar, você vai fazer um teste… Muitas vezes vem aquelas bananas que ela é grudada né, tipo gêmeos. Se você chegar numa aldeia guarani e tá todo mundo lá, faça esse teste, e você dá pra uma menina, ela não vai pegar. Ela não pega, e se ela pegar a mãe vai pegar da mão dela, vai dividir… E se deixar comer ainda. **Então a gente se espelha muito assim na natureza, nós mulheres guarani a gente vive, porque nós somos a própria natureza.** E aí é onde ela falou assim da melancia, ela falou assim: "eu quero continuar! Eu não vou comer". **Porque parece que aquilo que você pega pra si vai te fazer igual àquilo que você come… que é tua irmã, é filho da mesma mãe.** E aí ela falou assim: "Eu não vou comer essa coisa! Será que isso é bom?". Não é o natural… Eu comi, sabe! (risos). Por isso que minha família não cresceu, só tive dois filhos! (risos). Mas ela não quis, assim… A gente tem muito isso, a gente carrega isso assim com a gente, como mulher, como feminino. Você só vai fazer as coisas certas como manda o figurino da natureza. Quando algo tá errado porque que você vai compartilhar daquele erro? Pra você ser igual? A questão dos gêmeos, acho que você já sabe a história dos gêmeos. Então não deixe comer as frutas grudadas, não pode. (Cacica Eliara, entrevista realizada pela autora em 17/01/2023, na *Tekoá Yakã Porã* - TI Morro dos Cavalos, Destaques da autora).

Considerando essa compreensão em relação ao corpo ser um "espelho da natureza", sobretudo no ato de se alimentar, reforça-se a necessidade de que os territórios guarani sejam sadios, livres de contaminação por agrotóxicos e transgenia oriundos do modo de produção agrícola não-indígena em áreas próximas aos Tekohas, garantindo-se a continuidade da produção de corpos saudáveis e fortalecidos por meio de alimentos verdadeiros (*tembi'u ete'i*) cultivados, possibilitando, assim, torna-se pessoa guarani na Terra. A indissociabilidade e

comunhão do corpo e do território para o povo guarani nesse espelhamento mencionado por Cacica Eliara demonstram o quanto a qualidade do solo, das sementes plantadas e do alimento consumido são fundamentais para a constituição do ser guarani, sendo a saúde do território e a saúde do corpo reflexos de uma mesma essência interconectada.

As dificuldades enfrentadas e vivenciadas pelos guarani em realizar suas caminhadas tradicionais (Guatá) com o avanço das frentes de colonização sobre o território Yvyrupa foram relatadas pela *xejary* Dona Roseli ao contar-me sobre a caminhada dela e da família no trajeto de Chapecó-SC para a região onde atualmente é a Terra Indígena Morro dos Cavalos (Palhoça-SC), há mais de quarenta anos:

> Por causa desse movimento dos brancos, né? Que nós saímos tudo. Invadiram, né? Invadiram nós, né? E, daí, invadiram nós. Aí, cada um pra cima, pra lá e pra cá. Naquele tempo, nós saímos assim, né? Aí, nós pegamos uma trouxinha mesmo. Não tinha nada. Aí, nós vivemos na estrada, a "pesito" mesmo. E pé no chão. Na estrada, assim, picadinho. Naquele tempo, não tinha estrada ainda. Agora que tem tudo, estrada boa, né? Sem sapato. E nós vivemos sem sapato, nada. Só a roupa do corpinho e a trouxinha pra nós dormir só na estrada no meio da estrada. O que a gente acha é um mato, tem que entrar ali, já é noite, a gente parava e saía. Até que o pai achava um trabalho pra ele trabalhar na colônia. Aí, parava um pouco. Um ano, um pouquinho, a gente já sabe que os brancos não deixam pra morar tempo. Aí, a gente terminou, tem que sair de novo. Assim, nós viemos pra cá. (Dona Roseli Moreira, entrevista realizada em 24/03/2023, na TI M´Biguaçu).

Desse modo, podemos afirmar que as invasões dos não-indígenas e os ciclos de colonização sobre seus territórios passaram a influenciar, também, as motivações do *Guatá* guarani, que cada vez mais tiveram que sair de suas terras devido às ameaças, violências e esbulhos. Considerando a necessidade de resiliência do povo guarani para sua existência e sobrevivência física e cultural ao longo dos séculos após invasão colonial, o ato de guardar e carregar as sementes das mulheres guarani consiste numa prática de resistência e estratégia de continuidade do Nhandereko, à medida que as sementes contém em si o espírito das mulheres e o poder de curar os territórios e espaços em que habitam, curando e fortalecendo também seus corpos. A estratégia silenciosa e missão cosmológica das *kunhangue* de sustentar a sobrevivência e continuidade de seu povo através das sementes e dos plantios,

transmitindo seus conhecimentos a cada geração e garantindo a sustentação da comunidade ao longo do *guatá* por Yvyrupá revela a importância das mulheres para a concretização do *teko porã*, o bem viver guarani, pois:

> Os Guarani estão sempre percorrendo o yvy rupa – o seu mundo no planeta terra, território onde inexistem fronteiras. Nesse sentido, yvy rupa é o próprio caminhar (guata), são as infinitas caminhadas (teko) em busca do tekoa porã rã, o fundamento do jeito futuro de ser e viver desse povo, ou seja, o nhandereko, nosso sistema. Por isso, vivem sempre em movimento, transitando de uma aldeia a outra, visitando seus parentes para se fortalecerem, onhomombaerete, mantendo a essência do 'ser guarani', o fundamento da pessoa. (Benites, 2018, p. 84).

Sem as mulheres, não há *tekó*. Sem as mulheres, não há *tekoa*.

5 MULHERES GUARANI, SUAS PLANTAS COMPANHEIRAS E SEUS QUINTAIS: AS GUARDIÃS DA FLORESTA E DE *NHANDECY*

Neste capítulo, dedico-me a realizar um relato etnográfico de minha pesquisa de campo sobre a relação das mulheres guarani com seus quintais, com suas plantas medicinais e companheiras, bem como com a Floresta Atlântica dos *tekoás* em que vivem. Seus saberes e fazeres relacionados aos cuidados e cultivo das plantas e da floresta (*ka'aguy*) no território *Yvyrupa* guiaram meu olhar e diálogos com as mulheres, no sentido de compreender o que, para elas, é importante nesse gestar da vida por onde caminham e como se constituem suas relações com as plantas cultivadas e não-cultivadas de seus territórios. Considero, aqui, que o significado da palavra "gestar", referente à formação e ao sustento da vida, corresponde profundamente aos modos diversos com os quais as mulheres guarani cuidam de seu território e relacionam-se com seus espaços, sendo guardiãs das sementes e da tradição que sustenta o *tekó porã* (bem-viver) e o *Nhandereko* ("nosso sistema", "nosso modo de vida"). Tendo em vista que a terra é o corpo de *Nhandesy*, como abordado no capítulo anterior, as mulheres guarani são, também, guardiãs de *Nhandesy*, renovando a cada geração esta comunhão cosmológica e originária que existe entre o corpo feminino das *kunhangue* e o corpo de *Nhandesy Ete'i*, considerando que:

> O corpo de *Nhandesy* é concreto, é chão onde se pisa. O que dá a vida, dá alimentos é o corpo da *Nhandesy*. *Nhanderu* aparece como de cima, como espírito, ***nhe'e***, tudo que é coisa de cima é corpo de homem, *ywytu* (vento), *pytu* (respiro), ar, coisas aéreas, tudo isso representa o corpo masculino. *Nhandesy* e *Nhanderu* são complementos um do outro, *Nhandesy* sempre vai precisar do ar, do respiro, do vento, da chuva e o ar não faria sentido sem a terra, sem chão. Porém, *Nhandesy* é mais concreta, é prática, é vivida, é um corpo que ocupa mais o espaço, e *Nhanderu* é o ar. (Benites, 2018, p. 90)

Num primeiro momento, será abordado o modo como as mulheres guarani sentiram a pandemia de COVID-19 em seus corpos e territórios, buscando estratégias de cuidados com a saúde através de remédios do mato (*Moã Regua*) e em iniciativas próprias em suas comunidades. Num segundo momento, este capítulo apresentará a relação entre as mulheres guarani e as plantas companheiras, cultivadas e não cultivadas, de seus quintais, evidenciando através de seus relatos o quanto suas

plantas contam também suas histórias de vida e sobre o modo de ser da mulher guarani, o *teko* das mulheres.

Por fim, no terceiro item será abordado o que é ser *kunhã karaí* (liderança espiritual feminina), trazendo a compreensão de algumas mulheres guarani sobre a importância dessas anciãs que tanto cuidam da saúde física e espiritual da comunidade bem como do território.

5.1 A PANDEMIA DE COVID-19 E OS REMÉDIOS DO MATO (*MOÃ REGUA*): AS MULHERES GUARANI NOS CUIDADOS COM A SAÚDE DO CORPO E DO TERRITÓRIO

Conforme relatado na introdução desta tese, minhas primeiras atividades de pesquisa de campo realizaram-se um pouco antes do *boom* da pandemia e do isolamento social das aldeias, atravessando também o período mais crítico e o momento posterior. Durante essa travessia desafiadora, foi inevitável, enquanto pesquisadora e indigenista, direcionar meu olhar e demais sentidos aos modos como as mulheres guarani estavam enfrentando aquele contexto pandêmico, as quais passaram a buscar estratégias de sobrevivência e cuidados com o corpo, com seus familiares e comunidade para o fortalecimento da saúde de todos nos *tekoás*.

No período entre os dias 5 e 8 do mês de março de 2020, as mulheres guarani realizaram o I *Nhemboaty Kunhangue Yvyrupa* / I Encontro Nacional das Mulheres Guarani, na Aldeia Conquista (*Tekoa Jataí Ty*), em São Francisco do Sul (SC), coordenado pela Comissão Guarani Yvyrupa, cujo tema foi "*Nosso território, nossa mãe*". Naquele momento, embora a pandemia tivesse sido decretada a poucos dias, ainda não se tinha notícia de ocorrência de casos de Covid-19 nas aldeias da região e não havia restrições de convivência social, sendo o encontro realizado de forma tranquila devido à organização prévia das mulheres para este momento. Durante toda programação, as mulheres trataram de assuntos prioritários para elas e se articularam para a garantia de seus direitos originários e constitucionais.

Uma das atividades significativas do encontro, e de relevância para minha pesquisa, foi a troca de mudas e sementes tradicionais entre as mulheres Guarani presentes (do Brasil, Argentina e Paraguai), no dia 08 de março. Na ocasião, pude participar da troca de sementes com elas ao levar algumas que possuía oriundas de atividades de plantio agroflorestal que me envolvia. No cartaz da programação (Figura

44) colocaram um pedido importante: "*Que todas as mulheres tragam sementes, ervas medicinais e alimentos tradicionais*". Chamou-me a atenção, também, a faixa das mulheres que foi exposta no momento da foto final do encontro: "*Plantamos sementes acreditando no futuro de nossas crianças*" (Figura 47). Essas chamadas das mulheres guarani relacionadas às sementes, às plantas medicinais, às mudas e aos alimentos tradicionais reforçam a importância desses elementos para o ser mulher guarani e para o *kunhangue arandu*, a sabedoria das mulheres guarani, sendo os encontros entre elas oportunidades de circulação de seus saberes específicos e, de forma especial, de fazerem as sementes caminhar.

Figura 43 - Cartaz de divulgação do *I Nhemboaty Kunhangue Yvyrupa*.



Fonte: Comissão Guarani Yvyrupa, 2020.

Figura 44 - Programação do *I Nhemboaty Kunhangue Yvyrupa*.



Fonte: Comissão Guarani Yvyrupa (2020).

Figura 45 - Mulheres guarani interagindo na feira de sementes e mudas durante o encontro.



Fonte: fotografia da autora (2020), Aldeia Conquista.

Figura 46 - Mulheres guarani expondo suas mudas de plantas e conversando sobre elas.



Fonte: captação de imagem do vídeo realizado pela pesquisadora (2020), Aldeia Conquista.

Figura 47 - As kunhangue que participaram do *I Nhemboaty Kunhangue Yvyrupa*.



Fonte: fotografia da autora (2020), Aldeia Conquista.

Cabe mencionar que, posteriormente, em julho de 2020, com o isolamento social das aldeias, a liderança guarani Kerexu Yxapyry, da TI Morro dos Cavalos, deu início a uma iniciativa denominada “Campanha Emergencial *Texai Renda*”, que visou a arrecadação de recursos para a construção do espaço de saúde na Terra Indígena Guarani Morro dos Cavalos voltado à saúde da mulher indígena e à autonomia das mulheres guarani no fortalecimento de seus tratamentos e práticas de cura tradicionais. Ao ser convidada por Kerexu para a coordenação desta campanha, somei esforços na organização de três cursos online, sendo eles: I – *Texai Porã* (Boa Saúde); II - *Rembi'ú Porã* (Alimentos Saudáveis); III – *Mbya Reko Porã* (O sistema Bem-Viver *Mbya*). A campanha teve êxito na arrecadação dos recursos e, desde 2024, este espaço de saúde importante das mulheres guarani está sendo construído.

Realizar minha pesquisa de campo durante a pandemia de Covid-19 mostrou-me, sobretudo, a resiliência e resistência das mulheres guarani nesta missão cosmológica de continuidade do gestar a vida em seus *tekoas*. Além do envolvimento com as atividades do *Nhemongaraí*, conforme relatado no Capítulo 3, as mulheres guarani criaram, durante a pandemia, estratégias de cura e fortalecimento da saúde do corpo e do espírito através dos “*moã*”, remédios preparados com as plantas

consideradas medicinais, sagradas e curativas. Segundo o pesquisador guarani Martins (2024), em sua dissertação de mestrado intitulada "*YVY MARÃ EN'YN: o corpo, os ritos de morte e a pandemia Covid-19*", que abordou a importância dos rituais dos mortos da sabedoria tradicional guarani no período mais grave da pandemia da COVID-19:

> A saúde tradicional indígena traz esse movimento do corpo, e uma junção do corpo, espírito, alma e território [...] Esse vírus, ainda desconhecido, que provoca a Covid-19, causou muitas perdas para os povos indígenas, muitos anciãos morreram nesta pandemia e, com eles, partiram ensinamentos e memórias. Essa memória precisa ser registrada de forma que traga esses conhecimentos tradicionais, como um modo de lembrar das lutas de sobrevivência e da preservação dos territórios tradicionais, pois não é somente a luta pela manutenção do corpo, também de um conjunto de concepções que fazem o *Nhandereko*, e que muitas vezes não são respeitadas pela política de saúde indígena. (Martins, 2024, p. 68-69).

Em uma visita ao Centro de Formação *Tataendy Rupa*, na TI Morro dos Cavalos, em 2022, durante a pandemia, Kerexu Yxapyry mostrou-me as plantas que estavam sendo utilizadas pela comunidade como *moã* (remédio) para o Covid-19, contando que os vizinhos *juruá* e pescadores a procuraram para pedir remédio para uma pessoa da família que estava adoecida pelo vírus. Entre as plantas utilizadas, mencionou e me mostrou o *jaorandi mirim ou djaguarandi* macho e fêmea (também conhecida como pariparoba). Conforme relata Martins (2020):

> Essa é uma planta que tem o nome inspirado num animal, um gato do mato. Segundo as histórias, esse gato do mato gosta muito de comer essa planta para se energizar. A planta, então, tem um *Moã Djá* e também um espírito animal como proteção. (p. 74)

Outra planta citada foi o *yvaro*, planta que possui uma importância especial para os guarani, a qual foi mencionada por algumas de minhas interlocutoras durante a pesquisa. Cabe destacar as palavras de Martins (2020) sobre o *yvaro*:

> Temos, por exemplo, o *yvaro*, o pau amargo, que é uma planta existente na comunidade. É uma espécie de árvore que nós utilizamos para tomar banhos, para tirar a energia ruim, feitiço e doenças espirituais. Essa árvore serve para se banhar, são utilizadas as folhas, às vezes também a casca. As plantas de banhos são necessárias para

se manter o espírito, o *nhee*, limpo. O corpo e o espírito precisam de energia, essas plantas têm esse tipo de energia para tirar qualquer impureza. É uma planta sagrada. O *yvaro* é nativo da mata atlântica. Aqui está presente em uma parte da roça onde plantamos o milho, está localizado em uma região da mata onde passa um córrego. [...] Nesta parte da roça tem pés de erva-mate e a carqueja. Coloco aqui uma parte escrita em guarani para os parentes que querem saber um pouco mais sobre essa erva:

Yvaro ma ymã guive oiporua raka'e, opa mba'e pygua poã yvaro, he'i tcheramoĩ kuery ha'egui tchedjaryi kuery,kova'e poã ayn reve oiporua paweĩ mbya kuery. Yvaro ma mbaeatchy pegua, hakã ratchy, pire raku, djukua'a ha'e gui, kangy pegua, yvaro rogue nhamondo rire ma odjapy py nhamoĩ ha'e gui nhamboaku tatapy, ha'evyma djadjoi nhande akã ha'e gui nhanderete. Kova'e poã ma kunumingue kunhataingue oiporuve vai, inhengue apy,inhengutchu apy,opa mba'e oma'en'yn avã, kaa'guy regua ha'e gui yvy hapy regua kuery,ndodjepotai avã, ha'e ramingua edjavi py poã yvaro oiporu (p. 66).

Figura 48 - Kerexu Yxapyry com os remédios do mato (*Moã Regua*) que usaram durante a pandemia de Covid-19 para fortalecer a saúde da comunidade na TI Morro dos Cavalos.



Fonte: fotografia da autora, Centro Tataendy Rupa, 17 jan. 2022.

Figura 49 - Kerexu Yxapyry na colheita dos remédios do mato (*Moã Regua*) que usaram durante a pandemia de Covid-19 para fortalecer a saúde da comunidade na TI Morro dos Cavalos.



Fonte: fotografia da autora, Centro Tataendy Rupa, 17 jan. 2022.

Importante mencionar, conforme alguns relatos que ouvi, que algumas lideranças espirituais guarani já haviam recebido pela espiritualidade o aviso de que um momento grave de doença (*atchyvaikue*) chegaria ao povo guarani e, de forma geral, à humanidade, o que se confirmou quando a Covid-19 acometeu milhares de pessoas no mundo, no Brasil e, depois, nas aldeias indígenas. Quando estava em campo, durante o *Nhemongaraí* no *Tekoa* Amâncio, lembro que durante a colheita do

Avaxi ete para o ritual algumas pessoas estavam com sintomas gripais no corpo e na cerimônia foi oferecido o *moã*, preparado com *Tukã Rexá* e Cipó *Yguá*[58], a todos que estavam na *Opy* com o intuito de fortalecer a saúde coletiva da comunidade, sendo relembrado que o *xeramoi* Carlito, rezador de grande sabedoria que possui deficiência visual, havia tido uma visão tempos antes a travessia por um momento muito difícil de doença, assim como em outros tempos de contágio trazido pelos não indígenas e vivenciados pelo povo guarani. Nesta cerimônia, tomamos o *moã* que foi servido durante o *Nhemongaraí* e foram feitos rezos de cura para algumas pessoas que estavam já adoecidas pela Covid-19 e ainda não sabiam, o que se confirmou dias depois.

Sobre o impacto da pandemia para a saúde do corpo e do espírito dentro do *Nhandereko*, Martins (2024) explicou que:

> É necessário ter uma boa saúde do corpo e do espírito, ter um bom *teko*, uma boa vida. Por isso a corporalidade guarani também se relaciona com o *Nhandereko*, que é a forma de viver bem. Para ter uma boa saúde seria necessário também plantar, entender a sabedoria das plantas medicinais, cumprir os rituais durante toda a vida, ir às cerimônias ao longo do ano. Na pandemia houve uma quebra dessa forma de viver, causando uma grande transformação e com isso novas doenças, como a ansiedade e pânico. Essas novas preocupações que causam dores físicas podem ser chamadas também de *tekoatchy*, que é uma maneira de se viver com dores ou maus pensamentos. Essa seria uma forma ruim de ser viver pois traz todo o sofrimento e dor que o corpo e mente não suporta, causando assim também as dores da mente e consequentemente da parte física (p. 73).

O *Guatá*, movimento originário constituinte do *Nhandereko* e da territorialidade guarani, pelo qual circulam pessoas, plantas, sementes, animais e saberes pelo território *Yvyrupá*, foi uma das práticas tradicionais mais afetadas pela orientação sanitária e da saúde pública do isolamento social como estratégia principal de enfrentamento à Covid-19. No artigo sobre "A pandemia de Covid-19 e o atendimento à saúde Guarani M'byá" (Passos; Assis; Antunes, 2023), que busca analisar alguns aspectos da territorialidade Guarani *M'byá*, especificamente o *Guatá*, enquanto

[58] Sobre a sabedoria dos líderes espirituais guarani e a importância deste *moã*, indica-se o documentário do cineasta guarani Alberto Alvares, intitulado "*Karai ha'egui Kunhã Karai 'ete* - Os verdadeiros líderes espirituais" (2014), realizado com o *xeramoi* Alcindo Werá Tupã e Dona Rosa Poty Djá, na TI Amaral (SC). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mpNAxnL45UM Acesso em: 21 jul. 2025.

prática cultural a ser considerada para promoção da saúde indígena diferenciada, os autores ressaltaram que:

> Durante o trabalho da equipe de saúde observada em área, os Guarani manifestaram preocupação com a recomendação de isolamento social. Diziam que estavam preocupados sobre como as crianças receberiam os nomes sem o *Guatá* e o *Nhemongaraí*. Como simplesmente ficar em casa numa época tão importante para o sistema de vida Guarani? Aqui se delimita um grande desafio em saúde: como enfrentar a pandemia de Covid-19, e futuras pandemias com isolamento social, sem interromper o *Guatá*?. (Passos; Assis; Antunes, 2023p. 172-173)

Durante a pandemia, foi possível perceber que as mulheres guarani criaram estratégias de continuidade do *Nhandereko* e do *Guatá Porã* (belo caminhar, caminhar junto) ao fazerem circular suas sementes, cultivarem suas plantas medicinais e *moãs*, manterem algumas das atividades de preparação e realização do *Nhemongaraí*, bem como seguiram trocando entre elas saberes voltados aos cuidados do corpo e do espírito ao consultarem as *xejary* e os *xeramoi* para saber quais remédios do mato poderiam prevenir e curar a Covid-19 e seus sintomas nos *Tekoás*[59]. Uma de minhas interlocutoras contou-me que seu avô orientou buscar uma plantinha que só nasce no alto das montanhas do território para preparar o *moã* que previne a contaminação do vírus da Covid-19, e assim ela buscou e preparou para sua família, ensinando também algumas mulheres da comunidade e colocando em prática o *mborayvu,* que pode ser traduzido como a generosidade voltada ao cuidado de si e cuidado do outro todos os dias.

Importante mencionar que os remédios do mato, em sua maioria, não são cultivados pelas mulheres nos quintais próximos às casas, como me relatou outra interlocutora quando perguntei sobre os *moã reguá* que ela cultiva e estava fazendo uso durante a pandemia, a qual evidenciou a lógica do *mborayvu* ao plantar esses remédios na mata do território para colheita e uso coletivo:

---

[59] Sobre as contribuições dos povos indígenas no enfrentamento da pandemia de Covid-19 e a situação do povo guarani em Santa Catarina naquele período, indica-se a entrevista realizada com Daniel Kuaray, professor e pesquisador guarani da TI M´Biguaçu, disponível em: https://licenciaturaindigena.ufsc.br/contribuicoes-indigenas-em-tempos-de-pandemia/ . Também recomenda-se como referência a Cartilha PICs e Covid-19 (SMS – PMF, 2020), da Prefeitura Municipal de Florianópolis, que incluiu os conhecimentos do povo guarani para o enfrentamento à Covid-19, capítulo elaborado por Daniel Kuaray, disponível em: https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2020/05/Pra%CC%81ticas-terape%CC%82uticas-para-a-qualidade-de-vida-fi%CC%81sica-mental-e-espiritual-fortalecendo-a-imunidade.pdf . Acesso em: 26 jul. 2025.

> Eu busco, mas eu não costumo plantar assim… Eu planto lá na mata, porque a ideia é que dê em todos os cantos. A gente usa muito o *Pipi'í* né? Então é nossa erva espiritual, e eu já plantei pra cá, pra lá, pra cá! E quando eu quero eu sei onde eu encontro né. (Eliara Antunes, entrevista realizada em 17/01/2023, Aldeia Yakã Porã, TI Morro dos Cavalos-SC).

Daniel Kuaray, professor e pesquisador guarani da TI M´Biguaçu, também aluno da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, o qual veio a falecer precocemente em setembro de 2024, abordou em sua pesquisa de mestrado a sabedoria tradicional guarani referente aos rituais dos mortos no período mais grave da pandemia do Coronavírus (Martins, 2024). Sendo um importante interlocutor de minha pesquisa, com quem dialoguei diversas vezes e recebi ensinamentos sobre as plantas medicinais, deixo aqui registradas suas palavras sobre esse momento pandêmico tão difícil ao povo guarani e aos demais povos indígenas do Brasil:

> Esse vírus veio para colocar medo em todos nós. Para nós essas memórias de sofrimento estão ainda presentes. Os mais velhos, desde muitos anos, vinham nos contando sobre as experiências dolorosas com outros tipos de epidemias, como gripes, sarampo. Várias outras doenças que mataram muitos parentes. Eles diziam que pessoas vinham e traziam roupas, colchões, coisas que estavam contaminadas.
>
> Os velhos também nos falavam de um evento que iria chegar para mudar o mundo Guarani. Eles tinham sonhos sobre as grandes mudanças do mundo e nos contavam as histórias sobre o final dos tempos. Segundo eles, esse acontecimento irá nos unir, pois estávamos perdendo o contato com o divino, com essa espiritualidade Guarani. Assim, a gente já estava se preparando espiritualmente.
>
> Mas quando o vírus chega, nós, os mais jovens, ficamos muito assustados, porque vimos que nossos velhos tinham razão. Então, quando o vírus passou a matar pessoas e a chegar perto de todos os povos, a gente começou a se preocupar com as crianças, com os mais novos, com os alunos. Os mais jovens são os que estão com mais medo, pois eles têm mais acesso às novas tecnologias e, assim, a mais informação, e as crianças já estão notando esse medo. Essa preocupação é muito forte! Isso que estamos vendo nos assusta, pois você vê muitos seres humanos morrendo e a gente se coloca no lugar do outro. Esse vírus não é só uma doença do corpo, é também uma doença espiritual, pois todo mundo está sofrendo com essa preocupação. Aqui, está cada um na sua casa, conversando com os

> vizinhos, e tendo o ritmo do cuidado Guarani do corpo e do espírito" (Daniel Kuaray, 2020)[60].

5.2 AS *KUNHANGUE* E AS PLANTAS COMPANHEIRAS EM SEUS QUINTAIS

> Porque na verdade a mulherada gosta mais de plantá na nossa mãe terra! Qualquer coisa né, a flor, qualquer coisa a gente vê ali e já quer plantar. Tem mão mais ágil do que o homem, homem vai roçar, capinar, só isso. **De plantá mesmo, que tem no fundo do coração, é a mulherada. Sempre foi assim.**
> (*Kunhã Karaí* Dona Roseli, entrevista realizada em 24/03/2023, na TI M´Biguaçu, destaques da autora)

Ao caminhar pelos *tekoás* com os olhos atentos para os quintais próximos às casas em que moram mulheres, num exercício de leitura da paisagem desenhada por elas, foi possível identificar plantas e flores que revelam um cuidado e uma história em sua composição. Com frequência vemos plantas de roça, como *jety* (batata-doce), junto a plantas de proteção e medicinais ao redor das casas. Em minha pesquisa de campo, nas conversas com as mulheres que generosamente se dispuseram a dialogar mostrando as plantas de seus quintais, surpreendeu-me a composição diversa de seus jardins feito com simplicidade, cada um contando também sua história e sua caminhada através de suas plantas companheiras[61].

Uma de minhas interlocutoras, Lucia Moreira, cujo nome em guarani é *Para Mirim*, da aldeia *Itaty*, TI Morro dos Cavalos, mostrou-me as plantas que cultiva em seu quintal que fica às margens da BR-101. Artesã e mãe de cinco filhos, mora na TI Morro dos Cavalos há mais de vinte anos, anteriormente morando na TI Chapecó e, depois, na TI Ibirama, ambas no estado de Santa Catarina. Às margens da BR-101 que provoca um ruído intenso de trânsito o dia todo, seu pequeno quintal abriga um

---

[60] "O vírus veio para mostrar que nós, os humanos, somos seres frágeis, e que dependemos da natureza": entrevista com Daniel Kuaray, por Valentina Nieto – Instituto Brasil Plural, publicada em 15 jul. 2020. Disponível em: https://brasilplural.paginas.ufsc.br/o-virus-veio-para-mostrar-que-nos-os-humanos-somos-seres-frageis-e-que-dependemos-da-natureza-entrevista-com-daniel-kuaray/ Acesso em: 26 jul. 2025.

[61] A concepção de "plantas companheiras" é, aqui, compreendida à luz da noção de "espécies companheiras" proposta por Haraway (2021) que se refere à relação simbiótica, amorosa e interdependente entre diferentes espécies que coevoluem e se influenciam ao longo de gerações no tempo, a exemplo da relação entre humanos e plantas. De acordo com Dias (2023): "[...] é uma noção que sempre coloca em movimento o amor como um aspecto teórico-metodológico fundamental, o amor que atravessa as relações entre as espécies e que define vidas conjuntas vividas baseadas no respeito e responsabilidade (p. 3).

sistema biodiverso muito rico plantado por ela. Com satisfação, mostrou-me suas plantinhas contando a origem de cada uma delas e, em dado momento, afirmou que cuida de suas plantinhas "*como se fossem seus filhinhos*". Entre suas plantas, estão: milho (*Avaxi*), araçá (*Araxá mirim*), erva-mate (*Ka'á)*, araticum, amarelinha, alfavaca, guiné (em guarani *Pipi*, nome científico não-indígena *Petiveria alliacea*), bergamota/tangerina (*Narã'i)*, laranja (*Narã*), ameixa, cana guarani (*Takuar*), pepino, amendoim (*Manduvi*), repolho, feijão (*Komanda'i*), arruda, banana (*Paková*), batata-doce (*Jety*), entre outras.

Figura 50 - Lucia *Para Mirim* mostrando-me suas plantas no quintal de sua casa.



Fonte: registro da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Ao perguntar a ela sobre o cultivo de plantas para remédio e cura de doenças, ela respondeu-me:

> Quando eu ficava doente mesmo usava *jaguarandi*, *yvaró*. Usa mais né, pra tudo que é doença. A principal é *yvaró*, sabe *yvaró,* né? É do mato mesmo. Toma um pouquinho e toma banho de *yvaró*. E guiné (*Pipi*) também. Guiné toma e toma banho, se tiver com uma dor de cabeça esquenta, faz um chá na água fria e molha tua cabeça e toma um pouquinho. O chá é forte mas pra dor de garganta é bom. Pra gripe, muito bom. Eu gosto de tomar esse chá. (Lucia Moreira – Para Mirim, entrevista realizada em 20/01/2023, aldeia Itaty, TI Morro dos Cavalos).

Reforça-se, como dito anteriormente, que as mulheres guarani preferem buscar e colher na mata as ervas medicinais para o preparo de seus *moã*, não cultivando nos quintais ao redor de suas moradas.

Figura 51 - *Pipi* (guiné) no quintal de Lucia *Para Mirim*.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Ao perguntar à *Para Mirim* sobre o que mais gostava de plantar, ela me respondeu: “Eu gosto muito de plantar *Avaxi ete'í, feijão ete'í* e verdura eu gosto. E fruta, por isso que eu tenho bastante fruta! Olha aquela laranja vai dar esse ano”.

Figura 52 - *Pé de Narã* (laranja) plantado por Lucia *Para Mirim*.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Uma de suas plantas que me chamou bastante a atenção foi seu pé de erva-mate (*Ka'a*), cuja folha estava bem grande. Segundo *Para Mirim*: "Eu plantei um desse aqui, que trouxe uma mudinha bem pequeninha e já tá grande. Eu sei fazer *Ka'á*, só que não tem pilão".

Figura 53 - Pé de *Ka'a* (erva-mate) plantado por Lucia *Para Mirim*, cuja muda foi trazida de outro território.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Figura 54 - Folha de *Ka'a* (erva-mate) plantada por Lucia *Para Mirim* no seu quintal.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Às margens da BR-101, Lucia e sua família resistem há anos com a chegada da rodovia cortando o território da TI Morro dos Cavalos. Suas plantas trazem a mensagem de resistência do *Nhandereko* face ao modelo de desenvolvimento econômico predatório do país e, sobretudo, de segmentos políticos do estado de Santa Catarina que, até os dias atuais, empreendem uma verdadeira ofensiva contra os povos indígenas em nome do progresso. O processo de implantação e duplicação da BR-101, a partir da década de 1960, e os violentos avanços sobre a vida e território do povo guarani desta região litorânea, foi profundamente abordado por Darella (2004), Darella; Mello (2005), Ladeira, Darella e Ferrareze (1996) e Darella, Garlet e Assis (2000 e 2001), entre outros, que evidenciaram os impactos deste empreendimento ao povo guarani e sua territorialidade, a exemplo dos deslocamentos forçados e do projeto articulado de etnocídio e genocídio ainda em curso[62], o qual nega seus direitos territoriais e constitucionais. Segundo Darella e Mello (2005):

> A análise dos impactos sofridos pelas comunidades Guarani em decorrência da implantação da BR-101 em seu território tradicional dificilmente abrange a totalidade dos efeitos deletérios no tempo e no espaço. As conseqüências desse processo são incomensuráveis. Há mais de 40 anos as famílias Guarani que habitavam a região e

[62] O processo de homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos será abordado no Capítulo 6 desta tese.

> posteriormente seus descendentes vêm deparando-se com o não reconhecimento de seus direitos territoriais, sendo obrigadas a deslocar-se por várias vezes, sem condições de prover sequer sua subsistência por falta de terras. (Darella; Mello, 2005, p. 163)

Sobre este avanço do modelo de desenvolvimento econômico predatório e o colonialismo sobre a vida de povos e comunidades indígenas e tradicionais que possue, em contraposição, um modelo deo envolvimento com a vida,, que "[...] *chegam subjugando, atacando e destruindo*", Bispo dos Santos (2023) faz uma alusão ao contracolonialismo como estratégia de resistência e sobrevivência: "O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo" (p. 58).

Nesta perspectiva contracolonial proposta por Bispo (2023), Lucia *Para Mirim*, assim como as demais mulheres guarani, seguem gestando e cultivando a diversidade da vida em seus territórios, resistindo com seus corpos e saberes ao avanço do colonialismo e da lógica monocultural e desenvolvimentista sobre *Yvyrupá*.

Figura 55 - Lucia *Para Mirim* caminhando por entre suas plantas.



. **Fonte:** fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Figura 56 - Quintal de Lúcia *Para Mirim* às margens da BR-101, Terra Indígena Morro dos Cavalos.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Figura 57 - Plantio de feijão de Lúcia *Para Mirim* próximo à BR 101, na TI Morro dos Cavalos. Ao fundo, o monocultivo de pinus e eucalipto de área invadida pelos não-indígenas, atualmente retomada pelos guarani.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Figura 58 - Lucia *Para Mirim* mostrando-me seu cultivo de *komandá'i* (feijão).



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Figura 59 - Cultivo biodiverso de Lucia Para Mirim consorciando *Avaxi*, arruda, feijão e plantas companheiras espontâneas.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, dez. 2022.

Figura 60 - Resistência contracolonial: roça de *Avaxi* no quintal de Lucia às margens da BR-101 e em contraposição ao monocultivo de eucalipto e pinus ao fundo.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, dez. 2022.

Figura 61 - Roça de *Avaxi* e cultivo de *paková* (banana) às margens da BR-101.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, dez. 2022.

Figura 62 - Uma das orquídeas de Lucia *Para Mirim*, flor muito cultivada, apreciada e, também, comercializada pelas *kunhangue*.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Figura 63 - Alfavaca anisada (*Ocimum carnosum*) que Lucia ganhou do *xeramoi* Dário Tupã para usar junto à erva-mate no chimarrão.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 20 jan. 2023.

Ainda na aldeia *Itaty*, na TI Morro dos Cavalos, ao andar por entre as casas na subida da montanha, deparei-me com uma rocinha de *jety* e *mandió* (mandioca), era a casa de Sandra, cujo nome em guarani é *Yva,* que, segundo ela, é o nome feminino do Sol. Ela havia se mudado com os três filhos para a aldeia fazia um ano, vindo do Rio Grande do Sul, contando-me que trouxe sementes de *avaxi* e outras e aguardava o período bom para o plantio em seu quintal. Embora tenhamos trocado poucas palavras, nos momentos de diálogo silencioso, que é peculiar do povo guarani, foi possível sentir que o plantio ao redor da casa representava também uma resiliência de *Yva* enquanto mulher guarani e um novo ciclo de sua vida com seus filhos no *tekoa*.

Figura 64 - Sandra *Yva* com seus filhos no quintal de sua casa.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 2022.

Figura 65 - *Jety* (batata-doce) no quintal de Sandra *Yva*.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 2022.

Figura 66 - *Mandió* (mandioca) no quintal de Sandra *Yva*.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 2022.

Figura 67 - Casa de Sandra *Yva* e de seus filhos no topo da montanha.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 2022.

Figura 68 - Manivas de *mandió* para plantio.



Fonte: fotografia da autora, TI Morro dos Cavalos, 2022.

.

Em uma de minhas idas à campo na Terra Indígena Morro dos Cavalos, em janeiro de 2022, fui bem cedo para a participar do mutirão no Centro de Formação *Tataendy Rupa* no qual seriam formados dois grupos para realizar trabalhos de plantio na roça e de reflorestamento. Porém, pela rotina intensa que a comunidade estava durante dias no território, decidiram concentrar-se na limpeza e capinagem do espaço próximo ao Centro de Formação que se mostrava necessário naquele momento. Enquanto trabalhávamos, conversei com Kerexu Yxapyry sobre a riqueza e diversidade de plantas de seu quintal, estando entre elas o jambu, açaí, batata-doce, babaçu, caju, cacto palma, entre outras. Fizemos um passeio em seu quintal e ela mostrou-me com muita satisfação as árvores que ela e outras pessoas da comunidade ali plantaram, sendo elas: ipê-roxo, ipê-amarelo, guavirá, jabuticaba, abacateiro, urtiga, taquara, pimenta, babosa.

De forma especial, perguntei sobre o *ka'apiá (*nome científico não-indígena: *coix lacryma-jobi)*, também conhecida como lágrima-de-Nossa-Senhora e capim-rosário, semente muito utilizada pelas mulheres na confecção dos artesanatos e para regular a menstruação, a qual vi com frequência nas aldeias. Particularmente, possuo grande afeto pelo *ka'apiá* por lembrar dos rosários de minha avó feitos com essa semente e por algumas vezes ter sido presenteada por amigos guarani com colares feitos com *ka'apiá* para minha proteção espiritual. Contei a Kerexu que uma vez um biólogo explicou-me existir um parentesco entre as sementes do *avaxi* e a do *ka'apiá*, e perguntei a ela se para os guarani essa ligação ancestral e biológica entre essas espécies vegetais se confirmava. Kerexu contou-me que, no início dos tempos, o *ka'apiá* era bem pequenininho, como uma grama, que com o tempo foi ficando maior. Explicou-me que o *ka'apiá* era a planta cultivada pelos guarani no Caminho do Peabiru[63], pois ela marcava o *Tape* (caminho seco) que os guarani percorriam. É muito frequente encontrar esta planta nos *tekoás*, a qual também é um indicativo da presença e ocupação guarani nos territórios da região.

[63] Um dos extensos caminhos antigos que percorriam na América do Sul antes da invasão européia é o Caminho de Peabiru (na língua tupi, "*pe*" – caminho; "*abiru*" – gramado amassado), uma rede de rotas que liga o litoral do Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico e possui conexões com estradas incas, tendo como um dos destinos principais a cidade de Cusco, no Peru. Segundo registros históricos e o que pude ouvir do *xeramoi* Seu Alcindo Werá Tupã, em uma cerimônia na *Opy*, eles realizavam este caminho até o Império Inca em busca de conhecimento espiritual e trocas de bens materiais. Sobre a história deste caminho e sua importância para o povo guarani, veja-se Bond (2023, 2004, 1996), entre outros.

Figura 69 - *Ka'apiá*, planta medicinal presente na Mata Atlântica e utilizada tradicionalmente pelos guarani para cura do corpo e do espírito.



Fonte: fotografia da autora (2021).

O nascimento de um jardim no quintal das casas das mulheres guarani no *tekoa* traz em si histórias de caminhadas de pessoas, plantas, bichos e saberes. Uma de minhas interlocutoras, a Cacica Celita Antunes Djatchuká, do Tekoá *Yynn Moroti Wherá*, Terra Indígena M'Biguaçu, contou-me sobre a transmissão dos saberes sobre os remédios e plantas medicinais pelas *kunhangue*. Importante dizer que com a chegada da primeira menstruação, momento importante para as mulheres denominado "*inhengue*"[64], as meninas passam por um ritual de iniciação para a vida adulta e alguns conhecimentos do *tekó* das mulheres são repassados pelas mulheres mais velhas, como as *xejary* e as *kunhã karai*. Segundo a pesquisadora guarani Martins Timóteo (2020, p. 26):

> A primeira menstruação é a mais importante da vida das meninas guarani. A partir daí, um novo ciclo de vida irá começar, a infância termina e a vida adulta começa a surgir. [...] A partir de quando acontece a menarca, a menina deve se comportar de uma maneira mais reservada, deve se preparar para enfrentar muitas regras e passar por alguns rituais próprios da cultura. Desde criança, a mulher guarani aprende com suas mães ou avós, os rituais e as regras, para se tornar uma mulher instruída dentro do conhecimento guarani, no

[64] Sobre o *inhengue* (menarca) e menstruação para as meninas e mulheres guarani, veja-se: Vasconcelos (2021), Martins Timóteo (2020), Benites (2023; 2018), entre outras.

> modo de ser mulher guarani. A partir da menarca, a menina já pode ser considerada mulher e é respeitada como uma e deve seguir algumas regras que são feitas próprias para elas. O primeiro ritual que fazemos é cortar os cabelos, que são cortados e guardados pelos pais em forma de tranças ou amarrados nas pernas do pai ou dos avôs, para dar mais força ou usados em outros rituais, como amarrar na cintura das crianças. Outro ritual é tirar a teia de aranhas para fazer linhas e amarrar no pulso das mocinhas: isso tornará a mão da menina ágil e fará com que ela se torne hábil para tecer, costurar e confeccionar artesanatos.

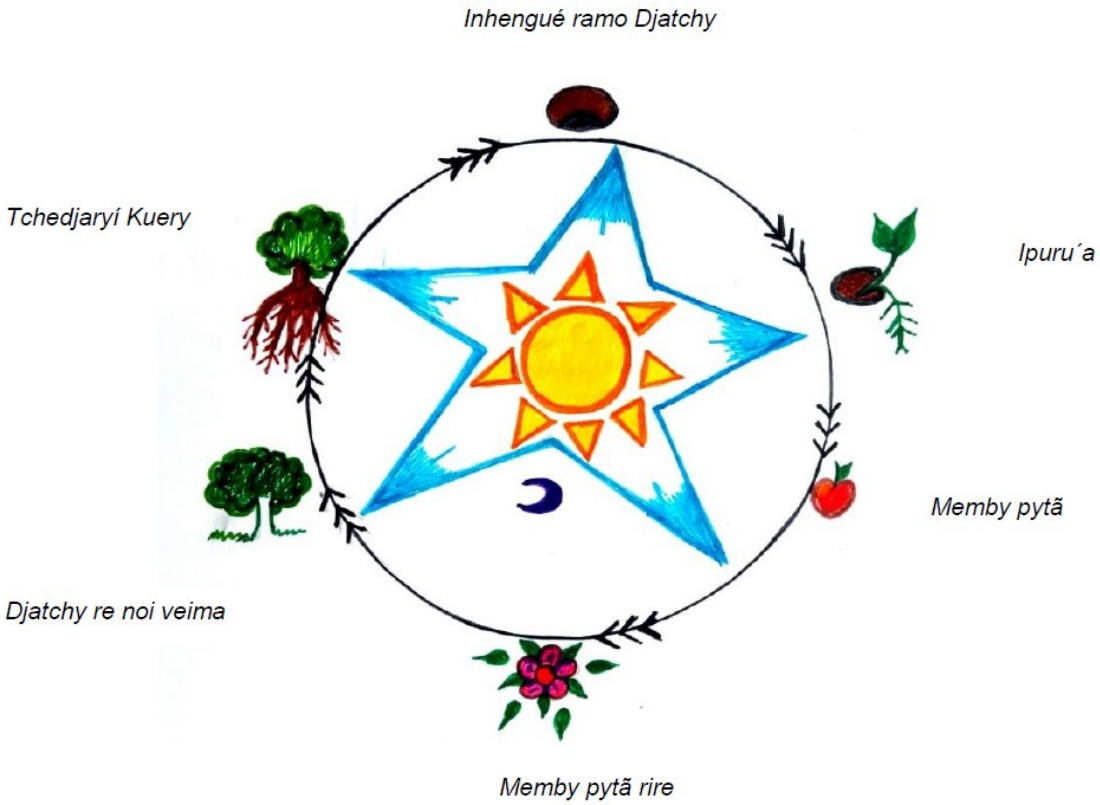
Em minha conversa com Dona Roseli, ela explicou-me que durante o "*Jaxy*", o período menstrual, as mulheres não devem tocar as plantas e devem ter cuidados específicos de recolhimento neste momento[65]. De acordo com suas palavras:

> Quando tem flor, não passa e não bota a mão, senão vai secar tudo. Aí não passa a mão, tu tem que ficar dentro de casa, cuidando das coisas... Aí a gente pensa que tá passando bom; não. De tanta menstruação que o *Jacy* já fez né... Porque tem que cuidar muito né, cuidar muito. Na verdade, de mocinha também tem quem se cuidar. Antigo mesmo, se cuidava. Cortava muito mesmo o cabelo. Ficava tudo zero mesmo, na primeira menstruação. Aí tem que amarrar com lençol, não pode andar na friagem, tem que sentar dentro de casa, fazendo as coisinha... E não pode mais ouvir alguém falando, gritando, não pode mais ouvir nada!". (*Kunhã Karaí* Dona Roseli Moreira, entrevista realizada em 24/03/2023, TI M'Biguaçu).

Martins Timóteo (2020) retrata, por meio de um desenho de sua autoria, os ciclos de vida feminino guarani, os quais, através de uma metáfora com os ciclos de uma árvore, demonstra as fases da vida de uma mulher, desde o nascimento até a velhice. Apresento-o a seguir:

[65] Belaunde (2006), em seu artigo "A força dos pensamentos, o fedor do sangue. Hematologia e gênero na Amazônia", aborda sobre o significado do sangue para alguns povos indígenas amazônicos, a exemplo dos airo-pai, relacionando gênero, conhecimento e cosmologia, apresentando alguns estudos etnológicos voltados à compreensão dos aspectos físicos e espirituais que envolvem a menstruação para as mulheres indígenas. O momento da menstruação é, na maioria das vezes, compreendido como uma transformação que depende de restrições estritas. Segundo a autora: "Mulheres em sangramento geralmente interrompem todas, ou pelo menos algumas, tarefas diárias e observam um período de abstinência sexual, comendo apenas alimentos considerados "suaves", tais como vegetais e a carne de animais e peixes que se considere ter "pouco sangue". Sua dieta exclui a carne de animais que se considere ter "muito sangue", tais como a anta. As mulheres também evitam ir ao rio ou à floresta, tocar qualquer item da cultura material ou se aproximar dos homens. As restrições são enfatizadas principalmente durante a celebração da primeira menstruação de uma menina ou após o parto, mas também são observadas um pouco menos todas as vezes que o sangramento menstrual e/ou pós-parto ocorre". (Belaunde, 2006, p. 219-220).

Figura 70 - Desenho “O ciclo de vida feminino guarani” (caneta e papel A4), feito por Gennis Ara'í em 28 jan. 2020.



Fonte: Martins Timóteo (2020, p. 53).

Liderança feminina da aldeia e consagrada como mulher medicina[66], a cacica Celita Antunes relembrou em nossa conversa o modo começou a receber os ensinamentos sobre as plantas e remédios após seu *inhengue*, contando-me que:

> Os remédios, as ervas, eram repassados pelas mulheres né. A gente quando ficava mocinha, principalmente eu quando fiquei mocinha, tirando por mim né, eu me lembro que eu tava junto com meu vô mas as mulheres ao redor que tavam por ali que me ensinavam [...] Nesse tempo a minha mãe não tava, depois que ela chegou. Ela era conhecida como erveira, garrafeira, e aí eu aprendi a maioria dessas plantas com as mulheres da aldeia, porque antigamente era assim, a gente vivia só na comunidade. E as mulheres a gente ia catar, pelo menos eu vivi no tempo que a gente catava muito, fazia... catava pra

[66] Junto com Hyral Moreira e Geraldo Moreira, Celita Djatchuká é fundadora da igreja nativa *Tataendy Rekoe*, também denominado Fogo Sagrado, no qual conhecimentos do *Nhandereko* foram aliados a um resgate e fortalecimento espiritual com o uso do chá enteógeno ayahuasca, processo profundamente abordado na tese de Rose (2010), intitulada “*Tata endy rekoe* – Fogo Sagrado: Encontros entre os Guarani, a ayahuasca e o Caminho Vermelho”.

> quem não sabe a gente ia achar frutas no mato, tirar coco, tirar o que tinha, catar as sementes, raízes pra gente poder comer, ia com um bando de mulheres, não era só uma. A maioria delas vinha e como nós era criança a gente ia catar tudo junto, e aí a gente ia aprendendo né o que que tava ali no mato, qual tipo de erva, de plantação, onde que tava as palmeiras, onde que tava os pés de frutas. E assim pra nós ir aprendendo o dia a dia né, vivendo assim, conhecendo as plantas. (Celita Antunes Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M'Biguaçu-SC).

Filha de Maria Erma *Takuá*, importante liderança espiritual feminina (*kunhã karaí*) do povo guarani, que era erveira e remedieira de referência e trouxe à TI M´Biguaçu muitas plantas medicinais, Celita contou-me ter recebido de sua mãe muitos conhecimentos relacionados às plantas e remédios:

> Minha mãe era Takuá. Bom, Takuá era a mãe antiga né, é a deusa mais antiga do Universo. E ela que trouxe todo esse conhecimento, toda essa parte das medicinais, ela conhece todas as plantas... Conhece todas as medicinas da Terra, porque ela é mãe da *Nhandecy*, ela criou tudo isso junto. Então a deusa *Takuá* tem todo esse poder de trabalhar todas as coisas né. Porque a mãe trabalhava a vida dela, a vida inteira, ela fazia xaropada. Imagina, quando ela saiu da aldeia, a fonte de renda, ela caminhava por essas cidades aí, ela fazia as garrafadas. Você não chegou a conhecer ela, né? Porque ela era meio, assim, a mãe era mestiça Xetá com Guarani. Então ela tinha esse jeito meio parecida que era cabocla assim né. E ela falava os dois idiomas, e ela falava português. E ela saía, ela pegava os artesanatos dela, as garrafada dela, e ficava fora uma semana vendendo. Quando ela voltava ela ficava fazendo as garrafada, tudo misturado com artesanato e levava. Então, desde que eu conhecia ela era assim. (Celita Antunes Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M'Biguaçu-SC).

O processo de chegada e constituição do que hoje é o território da TI M'Biguaçu foi narrado por Djatchuká. Saindo da TI Chapecó (SC) muito nova, passando pelo Rio Grande do Sul, chegou na TI Morro dos Cavalos e conheceu seu esposo, Hyral Moreira, importante liderança da TI M'Biguaçu, o qual esteve como cacique por alguns anos: "*Quando eu cheguei aqui os guarani viviam na beira da BR, desde o Rio Grande do Sul, tudo na beira da BR, não tinha terra, e Morro dos Cavalos era a única aldeia que existia*. *Era só a família Moreira que morava lá. Depois quando eu voltei, não me lembro quantos anos depois, que eu cheguei aqui e era uma das aldeias formadas de novo"*. De acordo com sua memória, o *Tekoá Yynn Moroti Wherá* foi retomado por seu sogro, Seu Milton Moreira, e sua família, havendo apenas plantio de frutas no território, com algumas poucas rocinhas que passaram a ser cultivadas

pelos mais velhos, principalmente pelo *xeramoi* Seu Alcindo Werá Tupã e pela *xejary* Dona Rosa Poty Djá. Djatchuká contou-me, então, da transformação da paisagem do território feito pelas kunhangue, lideradas por sua mãe e por sua avó:

> Eu lembro que a vó, a mãe, a mãe trouxe muitas arvorezinhas, muitos chás pra cá né, e foi de novo recordando junto com a vó os chás, elas foram recordando os chás. Trouxeram de Paranaguá, veio até da Argentina os chás. Porque essa terra aqui era uma terra muito degradada ainda, aqui pra cima, essa mata não tava tão bonita como é hoje. Ela tava bem degradada. Mas a gente trouxe toda essa parte das plantas medicinais e das sementes nativas. Foi nessa época que a gente foi trazendo né, e mostrando, plantando, falando com as crianças... Resgatando. A gente, na verdade até hoje, nessa aldeia a gente continua trabalhando o resgate. Na escola, todos os alunos que se criam aqui, que aqui estudam, eles têm o resgate de alguma coisa. E a gente resgatou muita coisa, na escola, no Opy, nas rodas de conversa, e essas rodas sempre puxadas pelas mulheres. (Celita Antunes Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M'Biguaçu-SC).

Ao mostrar-me as plantas de seu quintal, Celita explicou que geralmente nascem espontaneamente nos lugares onde mora, sem que ela tenha plantado. Entre suas plantas, mostrou-me o *Pipi Guaxu* (leiteira), *Pipi* (guiné), pata-de-vaca, gengibre azul, açafrão/cúrcuma (presente da *xejary* Poty Djá), orquídeas de diversas espécies e cores, *Ka'are* (mastruz/mastruço), mirra, boldo, lírio-do-brejo, chacrona (também denominada "Rainha", nome científico não indígena *Psychotria viridis*), assa-peixe, *jaorandi mirim ou djaguarandi*, mamona, *ambay* (embaúba), arnica, *pindó* (jerivá), entre outras. Ao mostrar-me algumas plantinhas de seu quintal, contou-me de onde vieram, a exemplo da orquídea amarela, que ela denominou "chuva de ouro", que sua mãe lhe presenteou antes de falecer e a aconselhou a sempre ter por perto, bem como o lírio-do-brejo, que explicou-me seu uso para tirar depressão e para o emagrecimento[67].

Quando perguntei sobre suas plantas companheiras, ela disse:

> É o *Pipi'i*, essa aqui a mamoma, o *Ka'apiá*, de vez em quando nasce o fumo, então nasce, tem essas plantas que vem né, nasce em volta

[67] Machado (2011), em sua tese de doutorado sobre a relação entre mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônico, identificou em sua pesquisa haver uma diferenciação na memória das mulheres entre as plantas que lembram da origem e das que desconhecem sua trajetória. De forma comparativa e quantitativa, sua análise demonstrou que as mulheres desconheciam a origem dos alimentos plantados, diferente dos ornamentos, das plantas de remédio e matérias-primas, cuja proveniência é mais presente na memória dessas mulheres (p. 234).

da minha casa. Porque eu não planto, essas plantas eu não planto. Eu planto alecrim, essas plantinhas assim mais de chazinho... As do mato eu não planto. E elas vem se criando. E aí engraçado que no meu chimarrão eu tomo muito a camomila, e esses dias eu tava olhando e tem uns pezinhos por aí nascendo, então elas vêm. Acho bem interessante! Mas nem é nativa, isso que eu achei estranho! É engraçado porque eu compro arruda, planto, mas não pega! Coisas quando eu planto tem que ficar regando, um monte de coisas. E as que vem, vem, tão por aí! Esse aqui também, de chapéu de couro, tinha um pé, a gente cortou um pé aqui embaixo e os caramujo vieram e comeram tudo, morreu tudo, e essa a minha mãe que deu né, trouxe de Imbituba quando ela veio morar pra cá. E sumiu. E agora nesses tempos apareceu de novo. Aí eu fiquei pensando, e falei pra Aline só né: "Nossa, eu vou ter que tomar né!". Então chega, vai chegando na gente, realmente. A gente que não percebe né, a gente anda tão corrido, ligado nesse sistema, a gente não percebe o que está acontecendo em volta da gente. E eu não tenho costume de plantar, ela vai nascendo, nascendo, e são todas medicinas. Todas que eu olho por aí. Às vezes tem gente que vem: "ah, queria que tu me ensinasse o chá. Tu sabe onde tem chá?". Mas eu olho aqui e tá cheio, esses mato aqui tudo! E eu sei pra quê e porquê né. E eu acho que pra nós que conhecemos ervas é normal, pra gente que trouxe esse conhecimento. (Celita Antunes Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M'Biguaçu-SC).

Figura 71 - Plantas do quintal da Cacica Celita Antunes Djatchuká.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 72 - Casa da Cacica Celita Antunes Djatchuká e sua família, com parte de suas plantas companheiras.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 73 - Boldo-do-Chile *(Peumus boldus*) do quintal de Cacica Celita Antunes Djatchuká.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 74 - *Ka'are* (Mastruço, *Dysphania ambrosioides*) de seu quintal na Mata Atlântica.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 75 - Cacica Celita Antunes Djatchuká em seu quintal.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 76 - Cacica Celita Djatchuká mostrando uma de suas plantas companheiras.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 77 - Pata-de-vaca *(Bauhinia forficata*) do quintal de Celita Djatchuká.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 78 - *Pipi* (guiné) do quintal de Celita Djatchuká.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 79 - Gengibre azul (*Dichorisandra thyrsiflora*) do quintal de Celita Djatchuká.



Foto: da autora, 08/03/2023, TI M'Biguaçu.

Figura 80 - Cacica Celita Antunes Djatchuká com sua orquídea amarela “chuva-de-ouro”, presente de sua mãe.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 81 - Orquídea chuva de ouro (*Oncidium varicosum*), originária do Brasil, Paraguai e norte da Argentina.



Fonte: registro da autora, 8 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Quando estive com Dona Roseli, *kunhã karaí* da TI M'Biguaçu, ela mostrou-me as plantas de seu quintal e suas sementes, contando sobre a necessidade de buscar mais sementes no Rio Grande do Sul e na Argentina, rota que seus parentes fazem para buscar sementes boas. Mencionou gostar muito da "melancia do guarani", que é amarelinha e bem diferente da dos *juruá.* Lembro que Lucia Para Mirim também havia feito referência a esta melancia como sendo de seu grande apreço, algo especial para as mulheres guarani, mas que durante a pesquisa não consegui ver seu plantio nas roças e quintais. Sobre as preferências de plantas próximas a ela, Dona Roseli disse:

> Agora eu não acho mais remédio pra plantar. Plantei mais ali capim limão, pra fazer chazinho, e aquele melissa, penicilina, só isso que eu tenho ali. Na verdade, não plantei por enquanto né, na verdade eu não é de planta de remédio, de flor... Eu sou mais de agricultura mesmo, eu gosto de plantar mais batata, aipim, milho, melancia, eu gosto mais. Mas assim, de planta de flor, não é muito comigo, mas eu gosto muito

> de flor, mas pra mim plantá mesmo não tenho hábito. (Dona Roseli, entrevista realizada em 24/03/2023, na TI M'Biguaçu)

Figura 82 - Dona Roseli Moreira caminhando entre suas plantas e rocinha de *mandió* (mandioca) de seu quintal.



Fonte: fotografia da autora, 24 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 83 - Canteiro de plantas medicinais e hortaliças do quintal de Dona Roseli.



Fonte: fotografia da autora, 24 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 84 - Plantio de *mandió* (mandioca – *Manihot esculenta*) de Dona Roseli.



Fonte: fotografia da autora, 24 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

Figura 85 - Dona Roseli em seu quintal.



Fonte: fotografia da autora, 24 mar. 2023, TI M'Biguaçu.

As plantas dos quintais das *kunhangue* narram suas histórias de vida, suas trajetórias, bem como suas relações com a vida, com a comunidade, com a espiritualidade e com o *Nhandereko*. Conhecer o *tekó* (modo de ser) e o *kunhangue reko* (modo de vida) das mulheres guarani através de seus quintais e de suas plantas companheiras revela-se, neste sentido, um caminho fértil para compreender seus saberes e fazeres relacionados ao corpo, ao território, à política e à sua relação cosmológica de cuidar de *Nhandecy*, a Mãe Terra, o chão onde se pisa, em seus *tekohas*.

Conhecer as plantas companheiras de cada mulher é, de forma especial, conhecer sua individualidade, seus passos no caminho, sua corporalidade e seus modos de ocupar os espaços do território. Benites (2023) elucida-nos que:

> **O *tekó* é o nosso modo de ser, o nosso modo de ver o mundo e o nosso modo de estar no mundo. Isso depende de cada forma, de cada um também, de cada trajetória.** Existe o *tekó* dos homens**, existe o *tekó* das mulheres**, *tekó* dos *txe adjaryi* – dos nossos avós –*tekó* das crianças. ***Tekó* é um pouco de individualidade, caminho de cada pessoa.** O *tekoha* já é o lugar onde a gente constrói o nosso modo de ser, coletivamente. Onde existem mais pessoas, diferentes corpos, diferentes *tekós*. (Benites, 2023, p. 6)

Figura 86 - Plantio de *Jety* (batata-doce) e árvores frutíferas no quintal de Maria Yva, na Terra Indígena Morro dos Cavalos.



Fonte: fotografia da autora, 16 dez. 2022.

Figura 87 - Adriana Keretchu Mirim manejando as plantas na área da roça (TI M´Biguaçu).



Fonte: fotografia da autora (2018)

5.3 SOBRE SER *KUNHÃ KARAÍ*

Em uma de minhas idas a campo, tive a oportunidade de participar da roda de conversa com as *xejary* Dona Roseli, Dona Lurdinha e Dona Fátima, as *kunha karaí* (lideranças espirituais) da TI M'Biguaçu, uma atividade promovida pelos professores da Escola Indígena *Whera Tupã Poty Dja* junto aos alunos da aldeia. Foi uma experiência especial na *Opy* (casa de reza) em que elas ensinaram às crianças e jovens coisas importantes da tradição guarani e, também, trouxeram alguns conselhos de vida a todos. Abriu-se a atividade com o *mborai* (canto) do coral e, ainda que as xejary falaram suas palavras em guarani, foi possível perceber a importância daquele momento para os alunos.

Figura 88 - As *Kunhã Karaí* Dona Roseli, Dona Lurdinha e Dona Fátima, na *Opy* da TI M'Biguaçu.



Fonte: fotografia da autora, 15 fev. 2023.

De acordo com Celita Djatchuká, tem sido uma preocupação dos professores deste *Tekohá* o resgate e fortalecimento dos conhecimentos tradicionais do *Nhandereko*, a exemplo dos relacionados ao plantio e às roças, considerando que cada vez menos haverão os mais velhos com o dom de ser *karaí* e a *kunhã karaí* nos territórios, conforme ela explicou:

> Tem época que a gente faz esse um resgate de novo com eles de ensinar né, ensinar as ervas, de sair por aí e mostrar né. Porque a gente agora, desde o plantio, e por quê, e pra quê, quem é que planta, que tipo de planta a mulher tem que plantar, que tipo de planta o homem tem que plantar, que jeito. E a gente tem os rituais de plantio de cada coisa. Ensinar isso, parece que chega uma hora que parece que eles não querem aprender né. Nós professores e educadores, nós que temos essa parte da pedagogia, a gente fica preocupado. Porque não vai ter mais *Karaí* e *Kunhã Karaí*. Porque eu não sou *Kunhã Karaí*, sei disso, tenho certeza. Mas eu acho que sou uma pedagoga! Então eu acho que não vai ter mais, eu acho que vai ter que mudar o nome. **Porque *Karaí* e *Kunhã Karaí* pra mim era tocar em alguém e curar, fazer um milagre.** E acho que agora nós não, a gente tem que trabalhar, somos assim agora né. É só pra repassar o conhecimento, ensinar. Por isso que às vezes a gente conversa muito aqui entre nós que a gente tem que achar uma maneira de ensinar eles, tem que ir até a tecnologia, fazer alguma coisa pra ensinar, cativar e mudar o jeito de ensinar né. (Celita Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M'Biguaçu-SC. Destaque da autora).

Sempre lembrada como uma importante *Kunhã Karaí*, a *xejary* Poty Dja, cujo nome em português era Rosa Mariani Cavalheiro, conhecida por muitos como Dona Rosa, era esposa do *xeramoi* Seu Alcindo Werá Tupá e mãe de Dona Roseli Moreira (entre outros filhos que tiveram), e possuía grande sabedoria sobre as sementes, sobre agricultura, benzimentos e tantos outros saberes que fazem parte do *Teko Porã* guarani, como a ciência da argila, cerâmica e a produção de petynguá de argila rosa das mulheres, denominado "*petynguá jaxy*". Seu nome significa "dona das flores", a qual deixou um rico legado de ensinamentos por onde passava e há muitos relatos de curas e benzimentos realizados por ela[68]. Nas palavras de Timóteo (2020):

> Dona Rosa, conhecida como *Poty Djá* (dona das flores), foi uma grande *kunhã karai* da aldeia de M'Biguaçu. Uma anciã muito respeitada, considerada vó de todos na aldeia. Tinha um sábio conhecimento sobre a vida guarani e seus costumes. Era grande conhecedora da cosmologia feminina guarani. Foi essencial para a organização social da aldeia, pela qual tinha grande zelo. Conhecia a aldeia com a palma de sua mão, pois foi uma das fundadoras. E conhecia exatamente o solo onde estava a melhor argila que precisava para confeccionar seu *Petynguá* e para plantar suas medicinas. Foi com ela que tive o grande prazer de aprender a fazer cerâmica com desenhos ungulados. Conhecia cada pé das plantas que tinha na aldeia, fazia seus chás em função da cura do próximo. Mulher de força e rigor mesmo com tantos anos de idade ainda tinha força para trabalhar na roça, capinando e cultivando suas plantações com grande energia e motivação. Era um exemplo para todas as mulheres, mesmo com tantas lutas e obstáculos em sua vida conseguiu viver por muito tempo ainda. Mostrou que na vida tudo é possível. Repassava todos os seus conhecimentos para seus filhos e netos através da oralidade. Toda a sabedoria que tinha transmitia para as crianças da aldeia com carinho através da musica, da dança dos conselhos e das rezas dentro da *opy* ou na sua própria casa. Era sábia, guardiã de muitos conhecimentos sagrados. Mesmo passando de seus cem anos era guerreira e mulher de fibra. Assim como quase todas as anciãs guarani, tinha a preocupação de cuidar da família e zelar pelo seu bem. Cultivava a tradição guarani com grande orgulho. Era muito religiosa e suas crenças eram também repassadas para os mais novos. Como uma verdadeira *kunha karai*. Tinha o dever de ensinar e guiar as meninas mais novas a seguir a verdadeira tradição guarani, o verdadeiro *Nhanderekó*. (Martins Timóteo, 2020, p. 50-51).

[68] Considerada uma matriarca e *kunhã karaí* de referência para o povo guarani, Dona Rosa Poty Djá ancestralizou em 6 de maio de 2019, fazendo sua passagem para a Terra Sem Males após 104 anos de vida. Além do ritual de morte tradicional guarani, a xejary Dona Rosa recebeu muitas homenagens, como a realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, organizada pelo curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, em julho de 2019, cujo registro audiovisual está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bCNRxxznlmQ. Também recebeu um reconhecimento no jornal local de Florianópolis, cuja reportagem pode ser acessada em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/matriarca-guarani-parte-para-a-terra-sem-males Acesso em: 28 jul. 2025.

Em nossas conversas, a Cacica Celita Djatchuká reforçou a importância de Dona Rosa Poty Djá e relembrou com carinho os momentos que foi cuidada por ela em sua primeira gravidez, recebendo os remédios e massagens que precisava para se curar de uma complicação gestacional quando ainda bem nova. Destacou também que geralmente as pessoas não-indígenas de fora procuravam mais o *xeramoi* Seu Alcindo Werá Tupã, sendo poucos os “de fora” que a procuravam para conhecer seus ensinamentos e suas histórias. Ao perguntar à Celita sobre as *kunhã karaí* guardiãs de sementes tradicionais e o plantio nas roças nos tempos atuais na aldeia, ela explicou que:

> Quem tá levando essas roças, que eu vejo assim que tá ali de coração mesmo, é a Dona Lurdinha, a minha sogra [Dona Roseli] e a Dona Fátima, que tão plantando. Mais essas, essas três. E nós que puxemo os alunos pra poder ir e aprender a plantar, daí a Lourdes ensinar né. Porque são elas, aqui nós não temos *xeramoi*. E tá desde que a vó [Dona Rosa Poty Djá] parou, nós professores que ficamos fazendo esse trabalho. E agora minha sogra veio pra cá, foi bom que daí ela trouxe de novo, puxou a Fátima e puxou a Lurdinha, tão fazendo de novo esse plantio, essas rezas das plantas, e tudo mais né. E aí quando dá aquela baixada, por isso que eu falo, nós professores temos que ficar ali, nós somos as abelhinhas né! Mas tá assim. (Celita Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M’Biguaçu-SC).

Figura 89 - Roda de Conversa com os alunos da Escola Indígena *Whera Tupã Poty Dja*, na TI M'Biguaçu.



Fonte: fotografia da autora, 15 fev. 2023.

Considerados especialistas tradicionais que detém conhecimentos da raiz do Nhandereko, os *Karaí* e as *Kunhã Karaí* são lideranças espirituais que sustentam a vida nos tekohás e ensinam as gerações mais novas, preparando remédios, realizando curas, benzendo, batizando os mais novos, rezando, guardando os *mborai* (cantos sagrados) e conduzindo os rituais. No diálogo com a *kunhã karaí* Dona Roseli sobre a época que ela e família chegaram na região de Florianópolis, perguntei a ela sobre os *Karaí* e sobre as *Kunhã Karaí* naquele tempo, há cerca de trinta anos atrás. Seguem as palavras dela:

> Naquele tempo, só o pai e a mãe. A mãe e só. O primeiro *karaí*, o primeiro mesmo, foi meu vô. Depois se conheceram o pai, tava junto com o meu vô, fizeram uma reza pra ele, pra passar uma alma pra ele de novo, pra ser *Karaí*. Depois que partiu. Aí, ele agora, o pai e a mãe que é primeiro *Kunhã Karaí*, o *Karaí*, o pai. Bem benzedora. [...] *Karaí* puro, *Kunhã Karaí* puro, não fala bobagem, não briga com os outros. Ele gosta muito pessoa. Bom coração. Aquele é *Kunhã Karaí*. Isso. Aquele que briga, isso aí fofoca. Já aquele, meu Deus, aquela fofoca já destruiu tudo. Aquele não é mais Karaí, Kunhã Karaí, porque já o

Nhanderu já não gosta daqueles pessoas, já. Por isso que vocês têm que conhecer bem, gostar muito da pessoa. Bom coração. É assim que é *Kunhã Karaí*. Se o pessoal vem ali, aceitar bem, sentar, conversar. É assim que é *Kunhã Karaí*. Não depois de gritar tudo, aí a gente não pode. A gente tem que conhecer isso ali, tem que conhecer se é uma pessoa boa, se não era. *Kunhã Karaí* é muita coisa também. Ele sabe tudo que vai acontecer nessas horas, nesse momento, na tarde, à noite, o que vai acontecer. Esse ali que é *Kunhã Karaí*. Igual o *Karaí* que faz benzimento, aquele, a mesma coisa. O que é que vai acontecer hoje ou amanhã? Já disse pra nós que vai acontecer amanhã, não sei se vai dar boa, não sei se vai dar ruim, não sei. Não sei se não caminha muito longe. Já indica pra nós de novo, aquele é o *Karaí*. E a mesma coisa, *Kunhã Karaí*: "*olha, o meu filho, as minhas filhas, a minha família, agora nesse momento, acho que não dá bom pra você sair*". E é assim que é *Kunhã Karaí*. Não com aquela bobagem, aquele fofocação e já vai lá e grita pros outros, aquele não é *Kunhã Karaí*. Ninguém fala ainda essa ali por causa que não conta direito aquele *Karaí*, aquele *Kunhã Karaí*. Claro que eu sou, eu vou rezar pra todo mundo. Mas esse momento, se eu tenho um coração bom ou não, eu não gosto da pessoa, a mesma coisa, eu vou rezar pra ele. E é assim *Kunhã Karaí*, agora esse momento. Fazer o bem pra todo mundo. *Kunhã Karaí* é pra receber a pessoa. Nem que ser ruim, mas tem que sentar, mandar sentar, dar uma chimarrão. Conversar como é que vai tá, como é que vai dar, como é que levantou, se levantou bem ou não. Tem que perguntar, essa aí é *Kunhã Karaí*. É a mesma coisa que aquele benzimento do *Karaí* também. Ninguém falou ainda por causa que agora que eu tô falando, agora que eu vou contar uma história muito interessante, porque vocês querem saber, ninguém agora não tem mais nada, não tem nenhum *Karaí* mesmo, puro. Só o pai mesmo que vai saber. O pai se foi e partiu, como é que nós vamo ficar? Tem que ser, andar com ele também, pedir oração pra ele, pra passar uma alma, coração bom pra nós. É assim que tem que ser com ele. Não intrigar ele também, brigar com ele também, não pode brigar. Pra ser *Karaí*, tem que ir junto com ele. Ele vai contar história, vai dar uma boa pra ele, conversar com ele, levantar cedo e tomar chimarrão com ele, ele conta a história. É assim que deve ser pra quem quer ser Karaí, tem que levar com carinho também né. E é a mesma coisa com *Kunhã Karaí*, eu falo como *Kunhã Karaí*, eu sou *Kunhã Karaí*. Qualquer coisa eu rezo, faço remédio. O remédio também, tem que ser uma *kunhã karaí* que sabe fazer o remédio certo pra pessoa também, não aquele remédio que não faz nada. *Kunhã Karaí* sabe também se é feiticeira a pessoa que faz feitiço pros outros, ela já sabe quem que é, o jeito dela. É assim, *kunhã karaí*. *Karaí* a mesma coisa, ele sabe se a pessoa é feiticeira. Já sabe! Ele não vai falar pra mim também, ele já sabe como é o jeito dela. E assim que aconteceu com *Karaí*, que a alma desse pra ele como é que mostra que a pessoa é boa ou não. Tem tudo isso também, princípio tem tudo isso, a gente tem que conhecer benzimento, tem que gravar

> pra ser *Karaí* de novo. Não assim de vereda: “Ah, eu sou *karaí* agora! Agorinha que eu fumei agora o petynguá ali! Eu sou *Karaí*”. Mas eu nem sei o que é ser *Karaí*! Por isso que eu tô dizendo, vcs têm que ser *Karaí*, com amor e bom pensamento e bom coração. Não agora: “Eu sou *karaí*. Eu sou *kunhã karaí*”. E depois eu fico bem “jururu”, eu fico nervoso com os outros. Parece um boi! Não dá! Não pode falar nada *kunhã karaí*. Se a pessoa fez encanto: “Óh, senta! Vamo tomar chimarrão, vamo proseá pra ver como é que vai”. Fica rindo! Faz uma piadinha, já fica rindo, é assim *kunhã karaí*. Não a gente ficar aborrecido aí, tem a pessoa ali: “Ah, esse aí eu não vou receber”. Isso não é *karaí*, *kunhã karaí*. Tem que agradecer. Lá fora todo mundo fala: “Ah, eu sou *kunhã karaí*. Agora que fui na montanha já sou *karaí*, tô *kunhã karaí*”. Não pode! (*Kunhã Karaí* Dona Roseli Moreira, entrevista realizada em 24/03/2023, TI M’Biguaçu).

Com a passagem de Dona Rosa Poty Dja à morada celestial, sua filha Dona Roseli contou-me sobre a mudança de seu nome em guarani para Poty Dja neste momento, sendo reconhecida sua importância como *kunhã karaí* na comunidade onde, agora, passa a desempenhar a mesma função espiritual de sua mãe.

Figura 90 - Xejary Dona Roseli, *kunhã karaí*, cuidando do fogo em sua *Opy*.



Fonte: fotografia da autora (2024), TI M´Biguaçu.

Figura 91 - A *kunhã karaí* Dona Roseli em frente à sua *Opy*, localizada próxima à sua casa.



Fonte: fotografia da autora, TI M´Biguaçu, 24 mar. 2023.

Cabe reforçar a importância das *kunhã karaí* no momento de passagem das meninas para a vida adulta, quando acontece a primeira menstruação (*inhengue*), as quais, sendo mais experientes, transmitem às meninas seus ensinamentos relacionados aos cuidados com o corpo, com a saúde da mulher, aos conhecimentos voltados ao plantio, aos rituais – como o *Nhemongaraí* -, bem como às comidas e bebidas tradicionais, a exemplo do *mbita*, *mbeju* e o *kaguyjy*. Assim, as *kunhã karaí* são as principais guardiãs e responsáveis pela transmissão do *kunhangue arandu*, a sabedoria das mulheres, relacionada a todas as fases da vida, estando o corpo feminino no centro desse processo de aprendizagem material e espiritual do *Nhandereko*.

Devido ao modo mais silencioso e, por vezes, mais discreto de ser das *kunhã karaí*, não é incomum que seu protagonismo no cuidado com a diversas formas de vida nos *tekohás* e na salvaguarda dos conhecimentos tradicionais, bem como dos saberes e fazeres fundamentais ao *teko porã* (bem viver) nas aldeias, seja

invisibilizado ou passe desapercebido aos olhos menos atentos. Conforme a percepção de uma de minhas interlocutoras:

> [...] a mulher, querendo ou não, ainda continua cuidando da aldeia. Eu não vou dizer que não tem machismo, o machismo é horrível, eu vi muito machismo na comunidade onde eu me criei, muito... Mas também sempre via a dominância das mulheres, do jeito delas. As mulheres, **eu falo assim que é que nem um rio, que nem água. Ela vai indo, vai indo, se ela encontra barreira ela desvia, ela vai e consegue o que ela quer**. Então sempre foi assim né. (Celita Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M'Biguaçu-SC, destaques da autora).

Nos benzimentos, preparo dos *moã reguá* (remédios do mato) e curas, as *kunhã karaí* sempre desempenharam uma função fundamental junto aos *karaí* nos trabalhos espirituais e rituais, embora na maioria das vezes as pessoas percebessem de forma mais preponderante a atuação dos *karaí*. Importante o relato da cacica Celita Djatchuká sobre o protagonismo das *kunhã karaí* nos benzimentos, tratamentos de saúde e rituais de cura:

> Os *Karaí* benziam, porque tinham os *Karaí* e a maioria deles que eram *Karaí*, quando a gente via os *karaí* tavam lá cantando, rezando, benzendo. Tá, eles faziam o benzimento, mas a *kunhã karaí* tava lá acendendo o *petynguá*, ela que acendia. Mas aí depois do benzimento, vinha o tratamento. Quem é que fazia o tratamento? Era ela! Ela que ia buscar a erva, ela que fazia as massagens, ela que fazia o parto… Então era tudo a *kunhã karaí*… A minha mãe que falava muito que quem que aprendeu e pegou o primeiro chá foi a mulher né! Aí nós brincava com ela, será que não é a Eva? Ela ficava brava! (risos). Porque a primeira mulher que teve um filho, o filho ficou com dor. O que que ela fez? Foi procurar algo que desse pra criança tomar e ela deu pra criança e se sentiu bem, e aí é onde ela começou a procurar o chá. E foi ela que encontrou o chá né. Então o chá veio da mulher, as ervas foi a mulher que manipulou né. Aí meu vô contava, dizia que tinha o Deus *Juruá*, o *Djakairá*, ele que ensinava os chás né. E eu disse: "Tá, mas e as mulheres?". E ele: "Não, ele falava contava a história no ouvido dela, pra ela saber como que era pra fazer o chá". Aí ele contando assim, contava as histórias. Mas eu: "Não tinha que ser uma deusa?". "Mas claro, o *Djakairá* era companheiro da Takuá". Mas como sempre né… Aí ele dizia: "Olha, até agora é assim, a gente diz: "óh, fulano de tal benze, fulano de tal tá curando". Então ela vai dizer: "tu vai pegar aquele chá lá e vai fazer, faça assim, assim e assim". E quem que ia fazer? Era a mulher que ia lá pegar o chá! E realmente, vendo depois os benzimento do vô, ele chegava pra vó, cochichava no ouvido dela e no outro dia tava ela lá fazendo as misturas e curando. Porque ele contava onde que tava a dor e ela já

> sabia qual é que era o remédio pra tomar. (Celita Djatchuká, entrevista realizada em 08/03/2023, TI M'Biguaçu-SC).

Deste modo, percebe-se a agência fundamental das anciãs *kunhã karaí* nos processos de cura do corpo e do espírito nos *tekohás* e, também, na manutenção do *Nhandereko* ao longo das gerações. São guardiãs de conhecimentos ancestrais e tradicionais relacionados ao *tekó* guarani, por vezes transmitidos em caráter de segredo, em contextos rituais, momentos cotidianos e em diálogos mais íntimos, como a benção do *petynguá jaxy* ("cachimbo da lua", utilizado somente pelas mulheres em momentos especiais).

Figura 92 - Cacica Celita *Djatchuká* com seu *petynguá jaxy*, na *Opy* da TI M'Biguaçu.



Fonte: acervo do projeto "Guardiãs de Saberes" (2018).

No próximo capítulo, serão analisadas iniciativas importantes idealizadas e realizadas pelas mulheres guarani relacionadas à gestão dos territórios de seus tekoas - envolvendo a retomada, restauração da terra, cuidados com as águas e reflorestamento - bem como a cura da terra e do bioma Mata Atlântica.

6 A "REBELDIA" DAS *KUNHANGUE* NA CURA DA TERRA E DO BIOMA MATA ATLÂNTICA

> Ser mulher indígena é já nascer guerreira, tá no sangue, tá na alma.
> Ser mulher indígena é já nascer guerreira, tá no sangue do meu ser mulher.
> Espírito de guerra braços forte, homens e mulheres que não temem a morte.
> Muita descriminação com os povos indígenas, imagina então com *ore kunhangue*.
> A mulher que a base de nossas lutas que para sempre com os homens estão sempre junto o universo da mulher que tem muitos a nos ensinar.
> Então viva a mulher, a mulher indígena de todos os países de diversas etnias. Viva!
> (*Ore Kunhangue* – canção de Jerá Guarani, TI Morro dos Cavalos)[69]

Neste capítulo serão apresentadas importantes inciativas lideradas pelas *kunhangue* da Terra Indígena Morro dos Cavalos, localizada no município de Palhoça, em Santa Catarina, em uma área de aproximadamente 1.983 hectares, no bioma Mata Atlântica. De forma especial, trarei relatos etnográficos oriundos da pesquisa de campo e dos diálogos com as lideranças Kerexu Yxapyry, do *Tekoa* Centro de Formação *Tataendy Rupa*, e da Cacica Eliara Antunes, do *Tekoa* Yakã Porã, as quais são irmãs e filhas da *xejaryi* Ivete de Souza, cujo nome em guarani é Jaxuka Rete, e do *xeramoi* Adão Antunes, sendo seu nome em guarani Karai Tataendy (*in memorian*) [70].

Kerexu Yxapyry ocupou o cargo de Coordenadora do Distrito Interior Sul, da Secretaria de Saúde Indígena, do Ministério da Saúde, sendo a primeira Cacica mulher da Terra Indígena Morro dos Cavalos e a primeira mulher a exercer a coordenação da Comissão Guarani Yvyrupa – organização representativa do povo guarani. Gestora ambiental pelo curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC, Kerexu foi a primeira Secretária Nacional de Direitos Territoriais do Ministério dos

---

[69] Composição de Jerá Guarani, "Ore Kunhangue". Disponível em: https://fagtar.org/expressoes/expojeramirim/ Acesso em: 16 jul. 2025.

[70] O *xeremoi* Adão Karai Tataendy Antunes (*in memorian*) foi uma importante liderança, pesquisador e um dos primeiros professores guarani da Escola Indígena *Itaty*, na aldeia *Itaty*. mportante mencionar que o *xeramoi* Adão Karaí Tataendy escreveu o livro "Palavras do Xeramoi" (Antunes, 2008), no qual, segundo ele, apresenta "[h]istórias ouvidas de meus antepassados. Parte dessas histórias foi contada pelo meu falecido vovô Paulino Martins e outras ouvi de pessoas mais velhas, as quais chamamos *nhaneramõi*" (p. 5).

Povos Indígenas. Na Assembleia Legislativa do estado de Santa Catarina, recebeu, em 2022, o título de cidadã honorária de Florianópolis e, em 2024, recebeu a Comenda do Legislativo, em reconhecimento à sua luta e resistência pelos direitos dos povos originários. Mulher Terra da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas da Ancestralidade – ANMIGA, Kerexu Yxapyry é guardiã e defensora do bioma Mata Atlântica e uma referência enquanto mulher indígena guarani no Brasil e no mundo.

Eliara Antunes, cacica do Tekoa Yakã Porã, é também gestora ambiental pelo curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC e educadora. Foi eleita coordenadora da Comissão *Nhemonguetá*, organização tradicional de Caciques e lideranças do povo guarani do litoral sul de Santa Catarina, onde realiza um importante trabalho junto às demais lideranças guarani do estado. Ambas são *xondarias* (guerreiras) de grande reconhecimento pelo povo guarani e vêm movimentando a luta pela demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, possuindo uma caminhada em defesa da vida e da Mata Atlântica em seus territórios.

Ambas são consideradas *xondarias* (guerreiras) por sua comunidade, como se referem às pessoas que lutam e defendem os direitos de seu povo, assumindo importantes responsabilidades em seu *tekoa*. As duas irmãs vêm movimentando há anos a luta pela demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, possuindo uma caminhada em defesa da vida e do bioma Mata Atlântica em seus territórios.

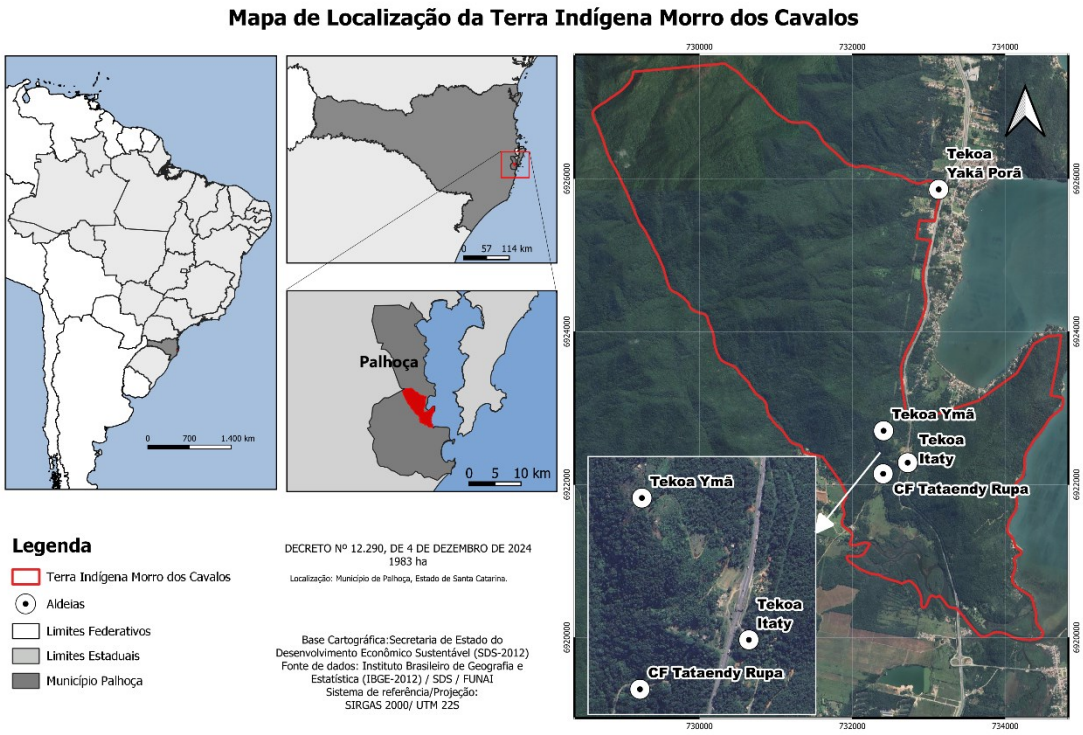
A retomada e ocupação do Tekoa Yakã Porã, pela Cacica Eliara, bem como os projetos "*Ka'aguy Mirim*" e "*Avaxi Ete*", liderados por Kerexu Yxapyry, serão abordados neste capítulo, evidenciando o protagonismo e a resistência das mulheres guarani nos cuidados com a vida em seus territórios, na cura da terra e das águas da Mata Atlântica, bem como seu compromisso com a continuidade e fortalecimento do *Nhandereko*.

Figura 93 - A *xejaryi Jakuka* Rete com suas filhas Jerá, Cacica Eliara e Kerexu Yxapyry, na III Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília-DF.



Fonte: acervo pessoal de Kerexu Yxapyry (2024).

Figura 94 - Mapa de localização da Terra Indígena Morro dos Cavalos e seus *Tekoas* (aldeias).



Fonte: acervo da TI Morro dos Cavalos (2024).

6.1 RETOMADA E OCUPAÇÃO DO *TEKOA YAKÃ PORÃ*, DA TI MORRO DOS CAVALOS

O *Tekoa Yakã Porã* é uma aldeia que nasceu da necessidade de retomada pelo povo guarani de uma área na Terra Indígena Morro dos Cavalos (SC), às margens da BR-101, devido às diversas ameaças, invasões e um assassinato de um guarani cometido nesta parte do território. Essa retomada e ocupação iniciou-se em maio, no ano de 2015, e foi liderada pela mulher guarani Elizete Antunes, mais conhecida como Cacica Eliara, a qual na época era professora da escola *Itaty*, no Tekoa *Itaty*.

Ao caminhar nos dias de hoje pelo *Tekoa Yakã Porã* e ver uma floresta biodiversa em pé, uma cachoeira e curso d'água cristalinos, animais, plantas e roças, bem como uma comunidade tranquila com mulheres, homens, jovens, crianças e anciãos convivendo de forma harmoniosa neste território, dificilmente conseguimos imaginar que este local, anteriormente ocupado por invasores não-indígenas, era um lixão onde eram descartados muitos resíduos durante anos pelos *juruá*.

Cacica Eliara, uma de minhas interlocutoras na pesquisa, contou-me como se deu essa retomada e seu protagonismo na ocupação desta área da TI Morro dos Cavalos, narrativa que trago a seguir:

> Então, primeiro… Eu não falei assim que eu vou "naquele lugar". Eu tava muito bem como a minha família lá em cima, sempre tive meu trabalho como professora. Mas eu tinha muito forte comigo que eu queria produzir algo, e onde eu morava ali que era do lado da escola eu sempre plantei, cultivei… Mas era uma coisa que não me satisfazia, e eu queria mais. Às vezes brigava com os vizinhos porque eu plantava e iam lá e as pessoas arrancavam no quintal, e eu comecei a me sentir um pouco chata. Aí teve um dia que eu conversei com meu irmão, o Elizandro, eu falei assim: "*Vamos sair daqui?! Vamo achar um lugar pra nós plantar…*" Eu me sentia tão ruim assim, eu tinha vontade de comer um milho, comer a batata, comer abóbora, mandioca, mas parece que perdeu o gosto essas que eu comia na cidade. E talvez por eu ficar muito tempo assim com meu pai antes dele falecer, e eu senti assim que ele morreu com esse desejo. Ele morreu com esse desejo de comer as coisas, ele morreu com o desejo de ele ir lá e colher, e ele ver as coisas e comer, sentir aquele gostinho da terra como ele falava… E de tanto eu ver ele falar isso eu coloquei isso também na minha cabeça que eu também não queria só aquele tipo de vida lá de só comprar, o milho que você come já chegava sem gosto, aquele milho mucho assim né… E aí eu falei pro meu irmão:

"*Vamo arrumar um espaço pra gente pra gente plantar?!*". Aí ele falou: "*Vamos*!". E eu nem imaginava esse lugar aqui, eu imaginava pra lá na praia, do outro lado. E aí eu ficava assim, a minha família toda sabia que eu tinha esse desejo, "*eu quero achar um lugar pra mim plantar, pra mim criar minhas galinhas*", como hoje eu graças à Deus tenho um monte de galinha. E aí aconteceu assim, eu acho assim que foi tudo Nhanderu abrindo os caminhos, fazendo as coisas … [...] Aí de repente, tava ali na Kerexu e tavam de reunião com a Funai, os caciques… Mas eu não era liderança, era apenas uma professora que tava ali participando da reunião porque tava na casa da Kerexu e aí eu era obrigada a sentar ali e tomar um chimarrão com eles… Aí eles falaram desse lugar aqui, que tinham assassinado um indígena aqui embaixo da ponte e tal, e que precisava de alguém, vão ter que colocar alguém pra morar lá e tal… Aí eu falei assim, falei pro pessoal da Funai: "*Eu vou! Se vocês quiserem eu vou lá*". Daí eles me olharam assim, tipo, alguém que nem tava no assunto: "*Você vai?!*" Daí o cacique ele não gostava da gente, por causa do conflito do machismo né, por causa da Kerexu, e aí ele me olhou e disse assim: "*Você quer ir mesmo?*", com cara bem de brabo. E eu falei assim: "*Eu vou!*". Aí ele olhou pra mim e falou assim: "*É, pra morar lá tem que ser você mesmo que é valentona!*" Tipo, mas com machismo né, quis dizer assim: "vocês que estão sempre no meu caminho, me atrapalhando né!" (risos)… Foi mais ou menos isso assim! E aí eu falei: "*Eu vou!*". Aí tá né, acabou a reunião, todo mundo foi pro canto e eu fiquei lá pra mãe, e daí foi o Carlos né, meu meio irmão. E ele falou assim: "*Ô Eli, você falou sério que você vai?*". E eu falei "*Eu vou!*". E ele falou: "*Vamo lá olhar o lugar?*". Meu namorado na época tava comigo, aí eu olhei pra ele e eu falei: "*Vamo lá dá uma olhada?*" E ele falou: "Vamos!". E eu falei pra ele: "*Mas se eu ficar lá você fica comigo, vamo morar lá?!*" E ele falou: "*Bora!*". Embarquemo no carro e viemo, cheguemo aqui na frente, eu tenho até hoje as fotos de nossa chegada aqui. Chegamos ali, eu olhei assim e era lixo! Lixo, lixo, lixo, lixo, lixo… Lixão assim… E aí, mas uma coisa que me chamou atenção, foi um pé de mexerica no meio do mato carregado assim! (Cacica Eliara, entrevista realizada em 17/01/2023, no Tekoa Yakã Porã, TI Morro dos Cavalos).

Figura 95 - Cacica Eliara e demais mulheres guarani no primeiro dia de ocupação e retomada do território do *Tekoa Yakã Porã*, na TI Morro dos Cavalos.



Fonte: acervo da Cacica Eliara, maio 2015.

Figura 96 - Parte do lixo descartado e encontrado na área do *Tekoa Yakã Porã*, quando retomaram este território.



Fonte: acervo da Cacica Eliara, maio 2015.

Figura 97 - Menina guarani e o fogo de preparo dos alimentos na retomada do território de Yakã Porã.



Fonte: acervo da Cacica Eliara, maio 2015.

Figura 98 - Preparo do alimento durante a retomada do território de Yakã Porã.



Fonte: acervo da Cacica Eliara, maio 2015.

Figura 99 - Mulheres e meninas guarani na retomada do território do *Tekoa Yakã Porã*.



Fonte: acervo da Cacica Eliara, maio 2015.

Ao contar-me sobre o movimento de retomada da área da aldeia *Yakã Porã*, Cacica Eliara relatou sobre os plantios que realizou no território degradado pelo acúmulo de lixo e exploração predatória dos não-indígenas, bem como o avanço do monocultivo de *pinus* (originária de países europeus) nesta área ocupada. Segundo ela:

> E aí eu vim, aí houve toda aquela coletividade das pessoas, a gente fez a coleta de lixo e tal, e eu lembro que a primeira coisa que eu plantei foi um pé de milho, foi umas rama de mandioca, acho que eu plantei uns nove pezinho de mandioca, que tem mandioca até hoje! Eu arranco e eu como mas sempre tá nascendo e aquele lá ficou. E aí depois, acho que passando uma semana, eu plantei umas ramas de batata que eu achei no lixo, da escola ali, da *Itaty*. De certo aquelas batatas meio estragadas que vinha na merenda e eles jogavam fora. Criou umas ramas assim, teve um dia que eu cheguei lá, fui dar aula, continuei dando aula lá mesmo morando aqui. Aí quando eu tava dando aula meu namorado na época foi lá com um saco assim de chuva e encheu de rama de batata, e aí quando ele acabou a aula ele falou assim: "*Eli, eu trouxe umas coisa pra você plantar!*". Eu fui olhar e era rama de batata, e eu plantei. Então foram as primeiras coisas que eu plantei, foi pra cima do açude que tem aqui do lado. Hoje eu já nem ocupo mais aquela área, por causa que era um lugar bem ruim. E aí não usava pra cá porque aqui era tudo sujo né, era pinus, era

> coisa, então não tinha como. O único lugar que tinha naquele momento que não tinha pinus, era aquele espaço mas que era assim óh (íngreme), cheio de pedra. E ainda eu comi batata e mandioca daquele espaço lá. E que solo assim bom, bem forte, eu colhi muita batata-doce! Tinha batata assim que a minha mãe era a felicidade dela! Que na época assim, agora ela aprendeu plantar também, mas assim, aquela felicidade dela vim e ela ir lá e tirar a batata, cozinhar ou assar. Deu umas bem gigantonas! E aí então eu comecei a plantar ali. E daí depois eu comecei a limpar pra cá né, e aí no lugar dos *pinus* eu plantei as bananeiras, essas bananas eu não tinha nenhum pé. Hoje eu tenho quatro tipos de bananas plantadas, dá muitas bananas! Porque as crianças comem, os passarinhos comem, tem muita banana aí. E aí então onde comecei a usar pra cá esse espaço. Hoje a gente já conseguiu tirar os pinus e tem roça lá pra cima. Melancia, milho… (Cacica Eliara, entrevista realizada em 17/01/2023, no Tekoa Yakã Porã, TI Morro dos Cavalos).

Cabe destacar que a fundação de um *tekoa* pelas mulheres guarani já fora abordada em alguns trabalhos acadêmicos e etnográficos, como os de Ciccarone (2001); Darella (2004) e Rebelo (2015), as quais identificaram que o plantio de sementes e abertura de roças no novo território consiste numa das principais preocupações e prioridades das *kunhangue* que lideram a retomada. Ciccarone (2001), ao relatar a memória de suas interlocutoras guarani sobre a fundação de um tekoa, menciona que a narração das mesmas se referia às ações “[...] que percorriam a memória dos lugares: plantar e transportar sementes. Fundar a aldeia e nomeá-la remetiam ao rito feminino de dar vida, nutrindo a terra e a sociedade” (p. 30).

Na época da pesquisa de campo, ao perguntar à Cacica Eliara quantas famílias estavam morando no *Tekoa Yakã Porã*, ela me respondeu serem doze famílias que, segundo ela, passaram a plantar e cuidar das roças no território. As sementes de *avaxi* que ela plantou no início vieram de uma feira de sementes de São Paulo, onde as kunhangue do Paraná, Rio Grande do Sul e Espírito Santo trouxeram e lhe deram. Esse cuidado com o território degradado, sua regeneração e a nutrição da nova comunidade é algo perceptível no trabalho de liderança da Cacica Eliara.

Figura 100 - Batata-doce (*jety*) colhido no Tekoa Yakã Porã pela Cacica Eliara.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2024).

Figura 101 - Amendoim (*manduvi guaxu*) cultivado e colhido por Dona Ivete, mãe da Cacia Eliara, no Tekoa Yakã Porã.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2022).

Apesar de muitas dificuldades enfrentadas enquanto mulher e liderança guarani ao ocupar um território alvo de invasões, ameaças e degradação pelos não-indígenas durante anos[71], Cacica Eliara expressou que o processo de retomada gerou um movimento pessoal de renascimento que lhe exigiu coragem (*mbaraete*), mas também lhe trouxe um sentimento de satisfação. Nasce ali uma liderança, uma *uvixa* (Cacica) deste novo *tekoa* na Terra Indígena Morro dos Cavalos:

> E aí eu vim pra um lugar, do nada, eu renasci do nada assim. Uma sensação muito estranha que eu senti, quando eu cheguei aqui eu falei assim: "*Ai gente, me dá uma lona lá que eu vou dormir!*". Porque eu cheguei no meu lugar. Plena, satisfeita, feliz, que nada me deixava

[71] Importante destacar que, no ano de 2017, dois anos após a retomada e ocupação do *Tekoá Yakã Porã*, houve atentados a tiros neste território por um grupo organizado anti-indígena que há anos vem atacando, ameaçando, violentando e hostilizando os indígenas da Terra Indígena Morro dos Cavalos por motivação política e racismo. Essas ofensivas e ataques se agravaram de forma crescente desde o início do processo demarcatório da TI Morro dos Cavalos, em 2012, sendo formalizadas denúncias à Polícia Civil, Polícia Federal, Ministério Público, Funai e outros órgãos de defesa. Apesar de alguns apoios dos órgãos responsáveis, as lideranças e comunidade traçaram um planejamento de estratégias autônomas de defesa contra as violações sofridas, a exemplo de pontos de vigia, formação de grupos de segurança composto por voluntários guarani e não-indígenas e escalas de vigília na madrugada.

> triste, sabe? E aí onde eu vim e recomecei do nada. Eu só vim com as minhas roupas e o colchão. Eu não tinha colher, eu não tinha panela, eu não tinha nada. Eu só tava com a coragem e a vontade ali. Eu lembro assim que a minha primeira panela foi… eu fui por aqui sem nada né, peguei umas panelas emprestadas da mãe. E me deu né, e com aquilo lá eu vivi assim. (Cacica Eliara, entrevista realizada em 17/01/2023, no Tekoa Yakã Porã, TI Morro dos Cavalos).

Figura 102 - *Opy* (casa de reza) construída no *Tekoa Yakã Porã*.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2020).

Ao chegarmos na aldeia *Yakã Porã*, uma das surpresas e belezas que nos deparamos consiste numa casa feita de bambu, na qual Cacica Eliara e sua família moraram durante um tempo e hoje é habitada por uma outra família. Como sempre me chamou atenção esta casa, desde minhas primeiras idas lá antes mesmo da realização desta pesquisa, em nosso diálogo quis saber mais sobre a história da construção desta casa. Ela me explicou, contando também sobre as dificuldades que passou ao ocupar e retomar este território:

> Então, na minha chegada aqui logo eu fiquei um tempo, só que eu não consegui mais ir pra cima trabalhar, dar aula. Então foi cortado as minhas condições financeiras… E aí eu precisava assim, construir minha casa, morei um ano debaixo duma lona. Só tinha o corpo da casa e eu coloquei a lona em cima… E depois eu consegui umas madeiras de reciclagem, construí uma casa morando mais um ano ali,

> e aí onde teve essa casa de bambu. Aí meu primo veio e falou assim: “Construir uma casa mas a gente não tem recurso pra gente comprar madeira, comprar as coisas…”. Aí ele falou assim: "Vamo fazer uma casa de bambu! Porque tem aqui…" Pinus tem bastante, a gente não sabe quanto tempo vai resistir né. E a parede a gente faz de bambu e a cobertura a gente não conseguiu achar, porque a gente até poderia fazer de bambu mas a gente já tava usando bambu e a gente ia acabar com os bambu. E aí a gente fizemos vaquinhas e a gente comprou as telhas, mas essas mais baratinhas que tinha, era o que dava, o que a gente tinha no momento. E aí foi construída a casa de bambu. E aí como tinha a minha tia que era mais velha e a gente deixou ela morar um tempo ali né, aí depois ela saiu e eu fiquei na casinha de bambu e a casinha de bambu tá até hoje. Só que aí com essa chuvarada que deu a chuva quase que levou a casinha porque a cachoeira escorreu por dentro da casa… Mas mesmo assim tem uma família morando lá dentro ainda. E aí assim, tamos aí né, lutando, construindo! (Cacica Eliara, entrevista realizada em 17/01/2023, no Tekoa Yakã Porã, TI Morro dos Cavalos).

Figura 103 - Casa de bambu construída nos primeiros anos da retomada do *Tekoá Yakã Porã*.



Fonte: fotografia da autora, 25 set. 2018.

O processo de retomada do território hoje denominado *Yakã Porã*, que em guarani significa “rio bonito”, promoveu também um cuidado com os cursos d’água presentes nesta área da TI Morro dos Cavalos. O rio que passa por dentro do território

possui cachoeiras e quedas d'água de beleza exuberante, atualmente refúgio e atração turística do Tekoa na iniciativa que a comunidade promove de trilha ecológica a visitantes, esteve também poluído com resíduos descartados ao longo de seu trajeto antes da retomada, conforme relatou a Cacica:

> A água ela tinha bastante lixo, que tinha um pessoal que vinha e deixavam… Eu achei sacos de roupas, acho que as pessoas jogavam. Tipo, essas roupas que a gente põe pra doação. Eu acho que jogavam na água. Porque eu achei sacos de roupas enroscados assim, sacos cheios sem tá aberto, eu abri e ter roupa ali dentro. E aí a gente fez essa coleta, acho que umas três vezes, a gente faz duas vezes por ano a coleta. A gente já fez três vezes, três anos que a gente faz, e esse último ano a gente não achou muitas coisas. Porque aí o pessoal já começou a entender que aqui é um território indígena que eles não podem muita plástico de embalagem, pessoal vinham pra cachoeira, domingo, e iam deixando assim. Hoje a gente não encontra muito, agora na semana que vem a gente vai fazer outra coleta, né! Mas eles já têm a consciência de que eles não podem. Aí a gente faz assim essa limpeza. Então hoje assim tá muito bem encaminhado as coisas porque a gente conseguiu mostrar pro povo aqui debaixo, que antes eles falavam: "*Que a gente ia fazer isso, fazer aqui, vão poluir a água…!*". Hoje eles trazem mudas aqui pra gente. E aí hoje a gente fez uma amizade bem bonita assim com as pessoas daqui. Eles vêem, eles olham, trazem mudas. Às vezes… Tinha a minha horta, que agora vou começar o plantio de novo né, eles vinham e levavam um pé de alface, banana… Resolveu essa… Tá virando tipo uma aldeia né! Eles levam daqui, e eles trazem de lá! Fazem essa parceria com a gente da gente fazer girar esses coletivos assim… Já teve gente de vim aqui agora, depois de passar por toda essa mudança: "*Ah, eu fiz um pão caseiro lá em casa e aí eu vim pra trocar com você por um pé de alface, num pé de alho poró!*". E aí a gente fazer essa troca e a pessoa vai, depois a pessoa: "*Ai, eu trouxe mais bolo pra você!*". "*Então leve mais daqui!*". Já estamos nessa troca muito gostosa, de se vizinhar né! (Cacica Eliara, entrevista realizada em 17/01/2023, no Tekoa Yakã Porã, TI Morro dos Cavalos).

Figura 104 - Cachoeira do *Tekoa Yakã Porã*.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2023)

Figura 105 - Cacica Eliara junto ao rio do *Tekoa Yakã Porã*.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2024).

Percebe-se que o processo de retomada e de gestar este território pela liderança Cacica Eliara e pelas famílias de sua comunidade vem proporcionando a transformação da paisagem, ao restaurar, reflorestar e regenerar as áreas impactadas pela ação antrópica não-indígena, como também das relações entre o povo guarani e as comunidades do entorno nesta região. A retomada da vida deste território, por meio do *Nhandereko* e do protagonismo das mulheres guarani, é também a contracolonização (Bispo dos Santos, 2023) do espaço, do tempo e das relações historicamente marcadas por invasões, violências, genocídios, monocultivos de espécies exóticas, domínio e modelo de desenvolvimento econômico predatório, em contraposição ao compartilhamento, à floresta em pé, às relações harmônicas entre as espécies plurais que confluem na continuidade e no fluxo do rio da vida. Este novo momento histórico para a Floresta Atlântica do território, batizado como *Yakã Porã,* revela-se, assim, como um caminho de volta, no espaço e no tempo, aberto pela resistência e ancestralidade das *kunhangue* e de todo povo guarani. Nas palavras semeadas pela Cacica Eliara:

> Eu acho que a gente volta, volta de novo ao tempo, por causa que ela sempre existiu né, essa floresta. Mas ela foi devastada, porque trouxeram outras florestas que não era a nossa… Talvez de onde veio essa floresta que não é a nossa, como que eles falam? Mata exótica, que a gente não conhece, a gente não sabe utilizar, quais são as propriedades dela… Então foram trazendo e colocando no nosso espaço. E hoje, assim, nessa nova era a gente volta a retirar isso! A gente quer a nossa mata de volta! E hoje tá bem forte, hoje tá muito forte esse reflorestamento de mata nativa em todos os territórios guarani! O bom é que o povo não indígena também tá percebendo isso, e tá contribuindo também pra esse reflorestamento, pra nossa Mata Atlântica de novo. Onde a gente acredita que ela vai voltar a ser sagrada um dia de novo. Trazendo de volta os nossos irmãos né, que são os animais, as coisas… Hoje eu vejo a diferença aqui assim, por isso que eu falo assim: "Eu acordo às 5 horas da manhã". Pra mim ouvir o canto dos pássaros, a felicidade deles né! Quando eu cheguei aqui não tinha, era um lugar parece que seco. Aqui ó, todo esse espaço era pinus, tudo pinus. E aí onde tem pinus não tem os pássaros… As arvorezinhas aqui eu percebi que elas cresceram depois que foi retirado o pinus e deram as frutinhas, um monte de frutinhas! Coisa que não tinha… E aqui os passarinhos ficam comendo as frutinhas dela. E aí os pássaros começaram a vim, sabe… Tem pé aqui de embaúba, né. Ela era desse tamanhinho assim, ela não crescia, porque tinha pinus aqui. Ela cresceu tanto de um ano pro outro ano que ela deu aquelas frutas, aquela vagem, e esses dias tinham

uns tucanos ali. Voltando, voltando! E ficam me espiando por aí, sabe! (Cacica Eliara, entrevista realizada em 17/01/2023, no Tekoa Yakã Porã, TI Morro dos Cavalos).

Figura 106 - Vista panorâmica da horta comunitária do *Tekoá Yakã Porã*.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2022).

Figura 107 - Mutirão de preparação de mudas de açaí-juçara (*euterpe edulis*) para o reflorestamento de espécies nativas na aldeia *Yakã Porã*.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2023).

Figura 108 - Horta da comunidade da aldeia *Yakã Porã*.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2023).

Figura 109 - Cacica Eliara Antunes em frente à placa de identificação da *Aldeia Yakã Porã*, na TI Morro dos Cavalos.



Fonte: acervo pessoal da Cacica Eliara (2021).

A terra onde pisamos carrega informação de todos nossos ancestrais. Ela absorve todas as nossas histórias quando a ela retornamos.
Caminhamos sobre todos os mapas, pisamos nossos pés no solo sagrado dos restos mortais de todos que por aqui passaram. A terra contém toda a sabedoria de todos os povos e clãs e nela se mantém os mapas desenhados pelos pés dos que vieram antes de nós por essas paisagens e deixaram aqui um livro sagrado feito de pó.
Quando caminhamos atentos ao solo que tocamos, podemos ouvir os anciões nos contando histórias de suas vidas, marcando a sola de nossos pés com o selo dos que se rendem ao serviço de passar adiante as sabedorias.
A terra é nossa mãe que une todas as pessoas e tem alma... essa alma agrega todas as almas que formam a Unidade.
Cuidar da terra, do solo que pisamos e pisam todos os seres viventes... e cuidar de tudo o que fomos, somos e seremos.
E cuidar do quadro vivo de nossas histórias, que é pintado diariamente por nossas escolhas, conscientes ou não.
(Cacica Eliara Antunes, 2022).

6.2 SOBRE OS PROJETOS *KA'AGUY MIRIM*: FRUTOS DA REBELDIA, REFLORESTAMENTO E, SEGURANÇA ALIMENTAR NA TI MORRO DOS CAVALOS

Antes e durante a realização de minha pesquisa de campo, pude acompanhar a realização de dois projetos importantes idealizados e conduzidos pelas *kunhangue* voltados ao reflorestamento do território com espécies nativas do bioma Mata Atlântica, ao plantio de alimentos e à salvaguarda de sementes tradicionais na Terra Indígena Morro dos Cavalos.

Um deles, o Projeto "*Ka'aguy Mirim*", que significa "floresta sagrada", idealizado pela liderança Kerexu Yxapyry, sua família e comunidade no ano de 2018, no Centro de Formação *Tataendy Rupá*, um dos *tekoas* da TI Morro dos Cavalos. Segundo Kerexu, este projeto é fruto de uma rebeldia da comunidade diante das proibições de uso e ocupação de algumas áreas do território ao longo do processo demarcatório da TI Morro dos Cavalos e devido à sobreposição com o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro[72]. Seguem as palavras de Kerexu Yxapyry a respeito deste projeto:

> O projeto *Ka'aguy Mirim* ele surge antes da pandemia, ele vem muito de uma rebeldia nossa aqui de dentro do território, porque a muito tempo na luta pela demarcação da terra, pela homologação do Morro dos Cavalos, de não poder ocupar esses espaços que estão dentro do território, também ter muitas vezes se puxado um conflito com o próprio Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que tem esse papel de fazer a proteção dessas áreas e a conservação, enquanto pra nós era muito contraditório né. Por exemplo, o nosso território era um território que tinha uma degradação ambiental muito forte com relação tanto do solo - que era a invasão dos Pinus que adentraram aqui dentro do território, que são árvores exóticas, plantas exóticas né - e a gente começou a perceber a seca de nossas nascentes e a perda mesmo do nosso bioma, que são das nossas medicinas, das nossas plantas né. E a gente vendo que cada vez mais essa planta invasiva ia chegando e ia detonando, e não era só a vegetação, mas era tudo… era a água, era o solo, era tudo. E nós não podíamos entrar neste espaço e retirar né, essas plantas invasivas, porque pra quem tava fazendo todo um movimento contrário, principalmente à questão

[72] O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, criado no ano de 1975 por meio do através do Decreto Estadual 1.260/75, possui uma área de 84.130 hectares, sendo a maior unidade de conservação de proteção integral do estado de Santa Catarina, abrangendo os municípios de Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí e Paulo Lopes.

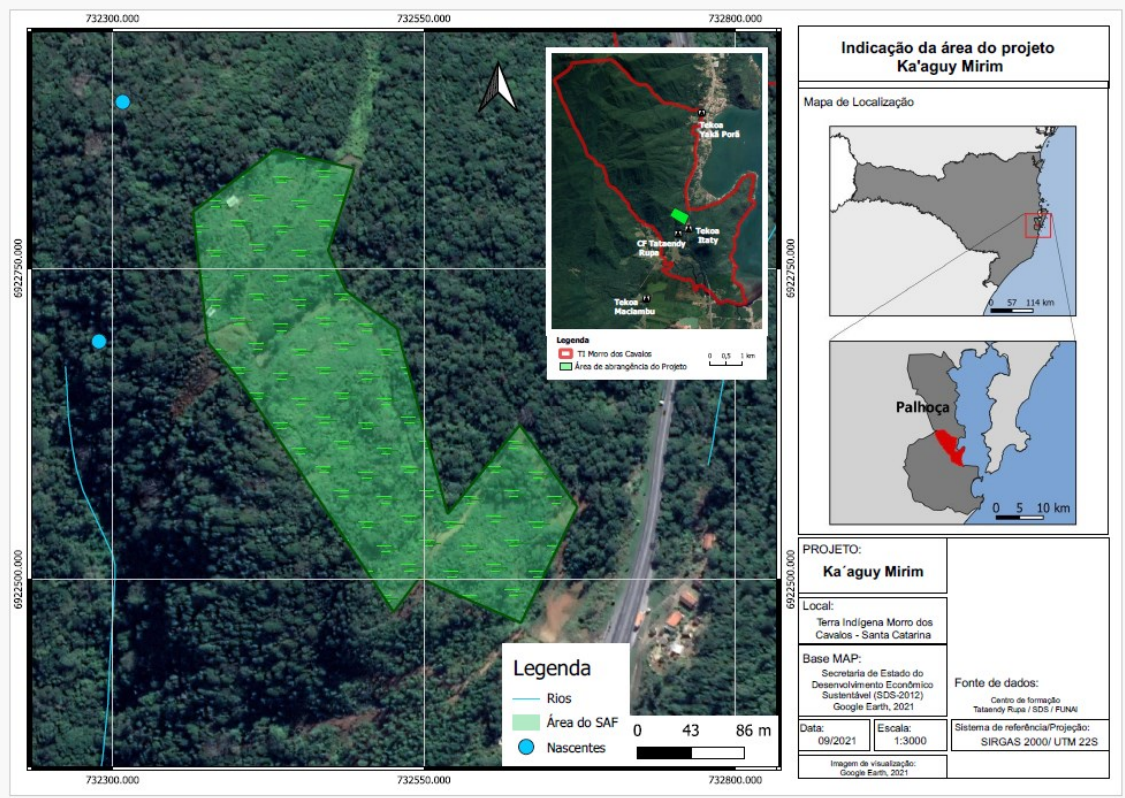
indígena, falava e nos acusava - inclusive eu fui denunciada três vezes pra Ambiental que eu estava fazendo desmatamento no Morro dos Cavalos, sendo que eu tava trabalhando na questão de retirada de plantas invasoras, as exóticas, e tentando recuperar o solo. Então dentro desta teimosia, a gente foi pra dentro dos estudos e comprovando também que era necessário fazer aquilo ali naquele momento. E nós trouxemos duma forma muito bonita, sabe? Quando a gente apresentou este projeto pro IBAMA, pra FUNAI, pro Ministério Público Federal, a gente trouxe e apresentou, não no sentido de pedir licença, a gente trouxe pra informar que a gente estava fazendo isso, pegando todas as normas legais né. E aí, dentro desse informativo que a gente apresenta, os Pinus eram retirados, cortados, dentro do território.

Então uma parte a gente deixava pra fazer este trabalho do solo e a outra parte a gente ia selecionando e fazendo a venda dele né, desse material dessas árvores. E com a venda dele, o recurso parte a gente usava pra fazer casas, e partes a gente usava pra comprar o alimento pra dentro do território pra gente fazer os mutirão, comprava mudas de árvores frutíferas, e ferramentas pra dentro da comunidade. Então assim, esse foi o nosso projeto né. E foi muito legal, porque daí todo mundo quis ser parte desse projeto. Tanto as instituições de fora que acharam que era um momento muito legal de recuperar esses espaços - tanto o solo quanto as águas e a vegetação -, quanto a comunidade também olhando pra esse lugar e falando: "*não, agora a gente pode ocupar esses espaços e a gente conseguir construir nossas casas*". E a gente fez esse projeto e começamos a executar. Quando a gente executou esse projeto e a gente conseguir construir quinze casas pra quinze famílias, dentro dessas quinze casas pra quinze famílias a gente conseguiu entregar, dentro desse espaço novo que ele ocupava, entregar os quintais produtivos né, que era trabalhar com as frutas nativas, trabalhar com as hortaliças, com ferramentas, com adubo pra fazer a adubação, e o alimento né, que é necessário pra fazer a adubação. Foi muito massa, porque teve o envolvimento muito grande de todo mundo ali. E, a partir dali dentro desse projeto, a gente coloca pra fazer a recuperação de cinco nascentes, que tavam secas né, dentro do território.

Dentro das pesquisas que a gente fazia, olhando, pensando na recuperação das nascentes, demoraria de 5 a 10 anos pruma nascente voltar ao normal né. E nós começamos a trabalhar muito em cima disso, né. Todo mundo olhando, participando e vendo, tentando entender. E, assim, não demorou, não levou esses cinco anos, a gente começou assim e no segundo ano que a gente tava nesse projeto que a gente já começou a ver água, vindo água, a água vindo e chegando assim né… e fortaleceu ainda mais porque nós que estamos aqui, nossas crianças e nossos adolescentes que estão aqui, que nasceram aqui e já viram ali que tava seco e não tinha água e a gente diz assim: "*bora recuperar que aqui tinha uma nascente!*", e eles ver isso vindo assim sabe, trouxe uma confiança, uma força muito grande do poder que a gente pode fazer transformar esses espaços. E acreditar muito né. Então a gente conseguiu fazer isso e esse projeto não tem nenhum apoio financeiro de governo, de edital nem nada, é uma ideia nossa que nós estamos pensando! Como eu falei, dentro de uma rebeldia aqui que é imposta pelas outras entidades. A gente teve, por exemplo aqui, a FECAM né, que é uma Fundação Municipal que é responsável pela questão ambiental, que tentou entrar dentro da Terra Indígena e

falar: “*não, aqui a gente vai fazer o embargo disso, que vcs estão degradando aqui o meio ambiente*”. Aí eu fui lá pra prefeitura e falei: “*Ó, bora conversar sobre isso, sobre a questão ambiental? Eu sou ambientalista nativa desde que nasci mas assim, eu também fiz essa parte técnica, entender o que é essa questão ambiental e tal… E eu queria muito trocar com vocês isso* ”. Daí eles acabaram se recusando, lógico né. Eles não quiseram conversa, mas também não se meteram mais, porque era muito dentro dessa linha. (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 10/05/2025, na TI Morro dos Cavalos).

Figura 110 - Mapa do Projeto *Ka’aguy Mirim*, na TI Morro dos Cavalos.



Fonte: Centro de Formação *Tataendy Rupa* / SDS / FUNAI (2021).

Figura 111 - Logo do projeto "*Ka'aguy Mirim*" da TI Morro dos Cavalos.

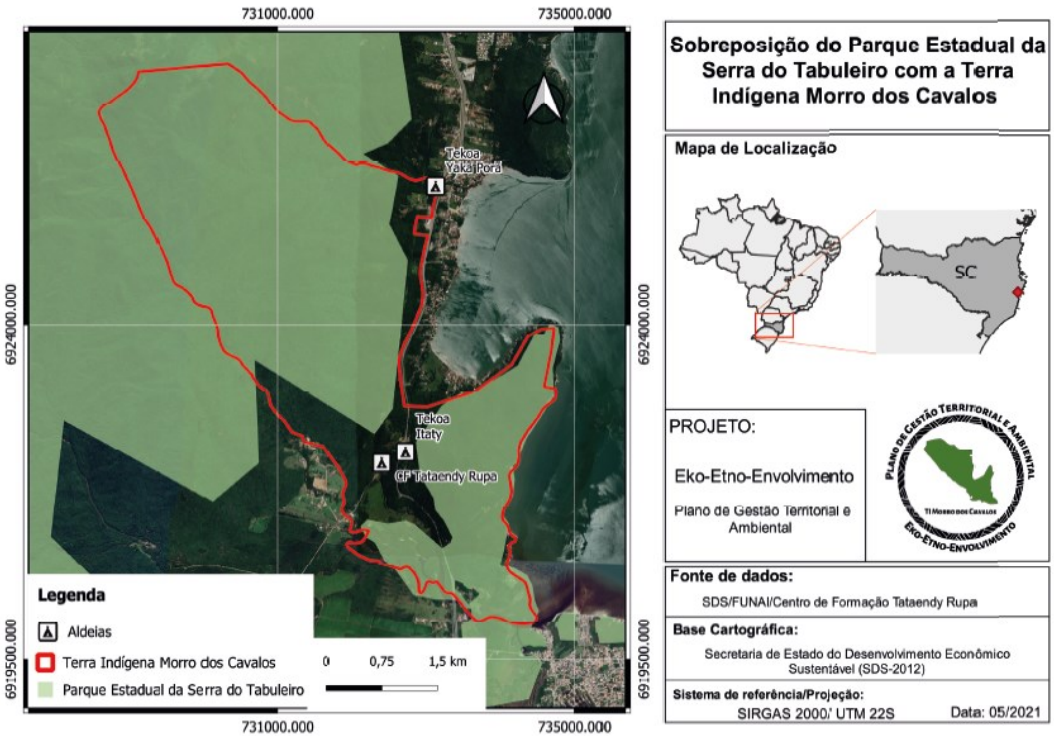


Fonte: acervo do projeto (2025).

Relevante destacar que ao longo das disputas judiciais relacionadas ao processo demarcatório e homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, a qual possui sobreposição total com os limites desta unidade de conservação, uma das alegações do estado de Santa Catarina para sustentar o pedido de anulação dos procedimentos demarcatórios da TI Morro dos Cavalos consistiu na "impossibilidade de descaracterização do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro", como também a necessidade de garantia do "direito ao meio ambiente equilibrado". No que se refere a esta contradição no campo político e jurídico de segmentos contrários à demarcação da TI Morro dos Cavalos, Ioris e Darella (2015, p. 208) ressaltam:

> É interessante que o argumento não considera os esforços que o governo do estado empenhou pouco tempo antes para reduzir cerca de 2.500 hectares de área de proteção integral do Parque (área bem maior do que a da TI Morro dos Cavalos), para disponibilizá-los a interesses privados (Lei Estadual no 14.661/09). As preocupações ambientais tornam-se, neste caso, artifícios jurídicos para opor os interesses somente dos grupos indígenas, com nítidos contornos de racismo ambiental.

Figura 112 - Mapa da Sobreposição do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro sobre a Terra Indígena Morro dos Cavalos. Fonte: SDS/FUNAI/Centro de Formação Tataendy Rupa.



Fonte: PGTA da TI Morro dos Cavalos (2021).

Essa “rebeldia” das mulheres guarani e de toda comunidade da TI Morro dos Cavalos em lutar contra os diversos tipos de racismo aos quais estão submetidos há décadas pela negação de sua existência na região e, também, de seus direitos originários previstos constitucionalmente consiste numa organização autônoma de resistência pelo direito de existir e de viver o *Nhandereko*, num enfrentamento aos ciclos históricos de genocídio, etnocídio e ecocídio da Mata Atlântica que vivenciam em seus corpos e territórios. Denominada pelos guarani como *Yvyã Porã*, que significa “monte bonito”, a Terra Indígena Morro dos Cavalos localiza-se integralmente no bioma Mata Atlântica e é constituída por belos morros e rios, como o rio do Brito, rio Massiambu Pequeno, rio Massiambu Grande, rio do Veríssimo e rio do Fugido, sendo banhado também pelo Oceano Atlântico. No documento “*Carta às Autoridades, representantes Guarani*”, do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID) da TI Morro dos Cavalos (Ladeira, 2002), o povo guarani expressa que:

> *Nós escolhemos essa área porque já estamos usando essa terra faz muito tempo e é preciso demarcar. [...] Então essa terra é nossa terra tradicional. Hoje nós escolhemos essa área, pelo menos essa, porque*

> *antigamente todo o continente era nosso. O descobrimento descobriu toda nossa riqueza. E tiveram que escravizar e massacrar os índios. Tiraram nossa terra, nossas matas, a nossa comida e até hoje as autoridades não reconhecem a nossa terra, apesar das dificuldades que sofremos. E dizem que a demarcação tem que ser tradicional. E isso nós não entendemos, porque antigamente tudo era nosso. Não precisava pedir pra pegar os frutos nativos, as plantas medicinais e para pescar. Tudo era livre e hoje tudo está sendo proibido para nós. Para fazer roça como antigamente, nós já não podemos. [...] Nós não podemos escolher todas as terras em volta que nossos parentes usavam.* Estamos aceitando esse pedaço, porque sabemos que nós não podemos pedir mais porque os brancos já vão reclamar. Mesmo aqui no Morro dos Cavalos o branco diz que já é dono, e diz que é dono de muito mais. E também das terras e dos morros que nossos antigos parentes usavam antes até dos brancos chegarem.

A “rebeldia” em cuidar e gestar o território, recuperando nascentes, plantando alimentos, protegendo as sementes verdadeiras e realizando quintais produtivos pelo projeto *Ka’aguy Mirim* pode ser considerada uma experiência exitosa e uma referência originária de conservação da biodiversidade na Mata Atlântica, a qual trouxe também segurança alimentar, por meio do sistema agroflorestal (SAF), para o povo guarani durante a pandemia de Covid-19. Conforme me explicou Kerexu, assim que iniciaram a produção agroflorestal o objetivo inicial era recuperar as nascentes, o solo, as plantas nativas do bioma Mata Atlântica do território, “mas, principalmente, recuperar as nossas sementes e a nossa produção alimentícia”. :Este projeto foi planejado e organizado coletivamente em algumas frentes: a dos quintais produtivos, onde cada família é responsável por cuidar e pode escolher o que plantar, de acordo com suas preferências; a área da agricultura, cuja gestão é da comunidade e são priorizados o plantio de alimentos e frutas nativas, como laranja e banana; e a área destinada ao cuidado com as águas do território, onde são escolhidas plantas específicas que auxiliam a manter sua qualidade e potabilidade, com atenção especial à manutenção da saúde do solo.

No que se refere à liberdade de escolha sobre o que plantar nos quintais, bem como os benefícios alcançados pelo projeto pensado pela própria comunidade, Kerexu relatou:

> A gente, ao redor da casa, dos quintais, a gente também deixou de fazer um pomar, de dizer assim: “*Ah, vou plantar laranja, vou plantar uva, morango, o que a gente quiser plantar!*”. Que era uma outra questão assim, que eu queria chamar atenção assim, principalmente quando a gente fazia com órgão indigenista, tipo a Funai. Quando

falava de recuperar a mata, de fazer plantio de frutas e tal, que o indígena pedisse laranja, que a pessoa ia olhar e falar "*não, mas a laranja não é daqui e tal, não é uma planta tradicional*", eu lembro muito do meu pai falando "*não, mas eu como laranja! Se vocês não me derem a muda pra plantar eu vou comprar no mercado, porque eu me alimento de laranja*". A outra coisa que pra mim, dentro desse projeto, foi muito importante observar foi que: se você gosta de laranja, é você que gosta. Eu, através do meu projeto, eu não vou obrigar porque você escolheu laranja e comprar laranja pra todo mundo, porque tem gente que gosta de banana, tem gente que gosta de uva, tem gente que gosta disso e tem gente que não gosta de nenhuma dessas coisas e querem viver desse outro lugar. Então a gente precisa dar essas opções pras pessoas olhar e falar: "*não, a gente precisa construir o nosso espaço dentro do nosso território de acordo com as famílias, com a comunidade*". A partir dali, eu posso olhar e dizer assim: "*Isso é o coletivo né, a gente tem esse coletivo!*".

Uma das coisas também dentro desse projeto que me chamou muita a atenção foi que quando a gente falou assim que quando for pra construir a gente vai todo mundo da comunidade e constrói junto né. E aí, depois que tiver construído, por exemplo, o projeto da agrofloresta dentro do quintal daquela pessoa, a responsabilidade fica com quem tá morando ali, de fazer a manutenção, cuidar e colher né o que foi plantado ali. Aí três famílias só aceitaram fazer a agrofloresta dentro de seu quintal, e toda comunidade foi ajudar a fazer, preparar o solo. Só que quando chegou no final do ano, que o pessoal reuniu pra fazer a preparação do Natal, eu achei muito engraçado porque essas pessoas que produziram, que quiseram a agrofloresta que é essa coisa mista pra dentro do seus quintais, trouxeram os alimentos que colheram dessa agrofloresta pra festa, pra compartilhar com todo mundo, e com muito orgulho. Falaram assim: "*Esse milho aqui trouxemo lá de onde vocês ajudaram a gente fazer!*". E sabe aquela alegria assim! E aí olhando, e todo mundo feliz ali, comendo, se alimentando daquilo e ninguém falando assim: "Ah, mas você não quis fazer, olha você perdeu"... Tipo não, todo mundo sendo parte daquilo, assim… Aí eu falei: "*Olha como é simples, né, de trabalhar isso, e às vezes é uma loucura da gente querer, né*…". Porque todo mundo tava ali contemplado dentro daquelas três famílias que decidiram fazer a agrofloresta né. Então pra mim, assim, foram vários momentos de aprendizado ali nesse projeto da rebeldia. Que é falar assim: "Olha como dá certo!". Então nós temos nossas fontes recuperadas, nós temos os *Pinus* retirados, nós temos as áreas de produção, nós temos os nossos quintais produtivos. Ó, essas laranjas são daqui! Nós temos os nossos quintais da agrofloresta, nós temos as casas, as ferramentas, alimentos, adubo e a produção. Chegou a pandemia. Quando chegou a pandemia, a nossa comunidade tava com a maior fartura dentro dela, de tudo assim. Nós tinha tudo dentro do território. E foi muito massa, assim, porque a partir do momento que a gente tem aquele momento de isolamento, aí a gente fortalece dentro do território essa produção do que a gente já tem, né. Então, todo mundo acreditando, dá uma estima pra quem tá ali dentro da comunidade, de dizer assim dessa autonomia de falar assim: "*Olha o que eu tenho, eu tenho!*". Eu sentia muito isso da comunidade, dos mais velhos, e quando chegou a pandemia a gente tinha assim quintais todo produzido e nós também, os mais velhos entra com a parte das medicinas tradicionais. E começam a trabalhar as medicinas

> tradicionais e cuidar né, a gente se cuidar uns dos outros né. [...] **E a gente chamou o projeto de *Ka'aguy Mirim*, que é "floresta sagrada", da gente pegar e aprofundar nisso, se manter nele.** E cada vez mais, todos os que já cresceram muito mais a partir, vamos supor, de 2028 pra cá né, aqueles que nasceram naquele período e que agora estão começando a ir pra escola, seguir nesse caminho, e o mais importante, hoje a gente esse lugar de dizer assim: "hoje nós temos alimento na comunidade!". Que antes era assim uma novidade, todo mundo ficava assim "*ah, meu Deus, também queria ter*". E hoje todo mundo tem, a gente tem, muito tranquilo assim. Então a gente conseguiu alcançar isso aqui dentro do território e deu aquela acalmada também aqui na comunidade, tá todo mundo muito tranquilo. Porque antes era aquela coisa, um querendo conseguir mais que o outro… Porque tem essa coisa humana de dizer assim "eu preciso fazer isso, eu quero né…". Não, hoje a gente tem, a gente divide. Na semana cultural que teve esse ano foi muito massa, assim… Agora começou a dar as frutas né, daquela época que a gente plantou, e a gente tem bastante fruta, que você tá vendo… E hoje a gente tem em todo território, nos quintais a gente produz, e outras frutas ainda, então essa semana cultural que teve nesse ano teve esse gosto diferente das frutas. As pessoas traziam as sacolas, cestas de frutas, serviam as mesas, e muito felizes: "a gente tá trazendo lá do meu quintal!". Então assim, eu sei assim que não é ainda aquela coisa que a gente quer ainda mais né, tem outras frutas, as nativas que vão chegar daqui a pouco… (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 10/05/2025, na TI Morro dos Cavalos, destaques da autora).

Figura 113 - Área de restauração ecológica da TI Morro dos Cavalos, com a retirada de pinus e plantio de árvores nativas da Mata Atlântica.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2021).

Figura 114 - Mutirão do projeto *Ka'aguy Mirim*, realizado em dezembro de 2021.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2021).

Figura 115 - Mulheres e crianças guarani durante o mutirão do projeto *Ka'aguy Mirim*, realizado em dezembro de 2021.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2021).

Figura 116 - Vista aérea e panorâmica da área a ser restaurada e reflorestada na TI Morro dos Cavalos.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2022).

Figura 117 - Jovens guarani no trabalho de restauração e reflorestamento da TI Morro dos Cavalos.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2022).

Figura 118 - Comunidade realizando sua refeição após o mutirão do viveiro do projeto *Ka'aguy Mirim.*



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2022).

6.3 O NASCIMENTO DO PROJETO *AVAXI ETE* PELAS *KUNHANGUE*

Através das experiências vivenciadas no projeto "*Ka'aguy Mirim*" relacionadas à restauração ecológica[73] e conservação da Mata Atlântica no território, a liderança Kerexu Yxapyry, junto às mulheres guarani de sua comunidade, identificaram a necessidade de realizar um banco de sementes tradicionais e de espécies nativas deste bioma, visando fortalecer seus plantios. Encontraram uma oportunidade em um edital promovido pela FUNAI para o trabalho de restauração nos territórios indígenas e decidiram inscrever um projeto pela Associação. Nasce aí o projeto "*Avaxi Ete*", pelas mãos das *kunhangue* do *tekoa Tataendy Rupá*, o qual tem como foco a salvaguarda das sementes tradicionais e sagradas para o povo guarani, de forma especial o *Avaxi ete'i* (milho verdadeiro), como também as de espécies nativas da Mata Atlântica com vistas a fortalecer o trabalho de restauração ecológica do território, promover a segurança alimentar por meio das *ma'ety regua* (plantações) e contribuir para a manutenção do *Nhandereko*.

Assim, Kerexu contou como se deu o nascimento do projeto *Avaxi Ete*:

[73] De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, a restauração ecológica refere-se ao processo intencional de auxiliar ou acelerar a recuperação de um ecossistema degradado, visando restaurar sua saúde, integridade e sustentabilidade, com foco na biodiversidade e nas funções ecológicas originais.

Aí então aparece um edital na Funai, que era o edital pra trabalhar essas restaurações, e apareceu a restauração da Mata Atlântica, e dessa restauração da Mata Atlântica a gente se inscreveu aqui enquanto Associação né, e dentro desse projeto nós colocamos o que a gente sonhava… "*Vamos fazer um banco de sementes*. *Vamos coletar sementes aqui da mata, da floresta, e vamos fazer um banco de sementes pra distribuir, pra armazenar, e tal né…. E também fortalecer os nossos plantios do nosso alimento né*". Aí fomos, fizemos. **Aí quando a gente envolveu as mulheres, que a gente envolveu diretamente as mulheres, quando a gente colocou as mulheres para serem as coletoras de sementes, pelo projeto elas foram pra floresta, ficaram dias, meses, coletando sementes.** E aí reunimos todo mundo aqui né, no Centro de Formação, pra cada uma contar a história da semente, como é que foi, se conhecia, pra que que servia, e tal… E aí elas contaram, e elas foram selecionando as sementes, colocando nas bacias pra gente armazenar dentro do banco de semente. E aí a gente foi, tinham pessoas técnicas acompanhando, e orientando qual que era a melhor semente. E as mulheres começaram a selecionar as sementes e jogar assim né, pra fora, aquelas sementes que não eram selecionadas. Passou uma etapa. Na segunda etapa, quando elas vieram, pra de novo selecionar as sementes pra armazenar, muitas delas encontraram aquelas que tinham sido jogadas brotando né, brotando na terra. E aí eu percebi que as meninas começaram a procurar potinhos, que aqui eu tenho vários, que eu trabalho com… procurar potinho, procurar pacotinho, pra encher de terra e começar a fazer as mudinhas ali do que elas tinham jogado fora, com tanto amor. Tipo assim: "*Óh, meu Deus, nasceu a sementinha!*". Todo mundo assim com aquele cuidado, meu Deus. E tipo assim, se ficasse ali ia ter que cortar uma hora. E elas: "*Não, vou levar essa mudinha pra eu plantar lá*". E aí eu fiquei olhando e pensando assim: "*Porque que a gente quer guardar semente né?*". Ah, acho que a gente pensou de armazenar sementes pra fazer isso, fazer aquilo, distribuir pra fora… Aí, ali no meio do projeto eu peguei, olhei e falei assim: "*Mas por que né?*"... Era uma emoção ver todo aquele carinho, delas cuidando. E eu pensei assim: "*Por que que a gente não faz um berçário, pra gente fazer um lugar de germinar essas sementes aqui, e aí a gente faz as mudas"*. Porque dentro do projeto a gente tinha pensado num viveiro, de receber muda, e tal…Mas assim, a gente não tinha pensado, eu num sei… Às vezes eu fico até hoje me perguntando porque que a gente tinha pensado no banco de semente, que é importante mas pra mim fez todo sentido fazer um espaço de germinar as sementes. Aí conversei com o pessoal: "*Olha gente, eu vou fazer isso no projeto, porque eu percebi isso, isso e isso…*". "*Então vamo, bora lá!*". Fizemos um espaço de germinar sementes, compramo uns pote grande, pegamo vasilha, bacia velha… "*Nós vamos plantar e germinar semente*". Nossa, foi a coisa mais linda! Aquelas sementes começaram a germinar e tal, daí a gente trabalhava, juntava os alunos da escola, os mais velhos, a gente juntava e reunia todo mundo e fazia festa né, pra fazer as mudas. E aí então teve a utilidade do viveiro. Então assim, dentro do projeto a gente conseguiu construir então um espaço pra germinar semente, e o espaço do viveiro que depois de um tempo a gente passava essas mudas pro viveiro. A gente conseguiu fazer então a recuperação de uma área grande aqui no Morro, e hoje nós temos um espaço que a gente tem o nosso alimento que é plantado, a gente tem o nosso

alimento no território! **E aí foi assim né, então a gente teve, a partir desse projeto a gente trouxe o projeto *Avati Ete*, que é do milho sagrado que nós temo, *Avati Ete* do milho guarani, e ali a gente contou a história das mulher né. A importância das mulheres nesse espaço enquanto proteger, de cuidar… Também enquanto povo né.** [...] Então a gente fez o projeto do *Avati Ete*, e a gente colocou as mulheres mais velhas como responsáveis pelas sementes né, de fazer o fortalecimento, e os jovens pra fazer as roças né. E a gente teve assim uma produção muito grande! Porque geralmente as consagrações que a gente fazia, que na aldeia era de consagrar as sementes, depois apresentar essas sementes que eram algumas espigas de milho assim que num dava pra se alimentar ou pra alimentar a comunidade porque era pouco, e se a gente fosse fazer isso a gente perdia a semente. Isso, assim, é bem forte dentro do povo guarani porque sempre teve esse cuidado de não perder as sementes né. Mas a gente conseguiu em 2023, quando eu fui pro Ministério dos Povos Indígenas, vim de lá fazer o Nhemongaraí e fazer a colheita com abundância né. Reunir toda comunidade e levar sacos e sacos de milho pra casa de reza né, que a gente tem uma casa de reza enorme lá em cima, e todo mundo preparar o alimento, e a gente fazer assim sabe, de dar pra todo mundo, alimentar todo mundo, como tem que ser. Com aquela abundância de sobrar, de dar pra outros parentes que tiveram e guardar algumas sementes. Então, a partir dali eu acho que assim, eu senti assim que a gente conseguiu alcançar muito, aprofundar mesmo esse espaço, do que que é a gente proteger né. (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 10/05/2025, na TI Morro dos Cavalos, destaque da autora).

Figura 119 - Mulheres guarani no viveiro de mudas do projeto *Ka'aguy Mirim*.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2022).

Figura 120 - Mulher guarani cuidando das mudas de árvores no viveiro.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2022).

Figura 121 - Mulher guarani e as plantas do viveiro do projeto *Ka'aguy Mirim*.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2022).

Figura 122 - *Kunhangue* no manejo das mudas do viveiro do projeto *Ka'aguy Mirim*.



Fonte: acervo do projeto *Ka'aguy Mirim* (2022).

Figura 123 - Viveiro de mudas nativas, Centro de Formação *Tataendy Rupa*.



Fonte: acervo da autora, jan. 2022.

Entre as espécies nativas cultivadas no âmbito dos dois projetos, estão: o *pindó eté* (jerivá; *Syagrus romanzoffiana*), a pitanga, o araçá, a jabuticaba, a gabiroba, tem a cereja, entre outras. Uma percepção importante neste processo de restauração do território da TI Morro dos Cavalos consiste no retorno de alguns animais que não eram mais vistos pela comunidade, como as queixadas. Pelo projeto "Ka'aguy Mirim",

a comunidade tem criado também peixes no açude construído por eles e as abelhas nativas sem ferrão, cujo mel é utilizado no *Nhemongaraí* e produção de remédios caseiros, além de potencializar a polinização da biodiversidade no território, conforme contou-me Kerexu:

> Esse ano teve muito mel, e eu não quis mexer, sabe. A partir do ano que vem a gente já vai iniciar a retirada do mel. Mas a gente tem ainda a produção do própolis né, que é o que a gente coleta das abelhas. Nós temos a produção das nossas medicinas tradicionais, que a gente produz bastante. Nós temos a nossa farmácia, que é lá em cima né, com as nossas próprias medicinas, que é pra gripe, que é pro corpo, que são os óleos, os hidrolatos, que são essas coisas que a gente faz. Então são esses pontos que a gente tem e que a gente vem levando, e, como falei, o *Ka'aguy Mirim* segue, a gente segue, e ela tem uma abertura pra pessoas de fora querendo conhecer e participar desse processo de reflorestamento, de reflorestar as escolas, nós temos as mudas no viveiro aqui embaixo, que a gente distribui pras escolas, universidade e tal, e o pessoal vem e leva, e a gente tem esse espaço que a gente ensina também, então segue-se o *Ka'aguy Mirim.* (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 10/05/2025, na TI Morro dos Cavalos).

Ademais, considerando as inúmeras situações de deslizamento dos morros na região, bloqueando o tráfego na BR-101 e alguns acessos da Terra Indígena, o trabalho de restauração e reflorestamento têm gerado a contenção dos morros e redução do risco de incidentes durante os períodos de chuvas excessivos.

Ao perguntar à minha interlocutora, Kerexu Yxapyry, sobre o andamento do projeto *Avati ete* atualmente e sua condução pelas mulheres guarani da TI Morro dos Cavalos, ela respondeu:

> Nós temos aqui em cima e na *Yakã Porã*, que são dois espaços que são áreas de produção do *Avati Ete*, tem os quintais também né, os quintais que todo mundo planta, quando a gente vai fazer a consagração dos alimentos[74] a gente leva pra casa de reza e a gente distribui as sementes. Eu aqui virei a senhora Kerexu né, como dizia meu pai: "A mãe de todos, fura bolo e mata piolho! rs". Aquela pessoa que distribui, que cura e tudo. Todo mundo vem aqui né, então quando chega nesse período, ao mesmo tempo que eu recebo muitas sementes, que o pessoal pega e traz… Na semana cultural eu recebi a Dona Júlia que veio de Maquiné (RS), e ela pegou e falou assim: "*Kerexu, eu lembrei de você e trouxe um presente*". Daí eu: "*Ah, que bom né!*". Ela pegou e abriu lá a bolsinha dela e ela trouxe umas espigas de *avati ete'i* e umas sementes de feijão e meu deu né. E aí

[74] Conforme descrito no Capítulo 4, a consagração das sementes e dos alimentos é realizada no ritual do *Nhemongaraí*.

> todo mundo que vem faz isso, mas ao mesmo tempo vai ter muita gente que vai chegar e pegar a semente daqui. Então nós temos os quintais que cada um planta o seu né, mas nós temos um mais coletivo que é maior. Que esse maior é onde a gente faz a participação coletiva também, de preparar o solo, de fazer o plantio… (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 10/05/2025, na TI Morro dos Cavalos).

Os projetos mencionados têm propiciado a cura da terra e das águas no território da Terra Indígena Morro dos Cavalos, os quais são conduzidos por meio do protagonismo e liderança das mulheres guarani que, ao exercerem a gestão e cuidados com *Yvy*, a terra, nutrem e fortalecem a comunidade nas dimensões material e espiritual à medida que, como diz Kerexu: "*O projeto da vida é meu enquanto mulher*".

Neste projeto da vida do território, considero importante ressaltar que, desde 2016, a comunidade iniciou a elaboração de seu Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), que consiste em um dos Instrumentos de Gestão Territorial e Ambiental Indígena (IGATI) da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI, instituída por meio do Decreto nº 7.747, de 5 de junho de 2012, e tem por objetivo "*garantir e promover a proteção, a recuperação, a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais das terras e territórios indígenas, assegurando a integridade do patrimônio indígena, a melhoria da qualidade de vida e as condições plenas de reprodução física e cultural das atuais e futuras gerações dos povos indígenas, respeitando sua autonomia sociocultural, nos termos da legislação vigente*".

Este PGTA da TI Morro dos Cavalos, concluído e publicado em 2021, foi realizado no âmbito do Componente Indígena do Plano Básico Ambiental (CI-PBA), do licenciamento ambiental das obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis-SC, e construído por iniciativa da Associação Centro de Formação *Tataendy Rupa*, durante um longo processo com a participação de toda comunidade, assegurando sua autonomia e autodeterminação. Estruturado através de 15 eixos[75] do *Nhandereko* Guarani *Mbya* em um horizonte de curto, médio e longo prazo, este planejamento de vida do território

[75] São eles: Mulheres; Crianças e juventude; Espiritualidade; Segurança e Proteção Territorial; Habitações; Comunicação; Geração de Renda; Criação de abelhas; Avicultura; Piscicultura; Agricultura orgânica e Hortas Agroflorestais; Saúde Guarani; Jurídico e Informacional; Gestão Ambiental; Recursos hídricos.

> [...] vem no sentido de legitimar nossa organização interna para o mundo do branco (não indígena) e fazer o entendimento de que só com autonomia territorial há cultura Guarani. Sem autonomia somos privados de exercer a liberdade da nossa cultura, que preza pela biodiversidade, pelas interações com o meio, pela espiritualidade e pela abundância. Somos as guardiãs e os guardiões da floresta e pedimos respeito para que possamos exercer nossa autonomia. (PGTA da TI Morro dos Cavalos, 2021, p. 6).

Destaco, de forma especial, o primeiro eixo “Mulheres” que as descreve como: “*São as kunhã, mulheres, que ensinam jovens e crianças a cuidar da biodiversidade da Mata Atlântica. Guardam as sementes, trazem as crianças ao mundo e levantam nosso povo na luta pela terra*” (p. 45).

Figura 124 - A liderança Kerexu Yxapyry na roça do Centro de Formação *Tataendy Rupá*, TI Morro dos Cavalos.



Fonte: acervo do projeto *Ka’aguy Mirim* (2019).

Por fim, é imprescindível mencionar que a luta pela terra e pela demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, liderada por Kerexu Yxapyry há mais de dez anos, segue em curso neste momento, ainda que sua homologação tenha sido assinado pela Presidência da República por meio do Decreto nº 12.290, de 4 de dezembro de 2024, reconhecendo o direito originário do povo guarani à posse plena

deste território tradicionalmente ocupado por ele, conforme estabelece o Art. 231 da Constituição Federal de 1988, do Capítulo VIII – Dos Índios:

> Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.
> § 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

Destaca-se que o processo de demarcação da TI Morro dos Cavalos iniciou-se em 2001, com a constituição do Grupo de Trabalho de Identificação e Delimitação pela FUNAI, o qual comprovou a ocupação tradicional da área pelos guarani na publicação do relatório dos estudos em 2002. A portaria declaratória com os limites territoriais foi emitida em 2008 e, em 2010, a Funai realizou a demarcação física. Durante a realização desta pesquisa, estivemos na cerimônia de comemoração da homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos[76] e de entrega de seu registro em cartório pela FUNAI, realizada no dia 11 de janeiro de 2025 e contou com a presença da Ministra Sonia Guajajara e demais autoridades.

Entretanto, em 28 de maio de 2025, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado Federal aprovou o Projeto de Decreto Legislativo (PDL) nº 717/2024, que suspende a demarcação das Terras Indígenas Toldo Imbu e Morro dos Cavalos, uma ofensiva anti-indígena do governo do estado de Santa Catarina.

Desse modo, ao serem obrigadas a saírem de seus *tekoas* para enfrentar as ofensivas políticas impostas pelos não-indígenas, que tanto ameaçam sua existência e os direitos originários de seu povo, as *kunhangue* vem lutando de todas as formas, dentro e fora de seus territórios, para a manutenção do *Nhandereko*[77] e cumprimento de sua missão divina e cosmológica de cuidar da continuidade da vida em *Yvyrupa*.

---

[76] Uma das 20 Terras Indígenas homologadas pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, desde 2023, ano de criação do Ministério dos Povos Indígenas.

[77] A manutenção da tradição guarani do *Nhandereko* pelas mulheres guarani pode ser compreendida à luz da concepção teórica das tradições do conhecimento proposta por Barth (2000) à medida que elas possuem modos próprios de gerenciar e transmitir seus saberes e fazeres ao longo da dinamicidade que lhes é imposta pelos ataques ao seu direito de existir e pelas violações sobre seus corpos e territórios.

Figura 125 - Momento histórico e emocionante da cerimônia de celebração da homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, em que a liderança Kerexu Yxapyry recebe o registro em cartório da TI pela FUNAI.



Fonte: Mário Vilela/Funai, 11 jan. 2025.

6.4 AS *KUNHANGUE* NO ENFRENTAMENTO À CRISE CLIMÁTICA

Considerando os eventos climáticos extremos que têm se intensificado com o passar dos anos no Brasil e em várias regiões do mundo, afetando drasticamente os modos de vida dos povos e territórios indígenas, cada vez mais tem se constatado a importância fundamental da demarcação e proteção das terras indígenas para o equilíbrio do clima, haja vista que os territórios indígenas conservam mais da metade da biodiversidade do planeta.

Ao longo de minha pesquisa de campo e diálogos com as mulheres guarani, ficou evidente as transformações nos ciclos da natureza ocasionados pelas mudanças climáticas, alterando os tempos de plantio e colheita que, no passado, eram demarcados com mais previsibilidade. Ao perguntar a uma de minhas interlocutoras, Dona Roseli, quando iria plantar suas sementes de *avaxi*, me respondeu:

> Olha, nesse momento nesse mundo agora tá virado. Já plantei, já nasceu de novo assim. Aí eu disse: vou plantar nem que não é hora, quando ser a hora vai nascer, porque vai dá a seca de novo. A gente antigo plantava de setembro pra cima. Dia 15 de setembro a gente planta.

As mudanças no clima e alterações nos ciclos da natureza no território, ocasionadas pela ação antrópica e pelo modo predatório de desenvolvimento econômico que desmata em grande escala e polui o ar e contamina as águas, aumentando as temperaturas devido a emissão de gases de efeito estufa na atmosfera, vem exigindo que as mulheres guarani encontrem estratégias de resiliência para as atividades que tradicionalmente realizam, como o plantio das roças e a produção de artesanatos que dependem de sementes e espécies vegetais da floresta de seus territórios, assim como tem sido identificado o aumento de doenças nas pessoas da comunidade. Para Benites (2018, p. 89-90):

> Nós Guarani sempre estamos cientes das mudanças no tempo, no *teko*, conseguimos acompanhar os passos de *Nhandesy*, mas há limites. Com o impacto ambiental fica mais difícil dar continuidade ao *nhandereko* guarani. Eu poderia chamar de impacto identitário, porque *teko* é o modo de ser e *tekoha* é onde se constrói o modo de vida coletiva, de acordo com o sistema guarani. Para isso, é preciso ter todos os elementos que reforçam o *arandu*, o conhecimento de cada *tekó*.

Esse “impacto identitário” a que se refere Benites (2018), decorrente do impacto ambiental que o povo guarani tem sentido em seus territórios pela exploração predatória da natureza por segmentos políticos e econômicos não indígenas, tem evidenciado o aumento das vulnerabilidades (físicas, sociais, culturais e psicológicas) a que estão submetidas as comunidades nos tekoas, que se agravam, principalmente, quando esses territórios não são demarcados. De modo particular, as mulheres guarani ficam ainda mais vulnerabilizadas ao serem privadas do acesso à matéria-prima de seus artesanatos que buscam na mata, fonte de seu sustento, e dos plantios de suas roças que são fundamentais para o ser mulher guarani e para o *Nhandereko*.

Em diálogo com Kerexu Yxapyry, após a homologação da TI Morro dos Cavalos, ela reforçou a importância da demarcação dos territórios indígenas para o fortalecimento da resistência e da autonomia das comunidades diante dos efeitos da crise climática que hoje já é realidade desafiadora para os povos indígenas nos diversos biomas.

> A partir do momento que a gente tem nosso espaço garantido e que a gente consegue viver, a gente consegue criar uma resistência nessa abertura vulnerável que nos ataca pra dentro do território. Porque a gente tem uma estrutura e agora a gente tá só nesse lugar de dividir, de mandar e de somar, e de dizer e de mostrar, sabe. É o que a gente tá vivendo hoje aqui dentro no território. Por exemplo, essa questão

> das doenças, né, que a gente vê cada vez mais, as mudanças climáticas que vem e acabam, com essas mudanças, chegando essas doenças pra dentro do território. A gente vê muito lugares nos nossos territórios guarani mesmo que a gente, você chega, você chora assim… porque não tem o que fazer. Por mais que vc leva semente, leva medicina, leva cura, tipo, não tem o que fazer. Não tem o que fazer né… não tem outra opção né. Eu vejo assim… que se a gente conseguisse fazer dos territórios indígenas, se a gente conseguisse colocar a garantia desses espaços, só de fazer essa transformação lá dentro, que é, tipo assim, tirar esse espaço vulnerável e trazer algo da autonomia para dentro desse espaço do território que hoje é vulnerável, teria cinquenta por cento dos problemas resolvidos pra fora né. E aí que eu falo assim, pensando, mais da metade dos problemas resolvidos pra fora são gastos financeiros dentro do orçamento do governo né, federal, estadual e municipal, com a garantia de saúde, de alimentação, de várias coisas, e mais do que isso: também de proteção para outros povos que precisam disso né. Então **nós temos essa contribuição muito grande, mas temos essa abertura muito grande da falta do território garantido mesmo. Pra que a gente consiga somar, né… O povo guarani, as mulheres guarani, eles têm muito a contribuir com essa questão da proteção e de apresentar soluções também pras mudanças climáticas. Mas muitos ou a maioria de nós não temos a garantia dos nossos direitos, do nosso território, da nossa própria vida né… Mesmo sabendo de todas essas soluções.** O que a gente consegue fazer a gente consegue, né. Hoje eu bato muito em cima dessa tecla aqui dentro do meu território, eu falo pro meu povo aqui: "*Nós temos que agradecer todos os dias que a gente conseguiu trazer a garantia do nosso território, e a gente consegue hoje trazer e distribuir pra fora né*". Mas a gente precisa continuar a luta na garantia dos demais territórios né. E as mulheres aqui, eu sinto assim, as mulheres do Morro dos Cavalos que elas têm uma estima muito elevada, lá em cima, sabe? Porque hoje não é qualquer coisa que é falado pra elas que elas vão olhar, vão chorar e baixar a cabeça. Elas vão olhar e ignorar o que tá sendo dito ou elas vão apresentar e falar. (Kerexu Yxapyry, entrevista realizada em 10/05/2025, na TI Morro dos Cavalos, destaque da autora).

Cabe destacar que a demarcação das terras indígenas têm sido, atualmente, a principal bandeira de luta do movimento indígena brasileiro nos espaços nacionais e internacionais relacionados à agenda climática, como as Conferências das Partes das Nações Unidas (COPs), as quais são reuniões anuais de países signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) para discutir e tomar decisões sobre ações para combater as mudanças climáticas, a exemplo da COP 30 que, neste ano, será realizada em Belém-PA. O lema de luta do movimento indígena brasileiro, representado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB, para o enfrentamento à crise climática tem sido: "*A resposta somos nós!*". A demarcação das terras indígenas tem sido destacada como, além de um

direito, a principal solução para a mitigação e adaptação climáticas não só em seus territórios, mas para o Brasil e todo o mundo. Desse modo, chamam atenção para a impossibilidade de haver justiça climática[78] para os povos indígenas sem haver justiça territorial e garantia dos direitos humanos.

O protagonismo das mulheres guarani no enfrentamento à crise climática, tanto nos territórios quanto nos espaços políticos de debates nacionais e internacionais da agenda do clima, é inegável, a exemplo da participação da liderança Kerexu Yxapyry na COP 26, em Glasgow, Reino Unido. Faz-se necessário, portanto, que as mulheres guarani sejam ouvidas para a formulação de políticas públicas voltadas à justiça climática e à elaboração de estratégias emergenciais nos casos de eventos climáticos extremos, como as chuvas severas e enchentes que ocorreram nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nos anos 2023 e 2024, afetou diversos povos e territórios indígenas no Sul do Brasil, evidenciando o racismo ambiental[79] que vivenciam nestes contextos. Deste modo, os saberes e fazeres das mulheres guarani relacionados à gestão socioambiental que realizam em seus territórios, que tanto protegem a biodiversidade e o bioma Mata Atlântica em *Yvyrupa*, conforme demonstrado nas iniciativas apresentadas neste capítulo, podem contribuir potencialmente para o equilíbrio do clima no planeta e apontam caminhos férteis para segurar "a queda do céu" (Kopenawa; Albert, 2015).

À medida que as mulheres guarani são as guardiãs de *Nhandecy*, a terra, e possuem um papel fundamental nos cuidados com a vida no território que vivem, os impactos e exploração predatória na terra e em toda natureza geram também um adoecimento no corpo das mulheres, e vice-versa, conforme relata Benites (2018):

> [...] se os homens começarem a desrespeitar o chão, acontecerá um desastre de muito impacto, o chão não pode não estar bem para a

[78] O 6º Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre a Mudança do Clima – IPCC define a justiça climática como: "Justiça que junta o desenvolvimento e os direitos humanos para atingir uma abordagem centrada nas pessoas para enfrentar a mudança do clima, salvaguardando os direitos das pessoas mais vulneráveis e compartilhando os encargos e benefícios da mudança do clima e seus impactos de maneira equitativa e justa" (IPCC, 2022, p. 2913).

[79] O racismo ambiental é definido por Pacheco (2007), no artigo *"*Racismo Ambiental: expropriação do território e negação da cidadania*",* como: *"*Chamamos de Racismo Ambiental às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre etnias e populações vulnerabilizadas. O Racismo Ambiental não se configura apenas através de ações que tenham uma intenção racista, mas, igualmente, através de ações que tenham impacto "racial", não obstante a intenção que lhes tenha dado origem. […] O conceito de Racismo Ambiental nos desafia a ampliar nossas visões de mundo e a lutar por um novo paradigma civilizatório, por uma sociedade igualitária e justa, na qual democracia plena e cidadania ativa não sejam direitos de poucos privilegiados, independentemente de cor, origem e etnia*"*. Disponível em: https://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/racismo-ambiental-expropriacao-do-territorio-e-negacao-da-cidadania-2/ Acesso em: 9 ago. 2025.

> gente pisar. O chão é onde pisamos, onde o corpo vive. Por isso é preciso um cuidado maior e mais concreto com o corpo de *Nhandesy*, para não acontecer o que minha avó dizia: "quando as mulheres ficarem doentes, doentes não como um corpo doente, mas *py'a tarowa*, mulheres confusas, apavoradas". Esse desrespeito do próprio corpo causa isso. Sem ser desrespeitado, o corpo da mulher causa um impacto melhor sobre o mundo. O próprio mundo maltrata as mulheres, ao adoecer a mulher se descontrola, na cidade acontecem muitas coisas ruins, que contaminam o todo, que atingem o corpo da mulher, atingem o corpo de *Nhandesy*. Quando *Nhandesy* fica revoltada, o mundo fica doente e quem é atingido pelo mundo doente é o próprio ser humano. Essa terra dá vida, alimenta, dá força, dá paz. Se *Nhandesy* não viver em paz, o mundo não vai viver em paz, porque ela é chão, é concreto, é terra. (Benites, 2018, p. 90-91)

Nos dias 02 a 08 de agosto de 2025, a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade, em parceria com o Ministério dos Povos Indígenas e Ministério das Mulheres, realizou a IV Marcha das Mulheres Indígenas e a 1ª Conferência Nacional das Mulheres Indígenas, reunindo mais de cinco mil mulheres indígenas em Brasília-DF. Com o lema "*Nosso Corpo, Nosso Território: somos as guardiãs do planeta pela cura da terra*", afirmaram, em seu documento final:

"Nosso grito é por justiça climática! Somos quem mais protege o planeta com nossos modos tradicionais de relação com nossos territórios. E apesar disso, somos quem mais sofre os impactos das mudanças climáticas" (ANMIGA, 2025)[80].

As mulheres guarani das mais diversas regiões do território *Yvyrupa* estiveram presentes e demarcaram presença neste evento importante para as mulheres indígenas no Brasil, levando a seguinte mensagem na faixa que carregaram na Marcha: "Nossa *Yvyrupa*: nosso corpo, nosso território".

[80] Veja-se: D"OCUMENTO FINAL - Carta dos Corpos-Territórios da IV Marcha das Mulheres Indígenas: Por nossos corpos e territórios, curamos a terra!". Disponível em: https://anmiga.org/wp-content/uploads/2025/08/DOCUMENTO-FINAL-Carta-dos-Corpos-Territorios-da-IV-Marcha-das-Mulheres-Indigenas_.pdf Acesso em: 9 ago. 2025.

Figura 126 - Mulheres guarani na IV Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília-DF.



Fonte: fotografia de Richard Wera Mirim, 7 ago. 2025.

Figura 127 - As *xejaryi guarani* liderando a manifestação e resistência das kunhangue na IV Marcha das Mulheres Indígenas, em frente à Esplanada em Brasília-DF.



Fonte: fotografia de Patrícia Krieger, 7 ago. 2025.

Figura 128 - As *kunhangue* na entrada da IV Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília-DF.



Fonte: fotografia de Patrícia Krieger, 07 ago. 2025.

Perguntei à liderança Kerexu Yxapyry qual a mensagem que ela gostaria de deixar pra suas netas e futuras gerações. Inspirada, ela me respondeu com as suas belas palavras:

> Uma das coisas que eu penso assim enquanto mãe, enquanto mulher, enquanto *xejary*, enquanto liderança, é que a gente não se perca da nossa origem né, enquanto povo guarani mesmo né. Mas que a gente

não se perca da nossa origem, não daquilo que é falado pra nós como que nós temos que ser. Porque nós enquanto povo guarani nós temos uma origem na nossa criação, na criação do mundo [...] Aí eu olho pra natureza e falo assim: "*Olha que exuberância da natureza!*". E ver se tem alguma coisa que roube o lugar da outra. Se nasceu essa planta, ela vai reproduzir no tempo certo. E não vai ser outra planta que vai chegar e dizer assim: "*Óh, vou me misturar com você e dominar você*". Não existe isso. **E nós somos isso, somos da natureza. Então, acho que esse papel da mulher é a gente entender a nossa origem como as que vem pra dar continuidade da vida.** É o que tem que ser levado em primeiro lugar e fortalecido por nós, principalmente mulheres. Pras meninas que estão vindo de se valorizar e se colocar nesse lugar de deusa que vai projetar todo esse projeto de vida. E os homens, valorizar esse projeto de vida. **Porque sem nós o mundo acaba! E nós vamos continuar.**

Figura 129 - *Kerexu Yxapyry* caminhando junto à delegação das mulheres guarani na IV Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília-DF.



Fonte: fotografia da autora, 7 ago. 2025.

As sementes precisam caminhar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada de realização desta tese de doutorado junto às mulheres guarani dos *Tekoas Yguá Porá*, *M'Biguaçu*, *Yakã Porã* e *Tataendy Rupa* consistiu em um processo que se construiu a cada passo deste percurso, constatando a força e a sabedoria das *kunhangue* quando dizem que as mulheres são como um rio, que seguem seu curso desviando das barreiras que se apresentam e sempre chegando aonde desejam.

A relação profunda das mulheres guarani com as sementes de *Avaxi ete*, o milho verdadeiro, com raízes fortes sustentadas pela história de origem guarani e de *Nhandecy*, apresentou-se em suas narrativas e em suas práticas durante toda pesquisa, evidenciando a beleza e missão divina que possuem como guardiãs das sementes de *avaxi ete'i* e de toda uma tradição milenar, o *Nhandereko*, que repassam ao longo de gerações. Foi possível perceber o quanto, para elas, seus corpos estão, material e espiritualmente ligados ao território *Yvyrupa*, havendo a responsabilidade de cuidar e planejar a continuidade da vida em seus *tekoas*. No *Nhemongaraí*, ritual sagrado de consagração das sementes de *Avaxi* e dos alimentos, revelou-se que toda a organização e condução dos trabalhos são realizados de forma preponderante pelas *kunhangue*, sendo um momento do ciclo da vida das sementes de milho que, ao guardarem também o espírito das mulheres que as plantam, consagram essa relação simbiótica e cosmológica existente entre as mulheres e as sementes tradicionais. Mulheres-sementes curam a terra e, assim, honram a existência de *Nhandecy*, a divindade primordial que dá origem ao modo de ser das mulheres guarani, o *kunhangue teko*. Ao cultivarem suas sementes, cultivam também seus corpos.

Ao analisar a relação das mulheres guarani com seus quintais e com suas plantas companheiras, foi possível perceber que ao manterem perto de si uma diversidade de plantas, árvores, remédios e flores, as quais também contam histórias e memórias de suas vidas, as *kunhangue* resistem ao avanço do sistema monocultural e predatório não indígena, que persiste em negar seu direito de ser e existir enquanto indígena. Ao "vestirem os espaços" em seus territórios, as mulheres guarani mantém a saúde da terra e da comunidade, transformando paisagens anteriormente invadidas e degradadas pela colonização em cultivos biodiversos que regeneram a vida. Suas plantas e seus quintais podem ser considerados, de forma especial, uma das formas de resistência política das mulheres guarani – aqui, o "doméstico" também é político.

A circulação e transmissão dos saberes envolvendo as anciãs e *kunhãs karaí*, as mulheres e meninas, repassando ciências e conhecimentos específicos relacionados aos cuidados com o corpo, com o espírito, com a saúde da mulher, bem como ao plantio, a técnicas e aos rituais tradicionais, foram abordados nas narrativas das mulheres nos diálogos realizados, evidenciando haver modos, tempos e espaços próprios das mulheres para a transmissão destes saberes e fazeres relacionados ao *kunhangue arandu* (sabedoria das mulheres).

No que se refere às iniciativas concebidas e lideradas pelas mulheres guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos que foram apresentadas nesta tese, especificamente a retomada e ocupação do *Tekoa Yakã Porã* e os projetos "*Ka'aguy Mirim*" e "*Avaxi Ete*", destacou-se o protagonismo fundamental e resistência das mulheres guarani para a realização destas ações voltadas à conservação da biodiversidade do bioma Mata Atlântica no qual situam-se seus *tekoas*. A "rebeldia" das mulheres guarani em manterem-se firmes no propósito de gestarem e cuidarem de seus territórios, regenerando e restaurando a terra e as águas, reflorestando a floresta, demonstraram a agência e o papel fundamentais que possuem na proteção da vida em suas diversas expressões. O cultivo das roças e das plantas pelas *kunhangue* é, deste modo, o cumprimento de sua responsabilidade espiritual e cosmológica em seguir os passos de *Nhandecy* no gestar e zelar pela vida.

Enquanto guardiãs da vida e das sementes sagradas, as mulheres guarani seguem resistindo com seus corpos-territórios aos projetos de genocídio e etnocídio em curso por segmentos econômicos e políticos não-indígenas. Os impactos da degradação e exploração predatória da natureza, alterando o clima e os ciclos naturais, têm sido sentidos e vivenciados intensamente pelos povos e territórios indígenas, sendo as mulheres guarani protagonistas, junto às demais mulheres indígenas, no enfrentamento às causas destes desequilíbrios na Terra.

Com "rebeldia" e coragem, as *kunhangue* seguem fazendo as sementes caminharem.

Figura 130 - *Avaxi ete'i* (milho verdadeiro), *Tekoa Yguá Porã*.



Fonte: fotografia da autora (2023).

REFERÊNCIAS

ABRASCO. *Dossiê Abrasco* – Pandemia de Covid-19. Nov., 2022. Disponível em: https://ss-usa.s3.amazonaws.com/c/308481554/media/1824637bb2d1e9e9d74927413860285/Abrasco_Dossie_Pademia_de_Covid-19_versao2.pdf Acesso em: 12 jul. 2025.

ACOSTA, Alberto. Acosta A. *O Bem Viver*: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016. 264 p

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F.; CUNHA, L.F. (org.). *Métodos e Técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife, PE: NUPPEA, 2010.

ANTUNES, E.; MELO, C. R. Ser mulher e acadêmica guarani: corporalidade e espaços de circulação. *In*: HEUSI; MELO; JESUS (org.). *Diálogos com os Guarani*: articulando compreensões antropológicas e indígenas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016. p. 143-167.

APIB. *Apib lança bancada com candidatos indígenas pela primeira vez.* 29 ago. 2022a. Disponível em: https://apiboficial.org/2022/08/29/apib-lanca-bancada-com-candidatos-indigenas-pela-primeira-vez/ Acesso em: 19 dez. 2022.

APIB. *Com quase 500 mil votos, candidatos da Bancada Indígena reforçam luta pela demarcação de territórios*. 3 out. 2022b. Disponível em: https://apiboficial.org/2022/10/03/com-quase-500-mil-votos-candidatos-da-bancada-indigena-reforcam-luta-pela-demarcacao-de-territorios/ Acesso em: 22 jul. 2024.

BALÉE, Willian. Sobre a Indigeneidade das Paisagens. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 9-23, 30 dez. 2008.

BALÉE, Willian. The Research Program of Historical Ecology. *Annual Review of Anthropology*. v. 35, n. 1, 75-98, 2006.

BALÉE, Willian; ERICKSON, Clark. L. Time, Complexity and Historical Ecology. *New York*: Columbia Univ. Press. 2006.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BELAUNDE, Luisa E. La deforestación en el mosaico de los cambios que afectan las relaciones de género entre los pueblos amazónicos. *In*: SILVA SANTISTEBAN, Rocío

(org.). *Mujeres indígenas frente al cambio climático*. Peru: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas, 2019. p. 91-123.

BELAUNDE, Luisa E. El recuerdo de luna. *Género, sangre y memoria entre los pueblos amazónicos*. Introducción. Cruzados y paralelos, 2005. p.17-56.

BELAUNDE, Luisa Elvira. *Viviendo bien*: género y fertilidad entre los Airo Pai de la. Amazonía peruana. Lima: CAAAP, 2001.

BERTHO, Ângela Maria de Moraes. *Os índios Guarani da Serra do Tabuleiro e a Conservação da Natureza:* uma perspectiva etnoambiental. Florianópolis, 2005.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRIGHENTI, Clovis A. Povos Indígenas em Santa Catarina. *In:* NOTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandro Fernando. (org.). *Etnohistória, História Indígena e educação*: Contribuição para o debate. 1ed. Porto Alegre: Palotti, 2012. p. 37-65. Disponível em: https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/08/povos-indc3adgenas-em-santa-catarina.pdf Acesso em: 15 ago. 2020.

BRIGHENTI, Clovis A. Xamanismo, cultura e gênero: apropriação e transposição de práticas e saberes a partir da experiência Mbya Guarani. *Revista Textura*. Canoas (RS), jan./jun., p. 67-90, 2011.

BRIGHENTI, Clovis A. *Estrangeiros na própria terra:* Presença Guarani e Estados Nacionais, Florianópolis/Chapecó: Ed. UFSC/Argos, 2010, 282 pp.

BRIGHENTI, Clovis A. A territorialidade guarani e a ação do Estado - estudo comparado entre Brasil e Argentina. *Tellus*, Campo Grande – MS, v. 4, n. 6, p. 111-136, 2004.

CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. *In*: INSTITUTO POLÍTICAS ALTERNATIVAS PARA O CONE SUL (PACS). *Outras economias:* alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento. Rio de Janeiro, 2018. p. 23-28.

CABNAL, Lorena. *Feminismos diversos*: el feminismo comunitario. 2010. Disponível em: https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf Acesso em: 15 ago. 2018.

CADOGAN, Léon. *Ayvu Rapyta*. Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. Asunción: CEADUC-CEPAG, 1997 [1959]. 321 p.

CARDOSO, Thiago M. *O Saber Biodiverso:* práticas e conhecimentos na agricultura indígena do baixo rio Negro. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *In:* O Trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp. 2000. p. 17-35.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. Políticas Culturais e povos indígenas - Uma Introdução. *In*: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; CESARINO, Pedro Niemeyer de (org). *Políticas Culturais e povos indígenas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. *Cultura com aspas*. Cosac & Naify, São Paulo, 2009.

CASTANHEL, Isadora Ruschel. *Guerreiras na fronteira*: histórias de mulheres guarani e kaiowá que resistem em terras indígenas entre o Brasil e o Paraguai. TCC (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA - CTI. *Guata Porã* - Belo Caminhar. 2014.

CICCARONE, Celeste. Drama e sensibilidade. Migração, xamanismo e mulheres Mbya . *Revista de Indias*, vol. 64, n. 230, p. 81-96, 2004. Disponível em: http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/viewFile/412/480 Acesso em: 15 ago. 2020.

CICCARONE, Celeste. *Drama e sensibilidade*. Migração, xamanismo e mulheres Mbya Guarani. 352 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

CHASE-SARDI, M. *et al*. *Situación socio-cultural, económica, jurídico-política actual de las comunidades indígenas en el Paraguay*. Asunción: Universidad Católica, 1990.

CLEMENT, Charles R. 1492 and the loss of Amazonian crop genetic resources. I. The relation between domestication and human population decline. *Economic Botany,* v. 53, p.188–202, 1999.

CLEMENT, Charles; DENEVAN, William *et al*. The domestication of Amazonia before the European conquest. *The Royal Society Publishing,* v. 282, p. 20150813, 2015.

COLECTIVO MIRADAS CRÍTICAS DEL TERRITORIO DESDE EL FEMINISMO. *Mapeando el cuerpo-território*: Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios. Ecuador: Quito, 2017. Disponível em:

https://miradascriticasdelterritoriodesdeelfeminismo.files.wordpress.com/2017/11/mapeando-el-cuerpo-territorio.pdf Acesso em: 25 jan 2021.

COMUNIDADES Agroecológicas do Bem Viver – Terra Indígena Morro dos Cavalos. [*S.l: s. n*], 2020. 1 vídeo (8 minutos). Publicado no canal Movimento Bem-Viver. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I5NfvaG5lXg Acesso em: 12 jul. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL - CONSEA. *Relatório Final*. 1º Seminário de Mulheres Indígenas e Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, 2014. Disponível em: http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/site/relatorio-final-seminario-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-e-saude-mulheres-indigenas/view Acesso em: 21 jan. 2021.

DARELLA, Maria Dorothea P. *et al*. (org.) *Tape mbaraete anhetengua* - Fortalecendo o caminho verdadeiro. Florianópolis : [s.n.], 2018.

DARELLA, Maria Dorothea Post. *Ore roipota v porã*. "*Nós queremos terra boa*": Territorialização Guarani no litoral de Santa Catarina - Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

DE OLIVERA, Joana Cabral. *Entre plantas e palavras*: modos de constituição do saberes entre os Waiãpi (AP). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DESCOLA, Philippe. *La selva culta* - Simbolismo y práxis en la ecología de los Achuar. Quito, Equador: Ed. Abya Yala, 1988.

EQUIPE MAPA GUARANI CONTINENTAL (EMGC). *Guarani Continental* - Povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Campo Grande, MS, 2016.

EMPERAIRE, Laure (org.). Dossiê de registro do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro. Brasília: ACIMRN / IPHAN / IRD / Unicamp-CNPq, 2010. 235 p.

EMPERAIRE, Laure. A biodiversidade agrícola na Amazônia brasileira: recurso e patrimônio. *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 32, p. 23-35, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 255 pp.

FAUSTO, Carlos; NEVES, Eduardo G. Was there ever a Neolithic in the Neotropics? Plant familiarization and biodiversity in the Amazon.*Antiquity*, v. 92, n. 366, p. 1604-1618, 2018.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 14, n. 13, 2005. Trad. Paula Siqueira.. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263 Acesso em 28 jul. 2024.

FELIPIM, Adriana Perez. *O Sistema Agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho:* um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, Município de Cananéia- SP. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Universidade de São Paulo, Piracicaba: SP, 2001.

FERNANDÉZ, M. C. Casi invisibles, conservando y defendiendo el bosque: mujeres awajún y wampis en el Alto Marañón (Amazonas-Perú). *In:* SANTISTEBAN, Rocíl Silva (org.). *Mujeres indígenas frente al cambio climático*. Perú: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas. 2019. p. 125 - 147.

FIOCRUZ. *Boletim Observatório Covid-19* – Balanço de dois anos da pandemia de Covid-19, 2022. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/boletim_covid_2022-balanco_2_anos_pandemia-redb.pdf Acesso em: 20 jul. 2024.

FREITAS, Ana Elisa de C. (Coord.). *Estudos complementares ao EIA / RIMA referentes ao componente indígena voltado ao processo de Licenciamento Ambiental do Sistema de Reforço Eletroenergético à Ilha de Santa Catarina e Litoral Catarinense*. Eletrosul: 2006.

GARGALLO CELENTANI, Francesca. *Feminismos desde Abya Yala*: Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América. Ciudad de Mexico:. Editorial Corte y Confección, ene. 2014. Disponível em: https://francescagargallo.files.wordpress.com/2014/01/francesca-gargallo-feminismos-desde-abya-yala-ene20141.pdf .Acesso em: 15 ago. 2018.

GARLET, Ivori José. *Mobilidade Mbyá*: História e significação. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana) Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 1997.

GARNETT, S.T., BURGESS, N.D., FA, J.E. *et al.* A spatial overview of the global importance of Indigenous lands for conservation. *Nat Sustain* v. 1, p. 369–374, 2018. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41893-018-0100-6#citeas Acesso em: 27 out. 2020.

GOW, Peter. Land, People and Paper in Western Amazonia. *In:* O'HANLON, E. H. A. M. *The Anthropology of Landscape*: Perspectives on Place and Space. Oxford, Clarendon Press, 1995.

GUARDIÃS de Saberes. Página do Facebook. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/guardiasdesaberes/?epa=SEARCH_BOX Acesso em: 12 jul. 2025.

GUARDIÃS de Saberes. Canal do youtube @guardiasdesaberes2598. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCTYe3R2pfCgnN9c-MI0SvOw?fbclid=IwAR2jW9RkLPeaeVbTv7IjWWjc2osbN7qiJ6xgUZRI89PdhqjCuVAAHIL9a-U Acesso em: 15 jul. 2025

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras*: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Trad. Pê Moreira. Revisão Técnica e posfácio Fernando Silva e Silva). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HASTORF, C. The cultural life of early domestic plant use. *Antiquity,* v. 72. n. 278, 773-782, 1998.

HASTORF, Christine A. Gender, Space, and Food in Prehistory. *In*: GERO, J. M.; CONKEY, M. W. (eds.), *Engendering Archaeology:* Women in Prehistory. Oxford, Basil and Blackwell, 1991. p.132-159.

HECKENBERGER, Michael J. *et al*. Amazonia 1492: pristine forest or cultural parkland. *Science*. n. 301, p. 1710-1714, 2003.

HIRSCH, S. Mujeres indígenas en la Argentina. *In: Cuerpo, trabajo y poder*. Buenos Aires: Biblos, 2008.

HUGH-JONES, C. *From the Milk River:* spatial and temporal processes in the Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

INGOLD, Tim. *Estar vivo*: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment*: essays on Livelihood, Dwelling and Skill. London: Routledge, 2000.

IORIS, Ediviges.; DARELLA, Maria Dorothea Post. Da foto o reverso: o campo das disputas sobre as Terras Indígenas no Sul do País. I*n*: OLIVEIRA, João Pacheco de; MURA, Fabio; BARBOSA DA SILVA, Alexandra. (org.). *Laudos Antropológicos em perspectiva*. Brasília: ABA Publicações, 2015. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/files/80_00110705.pdf Acesso em: 10 ago. 2025.

JESUS, Suzana Cavalheiro. *Pessoas na medida*: processos de circulação de saberes sobre o nhande reko guarani na região das missões. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu:* palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz*: Território mbya à beira do oceano. Edição de Publicação. São Paulo: Editora UNESP*, 2007.*

LADEIRA, Maria Inês.; MATTA, P (org.). *Terras Guarani no Litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós* - Ka ‘agüy Oreramói Kuéry Ojou Rive Vaekue Y. São Paulo: CTI, 2004.

LADEIRA, Maria Inês; TUPÃ, Leonardo Wera. Condições ambientais do território Guarani: implicações no modo de vida. *Tellus*, Campo Grande, v. 4, n. 6, p. 51-63, abr. 2004.

LADEIRA, Maria Inês M. *Espaço geográfico Guarani-Mbya*: significado, constituição e uso. 235 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, 2001.

LASMAR, Cristiane. Mulheres indígenas: representações. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 7, n.1 e 2, p. 143-156, 1999.

LEWKOWICZ, Rita Beker. *A hora certa para nascer*: um estudo antropológico sobre o parto hospitalar entre mulheres mbyá-guarani no sul do Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1962.

LITAIFF, Aldo. *As divinas palavras*: identidade étnica dos Guarani-Mbyá. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil. Por uma antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico*/2002-2003. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, 251-290

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil. Por uma antropologia da territorialidade. *Série Antropologia*, n. 322. Brasília: Departamento de Antropologia, 2002.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Juliana Salle. *Lugares de gente*: mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônico. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/ PPGAS, 2011.

MACHADO, A. T.; SANTILLI, J. (org.). *A agrobiodiversidade com enfoque ecológico:* implicações conceituais e jurídicas. Brasília: DF, Embrapa, 2008.

MAIZZA, Fabiana. Sobre as crianças-planta: o cuidar e o seduzir no parentesco Jarawara**.** *Mana* [online]. 2014, v. 20, n.3, p. 491-518. ISSN 1678-4944. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-93132014000300003. Acesso em: 12 jun. 2025.

MAFEJE, Archie. *The theory and ethnography of african social formations.* The case of the interlacustrine kingdoms. London: Codesria book Series, 1991.

MARTINS, Daniel Timóteo. *Moã Ka'Aguy Regua - Tekoa Mbiguaçu:* As memórias das plantas medicinais. TCC (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MELIÁ, Bartomeu (ed). *Guarani Retã*. Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. Argentina, Brasil e Paraguai: Colaboração Internacional: UNAM, ENDEPA, CTI, CIMI, ISA, UFGD; CEPAG, CONAPI, SAI,GAT,SPSAJ,CAPI, 2008.

MELLO, Flávia Cristina. *Aata tapé rupy*, seguindo pela estrada: uma investigação dos deslocamentos territoriais de famílias mbyá-guarani no sul do Brasil. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MENDES DOS SANTOS, Gilton M. Plantas e parentelas: notas sobre a história da agricultura no Médio Purus. *In*: MENDES DOS SANTOS, G.; APARÍCIO, M. (org.). *Redes Arawa* - Ensaios de Etnologia do Médio Purus. Manaus: EDUA, 2016. p. 19 - 39.

MENEZES, Mariane de Oliveira. *Gestar e parir em terra de juruá*: a experiência de mulheres guarani-mbyá na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MIES, M.; SHIVA, V. *Ecofeminismo* - teoria, crítica y perspectivas. Icaria, Antrazyt. 2013.

MONTARDO, D. L. O. *Através do Mbaraka*: Música, Dança e Xamanismo Guarani. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2009.

MONTARDO, D. L. O. A mulher e a música guarani. *In:* FAZENDO GÊNERO, 8 – corpo, violência e poder. *Anais* [...] 2008.

MONTOYA, Antonio Ruiz. *Tesoro de la lengua guaraní*. Reed. Julio Platzmann. Leipzig: B.G. Teubner, 1876 [1639].

MOREIRA, Adriana. *Puru'a reko*: A saúde na gestação e no parto da mulher Guarani. TCC (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MOREIRA, Marcos. *Visão Guarani sobre o Tekoa*: relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território. TCC (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MORIM DE LIMA, A. G. A cultura da batata-doce: cultivo, parentesco e ritual entre os Krahô. *MANA* 23(2): 455-490, 2017.

MORIM DE LIMA, A. Brotou batata para mim. Cultivo, Gênero e Ritual entre os Krahô (TO, Brasil). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
MORIM DE LIMA, A.; SCARAMUZZI, I.; DE OLIVEIRA, J. *et. al*. Introdução: práticas e saberes sobre agrobiodiversidade. *In*: MORIM DE LIMA et al (Org). *Práticas e saberes sobre agrobiodiversidade:* a contribuição dos povos tradicionais. Brasília (DF): IEB Mil Folhas, 2018.

NEUBAUER, F.; SCHAEFER, M. J. The feminist critique: incorporating gender, childhood and identity in archaeological research. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 2, p. 145-161, 21 dez. 2017.

NHE'ERY. *[S.l: s.n]*. 2022. 1 vídeo (1 minuto). Publicado no canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog Acesso em: 12 jul. 2025.

NIMUENDAJÚ, Curt. Apontamentos sobre os Guarani. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 8, p. 9-57, 1954 [1908].

NIMUENDAJÚ, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani.* Tradução Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987 [1914]. 156 p.

NOELLI, F. S.; VOTRE, G. C.; SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D. D.; CAMPOS, J. B.. Ñande reko: fundamentos dos conhecimentos tradicionais ambientais Guaraní. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, v. 11, n. 1, p. 13-45, 2019.

NOELLI, F. S. *et al*. Ecologia Histórica Guarani: as plantas utilizadas no Bioma Mata Atlântica do Litoral Sul de Santa Catarina, Brasil (Parte 1). *Cadernos Leparq,* v. 12, n. 26, 2016.

NÚÑEZ, Geni. *Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2022.

OLIVEIRA, Mariza de. *Ma´ety reguá agricultura e sabedoria Mbya Guarani*. TCC (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

OLIVEIRA, Diogo. *Arandu nhembo'ea*: cosmologia, agricultura e xamanismo entre os guarani-chiripá no litoral de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco. Regime Tutelar e Globalização: Um exercício de Sociogênese dos atuais Movimentos Indígenas no Brasil. *In*: REIS, Daniel Arão *et al.* (org.). *Tradição e Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 29-46.

OLIVEIRA, João Pacheco. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *In*: OLIVEIRA, J. P. de (org.) *A viagem de volta*. Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?. *In*: ROSALDO, Michele Z.; LAMPHERE, Louise. (org.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979 [1974].

PASSOS, H. S.; ASSIS, G. D. O.; ANTUNES, D. L. A pandemia de Covid-19 e o atendimento à saúde Guarani M’byá. *Revista Brasileira De Desenvolvimento Regional*, v. 11, n. 1, p. 159–179, 2024 Disponível em: https://doi.org/10.7867/2317-5443.2023v11n1p159-179 Acesso em: 10 ago. 2025.

PISSOLATO, Elizabeth de Paula. *A duração da pessoa*: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: Editora da UNESP, 2007. 446p.

POSEY, Darell. Indigenous Management of Tropical Forest Ecosystems: the case of the Kayapó Indians of the Brazilian Amazon. *In:* DOVE, Michael; CARPENTER, Carol (org.). *Environmental Anthropology*. A Historical Reader. Oxford: Blackwell, 2008. p. 89-101.

PROJETO CUIDADO DO CORPO CUIDADO DA TERRA (PCCt). *Edital Elisabete Anderli* - Fundação Catarinense de Cultura, 2017. Disponível em: http://editalelisabeteanderle.cultura.sc/ Acesso em: 15 ago. 2018.

KEESE DOS SANTOS, L.; OLIVEIRA, J. E. (org.). *Os agricultores guarani e a atual produção agrícola na Terra Indígena Tenondé Porã*. São Paulo, 2020. Disponível em: https://trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/2020/12/AgriculturaGuarani_14mb.pdf Acesso em: 25 jan. 2021.

REBELO, Francine Pereira. *Kunhangue Mba'e Kua:* As trajetórias das mulheres cacicas guarani mbya de Santa Catarina. 231 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

REBELO, Francine; CARAMURU, Barbara. (org.). *O pessoal é político*: relato de mães acadêmicas no contexto da pandemia. 1ed. Belo Horizonte: Dialética, 2021

RIVAL, Laura M. *The social life of trees*: anthropological perspectives on tree symbolism. Oxford, UK ; New York: Berg, 1998.

RODRÍGUEZ, Arantxa. Las mujeres y el medio ambiente: razones para un feminismo ecologista. *Cuadernos del Guincho*, n. 3, p. 98-104, 1997.
Disponível em: https://observatorio.aguayvida.org.mx/media/las-mujeres-y-el-medio-ambiente.-razones-para-un-feminismo-ecologico.-arantxa.pdf Acesso em: 15 ago. 2018.

ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (eds.). *Women, Culture and Society*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1974.

SAÉZ, O. C. S. Prometeo de pie. Alternativas étnicas y éticas a la apropriación del conocimento. *In*: SEMINARIO NACIONAL ARGENTINO LOS DERECHOS INDIGENAS Y LA PROPIEDAD INTELECTUAL, CONSERVACIÓN Y GESTIÓN DE LA BIODIVERSIDAD Y EL CONOCIMIENTO TRADICIONAL. *Anais* […]. Facultad de Derecho, Universidad de Buenos Aires, 2003. p. 17-21.

SALLES, C.; PIERRI, D.; CASTILLA, E.; LADEIRA, M. (org.). *Atlas das Terras Guarani no Sul e Sudeste do Brasil*. Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 2015. Disponível em:
https://bd.trabalhoindigenista.org.br/sites/default/files/Atlas%20Guarani%202015.pdf
Acesso em: 15 ago. 2020.

SANTILLI, Juliana. *Os sistemas agrícolas e a agrobiodiversidade*. A agrobiodiversidade e o sistema jurídico. Direito dos agricultores. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EPU: Edusp, 1974.

SCHILD, Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen. *Articulação das Mulheres Indígenas no Brasil:* em movimento e movimentando redes. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SERAGUZA, L. Do fluxo do sangue aos cortes da vida em reserva: sangue, ritual e intervenção entre as mulheres Kaiowa e Guarani em MS. TELLUS (UCDB), v. 17, p. 139-162, 2017.

SHEPARD JR.; NEVES; CLEMENT; LIMA; MORAES; MENDES DOS SANTOS. Ancient and Tradicional Agriculture in South America: Tropical Lowlands. *In*: *Oxford Research Encyclopedia, Environmental Science*. Oxford: University Press USA, 2020. 48 p.

SILVA, Elis do N. Maternidade como política de vida: sobre sentidos, raízes e (r)existências a partir do contexto da pandemia de Covid-19. *In:* REBELO, Francine; CARAMURU, Barbara. (org.). *O pessoal é político*: relato de mães acadêmicas no contexto da pandemia. 1ed. Belo Horizonte: Dialética, 2021. p. 29-38.

SILVA, Elis do N. *Entre aqueles que incomodam:* a práxis antropológica na relação entre hidrelétricas e povos indígenas no sul do Brasil. 2016. 238 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/175854/345676.pdf?sequence=1 Acesso em: 12 jul. 2025.

SILVA SANTISTEBAN, Rocío (org.). *Mujeres indígenas frente al cambio climático*. Peru: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas, 2019.

SILVEIRA, Nádia Heusi. *Imagens de abundância e escassez:* comida guarani e transformações na contemporaneidade. 2011. 266 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2011.

SHIVA, Vandana. El saber propio de las mujeres y la conservación de la biodiversidad. *Cuadernos del Guincho*, n. 7, p. 90-99, 1999. Disponível em: http://www.linea-e.com/cuadernos/pdfs/numero07/elsaberpropiodelasmujeres.pdf Acesso em: 3 nov. 2020.

SMITH, L. T. *Descolonizando metodologias*: pesquisa e povos indígenas. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SOUZA, Lauriene Seraguza O. *As Donas do Fogo* - política e parentesco nos mundos guarani. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17022023-161454/pt-br.php Acesso em: 28 jul. 2024.

SOUZA, Lauriene Seraguza O. *Cosmos, corpos e mulheres Kaiowa e Guarani de Aña à Kuña*. 2013.196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2013.

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva*. Berkeley: University of California Press, 1988.

TEIXEIRA, W.; KERN, D.C.; MADARI, B.E.; LIMA, H.N.; WOODS, W. (eds.). *As Terras Pretas de Índio na Amazônia:* sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas (CDBook). Embrapa: Manaus, 2009.

TIMÓTEO, Gennis Martins*. Kunhangue arandu rekó, ta´ánga re a´egui nhembopara*: sabedoria dos ciclos de vida das mulheres guarani em pinturas e palavras. 2020. 55 f. TCC (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

ULLOA, Astrid. Feminismos territoriales en América Latina: defensas de la vida frente a los extractivismos. *NÓMADAS,* Colômbia, v. 45, oct. 2016.

VASCONCELOS, Viviane C. C. "O *inhengue* e o tornar-se mulher: rituais de iniciação feminina entre mulheres Guarani no litoral de Santa Catarina". *In:* VIII REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, VIII. *Anais* [...] –ISSN: 2358-5684. Disponível em: https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3808/3673 Acesso em: 10 ago. 2025..

VERISSIMO, Silvana Minduá Vidal*. Educação tradicional e o uso da tecnologia na infância guarani / kyringue onheovanga ha'e jurua mba'e oiporu onhembo'ea py*. 2020. 47 f. TCC (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020..

VERÓN, Valdelice. *Tekombo´e Kunhakoty*: modo de viver da mulher Kaiowa. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.